

Euclides da Cunha

(Da Academia Brasileira)

Á MARJEM DA HISTÓRIA

TERCEIRA EDIÇÃO

I. Terra sem historia (Amazonia) :
Impressões geraes — Rios em aban-
dono — Um clima caluniado — Os
caucheros — Judas - Absverus (ex-
certo) — «Brazileiros» — Trans-
acreana. **II. Varios estudos :** Via-
ção Sul-americana — Martin Gar-
cia — O primado do Pacifico. **III.**
Eshoço de historia politica : Da In-
dependencia á Republica. **IV. Es-**
trelas indeefraveis.



PORTO

Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, Lda
editores — Rua das Carmelitas, 144
Millaud e Bertrand — Lisboa-Paris

1922

Impressões geraes

Ao revez da admiração ou do entuziasmo, o que sobresalteia geralmente, deante do Amazonas, no desembocar do dedalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento. A massa de aguas é, certo, sem par, capaz daquelle terror a que se refere Wallace; mas todos nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercé das pajinas singularmente liricas dos não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplaram a *Hyloë* prodígioza, com um espanto quasi religioso — sucede um caso vulgar de psicolojia: ao defrontarmos o Amazonas real, vêm-l-o inferior à imajem subjectiva ha longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estrictamente artistico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniozamente na sintese de uma impressão empolgante, é de todo em todo inferior a um sem numero de outros lugares do nosso paiz. Toda

a Amazonia, sob este aspêto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponte do Munduba.

É, sem dúvida, o maior quadro da terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal que mal elevam de uma banda, à feição de restos de uma enorme moldura que se quebrou, as serranias de arenito de Monte-Alegre e as serras graníticas das Goyanas. E como lhe falta a linha vertical, preeexcente na movimentação da paisagem, em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inaturável e sente que o seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos semfins daquelles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares.

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido — quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem... Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tactear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instaveis, contorcidos em *sacados*, cujos istmos a revezes se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, e até creando fórmulas topográficas novas em que estes dous aspêtos se confundem; ou expandindo-se em *furos* que se anastomozam, reticulados e de todo incharacterísticos, sem que se saiba se tudo aquillo é bem uma bacia fluvial ou um mar profuzamente retalhado de estreitos.

Depois de uma unica enchente se desmancham os trabalhos de um hidrografo.

A flora ostenta a mesma imperfeita grandeza. Nos meios-dias silenciosos — porque as noites são fantasticamente ruidosas, — quem segue pela mata, vai com a vista embotada no verde-negro das folhas; e ao deparar, de instante em instante, os fetos arbo-recentes emparelhando na altura com as palmeiras, e as arvores de troncos rectilineos e pauperrimos de flores, tem a sensação angustioza de um recuo ás mais remotas idades, como se rompesse os recessos de uma daquellas mudas florestas carboniferas devandadas pela visão retrospectiva dos geologos.

Completa-a, ainda sob esta forma antiga, a fauna singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulencia, os anfíbios, o que é ainda uma impressão paleozoica. E quem segue pelos longos rios não raro encontra as formas animaes que existem, imperfeitamente, como tipos abstratos ou simples élos da escala evolutiva. A cágana desprezível, por ex.: que se empoleira nos galhos flexiveis das oiranas, trazendo ainda na aza de vôo curto a garra do reptil...

Dest'arte a natureza é portentosa, mas incompleta. É uma construção estupenda a que falta toda a decoração interior. Compreende-se bem isto: A Amazonia é talvez a teria mais nova do mundo, consoante as conhecidas induções de Wallace e Frederico Hart. Nasceu da ultima convulsão geojenica que sublevou os Andes, e mal ultimou o seu processo evolutivo com as varzeas quaternarias que se estão formando e lhe preponderam na topografia instavel.

Tem tudo e falta-lhe tudo, porque lhe falta esse encadeamento de fenomenos desdobrados num ritmo

vigorozo, de onde ressaltam, nitidas, as verdades da arte e da ciencia — e que é como que a grande lojica inconsciente das cousas.

Dai esta singularidade: é de toda a America a paragem mais periustrada dos sabios e é a menos conhecida. De Humboldt a En. Goeldi — do alvorar do seculo passado aos nossos dias, perquirem-n'a, anelozos, todos os eleitos. Pois bem, lède-os. Vereis que nenhum deixou a calha principal do grande vale; e que ali mesmo cada um se acolheu, deslumbrado, no recanto de uma especialidade. Wallace, Mawe, W. Edwards, d'Orbigny, Martius, Bates, Agassiz, para citar os que me acodem na primeira linha, reduziram-se a genlaes escrevedores de monografias.

A literatura científica amazonica, amplissima, reflete bem a fisiografia amazonica: é surpreendente, preziosissima, desconexa. Quem quer que se abalance a deletreal-a, ficará, ao cabo desse esforço, bem pouco além do límlar de um mundo maravilhoso.

Há uma fraze do professor Frederico Hart que delata bem o deliquio dos mais robustos espíritos deante daquella enormidade. Ele estudava a geologia do Amazonas, quando em dado momento se encontrou tão despeado das concizas formulas científicas e tão alcandorado no sonho, que teve de colher, de subito, todas as velas à fantazia:

— « Não sou poeta. Falo a proza da minha ciencia. *Revenons!* »

Escreveu; e encarrilhou-se nas deduções rigorosas. Mas decorridas duas pajinas não se forrou a novos arrebatamentos e relinçidiu no enlevo... É que o grande rio, mau grado a sua monotonia soberana, evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empol-

ga por igual o cronista Injensio, o aventureiro romântico e o sabio precavido. As «amazonas» de Grelana, os titânicos «curiquerés» de Guillaume de L'Isle, e a «Manôa del Dorado» de Walter Raleigh, formando no passado um tão deslumbrante ciclo quazi mitológico, acolhebam-se em nossos dias às mais imajinazas hipóteses da ciencia. Ha uma hipertrofia da imajinação no ajuxtar-se ao desconforme da terra, desequilibrando-se a mais solida mentalidade que lhe balanceie a grandeza. Daí, no proprio terreno das indagações objetivas, as vizões de Humboldt e a serie de conjecturas em que se retravam, ou contrastam, todos os conceitos, desde a dinâmica de terremotos de Russell Wallace ao bíblico formidável das galerias prediluvianas de Agassiz.

Parece que ali a imponencia dos problemas implica o discurso vagaroso das analizes: ás induções avantajam-se demasiado os lances da fantasia. As verdades desfecham em hiperboles. E figura-se alguma vez em idealizar aferrado o que ressal nos elementos tanjíveis da realidade surpreendedora, por maneira que o sonhador mais desensofrido se encontre bem, na parceria dos sabios deslumbrados.

Vai-se, por ex., com Fred. Katzer a seriar, a escandir e a confrontar velhíssimos petrefactos ou graptolites numa longa romaria ideal pelos mais remotos pontos nas mais remotas edades — largo tempo, a debater-se entre as classificações massicas, a enredar-se na trama das raizes gregas das nomenclaturas bravias — e de improviso, os dizeres da ciencia desfecham num quazi idealismo: as analizes rematam-n'as prodijios; as vistas abreviadas nos microscopios desapertam-se no descortino de um pas-

sado muitas vezes milenário; e esboçados os contornos estupendos de uma geografia morta, alongase-lhe aos olhos a perspectiva indefinida daquelle extinto oceano mediodevonico que afogava todo o Mato-Grosso e a Bolivia, cobrindo quasi toda a America meridional e chefrando no levante as antiquissimas arribas de Goyaz, ultimos litoraes do continente brasilio-etiopico que aterrava o Atlan-tico indo abranger a Africa... Segue-se com os naturalistas da «Comissão Morgan», e a historia geolijica, a despeito de linhas mais seguras, não perde o traço grandioso, desenvolvendo-se ás duas marjens do largo canal tereiario que por longo tempo separou os planaltos brasileiros e os das Goyanas, até que o vagaroso sublevar dos Andes, no acidente, cerrando-lhe um dos extremos, o transmudasse em golfo, em estuario, em rio...

Ao cabo, ainda atendo-se aos factos atuaes da fisiografia amazonica, restam outros ajentes nimio-perturbadores da fria serenidade das observações científicas.

Basta mostrar-se de relance, que ainda nos cazos mais simples, ha no Amazonas um flagrante desvio do processo ordinario da evolução das formas topograficas.

Em toda a parte a terra é um bloco onde se exerce a moldurajem dos ajentes externos entre os quaes os grandes rios se erijem como principaes fatores, no lhe remodelarem os accidentes naturaes, suavizan-do-lhos. Compensando a degradação das vertentes com o alteamento dos vales, corroendo montanhas e edificando planuras, elles vão em geral entrelaçan-

do as ações destrutivas e reconstrutoras, de modo que as paisagens, lento e lento transfiguradas, reflitam os efeitos de uma estatuaria portentoza.

Assim o Hoang-Ho, aumentou a China com um delta, que é uma província nova; e, ainda mais expressivo, o Mississipe assombra o naturalista, com a expansão secular do aterro desmedido que em breve chegará às bordas da profundura onde se encaixa o *Gulf-stream*. Nas suas águas barrentas andam os continentes dissolvidos. Mudam-se países. Reconstituem-se territórios. E há um encadeamento tão lógico nos seus esforços contínuos, onde incidem as grandes energias naturais, que o acompanhá-las implica algumas vezes o acompanhar-se o próprio rumo de um aspecto qualquer da atividade humana: das páginas de Herodoto às de Maspero, contempla-se a genealogia de uma civilização de par com a de um delta; e o paralelismo é tão exato, que se justificam os exageros dos que, a exemplo de Metchnikoff, vêem nos grandes rios a causa preeminente do desenvolvimento das nações.

Ao passo que no Amazonas, o contrário. O que nela se destaca é a função destruidora, exclusiva. A enorme caudal está destruindo a terra. O professor Hartt, impressionado ante as suas águas sempre barrentas, calculou que «se sobre uma linha ferrea corresse dia e noite, sem parar, um trem contínuo carregado de tijucos e areias, esta enorme quantidade de materiais seria ainda menor do que a de facto é transportada pelas águas...» (1)

(1) F. Hartt. *A Geologia do Pará*. Relatório impresso no Diário do Grão Pará, 1870.

Mas toda esta massa de terras diluidas não se rejegeira. O maior dos rios não tem delta. A ilha de Marajó, constituida por uma flora selectiva, de vegetaes afeitos ao meio marematico e ao inconsistente da vaza, é uma miragem de territorio. Se a despisssem, ficariam só as superficies razadas dos «mon-dongos» empantanados, apagando-se no nivelamento das aguas; ou, salteadamente, algumas pontas de fraguedes de arenito endurecido, esparsas, a esmo, na amplidão de uma baía. À luz das deduções rigorosas de Walter Bates, comprovando as conjecturas anteriores de Martius, o que ali está sob o disfarce das matas, é uma ruína: restos desmantelados do continente, que outr'ora se estirava, unido, das costas de Belém ás de Macapá — e que se tem de restaurar, hipoteticamente, em passado longinquio, para explicar-se a identidade das faunas terrestres, hoje separadas pelo rio, do norte do Brasil e das Goyanas. (1)

O Amazonas, entretanto, poderia reconstruir-o em pouco tempo, com os sis 3.000.000 de metros cúbicos de sedimentos, que carrega em vinte e quatro horas. Mas dissipá-es. A sua corrente turbida, adensada nos ultimos lances de seu itinerario de 6.000 milhas, com os desmontes dos litoraes, que dia a dia se desbarrancam, fazendo recuar a costa que se desenrola desde o Perú ao Araguary, decanta-se toda no Atlântico. E os rezíduos das ilhas demolidas — entre as quaes a de Caviana que lhe foi antiga barra-

(1) Walter Bates. *The naturalist on the river Amazon.* London, 1892, pag. 55 e 56.

jem e se bipartir no correr de nossa vida histórica — vão cada vez mais delindo-se e desaparecendo, no permanente assalto daquelas correntezas poderosas. Dest'arte, desafoga-se mais e mais a desembocadura principal da grande arteria e acentua-se o seu desvio para o norte, com o abandono contínuo das parajens que lhe demoram a leste e sobre as quaes elle passou outr'ora, deixando ainda, nas áreas recem-desyendadas dos brejos marajoares, um atestado tanjivel daquelle deslocamento lateral do leito, que tem dado aos geólogos inexperitos a ilusão de um levantamento ou de um reconstrução da terra.

Porque, na realidade, esta se reconstitue mui longe das nossas plagas. Neste ponto, o rio, que sobre todos dezafia o nosso lirismo patriótico, é o mesmos brasileiro dos rios. É um estranho adversario, entregue dia e noite à faina de solapar a sua propria terra. Herbert Smith, iludido ante a poderoza massa de aguas barrentas, que o viajante vê em pleno Oceano antes de vêr o Brazil, imajinou-lhe uma tarefa portentosa : a construção de um continente. Explicou : dependo-se aquelles sedimentos no fundo tranquilo do Atlântico, novas terras afferriam nas vagas e ao cabo de um esforço milenario encher-se-ia o goliam aberto, que se arqueia do cabo Orange à ponta do Gurupy, dilatando-se desta sorte, consideravelmente, para nordeste, as terras paraenses. (1)

The king is building his monument! bradou o naturalista encantado e acomodando ás asperas silabas

(1) Herbet Smith. *The Amazons and the Coast*. New-York, 1879, pag. 2 e 3.

britânicas um rapto fantástico capaz de surpreender à mais ensorregada alma latina. Esqueceu-lhe, porém, que aquelle originalíssimo sistema hidrográfico não acaba com a terra, ao transpôr o cabo Norte; senão que vai, sem marjens, pelo mar dentro, em busca da corrente equatorial, onde afue entregando-lhe todo aquelle plasma gerador de territórios. Os seus materiaes, distribuidos pelo imenso rio pelasjico que se prolonga com o *gulf-stream*, vão concentrando-se e surjindo à flux, espaçadamente, nas mais longínquas zonas: a partir das costas das Goyanas, cujas lagunas, a começar no Amapá, a mais e mais se dessejam avançando em planuras de stepes pelo mar em fóra, até aos litoraes norte-americanos, da Geórgia e das Carolinas, que se dilatam sem que lhes expliquem o crescer contínuo os breves cursos d'água das vertentes orientaes dos Alleghanys.

Naquelles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro: e está pizando terras brasileiras. Antolha-se-lhe um contrasenso pasmozo: a ficção de direito estabelecendo por vezes a exterritorialidade, que é a patria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a patria. É o efeito maravilhoso de uma especie de imigração telurica. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes. E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisferio, traduz, de facto, a viagem incognita de um territorio em marcha, mudando-se pelos tempos adeante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desgastamento ininterrupto, as largas superficies que atra-vessa.

Não se lhe apontam formações duradouras, ou fi-

xas. Por vezes, nas arqueaduras de seus canaes remansam-se as aguas fazendo que se deponham os sedimentos conduzidos e as sementes que acarretam. Então as facultades creadoras do rio despontam surpreendedoramente. O baixio prestes recem-formado e aflorando à superficie, define-a-se, em contornos indecisos; define-se logo, vivamente; dilata-se e ascende, bombeando levemente nas aguas; e na ilha que se gera, crescendo e articulando-se a olhos vistos, apontoada de cabuchos, que se alongam e se retorcem à superficie à maneira de tentaculos de um prodígio organismo — desencadeia-se para logo a luta das especies vegetaes tão viva e tão dramática que nem lhe faltam no baralhamento dos colmos, das hastas ou das ramajens revoltas, estirando-se, enredando e confundindo-se, todos os movimentos convulsivos de uma enorme batalha sem ruidos: dos aningaes, que consolidam o tijucu inconsistentemente com a infibração dos risomas estirados; aos mangues, que os suplantam e repelem para as bordas, em violentos e tumultuários bracejos; aos javarys altaneiros, que por sua vez recalcam os ultimos expelindo-os para as marjens apafladas, e senhoreando os tezos consistentes...

Assim se erijiu recentemente a ilha de Cuterú, com dous klm.² de área; e se constroem todas as que se observam acima dos canaes de Breves.

Mas formam-se para se destruirem, ou deslorem-se incessantemente. As ilhas trabalhadas pelas mesmas correntes que as geraram, desbarrancam-se a montante e restauram-se a juzante, e vão, lento e lento, derivando rio abaixo, ao modo de monstruosos pontões desmastreados, de longas prós abati-

das e pôpas altas, a navegarem dia e noite com velocidade insensível. Por fim, desgastam-se e acabam. A de Urucurituba dureu dez anos (1840-1850) mercê da superfície vastíssima; e apagou-se numa enchente...

O mesmo facto, nas marjens. Os litoraes do Amazonas mal lhe definem a calha desmedida. São marjens que evitam o rio. Ficam-lhe, normalmente, fóra das aguas, para além das vastas planuras sal-pintadas de «lagos de terra firme», que atenuam, feito compensadores, a violência das candaes, nas cheias. Ai, num cenário mais amplo, se desdobra por vezes a aparencia de uma construção, em larga escala, de solo. O rio, multifluo nas grandes enchentes, vinga as ribanceiras e desafoga-se nos plainos desimpeditidos. Desarraiga florestas inteiras, atulhando de troncos e esgalhos as depressões numerozas da varzea; e nos remansos das planicies inundadas, decantam-se-lhe as aguas carregadas de detritos, numa colmatagem plenamente generalizada. Baixam as aguas e nota-se que o terreno creceu; e alteia-se de cheia em cheia, aprumando-se as «barreiras» altas, excicando-se os pantanaes e «igapós», esboçando-se os «firmes» ondeantes, para logo invadidos da flora triunfal... até que num só assalto, de enchente, todo esse delta lateral se abata.

Numa só noite (29 de Julho de 1866) as «terras caídas» da marjem esquerda do Amazonas desmoronaram numa linha continua de cincuenta leguas.

É o processo antigo, invariável — patenteando-se ainda no diminuto raio da nossa historia. As ribanceiras a pique da antiga costa do Perú, onde apareceram aos condutírios de Orellana as amazonas lenda-

rias, reduzem-se hoje a um baixio degredado, vizivel apenas nas vazantes excessivas.

A inconstancia tumultuaria do rio retrata-se ademais nas suas curvas infindaveis, desesperadoramente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrejando-se à ventura em repentinos atalhos. Assim elle se precipitou pela angustura afogante de Obidos num abandono completo do antigo leito, que ainda hoje se adivinha no enorme plaino marematico, ganglionado de lagôas, de Villa-Franca; ou vai, noutros pontos, em «furos» inóspitos, afluir nos seus grandes afluentes, tornando-se Rojicamente tributario dos proprios tributarios; sempre desordenado, e revolto, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erijin em decenies — com a ancia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentavel a retocar, a refazer e a recomendar perpetuamente um quadro indefinido...

Tal é o rio; tal, a sua historia: revolta, deserdenada, incompleta.

A Amazonia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da Colonia, as mais imponentes expedições e solenes vizitas pastorais rumavam de preferencia ás suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneraveis bispos, os mais garbozos capitães generaes, os mais lucidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exoticas especiarias, á cultura

do aborijene que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metropole lonjinqua demaziara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da India portentoza.

Esforços vãos. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentaes, com as suas frotas de centenares de canoas, e os seus astrónomos comissarios apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, áquelles rincões solitários, e armavam rapidamente no altiplano das «barreiras» as tendas suntuosas da Civilização em viagem. Regulavam as culturas; puliam as gentes; aformozavam a terra.

Proseguiam a outros pontos, ou voltavam — e as malocas, num momento transfiguradas, decaiam de chofre, volvendo á bruteza orijinal.

Já nos fins do seculo XIII, Alexandre Rodrigues Ferreira, ao realizar a sua «viajem filozofica», pela calha principal do grande rio, andara entre ruinas. Na vila de Barcelos, capital da circunscrição lonjinqua, antolhara-se-lhe, tanjivel, a imajem do progresso tipicamente amazonico, naquelle presuntuoso palacio das Demarcações — amplissimo, monumental, imponente — e coberto de sapé! Era um simbolo. Tudo vacilante, efemero, antinomico, na paragem estranha onde as proprias cidades são errantes, como os homens, perpetuamente a mudarem de sitio, deslocando-se á medida que o chão lhes feje roido das correntezas, ou tombando nas «terras caídas» das barreiras...

Vai-se de um a outro seculo na inaturavel mesmice de renitentes tentativas abortadas. As impres-

sões dos mais lúcidos observadores não se alteram, perpetuamente desenfluidas pelo espetáculo de um presente lastimável contraposto à ilusão de um passado grandioso.

Tenreiro Aranha em 1852, ao erijir-se a província do Amazonas, assumiu a sua direção, e numa rezenha retrospectiva diz-nos do extraordinário progresso que se perdera, refesfando-se a «manufaturas primorosas», a uma indústria extinta em que «o algodão, o anil, a mandioca e o café tiveram cultura tal que dava para o consumo sobrando para a exportação; e assim as fábricas de anil, as cordarias de piassaba, de fiação, tecidos e rãdes de algodão, de palhinha ou de penas; as telhas e alvenarias; as de construção civil e naval, com habeis artistas, fazendo aparecer templos, palácios, ou passageiros embarcações...»

Recusa-se, porém, exatamente um século, a buscar o período decantado — e num grande desapontamento observa-se, à luz do relatório feito em 1752 por outro insigne governador, o capitão-general Furtado de Mendonça, que a «capitania estava reduzida à ultima ruina...». Assim se desconchavam os parentes, agitando idênticos desânimos. Ou então se harmonizavam de modo impressionador no firmarem a mesma decadência das gentes singulares. Em 1762 o bispo do Grão-Pará, aquelle extraordinário Fr. João de S. José — seráfico voltaireano que tinha no estilo os lampejos da pena de Antônio Vieira — depois de rezenhar os homens e as couzas, «assentando que a raiz dos vícios da terra é a preguiça», rezumiu os traços característicos dos habitantes, deste modo desalentador: — «laciava, bebedice e furto.»

Passam-se cem anos justos. Procura-se saber se tudo aquillo melhorou; abrem-se as pajinas austeras de Russell Wallace, e vê-se que alguma vez elles parecem traduzir, ao pé da letra, os dizeres do arguto beneditino, porque a sociedade indisciplinada passa adeante das vistas surpreendidas do sabio — *drinking, gambling and lying* — bebendo, dançando, zombando — na mesma dolorozissima inconsciencia da vida...

Assim, essa indiferença pecaminosa dos atributos superiores, esse sistematico renunciar de escrupulos e esse coração leve para o erro, são seculares, e surgem de um doloroso tirocinio historico, que vem da «Caza do Paricá» à «barraca» dos sertaneguiros. Compulsai os nossos velhos cronistas, com especialidade o imaginoso Padre João Daniel, e avaliareis o travamento de motivos fizicos e moraes que ha muito, ali, entibiam os caracteres. E lêde Tendeiro Aranha, José Veríssimo, dezenas de outros. Nestes livros se espalham, fraccionadas, todas as cenas de um dos maiores dramas da impiedade na história.

Depois ha o incoercivel da fatalidade fizica. Aquella natureza soberana e brutal, em pleno expandir das suas energias, é uma adversaria do homem. No perpétuo banho de vapor, de que nos fala Bates, comprehende-se sem duvida a vida vegetativa sem riscos e folgada, mas não a delicada vibração do espirito na dinâmica das idéas, nem a tensão superior da vontade nos atos que se filhem dos impulsos meramente egoísticos. Não exajero. Um medico italiano — bellíssimo talento — o Dr. Luigi Brascalione, (1) que por

(1) Una scurzona botanica nell'Amazomia, 1901.

ali andou há pouco tempo, caracterizou as duas primeiras fases da influência climática — sobre o forasteiro — a princípio sob a forma de uma superexcitação das funções psíquicas e sensuais, acompanhada, depois, de um lento enfraquecer-se de todas as faculdades, a começar pelas mais nobres...

Mas neste apelar para o clássico conceito da influência climática esqueceu-lhe, como a tantos outros, o influxo por ventura secundário, mas apreciável, da própria inconstância da base física onde se ajaria a sociedade.

A volubilidade do rio confafia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspetos, sente, ao cabo de centenares de milhas, a impressão de circular numa itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós esticando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; — o observador imóvel que lhe estacione às margens, sobressalteia-se, intermitentemente, deante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, irançam-se no tempo. Deante do homem errante, a natureza é estavel; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quasi sempre afugentando-o e espavorindo-o.

A adaptação exercita-se pelo nomadismo.

Dai, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há tres séculos, numa agitação tumultuária e estéril.

Como quer que seja, para a Amazônia de agora de-
vera restaurar-se integralmente, na definição da sua
psicolojia coletiva, o mesmo dolorozo apotegma —
ultra iquinotialem non peccari — que Barleus enje-
nhou para os desmandos da época colonial.

Os mesmos amazonenses, espirituozamente, o
perceberam. À entrada de Manáos existe a belis-
sima ilha de Marapatá — e essa ilha tem uma fun-
ção alarmante. É o mais orijinal dos lazaretos — um
lazareto de almas! Ali, dizem, o recemvindo deixa a
conciencia... Meça-se o alcance deste prodijio da fan-
tazia popular. A ilha que existe fronteira á boca do
Purús, perdeu o antigo nome geografico e chama-se
•ilha da Consciencia•; e o mesmo acontece a uma
outra, semelhante, na foz do Juruá. É uma preocu-
pação: o homem, ao penetrar as duas portas que
levam ao paraizo diabolico dos seringaes, abdica as
melhores qualidades nativas e fulmina-se a si proprio,
a rir, com aquella ironia formidavel.

É que, realmente, nas parajens exuberantes das
heveas e castilóas, o aguarda a mais criminoza orga-
nização do trabalho que ainda enjennou o mais des-
açamado egoísmo.

De feito, o seringueiro e não dezignamos o patrão
opulento, se não o freguez junjido á gleba das «estra-
das», o seringueiro realiza uma tremenda anomalia:
é o homem que trabalha para escravizar-se.

Demonstra-se esta enormidade precintando-a com
alguns cifrões secamente positivos e seguros.

Vêde esta conta de venda de um homem:

No proprio dia em que parte do Ceará, o seringuei-

ro principia a chever: deve a passagem de prôa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importânciâ do transporte, num *guiola* qualquer de Belém ao barracão Ionjinquo a que se destina, e que é na media, de 150\$000. Adilem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariaveis: um boião de furo, uma Isacia, mil tijelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um *rifle* (carabina Winchester) e duzentas balas, dous pratos, duas colheres, duas chicaras, duas panelas, uma cafeteira, dous carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Af temos o nosso homem no *barracão* senhorial, antes de seguir para a barraça, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um *brabo*, isto é, ainda não aprendeu o *corte* da madeira e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encalçado de um comboio levando-lhe a bagajem e viveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para tres mezes: 3 *paneimos* de farinha de agua, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de xarque, 21 de café, 30 de assucar, 6 latas de banha, 8 litras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o *bruto* canhestro, de quem chasqueia o *manso* experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000.

Admitamos agora uma série de condições favoráveis, que jamais concorrem: a) que seja solteiro; b) que chegue à barraça em Maio, quando começa o *corte*; c) que não adoçça e seja conduzido ao barracão, subordinado a uma despesa de 10\$000 diarios; d) que nada compre além daquelles viveres — e que

seja sobrio, tenaz, incorruptivel; um stoico firmemente lançado no caminho da fortuna arrostando uma penitencia dolorosa e longa. Vamos além — admitamos que, mau grado a sua inexperiencia, consiga tirar logo 350 quilos de borracha fina e 100 de sernamby, por ano, o que é difícil, ao menos no Purús.

Pois bem, ultimada a safra, este tenaz, este stoico, este individuo raro ali, ainda deve. O patrão é, conforme o contrato mais geral, quem lhe diz o preço da fazenda e lhe escritura as contas. Os 350 quilos remunerados hoje a 59000 rendem-lhe 1:750:0000; os 100 de sernamby, a 26500, 250:0000. Total 2:900:0000.

É ainda devedor e raro deixa de o ser. No ano seguinte já é *mensego*: conhece os segredos do serviço e pôde tirar de 600 a 700 quilos. Mas considere-se que permaneceu inativo durante todo o periodo da enclente, de Novembro a Maio — sete meses em que a simples subsistencia lhe acarreta um excesso superior ao duplo do que trouxe em viveres, ou seja, em numeros redondos, 1:500:0000 — admitindo-se ainda que não precise renovar uma só peça de ferramenta ou de roupa e que não teve a mais passajera enfermidade. É evidente que, mesmo neste caso especialíssimo, raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna.

Agora vêde o quadro real. Aquelle tipo de lutador é excepcional. O homem de ordinario leva áquelles lugares a imprevidencia característica da nossa raça; muitas vezes carrega a familia, que lhe multiplica os encargos; e quasi sempre adoeece, merecê da incontinencia generalizada.

Adicional a isto o desastrozo contrato unilateral, que lhe impõe o patrão. Os Regulamentos dos se-

ringaes são a este propósito dolorosamente expressivos. Lendo-os, vê-se o renacer de um feudalismo acalcanhado e bronco. O patrão intexível decreta, num emperramento gramatical estupendo, couzes assombrosas.

Por exemplo: a pezada multa de 100\$000 comina-se a estes crimes abomináveis: a) «fazer na arvore um corte inferior ao guno do machado»; b) «elevariar o fampo da madeira na ocasião de ser certada»; c) «sangrar com machadinhas de cabo maior de quatro palmos». Além disto o trabalhador só pode comprar no armazém do barracão, «não podendo comprar a qualquer outro, sob pena de passar pela multa de 50 % sobre a importancia comprada».

Farpelam-se de aspas estes dizeres brutes. Ante elles é quasi harmonioza a gagueira terrível de Caliban.

É natural que ao fim de alguns annos o *freguez* esteja irremediavelmente perdido. A sua dívida avulta ameaçadoramente: tres, quatro, cinco, dez contos, ás vezes, que não pagara nunca. Queda, então, na morbida impossibilidade de um fellai desprotejido dobrando toda a cerviz à servidão completa. O «Regulamento» é impiedoso: «Qualquer *freguez* ou *ariado* não poderá retirar-se sem que liquide todas as suas transações comerciaes...». Fujir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Ha entre os patrões acordo de não aceitarem, uns os empregados de outros, antes de saldadas as dívidas, e ainda ha pouco tempo houve no Acre numeroza reunião para sistematizar-se essa aliança, ercando-se pezadas multas aos patrões recalcitrantes.

— Agora, dizei-me, que resta no fim de um quinquénio do aventurozo sertanejo que demanda aquellas parajens, ferretoado da gncia de riquezas?

Não o ligam sequer à terra. Um artigo do famoso «Regulamento» torna-o eterno hospede dentro da própria caza. Citemos-o com todo o brufesco de sua expressão imbecil e feroz: «Todas as bensfeitorias que o liquidado tiver feito nesta propriedade perderá totalmente o direito uma vez que retire-se.»

Dai o quadro dolorozo que patenteam, de ordinario, as pequenas barracas. O viajante procura-as e mal descobre, entre os sororócas, a estreitissima trilha que conduz à vivenda, meio afogada no mato. É que o morador não despende o mais lixeiro esforço em melhorar o sitio de onde pôde ser expelido em uma hora, sem direito à reclamação mais breve.

Esta rezenha comportaria alguns exemplos bem dolorozos. Fóra inutil apontal-os. Della resalta impressionadoramente a urjencia de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilita o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer do *homestead* que o consorcie definitivamente à terra.

Universidade de Brasília
BIBLIOTECA

Rios em abandono

O geografo norte-americano Morris Davis revelou o «ciclo vital» dos rios. Era uma concepção revolucionaria; e não houve cientista junjido à enfezada geografia descritiva, dominante ainda entre nós, que se não escandalizasse ante o conceito desassombrado do Yankee. Mas o antagonismo foi passajeiro e frajil. Uma simples monografia, *Rivers and valleys of Pennsylvania*, deslocou, de golpe, desde 1889, toda a fortaleza inerte da rotina; e firmou um novo rumo ao criterio geografico, não já apenas pelo associar à forma a estrutura dos terrenos, completando os facies inexpressivos das superficies com os elementos geolojicos, senão tambem esclarecendo a genezis dos mais breves acidentes e descobrindo nas linhas pitorescas da movel fizionomia da terra a expressão eloquente das energias naturaes que a modelaram e sem cessar a transfiguram. Por fim ninguem mais estranhou que Morris Davis, impelido aos ultimos co-

rolarios da nova doutrina, se abalancasse a uma espécie de fisiologia monstruosa e descrevesse dramaticamente as complexas vicissitudes da existencia milenaria dos fartsos cursos de aguas, mostrando-nos com uma infancia irrequieta, uma adolescencia revolta, uma virilidade equilibrada e uma velhice ou uma decrepitude melaneolica, como se elles fossem estupendos organismos sujeitos à concurrence e à seleção, destinados ao triunfo, ou ao aniquilamento, consoante mais au menos se adaptam ás condições exteriores.

Não acompanharemos o genial biografo dos rios pensylvanicos no explanar a teoria admiravel, que é o caso impressionador de uma entrada triunfante — ou de uma *rush* atrevida — da imaginação e da fantasia nos remansos da ciencia. Basta-nos notar que ella foi aceita em toda a linha e é infranjivel, estendendo-se em dados indutivos e seguros.

Todas as caudas, de feito, atravessam períodos inevitaveis, de ritmos uniformes e constantes, mau grado a variabilidade do teatro em que se operam: a principio indecizas, errantes e frajais, derivando ao acaso, ao vez dos pensadores, como à procura de um berço em cada dobra do chão, e acumulando-se nos numerosos lagos, incocenteinente esparsos, onde repousam; depois, definidas nas primeiras linhas de drenagem mais estaveis e fundas para onde convergem, adensadas, as chuvas, formando-se o aparelho das correntes, reprofundando-se os leitos esboçados e iniciando-se com a energia tumultuaria das cachoeiras o choque secular com as asperezas da terra, longo tempo; até que, extintos os empeços estruturais, estabelecido um leito e delinido um traçado, o

rio se constitua, com os seus afluentes fixos, um declive contínuo em curvaturas regulares, um thalweg ajustado à contextura do solo e à diferenciação morfológica que lhe reflete a um tempo os seus vários estadios — das cabeceiras onde perduram as aguas selvagens do antigo regime torrencial, ao curso médio que lhe caracteriza a situação presente, e ao trecho inferior, presfigurando-lhe a decrepitude, onde elle se espâia repousadamente e constrôe, pela «colmatage» das vazas que acarreta com velocidade insensível, a propria planicie aluvial em que descansa.

É a faze de madureza. O rio está na plenitude da vida, depois da moldurajem complexa de todos os relevos. Atinge-a rematando um esforço pertinaz, que é por vezes toda a historia geologica da região.

Não houve um ponto em todo o percurso de centenares ou de milhares de kilometros que elle não atacasse, um grão de areia que não removesse, balançando as excavações a montante com os aterros a júzante — construindo-se a si mesmo — obediente à tensencia universal para as situações estaveis. Adquiriu, por fim, o seu perfil longitudinal de equilibrio, e sete, ainda abrupto nas vertentes onde a correnteza é maxima e o volume minimo, vem continuamente amortecendo-se, em sucessivo decair de declive, até ao quasi horizontalismo no nível de base, da foz, onde aquelles elementos se invertem, resultando o equilibrio dinamico do sistema da relação inversa entre as massas liquidas e as velocidades que se arrastam.

Como quer que seja, desde que alcança este periodo, todos os elementos do seu thalweg projetados em plano vertical, desenham-se com a férnia aproximada de

um ramo de desmedida parábola, de concavidade voltada para as alturas.

Assim se traduz geometricamente um facto mecânico complexo. E bem que a tendência para aquela figura seja em geral perturbada ou extinta nas camadas de resistência variável, onde as rochas desvendadas originam o antagonismo das cachoeiras, é inegável que a curva parabolica se delineia nos terrenos homógeos como sendo a forma definitiva da secção longitudinal de todos os rios no remate de suas vicissitudes evolutivas.

O Purús é um dos melhores exemplos.

Desenhando-se-lhe o perfil em toda a extensão itinerária de 3.210 quilometros que vai da embocadura no Solimões aos últimos manadeiros do ribeirão Pucani, na serrania deprimita e sem nome que separa as maiores bacias hidrográficas da terra, chega-se muito aproximadamente àquele ramo de parábola.

Pelo menos nenhuma outra curva o definirá melhor.

Demonstra-o este quadro onde os vários trechos se sucedem de modo a acompanhar-se em todo o seu percurso a queda regularíssima das águas:

SECÇÕES	Distância Itinerária (Kilos)	Diferenças de nível (Metros)	Ocasião geral	Ocasião kilométrico
Das nacentes ao Curiuja . . .	117	189	1/619	1m,60
Do Curiuja a Curanja . . .	278	60	1/4500	0m,22
De Curanja à Foz do Chandless	304	49	1/6500	0m,16
Do Chandless à foz do Yaco	300	39	1/7700	0m,13
Do Yaco ao Acre	237	27	1/8700	0m,115
Do Acre ao Panhiny	233	20	1/11000	0m,085
Do Panhiny ao Mucuim	740	58	1/12000	0m,077
Do Mucuim ao Solimões	990	15	1/35000	0m,015

Aí só ha um dado vacilante: o que resulta da diferença de nível nos pontos extremos do ultimo trecho. Deduzimos-o adotando um minimo de 18 metros para altura da foz do Purús, sobre o nível do mar, quando ella é certamente maior e mais favorável, portanto, ás nossas conclusões. Os demais elementos, devemol-os aos trabalhos de William Chandless e ás nossas observações recentes.

Ora, ao mais rapido lance de vistas, e sem que se exija um desenho facilímo, verifica-se que o grande rio, atravessando um terreno homogêneo e mais ou menos impermeável, subordinado a um declive que, apesar de diminuto, é dominante na vasta planura, onde as chuvas se distribuem com regularidade incomparável — é dos que mais se adaptam ás condições teóricas indicadas por Morris Davis; e no ultímar a sua evolução geolójica retrata-se admiravelmente na parábola majestosa de que tratámos há pouco.

No estudar o seu regime geral vamos, portanto, com a firmeza de quem discute a equação de uma curva.

Assim, considerando o primeiro trecho, aquella declividade de 1.^m60 por kilometro, tão diversa da que se lhe sucede, de 0^m.22, diz-nos para logo, dispensando o exame local, que o verdadeiro Alto-Purus — demarcado oficialmente a partir da boca do Acre, e estendido por alguns geógrafos ainda mais para júzante — principia de facto muito além a 3.619 kilometros da foz, na confluencia do Cujar e do Carinja, os dous tributários em que elle se reparte numa dicotomia perfeita, perdendo o nome e esganhando-se largamente fraccionado pelos mais remotos pontos da sua vasta bacia de captação.

Por outro lado, o declive real de $\frac{1}{619}$ mal se aproxima da conhecida relação $\frac{1}{29}$ firmada como o limite mínimo das vertentes torrenciaes.

Conclue-se, então, de pronto, que o rio, até no seu último segmento, onde é sempre mais difícil e remorada a regularização dos leitos, está numia fase avançadíssima de desenvolvimento. É o caso excepcional de uma grande arteria, entre as maiores existentes, capaz de ser navegada nas mais extremas nacentes, durante as cheias que lhe encubram os numerosos degraus das corredeiras — porque em tal quadra, admitindo que as águas subam de trez metros numa calha de dez, com aquelle declive, que corresponde a 0^m.0016 por metro, o simples emprego da formula de D'Aubuisson, nos diz que as correntes derivarão com a velocidade maxima de apenas 2.^m20, facilmente balanceada por uma lancha veloz.

Ora, estes deduções resultantes de breve contem-

placão de um quadro tão expressivo que dispensa o diagrama correspondente, resaltam, vivamente, as mais incógnitas vistas de observador escoteiro, que ali passa depois de varar a planura amazônica num itinerário de quinhentas leguas.

De facto, o que sobremaneira o impressionou é o espetáculo da terra profundamente trabalhada pelo indefinido e incomensurável esforço dos formadores do rio. Chega, depois de trifilar o *cómen* coleteante do Pucari, ao sopé das últimas vertentes; defronte a cliveza escarpa de uma corda insignificante de cerros deprimidos; vinga-lhe em trez minutos a altura relativa de sessenta metros escassos — e não acredita que esteja na fronteira hidrográfica mais extraordinária do globo, podendo ir de uma passada unica do Amazonas ao vale do Ucayali...

A altura em que se vê não lhe basta a desapertar os horizontes, ou a atalhar as distâncias. É insuperável. Não há abranguer com a escala mais favorável dos mapas. E sem dúvida jamais compreenderia tão indeciso *diorithmum equerum* a tão opulentas arterias, se ao buscar aquelles rincões, varando, ao arrepio das Itaipavas, por dentro das calhas reprofundadas do Cujar, do Cavaljane e do Pucari, o observador se não habituasse a contemplar, longos dias, os mais energicos ciclos da dinâmica poderosa das aguas que transmutaram a paragem outr'era mais em relevo e dominante. Não lhe importa a inopia de conhecimentos paleontológicos ou a carença de fósseis norteadores. Está, evidentemente, sobre a ruinaria de uma sublevação quasi extinta, cujo sinal elle pôde reconstruir, prolongando as linhas dos estratos que aloraram nos sulcos onde se encaixam

aquellos ultimos tributarios, denunciando todos na tranquilidade relativa, quasi remansados nos intervalos de suas corredeiras (restos de velhissimas catadupas destruidas), a derradeira faz de uma luta em que o Purús, para alongar a sua seção de estabilidade, teve que derruir montanhas. Pelo menos a atividade eroziva e o volume de materiaes arrabaldados de todos aquelles pendores, foram incalculaveis, para que as linhas de drenagem se abatessem até ao substratum rochoso e declinassem, como vimos, aos graus apropriados aos cursos navegraveis.

Apezar disto, a transição para o trecho seguinte ainda é repentina. Passa-se da declividade kilometrica de 1^m,60 para a de 0^m,22.

Mas é o unico salto. Daí por diante, como o revela o quadro anterior, até ao ultimo segmento extremado pela foz, onde para decer-se um metro se tem de caminhar 66,700, a atenuação dos declives prossegue com uma regularidade perfeita, incluindo o Purús entre as caudas de todo regularizadas, cujo ciclo vital progressivo vai cerrando-se.

Não aprofunda mais o leito. Os proprios alleramentos de grés (*Parasandstein*) aparecendo nas vazantes, dispersos entre Huytanahan e a embocadura so Acre, e dali para cima ainda mais raros até pouco além do Yaco, reforçam a afirmativa, bem que na aparença a invalidem. Restos de antigas corredeiras desmanteladas, surgem como testemunhos das raizes primitivas e não provocam, em geral, o minimo desnivelamento. O pequeno povoado da Cachoeira, que se erige defrontando um trecho tranquilo do rio, tem o mais improprio dos nomes expressivo apenas no recordar um acidente perdido em

remoto passado geológico e do qual perduram tão sómente alguns blocos desordenadamente acumulados em minuscúlos recifes, e breves «travessões». Ali, como nos outros trechos, o mesmo quadro da terra estirando-se, complanada, pelos quadrantes, ou docemente ondulada denunciando a mais completa molduração, associa-se aos demais caracteres no sujerir a derradeira fase do processo evolutivo do vale.

Um elemento apenas falta: a regularidade na sucessão das curvas de nível das vertentes imediatas às marjens, que se fronteiam. Qualquer secção transversal do Purús reprezenta as mais das vezes uma praia deprimida que mal se alteia vagarosamente até ao reberdo ionjinquo da planicie pouco elevada, contraposta a uma barranca despenhada, como a da marjem oposta à boca do Chandless, ou caindo às vezes a prumo, feito uma muralha, como na situação admirável do Cathay.

É que à imutabilidade daquelle perfil de equilíbrio se antepõe a variabilidade da sua planta, em escala capaz de justificar aos que o incluem entre os rios «cujos leitos e marjens não estão sequer delineados em seus perfis de estrutura definida e assente».

Realmente, o Purús, um dos mais tortuosos cursos d'água que se rejistram, é também dos que mais variam de leito. Divaga, consoante o dizer dos modernos geógrafos. A propria velocidade diminuta, que adquiriu e vai decréscendo sempre até ao quasi rebalsamento, nas cercanias da foz, aliada à inconsistência dos terrenos aluvianos, formados por elle mesmo com os materiaes conduzidos das nacentes, determina-lhe este caráter volvível. Às suas águas, deri-

vando em correntezas fracas, falta a quantidade de movimento necessário às direções intorcíveis. O mínimo obstáculo desloca-as. Um tronco de sambuma que tomba de uma das margens, abarreirando-se lijeiramente, desvia o impuxo da massa líquida contra a outra, onde de pronto se exerceita, menos em virtude da força viva da corrente que da incoerença das terras, intensíssima erosão de efeitos precipitados.

A indecisa arqueadura, que logo se forma, circunferentemente, se acentua, e, à medida que aumenta, vai tornando mais violentos os ataques da componente centrífuga da correnteza que lhe solapa a concavidade crescente, fazendo que em poucos anos todo o rio se afaste, lateralmente, do primitivo rumo. Mas como este se traçou aíscrito nos pontos determinantes de um perfil de equilíbrio inviável, aquelle desvio nunca é uma bifurcação, ou definitiva mudança. O rio, depois de rasgar o amplo tiro de erosão, procura volver ao antigo canal, como curva conterneou apenas um obstáculo encontrado em caminho.

O circuito por onde elle se alonga tende a fechar-se. De sorte que toda a ácia de terrenos abrenjidos se transmuda em verdadeira península, ligada por um istmo tão delgado, às vezes, que o caminhante o atravessa em minutos, enquanto gasta um dia inteiro de viagem, embarcado, para perlongar o contorno da terra quasi insalada. Por fim esta se destaca, ilhando-se de todo. No sobrevir de uma enxente o Puri despedeça a frajá barreira do istmo; e retoma, de golpe, o primitivo curso, deixando à margem, a relembrar o desvio por onde divagou, um lago anular, não raro amplíssimo. Presegue. Reproduz

adiante outros meandros caprichosos, completados sempre pela criação dos mesmos lagos, ou *secades*. E assim vai — perpetuamente oscilante aos lados de seu eixo invariável — num ritmo perfeito, refletindo o jogar de leis mecânicas capazes de se sintetizarem numa fórmula, que seria a tradução analítica de curioso movimento pendular sobre um plano de nível.

Desta maneira, ali se resolve naturalmente um dos mais sérios problemas de hidráulica fluvial. De fato, aqueles lagos são verdadeiros diques, funcionando com um duplo efeito: de um lado impedem as inundações devastadoras, absorvendo os excessos das cheias transbordantes; de outro lado, regulam o regime das águas, durante as grandes estiagens, em que se abrem por si mesmas, automaticamente, *estourando*, para uzar uma expressão local, e restituindo ao rio empobrecido da vazante parte das massas líquidas que economizaram.

Não se calcula o valor destes trabalhos colossais da natureza.

Revela-nos bem um confronto expressivo. Os hidráulicos franceses que averbaram em 1856, como pormenor invértebil, uma subida de 10^m,90 das águas do Garonne, originando uma das inundações mais funestas que têm ocorrido na Europa, — certo não compreenderiam a propria existencia do vasto território amazônico convizinho ao Purús (que vale cérebro de cincocentas Garonne cheios) se soubesssem que elle se alteia 15 metros na foz, onde tem uma milha de largo, e que dali à montante as águas fluem num crescendo espanholo até 23 metros sobre as estiagens, na confluência do Acre.

No entanto estas encheentes são inocuas.

A massa líquida inflada logo às primeiras chuvas, sobe, galgando velozmente as barrancas, e em poucos dias vai bater nos esteiros dos barracões erectos nos firmes mais altos do terreno... e todo este diluvio em marcha não acachaça, não tumultúa, não se arremessa em correntezas vertijinozas, não enleia as embarcações torcendo-as nas espiraes vibrantes dos remoinhos e não devasta a terra. Difunde-se; extingue-se silenciosamente; perde-se inofensivo naquelas milhares de valvulas de segurança; e espalhando-se, razo, pelo chão das matas, ou espalmando-se, desafogadamente, em desmarcadas superficies onde repontam, salteadas, as ultimas ramas floridas dos igapós afogados, vai, ao contrario, rejenerando aquella mesma terra, e reconstruindo-a porque a torna de ano em ano mais elevada com a «colmatage» perfeita de toda a vaza que acarreta.

Assim, em toda aquella planura, o notavel affluenté amazonico, serpenteando nas inumeraveis sinuezas que lhe tornam as distancias itinerarias duplas das geograficas, inclue-se entre os mais interessantes «rios trabalhadores», construindo os diques submersíveis que o aliviam nas enchentes — e lhe reportam, intermitentemente ás duas bandas, ora proximos, ora afastados, salpintando todas as varzeas ribeirinhas, e avultando maiores e mais numerosos á medida que se dece, e se amortecem os declives, até a larga baixada centralizada em Canutana; onde as grandes aguas tranquilas derivam majestosamente, equilibradas, sulcando de meio a meio a vastidão de nível de um mediterrâneo esparsó.

Mas esta formação de lagos ou reservatórios naturais, cuja função benéfica vimos de relance, acarreta inconvenientes de tal porte, que tornam, por vezes, em alguns pontos, quase impenetrável uma arteria fluvial que pelos elementos privilegiados de seu perfil concorre com as mais acessíveis à navegação regular.

Realmente nesse afanoso derruir de barrancas, para forcecer-se em seus incontáveis meandros, o Purús entepe-se com as raízes e troncos das árvores que o marginam.

Às vezes é um lance unido, de quilômetros, de «barreira», que lhe cai de uma vez e de subito em cima, atirando-lhe, desarrraigada, sobre o leito, uma floresta inteira.

O facto é vulgaríssimo. Conhecem-no todos os que por ali andam. Não raro o viajante, à noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e aturde-se apavorado ouvindo logo logo o fragor indescritível de miriades de frondes, de troncos, de galhos, entrebatendo-se, ranjendo, estalando e caindo todos a um tempo, num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclismo e um desabamento da terra.

São, de facto, «as terras caldas», das quais resultam sempre duas sortes de obstáculos; de um lado o inextricável acervo de galhadas e troncos, que se entrecruzam à superfície d'água, ou irrompem em pontas ameaçadoras, do fundo; e de outro as massas arenosas, ou arrojilarenosas, que a corrente pouco veloz não dissolve, permitindo-lhes acumularem-se

nas minúsculas ilhotas das «torrões», ou, mais prejudiciais, nos raios bancos compactos dos «salões», impropriando a passagem aos mais diminutos caia-
dos.

Não precisamos insistir neste facto.

A sua gravidade é intuitiva. E considerando-se que elle se reproduz em toda a extensão de 480 ki-
lometros, que vai da embocadura do Yaco à do Cu-
riuá, onde se acumulam cada vez mais aquelles en-
traves, indefinidamente crescentes, chega-se a con-
cluir que o Purús, depois de haver conseguido um
dos mais regulares perfis de toda a hidrografia e de
aparelhar-se com os melhores elementos predispos-
tos a uma rara fixidez de regime, erijindo-se modelo
admirável entre as caudais mais bem talhadas à
grande navegação — está, agora, a pouco e pouco
perdendo a maior parte dos seus requisitos superio-
res, com o progredir de um agravamento em lar-
ga escala, que o tornará mais tarde inteiramente im-
penetrável.

Dizemol-o baseando-nos em peneira experiência culminada por um naufrágio. Sobretudo além da em-
bocadura do Chandless, multiplicam-se tanto estes empecilhos de todo estranhos à «tectónica» especial
do rio, que em longos «estribos» com a profundidade
média de cinco a seis pés, nas vezantes, onde pa-
riam carregadas as mais poderosas lanchas, mal
pôde deslizar uma montanha fluvial. Estudamo-nos de
exemplificar alongando estas considerações fluviais.
Notemos apenas que a partir do tributário precipitado
até à bifurcação Cujá-Curiuá, o Purús em vários
lugares parece correr por cima de uma antiga derru-
bada. Vai-se como entre os galhos estonados e revol-

tos de uma floresta morta. E se observarmos que, além dos espeços em si mesmas encerrados, estas tranqueiras, rebalsando as águas que se filtram entre os ramos unidos, facilitam a formação de toda a sorte de baixios, compreender-se-ha em toda a sua latitudine o progredimento contínuo dessa obstrução prejudicialíssima.

Porque os homens que ali mourejam — o cauchueiro persiano com as suas *tanganas* ríjas, nos montarias velozes, o nosso seringueiro, com os varajões que lhes impulsionam as ubás, ou o regatão de todas as nações que por ali mercadeja nas roncarias alvarengas arrastadas à súrga — nunca intervém para melhorar a sua unica e magnifica estrada; passam e repassam nas paragens perigozas; esbarram mil vezes a canáa num tronco caido há dez anos junto à beira de um canal; insinuam-se mil vezes com as maiores dificuldades numa ramagem revolta barmando-lhes de lado a lado o caminho, encalham e arrasam penosamente as canáas sobre os mesmos «salões» de argila endurecida; vezes sem conta arriscam-se ao naufrágio, precipitando, ao som das águas, as ubás contra as pontas duríssimas dos troncos que se enristam invizíveis, submersos de um palmo — mas não despendem o mínimo esforço e não despedem um golpe único de facão ou de machado num só daquelles paus, para desatagar a travessia.

As lanchas, e até os vapores, que ali vão aparecendo mais a miúdo, à medida que avultam as safras dos centos e vinte e pente seringais que já se abriram acima da confluência do Yaco, viajam, invariavelmente, nas quadras favoráveis das cheias, quando aquelles entraves se afogam em alguns metros de fundo.

Sobem, velozes, o rio; descarregam, precipitadamente, em varios pontos as mercaderias consignadas; carregam-se de borracha; e tornam logo, precipitos, aguas abaixo, fujindo. Apezar disto, algumas não se foram a repentinhas decidas de nível, prendendo-as. E lá se ficam, longos mezes — esperando a outra enchente, ou o inesperado de um «repiquete» propicio, invernando paradoxalmente sob as soalheiras canículares — nas mais curiozas situações: ora em pleno rio, agarradas pelos centenares de braços das arvores secas, que as imobilisam; ora a meio da barranca, onde as surpreendeu a vazante, grosseiramente espeçadas, encombentes, com as prós afocinhando, inclinadas, em riscos permanentes de queda; ora no alto de uma barreira, como autenticos navios-fantasmas, aparecendo, de improviso e surpreendedoramente, em plena entrada da mata majestosa.

O contraste desta navegação com as admiraveis condições tecnicas imanentes ao rio é flagrante. O Purús — e como elle todos os tributarios meridionaes do Amazonas, à parte o Madeira — está inteiramente abandonado.

Entretanto o simples enunciado destes inconvenientes, evidentemente alheios às suas admiraveis condições estruturaes, delata que a remoção deles, embora demorada, não demanda trabalhos excepcionais de engenharia e excepcionaes dispendios.

O que resta fazer, ao homem, é rudimentar e simples.

Os grandes, os serios problemas de hidraulica fluvial que ali houve, rezolveu-os o proprio rio ajindo no jogo harmonioso das forcas naturaes que o modelaram.

E elles reprezentam um trabalho incalculavel. O Purús é uma das maiores dadivas entre tantas com que nos esmaga uma natureza escandalosamente perdularia.

Vejamol-o, de relance.

Toda a hidráulica fluvial parece ter nacido entre os leitos do Garonne e do Loire, taes e tantos os monumentos que ali levantou a enjenharia franceza. Nunca o homem arremeteu com tamanha perlancia e brilho com a brutalidade dos elementos. Os Romanos transfigurando a Argelia e os Holandezes construindo a Holanda, emparelham-se bem com os abnegados profissionaes que durante um seculo, impassiveis ante sucessivos revezes, se devotaram á empreza exaustiva de paralizar torrentes, de atenuar inundações e de encadear avalanches, na dupla tentativa de facilitar a navegação e de proteger os territorios ribeirinhos. E todo esse magnifico esforço em que se imortalizaram Deschamps, Dieulafoy e Belgrand, resultou em grande parte inutil. Inutil ou contraproducente. Os primores da enjenharia estragaram o Loire.

Os diques submersiveis ou insubmersiveis destinados a salvarem as povoações, os canaes de socorro que se lhes anexavam, as marjens artificiales ladeando em dezenas de kilometros o leito menor das caudaes, os enrocamentos antepostos ás erozões, as barrajens antepostas ás correntezas — tinham em geral a duração efemera dos seis mezes da estiagem, tal a inconstancia irreparavel daquellas arterias.

Por sim enjenharam-se estupendos rezervatorios alcandorados nos Pyrenéos, escalonando-se por todos os pendores, para armazenar as inundações. E

armazenavam catástrofes — rompendo-se-lhes os muros, de onde saíavam as ondas despenhadas varrendo povoados inteiros...

Mas ainda quando estas ruteras dos reservatórios compensadores não formassem os episódios mais dramáticos da história da engenharia, e elles pudessem erigir-se estáveis e sem riscos, nós, quásquer que fesssem os nossos esforços e os nossos dispêndios, jamais os construiríamos como nolos construiu o Purús.

Considere-se, para isto, este exemplo. Duponchel, para dar ao Neste — um pequeno rio com a despeza média de 25 metros cúbicos — um modelo constante, que lhe amortecesse as inundações, calculou um reservatório de 300.000.000.000 de litros e recuou ante o algarismo colosal.

Ora, o Neste é três vezes menor que o Yaco, que, entretanto, não se inclue entre os maiores afluentes do Purús.

Dante destes dados formidáveis põe-se de manifesto que a construção de reservatórios compensadores no grande rio seria o mesmo que fazer um mar; e conclue-se que os existentes, numerosíssimos, ás suas margens, representam um capital inestimável e acima dos mais ouzados orçamentos.

Precizamos ao menos conservá-lo. Aproveitemos uma lição velha de um século. O Mississipe, que no seu curso inferior retrata o traçado do Purús com a exação de um decalque, era, pelas mesmas causas, ainda mais incômodo de empecilhos, tornando-o quasi impenetrável e em muitos lugares de todo intrapassível. Alguns dos seus tributários não estavam apenas trançados; dezapareciam, literalmente, sob os abatizes.

No entanto o grande rio, hoje, transfigurado, desenha-se como um dos traços mais vivos da pertinacia norte-americana.

Lá está, porém, no seu vale, em um de seus afluentes, o rio Vermelho, um caso desalentador. É um rio perdido. O yankee descobriu-o tarde demais. A desmedida tranqueira, *the great rift*, exatamente formada como as que estão formando-se no Purús, esfria o labirinto de seus madeiros e das suas frendes mortas por 630 quilometros — e lá está, indestrutível, depois de dezalhar durante vinte e dois anos os maiores esforços para uma desobstrução impossível.

Estabelecida a proporção entre aquelle rio minuscule e o Purús, entre nós e os norte-americanos, aquilatam-se as dificuldades que nos aguardarão, se progredirem os obstaculos apontados, e cuja remoção atual, completando-se com a descaza, embora rudimentar, das marjens mais ameaçadas pelas erodções, é ainda de relativa facilidade. Ao mesmo passo se atenuarão consideravelmente as «divagações» precipitadas, que constituem verdadeira anomalia num rio aparelhado de um perfil de estabilidade demonstrável até geometricamente, como vimos.

De qualquer modo urge iniciar-se desde já modestissimo, mas ininterrupto, passando de governo a governo, numa tentativa persistente e inquebrantável, que seja uma especie de compromisso de honra com o futuro, um serviço organizado de melhoramentos, pequeno embora em começo, mas crescente com os nossos recursos — que nos salve o maiorizo rio.

Von den Stein, com a agudeza irrivalizável de seu

belo espirito, comparou, algures, pintorescamente, o Xingú a um «enteado» da nossa geografia.

Estiremos o paralelo.

O Purús é um enjeitado.

Precizamos incorporal-o ao nosso progresso, do qual elle será, ao cabo, um dos maiores fatores, porque é pelo seu leito desmedido em fóra que se traça, nestes dias, uma das mais arrojadas linhas da nossa expansão historica.

Um clima caluniado

Na definição climática das circunscrições territoriais criadas pelo tratado de Petrópolis tem-se incluído sempre um elemento curiosíssimo, ante o qual o psicólogo mais rombo suplanta a competência do professor Hann, ou qualquer outro mestre em couzas meteorológicas: o desfalecimento inoral dos que para lá seguem e levam desde o dia da partida a preocupação absorvente da volta no mais breve prazo possível. Cria-se uma nova sorte de exilados — o exilado que pede o exílio, lutando por vezes para o conseguir, repelindo outros concorrentes, ao mesmo passo que vai adensando na fantasia alarmada as mais luctuosas imagens no prefigurar o paraíso tenebroso que o atraí.

Pzrte, e leva no próprio estado emotivo a receividade a todas as molestias.

Atravessa quinze dias infundáveis a concretizar a nossa costa. Entra no Amazonas. Reanima-se um

momento ante a fisionomia singular da terra; mas para logo acabrunha-o a imensidão deprimida — onde o olhar lhe morre no proprio quadro que contempla, certo enorme, mas em branco e reduzido ás molduras indecizas das marjens afastadas. Sólo o grande rio; e vão-se-lhe os dias inuteis ante a imobilidade estranha das paizajens de uma só cor, de uma só altura e de um só modelo, com a sensação angustiosa de uma parada na vida: atônicas todas as impressões, extinta a idéa do tempo, que a sucessão das apariências exteriores, uniformes, não revela — e retraiida a alma numa nostalgia que não é apenas a saudade da terra nativa, mas da Terra, das formas naturaes tradicionalmente vinculadas ás nossas contemplações, que ali se não vêm, ou se não destacam na uniformidade das planuras...

Entra por um dos grandes tributários, o Juruá ou o Purús. Atinje ao seu objetivo remoto; e todos os desalentos se lhe agravam. A terra é, naturalmente, desgraciosa e triste, porque é nova. Está em ser. Faltam-lhe á vestimente de matas os recortes artísticos do trabalho.

Há paizajens cultas que vemos por vezes, subjetivamente, como um reflexo sub-conciente de velhas contemplações ancestrais. Os cerros andulantes, os vales, os literaes que se recordam de angras, e os proprios dezerios recrestados, afeiçãoam-se-nos ás vistas por maneira a admitirmos um modo qualquer de reminiscencia atlântica. Vendo-as pela primeira vez, temos o encanto de equipararmos o que imaginamos com o que se nos antolha, numa exteriorização tangível de contornos anteriormente idealizados.

Aí, não. Desaparecem as formas topográficas

mais associadas à existência humana. Há alguma couza extra-terrestre naquelle natureza anfibia, mixto de aguas e de terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua propria granicza. E sente-se bem que ella permaneceria para sempre impenetravel se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronto sena a constaneia e a continuidade das culturas. As gentes que a povoam talham-se-lhe pela bravura. Não a cultivam, alimentozeando-a; dominam-na. O Cearense, o Parahybano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo injerias e heroicas, disciplinadas pelos revezes, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidavel.

O recenvido do Sul chega em pleno deslobrar-se daquelle azafama tumultuaria, e, de ordinario, su-eunbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paizajem e o quadro daquelle sociedade de caboclos titanicos que ali estão construindo um territorio. Sente-se deslocado no espaço e no tempo; não já fóra da patria, senão arredio da cultura humana, extreliado nun recanto da floresta e num desvio obscurcendo da historia.

Não reziste. Concentra todos os alentos que lhe restam para o só efeito de permanecer algum tempo, inutil e incerte, no posto que lhe marcaram; naal desempenhando os mais simples deveres; indo-se-lhe os olhos em todos os vapores que dercia e o espirito au-zente nos lares afastados, longo tempo, em um exaustivo ajitar de apreensões e conjeiuras — até que o saeuda, inesperadamente, em pleno dia canicular, um

subito estremecção de frio, delatando-lhe a vinda salvadora, e por vezes reconditamente anhelada, da febre. E é uma surpresa gratíssima. A vida desperta-se-lhe de golpe, naquella cotovelada da morte que passou por perto. O impaludismo significa-lhe, antes de tudo, a carta de alforria de um atestado médico. É a volta. A volta sem temores, a fuga justificável, a deserção que se legaliza, e o medo sobreodirado de heroísmo, desafiando o espanto dos que lhe ouvem o romance alarmante das molestias que devastam a parajem maldita.

Porque é preciso cohonestar o recôto. Então cada igarapé sem nome é um Ganges pestilento e lugubre; e os igapós, ou os lagos, espalmam-se nas varzeas empantanadas como lagunas Pontinas inconfiáveis. Traça-se um quadro nozolojico arrepiador e trájico, num imajinozo fabular de agruras; e, dia a dia, a natureza caluniada pelo homem vai aparecendo naquelas bandas, ante as imajinações iludidas, como se lá se demarcasse a parajem classica da mizeria e da morte...

O exajero é palmar. O Acre, ou, em geral, as planuras amazónicas cindidas a meio pelo longo sulco do Purús, tem talvez a letalidade vulgaríssima em todos os lugares recém-abertos ao povoamento. Mas consideravelmente reduzida.

Demonstra-nel-o um ligeiro confronto.

As « Escolas de Medicina Colonial » da Inglaterra e da França, revelam-nos, pelos simples títulos, os resguardos com que se rodeia sempre o transplante dos povos para os novos habitats. Ha esta linha de no-

breza no moderno imperialismo expansionista capaz de absolver-lhe os maximos atentados : os seus brilhantes generaes transmudam-se em batedores anônimos dos medicos e dos enjenheiros : as maiores batalhas fazem-se-lhe simples reconhecimento da campanha ulterior, contra o clima ; e o dominio das raças incompetentes é o começo da redenção dos territórios, num giro magnifico que do Tonkin à India, ao Egypto, à Tunisia, ao Sudan, à ilha de Cuba, e ás Filipinas, vai generalizando em todos os meridianos a empreza maravilhosa do saneamento da terra.

Da terra e do homem. A tarefa é duplice. Aos conquistadores tranquilos não lhes basta o perquirir as causas meteorologicas ou teluricas das molestias imponentes aos trechos recem-conquistados, na escala indefinida que vai das anemias estivais ás febres polimorfas. Resta-lhes o encargo maior de juxtapor os novos organismos aos novos meios, corrigindo-lhes os temperamentos, destruindo-lhes velhos hábitos incompatíveis, ou creando-lhes outros até se construir, por um processo a um tempo compensador e estimulante, o individuo inteiramente aclimado, tão outro por vezes nos seus caracteres físicos e psíquicos que é, verdadeiramente, um indijena transfigurado pela higiene. Para isto o colono, ou o emigrante, torna-se em toda a parte um pupilo do Estado. Todos os seus atos, desde o dia da partida, prefixo nas estações mais convenientes, aos ultimos pormenores de alimentação ou de vestir, predeterminam-se em regulamentos rigorosos. Dentro dos lineamentos largos das características fundamentais do clima quente para onde elle se desloca, urde-se a trama de uma higiene individual, onde se prevêm todas as necessida-

des, todos os acidentes e até os perigos da instabilidade orgânica inevitável à fase fisiológica da adaptação a um meio cósmico, cujo influxo deprimente sobre o europeu vai da musculatura, que se desfibra, à própria fortaleza de espírito, que se deprime. Assim as medidas profiláticas, que começam inspirando-se no estudo dos fatores físicos acabam, não raro, prolongando-se em belíssimo código de moral demonstrada. De permisão com os preceitos vulgares para o reajir contra a temperatura alta, e a humidade excessiva que lhe abatem a tensão arterial e a atividade, lhe trancam as valvulas de segurança dos pés e lhe fatigam o coração e os nervos, criando-lhe, ao cabo, a iminência morbida para os males que se desdobram do impaludismo que lhe solapa a vida, às dermatoses que lhe devastam a pele — despontam, mais eficazes e decisivos, os que o aparelham para reajir aos desanimos, à melancolia da existência monótona e primitiva; às amarguras crescentes da saudade; à irritabilidade provinda dos ares intensamente eletrizados e resplandentes; ao isolamento — e, sobretudo, ao quebrantar-se da vontade numa decadência espiritual subitânea e profunda que se afigura a molestia única de tais parajes, de onde os demais se derivam como exclusivos sintomas.

Abra-se qualquer regulamento de higiene colonial. Resaltam à mais breve leitura os esforços incomparáveis das modernas missões e o seu apostolado complexo que, ao revez das antigas, não vizam arrebatar para a civilização a barbaria transfigurada, senão transplantar, integralmente, a própria civilização para o seio adverso e rude dos territórios barbares.

Nas suas paginas, o que por vezes nos maravilha mais do que os prodigios da previdencia e do saber, desenvolvidos para afeiçinar o forasteiro no meio, é o curso sobremaneira lento, senão o malogro dos mais pertinazes esforços.

A França na Indo-China, de clima quasi temperado, despendeu quinze anos de trabalhos continuos para que sobrevisesse a mortalidade; e, obedecendo aos pareceres dos seus melhores cientistas, renunciou, depois de longas tentativas, ao povoamento sistematico da Africa equatorial. O mesmo secede no geral das colonias inglezas, alemás ou belgas. Baste-nos notar que a estadia regularmente dos seus agentes officiaes tem o periodo maximo de trez anos. A volta aos lares natos é uma medida de segurança indispensavel a restaurar-lhes os organismos combalidos. Deste modo, a despeito de tão grandes sacrificios e dispêndios, e dos prodigios de engenharia sanitaria que transformam a ruideza topografica dos lugares novos, formando-se uma verdadeira geografia artistica, o que nelles se forma, por fim, são umas sociedades precarias de perpetuos convalecentes junjidos a dietas inflexiveis e vivendo atravez das formulas inaluraveis dos receitarios complexos.

Ora, comparando-se estas colonizacões adstritas às clausuras de rigorozos estatutos — e de efectos tão escassos — com o povoamento tumultuario, com a colonizacão à gaudia do Acre — de resultados surpreendentes — certo não se faz mistério registrar um só elemento para o acerto de que o regimen da rejião malsinada não é apenas sobradamente superior ao da maioria dos trechos recentemente abertos à

expansão colonizadora, senão também ao da grande maioria dos países normalmente habitados.

De facto — à parte o favorável deslocamento paralelo ao equador, demandando as mesmas latitudes — não se conhece na história exemplo mais golpeante de emigração tão anárquica, tão precipitada e tão violadora dos mais vulgares preceitos de aclimramento, quanto o da que desde 1879 até hoje atirou, em sucessivas levas, as populações sertanejas do território entre a Paraíba e o Ceará, para aquelle recanto da Amazonia. Acompanhando-a, mesmo de relance, põe-se de manifesto que lhe faltou desde o princípio, não só a marcha lenta e progressiva das migrações seguras, como os mais ordinários resguardos administrativos.

O povoamento do Acre é um caso histórico inteiramente fortuito, fóra da diretriz do nosso progresso.

Tem um reverso tormentoso que ninguém ignora: as secas periódicas dos nossos sertões do Nordeste, ocasionando o exodo em massa das multidões flameladas. Não o determinou uma crise de crescimento, ou excesso de vida desbordante, capaz de reanimar outras paragens, dilatando-se em itinerários que são o diagrama vizível da marcha triunfante das raças; mas a escassez da vida e a derrota completa ante as calamidades naturaes. As suas linhas baralham-se nos traçados reveltos de uma fuga. Agravou-o sempre uma seleção natural invertida: todos os fracos, todos os inuteis, todos os doentes e todos os sacrificados expedidos a esmo, como o rebotalho das gentes, para o deserto. Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam co-

bre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiham em poucas semanas de uma população adventícia de famintos assombrados, devorados das febres e das lexigas — a preocupação exclusiva dos poderes publicos consistia no libertar-as quanto antes daquellas invazões de barbaros moribundos que infestavam o Brazil. Abarrotavam-se, as carreiras, os vapores, com aquelles fardos ajitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazonia — vastíssima, despovoada, quasi ignota — o que equivalia a expatriar-los dentro da propria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços da família, que se fraccionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquellas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febreiros e os seus variolozos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a tarefa expurgatoria, não se curava mais della. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só ajente oficial, ou um medico. Os banidos levavam a missão dolorozissima e unica de desaparecerem...

E não desapareceram. Ao contrario, em menos de trinta anos, o Estado que era uma vaga expressão geográfica, um dezero empantanado, a estirar-se, sem hindes, para sudoeste, definiu-se de chofre, avançando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento economico.

A sua capital — uma cidade de dez anos sobre uma tapera de douz seculos — transformou-se na metropole da maior navegação fluvial da America do Sul. E naquelle extremo sudoeste amazonico,

quezi misterioso, onde um homem admirável, William Chandless, penetrara 3.200 quilômetros sem lhe encontrar o fim — com mil sentacejos, ou com mil ressuscitados, apareciam inesperadamente e repatriavam-se de um modo original e herético; dirigindo a pátria até nos terrenos novos que Hóham desvendado.

Abram-se os últimos relatórios das Prefeituras do Acre. Nas suas páginas maravilha-nos mais do que as transformações sem par que ali se verificam, o absoluto abandono e o completo relaxo com que ainda se efetua o seu povoamento. Hoje, como há trinta anos, mesas fóra das aperturas e dos tumulos das sécas, os imigrantes avançam sem o mínimo resguardo, ou assistência oficial.

No entanto, as populações transplantadas se fixam, vincladas ao solo; o progresso demográfico é surpreendente — e das cabeceiras do Juruá à confluência do Abuná alonga-se, cada vez mais procurada, a terra da promissão do Noreste do Brasil.

O paralelo é expressivo. Não se compreende a reputação de insalubridade de um tal clima. Evidentemente o que se realizou e se realiza ainda, embora em menor escala no Acre, foi a «seleção telúrica», de que nos fala Kirchoff: uma sorte de magistratura natural, ou revista severa exercida pela natureza nos indivíduos que a procuram, para só conceder o direito da existência aos que se lhe afeic和平. Mas o processo é geral.

Em todas as latitudes foi sempre gravíssima nos seus primórdios, a afinidade eletiva entre a terra e o homem. Salvam-se os que melhor balançiam os la-

tores do clima e os atributos pessoais. O aclimado surje de um binário de forças físicas e morais que vão, de um lado, dos elementos mais sensíveis, térmicos ou hidroquâtricos, ou barométricos, às mais subjetivas impressões oriundas dos aspectos da paisagem; e de outro, da resistência vital da célula ou do tonus muscular, às energias mais complexas e refinadas do caráter. Durante os primeiros tempos, antes que a transmissão hereditária das qualidades de resistência, adquiridas, garanta a integridade individual com a própria adaptação da raça, a letalidade inevitável, e até necessária, apenas denuncia os efeitos de um processo seletivo. Toda a aclimatação é desse modo um plebiscito permanente em que o estrangeiro se eleja para a vida. Nos tropicos, é natural que o escrutínio biológico tenha um carácter gravíssimo.

Não há tristes que lhe minorem as exigências. Caem-lhe sob o exame incorrigível, por igual, — o tuberculoso inapte à maior atividade respiratória nos ares aduviens, pobres de oxigenio, e o lascivo desmandado; o cardíaco suculhido pela queda da tensão arterial, e o alcoólico candidato contumaz a todas as endemias; o linfático colhido de pronto pela anemia e o glutão; o noctívago desfibrado nas vigílias, ou o indolente estagnado nas sésulas encravantes; e o cojericó, o neurastenico de nervos a vibrarem nos ares eletrizados, descompassadamente, sob o inflaxo misterioso dos firmamentos deslumbrantes, até aos paroxismos da demência tropical que o fulmina, de paneada, como uma espécie de insolação de espírito,

A cada deslize fisiológico ou moral antepõe-se o

corretivo da reação física. E chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes. Ao cabo verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau; é o homem.

Foi o que sucedeu em grande parte no Acre. As turmas povoadoras que para lá seguiram, sem o exame prévio dos que as formavam e nas mais deploráveis condições de transporte, deparavam, além de tudo isto, com um estado social que ainda mais lhes engravecia a instabilidade e a fraqueza.

Aguardava-as e ainda as aguarda, bem que numa escala menor, a mais imperfeita organização do trabalho que ainda enjenhava o egoísmo humano.

Repitamos: O sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir; é o homem que trabalha para escravizar-se.

Enquanto o colono italiano se desloca de Génova à mais remota fazenda de S. Paulo, paternalmente assistido pelos nossos poderes públicos, o cearense efetua, à sua custa e de todo em todo desamparado, uma viagem mais difícil, em que os adiantamentos feitos pelos contratadores insaciáveis, inciados de parcelas fantásticas e de preços inauditos, o transformam as mais das vezes em devedor para sempre insolvente.

A sua atividade, desde o primeiro golpe de machadinho, constrinje-se para logo num círculo viciozo inaturalável: o debater-se exaustivo para saldar uma dívida que se avoluma, ameaçadoramente, acompanhando-lhe os esforços e as fadigas para saldal-a.

E vê-se completamente só na tâma dolorosa. A exploração da seringa, neste ponto peior que a do cancho, impõe o isolamento. Há um laivo siberiano

naquelle trabalho. Dostoiweski sombrearia as suas páginas mais lugubres com esta tortura: a do homem constranjoado a calcar durante a vida inteira a mesma «estrada», de que elle é o unico tranzeunte, trilha obscurecida, estreitissima e circulante, que o leva, intermitentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida. Nesta empreza de Sisypho a rolar em vez de um bloco o seu proprio corpo — partindo, chegando e partindo — nas voltas constrictoras de um circulo demoniaco, no seu eterno giro de encarcerado numa prizão sem muros, agravada por um oticio rudimentar que elle aprende em uma hora para exercel-o toda a vida, automaticamente, por simples movimentos reflexos — se não o enrija uma solidia estrutura moral, vão-se-lhe, com a intelijencia atrofiada, todas as esperanças, e as iluzões injenuas, e a tonificante alacridade que o arrebataram áquelle lance, á ventura, em busca da fortuna.

Paralelamente, a decadencia organica.

A alimentação, que é a base mais firme da higiene tropical, não lha fornece, durante largos anos, a mais rudimentar cultura. Constitue-se, ao revez de todos os preccitos, adstrita aos fornecimentos escassos de todas as conservas suspeitas e nocivas, com o derivativo aleatorio das caçadas.

Sobretudo isto, o abandono. O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitario.

Mesmo no Acre propriamente dito, onde a densidade maior das arvores de borracha permite a abertura de 16 estradas numa legua quadrada, toda esta area capaz de sustentar, de acordo com a unidade agricola corrente, cincuenta familias de pequenos lavradores, requer a atividade de oito homens apenas,

que lá se espalham e raramente se vêem. Calcule-se um sertigal médio, de duzentas «estradas»: tem cerca de 15 leguas quadradas; e este latifúndio, que se povoaaria à larga com 3.600 habitantes ativos, comporta apenas a população invizível de 100 trabalhadores, exageradamente dispersos.

É a conservação sistemática do deserto, e a prisão celular do homem na amplitude decapogada da terra.

Ante estes lineamentos de um quadro social tão anómalo, não é apenas opinável a letalidade do Acre. O que resalta, irreprimível, é o conceito de uma salubridade capaz de garantir tantas existências submetidas a tão imperfeito reñimen. Acredita-se até que as características tropicaes meramente teóricas, se reduzem aos paralelos de baixas latitudes, de 8° a 11°, que interferem a reñião; e aquilatando-se a influencia moderadora sem duvida exercida pela estupenda massa de florestas, que a circundam e a invadem, chega-se a concluir que ulteriores observações meteorolojicas, mal iniciadas agora, talvez lhe apaguem nos mapas o izotermo de 25 graus que a esmo lhe traçaram.

Porque a despeito do incorreto e do viciozo do povoamento e da vida, a sociedad, recente-chegada afimse e progrife.

Ao mais incurioso viajante que perbstre o Purús não escapa a transformação lenta e contínua.

O primitivo explorador vai, afinal, ajustando-se ao solo, sobre o qual pôs durante tanto tempo indiferente. As suas barracas desafogam-se nas derru-

ladas; e já nas praias, que as vazantes desvendam, já nos «liraves», a cavaleiro das cheias, se delineiam as primeiras áreas de cultura. Os tristes bosques cobertos de folhas de ulmeira, transmudam-se em vivendas regulares, ou amplos sebrais de pedra e tel. Sebastopol, Canacory, S. Luiz de Cassianá, Itatuba, Realeza, e dezenas de outros sítios do baixo Purús; Liberdade e Concordia, nos mais longínquos trechos, com as suas cazas nômadezas, que se arroam às vezes ao lado de pequenas igrejas, ampliam-se em verdadeiras vilas. São a imajem material de domínio e da posse definitiva.

A evolução é, desde modo, tanjível.

Delatam-na até os nomes originaes, extravagantes alguns, mas eloquentes todos, das primitivas e das recentes fundações. Na terra sem história os primeiros factos escrevem-se, espaeados e desanidos, nas denominações dos sítios. De um lado está a faze inicial e tormentosa da adaptação, evocando tristezas, martírios, até gritos de desalento ou de socorro; e o viajante lê nas grandes taboetas suspensas às paredes das cazas, de chapa para o rio: *Velhos Deus,* *Saudade,* *S. João da misericórdia,* *Escândalo,* *Inferno...* De outro um forte renascimento de esperanças e a jovialidade desborlante das gentes redimidas: *Bom princípio,* *Nova encantada,* *Triunfo,* *Quero ver!,* *Liberdade,* *Concordia,* *Purizó...*

A medida que se sobe o rio a renacença se acentua. Passada a confluência do Acre vai-se, em variados trechos, entre as estâncias que se defrontam ou se ligam às margens, como se se peregrasse cultíssima parajem há muito descoberta. Nada mais do tosco e do brutesco dos primitivos abaracamentos.

Em Catiana, em Macapá, como nas demais a montante, até à ultima, Sobral, com a minuscula plantação de cafeeiros que lhe bastam ao consumo, nota-se em tudo, da pequena cultura que se generaliza, aos pomares bem cuidados, o esforço carinhoso do povoador que aformozeia a terra para não mais a abandonar.

E os homens são admiraveis.

Vimol-os de perfo; conversamol-os.

Guardamos-lhes os nomes e os apelidos bizarros — do opulento *Caboclo-Real*, da Cachoeira, ao garrulo *Cai nugua* das cercanias de Chandless; do velho *Jóão Amarelo*, que fundou Cathay, e leva ainda, sem titubear, pelos torcicolas das «estradas», os seus setenta anos trabalhosos, ao destemerezo *Antonio Dourado*, da Terra Aita, impecável atirador de rifle, cujos lances de ouzadia nas arrancadas de 1903, com os cauchéros, são uma pajina vibrante de bravura.

Considerando-os, ou revendo-lhes a integridade orgânica a ressaltar-lhes das musculaturas inteiriças, ou a beleza moral das almas varonis que derrotaram o deserto — e recordando as circunstâncias lastimáveis, que os rodearam nos primeiros dias do povoamento ou que ainda os rodeiam, porventura minoradas — não se lhes explicam as existências vigorosas sob rejimen climatológico tão maligno e bruto como o que se fantaziou no Acre.

Não vinga, ademais, o argumento de que o sertanejo nortista, ou mais incisivamente, o jagunço, dotado da abstinencia pastoral e guerreira do Arabe, se tenha apercebido para o novo *habitat*, sob a disciplina inexorável das sécas, além de haver-se deslocado seguindo mais ou menos os paralelos do terrão nativo.

o Purús e o Juruá abriram-se ha muito á entrada dos mais dispares forasteiros — do Sirio, que chega de Beiruth, e vai pouco a pouco suplantando o Portuguez no comercio do «regalão»; ao Italiano aventureiro e artista que lhes bate as marjens, longos mezes, com a sua maquina fotografica a coleccionar os mais tipicos rostos de selvicosas e aspectos bravios de pazi-
zajens; ao Saxonio pneumatico, trocando as suas brumas pelos esplendores dos ares equatoriales. E, na grande maioria, lá vivem todos; ajitam-se, prosperam e acabam lenjevos.

Rejistre-se este caso. Em 1872, Barrington Brown e Lidstone percorreram o baixo Purús até Huylan-
ban, embarcados na lancha *Guajará*, sob o comando do Capitão Hoefner, a *german speaking boat* *en-
glish and portuguise in addition*, consoante explicam os dous viajantes no interessante livro (1) que escreveram.

Ha trinta e cinco anos...

E o Capitão Hoefner lá está, eterno comandante de lancha, a mourejar sem descanso sobre aquelas águas malditas, onde fervilham os piuns sugadores, os carapanás emissarios das febres, e se espalham, derivando á feição da cerrenzeira insensivel, os mururés boiantes, de flores violaceas recordando as grinaldas tristonhas dos enterros. Mas não agourentaram o Germano.

Vimol-o, em fins de 1905, na confluencia do Acre. É um velho vivaz e prestadio, diligente e ativo, de

(1) Fifteen sand thoumailles on the Amazon and its tributaries.

rosto aberto e rosado, encoberto de cabelos infelizmente brancos. Se aparecesse em Berlim, mal lhe descoloririam na pele, de leve amorenada, o soturno estigma dos tropícos.

Multiplicam-se os eazos desse leor, acordes todos na extinção de uma lenda.

Resta, talvez, à teosofia no prepaga-l-a, um cerradeiro argumento: aquelles caboclos ríjos, e esse saxonio exceccional, não são efeitos do nocio; surgem a despeito do nocio; triunfam num final de luta, em que sucumbiram, em maior numero, os que se não apresentavam des messmos requisitos de robustez, energia e astfinencia.

Neste eazo atiremos de lado, de inna vez, um estéril sentimentalismo e reconheçamos naquelle clima uma função superior. Ante as circunstâncias nocivas que originaram e impulsionaram o povoamento do Acre, largos anos aberto à intruzão de todas as molestias e de todos os vicios favorecidos pela indiferença dos poderes publicos, ele exerceceu uma fiscalização incorruptível, libertando aquele territorio de calamidades e desmandos, que seriam além de toda a proporção, muito maiores do que os que ainda hoje lá se observant.

Purificou, sençou, moralizou. Elejou e eleje para a vida os mais dignos. Eliminou e eliminá os incapazes, pela luta ou pela morte.

E é por certo um clima admiravel o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons.

Os «caucheros»

Aquem da marjema direita do Ucayali e das terras onduladas, onde se formaram os manadeiros do Javary, do Juruá e do Purús, apareceu ha circa de cincuenta anos uma sociedade nova. Formara-se obscuramente. Perdida longo tempo no afogado das selvas, apenas a conheciam rares comerciantes do Pará, onde, desde 1852, começaram a chegar, provindas daquelles pontos remotos, as pranchas pardo-escuras de uma outra goma-elástica concorrente com a seringa ás exigências da industria.

Era a cancho. E «caucheros» apelidaram-se para logo os aventurozos serianistas que batiam atrevidamente aquelles rincões ignorados.

Vinham do ocidente, transpondo os Andes e suportando todos os climes da terra, dos litoraes adustos do Pacífico ás «punas» enrejeladas das cordilheiras. Entre elles e o torrão nativo ficavam duas muralhas altas de seis mil metros e um longo vale escan-

celado em abismos. Adianie os plainos amazônicos; um estiramento de centenares de milhas para N E, a perder-se, indefinido, na prolongação atlântica, sem a juga de um cerro balizando a imensidão.

Nunca se armou tão imponente cenário a tão pequenos atores.

É natural que os sertanistas pervagassem largos anos, esparsos, diminutos, invizíveis, taleantes no perpétuo crepúsculo daquelas matas ionjinquias, onde, mais sérias que o desmedido das distâncias e os bravios da espessura, outras dificuldades lhes reteavam ou perturbavam os passos vacilantes.

Realmente, toda a zona em que se traça, ainda pontuada, a linha limitrofe brasílio-peruana, e irradiiam para os quadrantes os formadores do Purús e do Juruá, as vertentes mais setentrionaes do Urubamba e os últimos esgalhos do Madre-de-Dios, figurava entre as mais desconhecidas da América, menos em virtude de suas condições físicas excepcionaes, vencidas em 1844 por F. Castelnau, que pelo renome temeroso das tribus que a povoam e se tornaram, sob o nome genérico de «chunches», o máximo pavor dos mais deslemerozos pioneiros.

Não há nomeal-as todas. Quem sobe o Purús, contemplando de longe em longe, até às cercanias da Cachoeira, os *panturys* rarecentes, mal recordando os antigos donos daquelas varzeas; e dali para montante os *ipurinans* inofensivos; ou a partir do Yaco, os *tucutuas* que já nascem velhos, tanto se lhes reflete na compleição tolhida a decrepitude da raça — tem a maior das surpresas ao deparar, nas cabeceiras do rio, com os selvícolas singulares que as animam. Discordes nos hábitos e na procedencia, lá se

comprimem em ajuntamento forçado; os *amahuacas* mansos que se agregam aos «*puecos*» dos extratores do caucho; os *coronavas* indomáveis, senhores das cabeceiras do Curanja; os *piros* acobreados, de rebrilhantes dentes tintos de rezina escura que lhes dão aos rostos, quando sorriem, indefiníveis traços de ameaças sombrias; os barbudos *cashillos* afeitos ao exterminio em correrias de duzentos anos sobre os destroços das missões do Pachitáe; os *conibes* de crâneos deformados e bustos espantadamente listrados de vermelho e azul; os *selebos*, *sipibos* e *gurimanas*; os *mashcos* corpulentos, do Mano, evocando no desconforme da estatura os gigantes fabulados pelos primeiros cartógrafos da Amazonia; e, sobre todos, suplantado-os na fama e no valor, os *campas* aguerridos do Urubamba...

A variedade das cabildas em área tão reduzida trai a pressão estranha que as constrinje. O ajuntamento é forçado.

Ellas estão, evidentemente, nos últimos redutos para onde refugiaram no desfecho de uma campanha secular, que vem do aposiolado das Maynas às expedições modernas e cujos episódios culminantes se perderam para a história.

O narrador destes dias chega no final de um drama, e contempla surpreendido o seu último quadro presentes a cerrar-se.

A civilização, barbaramente armada de riflers fulminantes, assedia completamente ali a barbaria encontroada; os peruanos pelo ocidente e pelo sul; os brasileiros em todo o quadrante de N E; no de S E, trancando o vale do Madre-de-Dios, os bolivianos.

E os caucheiros aparecem como os mais avanta-

jados batedores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naquelas sertões remotíssimas os mais interessantes aborígenes sul-americanos.

Esta missão histórica advém-lhes da fragilidade de uma árvore. O caucheiro é forçadamente um nômade votado ao combate, à destruição e a uma vida errante ou tumultuária, porque a *castiloea elastica* que lhe fornece a borracha apetecida, não permite, como as *heress* brasileiras, uma exploração estável, pelo renovar periodicamente o suco vital que lhe retiram. É excepcionalmente sensível. Desde que a golpeiem, morre, ou definhá duraante largo tempo, inutil. Assim o extrator derruba-a de uma vez para aproveitá-la toda. Atera-a, depois, de metro em metro, desde as sapopembas aos últimos galhos das frondes; e abrindo no chão, ao longo do madeiro derrubado, razas cavidades retangulares correspondentes às secções dos tóres, delas retira, ao fim de uma semana, as «planchas» valiozas, enquanto os restos aderidos à casca, nos rebindos dos côrtes, ou esparsos a esmo pelo solo, constituem, reunidos, o «sernamby» de qualidade inferior.

O processo, como se vê, é rudimentar e rápido. Esgota-se em pouco tempo o cauchal mais exuberante; e como as castiloes não se distribuem regularmente pelas matas, viçando em grupos por vezes bastante separados, os exploradores deslocam-se a outros rumos, reeditando quazi sem variantes todas as peripécias daquella vida aleatoria de caçadores de árvores.

Deste modo o nomadismo impõe-se-lhes. É-lhes condição inviolável de exito. Alundam temerariamente no dezerio; insulam-se em sucessivos sítios e não revêm nunca os caminhos percorridos. Condenados ao desconhecido, alejoam-se às paragens invias e inteiramente novas. Alcançam-nas: abandonam-nas. Proseguem e não se restribuem nas posições ás vezes ardusamente conquistadas.

Atinjindo qualquer trecho onde os pés de caucho se descubram, levantam à beira de uma quebra o primeiro «lambô» de paxiuba, e atiram-se à tarefa ajitadíssima. Os seus primeiros instrumentos de trabalho são a carabina Winchester — o xille curto adrede dispuesto aos reenfros no trançado das ramarrias — o «machete» cortante que lhes destrama os cipoaes, e a bussela portátil, norfeando-se no embarrado das veredas. Tomam-nos e lançam-se a uma revista cautelosa das cercanias. Não em busca do selvagem que devem combater e exterminar ou escravizar, para que do mesmo lance tenham toda a segurança no novo posto de trabalhos e braços que lhos impulsionem.

São bem poucos ás vezes os que se abalanciam a esta preliminar obrigatoria e temeraria: meia duzia de homens, dispersando-se e mergulhando silenciosamente na espessura. E lá se vão, perquirindo o sondando todos os recessos; latendo palmo a palmo todos os recantos suspeitos; anotando de cór, num exaustivo levantamento topográfico, de memória, os mais variados acidentes; no mesmo passo que com os olhos e ouvidos armados aos mais fujitivos aspectos e aos mai vagos rumores dos ares murmurantes da floresta, vão premunindo-se dos resguardos e ar-

dilezas que se exigem naquelle assombrozo duelo sevilhano com o dezerto.

Alguns não tornam mais. Outros, volvem indenes aos pouzes, depois da perquirição inutil. Algun, porém, ao cabo da pesquiza fatigante, lobriga ao longo, meio indistinto nas folhajens, as primeiras cabanas de selvagem.

Mal refreia um grito de triunfo, e não volve logo a comunicar aos companheiros o achado.

Refina a sua astucia extraordinaria. Coze-se com o chão, e, de rastros, «flareando el peligro», aproxima-se quanto pôde do inimigo descuidado.

Ha, realmente, neste lance, um traço comovente de heroismo. O homem perdido na solidão absoluta vai procurar o barbáro, levando a escolta unica das dezoito balas de seu rifle carregado.

É um rastejamento longo, tortuoso e lento, em que elle aproveifa todos os acidentes eneobrindo-se por detraz dos troncos ou entaliscando-se nos angulos das sapopembas, deslizando sem ruído sobre as camadas das ramas decompostas, ou insinuando-se entre as hastas unidas das heliconias de largas folhas profedoras, até que possa, no termo da investida surda e angustiosa, contemplar e ouvir de perto, quazi á orla do terreiro claro, os adversarios inexpertos, e incientes do civilizado sinistro que os espia e os conta e lhes observa as manejras e lhes avalia os recursos — e volta depois do exame minucioso, levando aos companheiros, que o aguardam, todos os informes necessarios á «conquista».

Conquista é o termo predileto, uzado por uma especie de reminiscencia atavica das antiquissimas algaras dos conduticos de Pizarro. Mas não a ef-

tuam pelas armas sem exgotarem os efeitos da diplomacia rudimentar dos presentes mais apetecidos do selvajem. A um ouvimos certa vez o processo seguido: «Se les atrae al tambo por medio de regalos: ropa, rifles, machetes, etc.; y sen hacerlos trabajar, se les deja que vayan a talderio a decir a sus compañeros el como son tratados por los cañeríos, que no los obligan a trabajar, sino que les aconsejan que trabajen um poco y a voluntad, para pagar aquillo que les dieron...»

Estes meios pacíficos, porém, são em geral faliíveis. A regra é a caçada impiedosa, à bala. É o laço heróico da empreza: um grupo inapreciável arrojando-se à montaria de uma multidão.

Não se lhe pormenorizam os episódios.

Subordina-se a uma tática invariável: a maxima rapidez do tiro e a maxima temeridade. São garantias certas do triunfo. É incalculável o numero de minusculas batalhas travadas naquelles sertões onde reduzidos grupos bem armados suplantam tribus inteiras, sacrificadas a um tempo pelas suas armas grosseiras e pela afoiteza no arremetearem com as descargas rolantes das carabinas.

Citemos um exemplo unico. Quando Carlos Fitz-Carral chegou em 1892 às cabeceiras do Madre-de-Dios, vindo do Ucayale pelo varadouro aberto no istmo que lhe conserva o nome, procurou captar do melhor modo os masheos indomaveis que as senhoravam. Trazia entre os piros que conquistara um interprete inteligente e leal. Consegiu sem dificuldades ver e conversar o «curaça» selvajem.

A conferencia foi rápida e curiosíssima.

O notável explorador, depois de apresentar ao

«infiel» os recursos que trazia e o seu pequeno exército, onde se misturavam as fisionomias dispares das tribus que subjugara, tentou demonstrar-lhe as vantagens da aliança que lhe oferecia contrapostas aos inconvenientes de uma luta desastroza. Por unica resposta o mashco perguntou-lhe pelas flexas que trazia. E Fitz-Carral entregou-lhe, surrindo, uma cápsula de Winchester.

O selvagem examinou-a, longo tempo, absorto ante a pequenez do projétil. Procurou, debalde, ferir-se, roçando rijamente a bala contra o peito. Não o conseguindo, tomou uma de suas flexas; cravou-a de golpe, no outro braço, varando-o. Sorriu, por sua vez, indiferente à dor, contemplando com orgulho o seu proprio sangue que esguichava.. e sem dizer palavra deitou as costas ao sertanista surpreendido, voltando para o seu «toldorio» com a ilusão de uma superioridade que a breve trecho seria inteiramente desfeita. De facto, meia hora depois, círculo de cem mashcos, incluivé o chefe recalcitrante e injenuo, jaziam fruicidas sobre a marjém, cujo nome, *Playa-mashcus*, ainda hoje relembrá este sanguinolento episódio...

Assim vai desbravando-se a região bravia. Varejadas as redondezas, mortos ou escravizados num raio de poucas leguas os aborijenes, os caucheiros ajitam-se febrilmente na azáfama estonteadora. Em alguns meses ao lado do primitivo «lumbo» multiplicam-se outros; a «casticha» solitaria transmuda-se em amplo «barracone» ou «semivarcadero» ruídozo; e adensam-se por vezes as vivendas em «caserios», a exemplo de Cocâma e Curanja, à marjém do Purús, a espalharem, repentinamente, no deserto, a mi-

rajem de um progresso que surge, se desenvolve e acaba num decepço. Os caucheiros ali estacionam até que cai a última pé de caucho. Chegam, desistem, vão-se embora. Nada pedem, em geral, à terra, à parte exigues plantações de yucas e bananas, a que se dedicam os índios domesticados. A única agricultura regular, embora diminuta, que se observa no Alto Purús, para lá das últimas barracas dos nossos seringueiros, é a do algodão, dos *campas* aldeados, que até nisto delatam a independência nativa: colhendo, cardando, fiando, tecendo e pintando as «cushmas» de que se revestem, e decem-lhes dos hombros até aos pés, com o feitio de longas togas grosseiras. Assim, entre os estranhos civilizados que ali chegam de arrancada para ferir e matar o homem e a árvore, estacionando apenas o tempo necessário a que ambos se extingam, seguindo a outros rumes onde renovam as mesmas tropelias, passando como uma vaga devastadora e deixando ainda mais selvajem a própria selvaíria — aquelles barbares singulares patenteiam o único aspelo tranquilo das culturas. O contraste é empolgante. Segundo do povoado campa de Tingoleales para o sítio peruano de Shamboyaco, perto da fez do rio Manoel Urbano, o viajante não passa, como a princípio acredita, dos estádios mais primitivos e os mais elevados da evolução humana. Tem uma surpresa maior. Vai da barbaria franca a uma sorte de civilização caduca em que todos os estigmas daquella resaltam mais incisivos, dentre as próprias conquistas do progresso.

Aborda a estância peruana; e nas primeiras horas encanta-o o quadro de uma existência movimentada e ruídoza. A vivenda principal e as que se lhe

subordinam, arruadas alguma vez à maneira de pequenas vilas, erijem-se sempre num ponto bem escolhido a cavaleiro do rio; e a despeito de se construirem exclusivamente com as folhas e estípites da *paxiuba* — que é a palmeira providencial da Amazônia — são em geral de dous andares e têm na elegância das linhas e nas varandas desafogadas, que as circuitam, uma apariência de todo contraposta ao aspecto tristonho dos chatos barracões dos nesses seringueiros.

No terreiro amplo, acabando na crista da barranca caindo em talude vivo sobre o rio, uma ajitação animadora e alaere; carregadores possantes passando em longas filas sucessivas arcados sob as pranchas de caucho; administradores ativos rompendo das portas do andar terreo e correndo para toda a banda, para os armazens refeitos de conservas ou para as tendas fulgurantes, onde estridulam malhos e bigornas, reparando as «achas» e «machetes».

Em baixo no «embarcadero», coalhado das ubás velozes, onde as tanganas fisigam vivamente os ares, vozeia a algazarra dos praticos e proeiros, e espalham-se nas águas as balsas feitas exclusivamente de caucho, formando-se sobre o «caminho que marcha» a «mercadoria que conduz os condutores». E em todo o correr da ladeira que dali serpeia até em cima, as saias vermelhas e os corpinhos brancos das chelas graciosas de Iquitos, passando e entre cruzando-se, num embandeiramento festivo...

O viajante atravessa os grupos agitados e as surpresas não cessam. Galga a escada que o leva à varanda da frente, para onde dão os principaes repartimentos da vivenda. No alto o caucheiro — um triun-

fador jovial e desempenado sobre os ríjos tacões das suas botas de mateiro — recebe-o ruidosamente, abrindo-lhe de par em par as portas numa hospitalidade espetaculoza e franca. E completa-se o encanto. Extinta a noção do tempo, ou do longo espaço de milhares de kilometros gastos no sulcar os rios solitarios para atingir aquella estancia Jonjinha, o forasteiro insensivelmente se imagina em algum entreposto comercial de qualquer cidade da costa. Nada lhe falta ao engano: o longo balcão de pinho abarreirando a sala principal e cerrando o recinto, onde se aprumam as prateleiras atestadas de mercadorias; os empregados solícitos obedientes às ordens do guarda-livros corretissimo, que o comprimentou ao entrar eolveu logo à sua escriva, acurvado sobre a secretaria inclinada; o copo de cerveja que lhe oferecem, ao envez da «chicha» tradicional; a folhinha artistica a um lado, marcando o dia certo do ano; os jornaes de Manaos e de Lima; e até — o que é inverosimil — a tortura reuintada e culta de um fonografo, gaguejando, emperradamente, naquelle fundo de dezertos, uma ária predileta de tenor famoso...

Mas toda esta exterioridade surpreendente desaparece ante uma observação permitindo ao vizitante vér o que lhe não mostra o seu garbozo hospedeiro. A desiluzão assalta-o então de chofre; e é impressionadora. Aquelle reflexo de vida superior não vai além da escassa nesga de chão, de menos de um hectare, constrita entre a mata ameaçadora

e proxima ao fundo, e a barbaça despenhada ri adiante.

Fóra deste falso cenário, o drama real que se desenrola é quasi inconcebível para o nosso tempo.

Abaixo do caucheteiro opulento, numa escala deplorável, do mestizo loretano, que ali vai em busca da fortuna, ao quichúa deprimido trazido das cordilheiras, há uma série inseliniada de espoliados. Para vê-los tem-se que varar os obscuros recessos da mata sem caminhos e buscal-os nas «hurmas» solitárias, onde assistem completamente sós, acompanhados apenas do rifle inseparável, que lhes garante a existência com os recursos aleatorios das caçadas. Ali mourejam improfusamente longos anos; enfermam, devorados das molestias; e extinguem-se no absoluto abandono. Quatrocentos homens às vezes, que ninguém vê, dispersos por aquellas quebradas, e mal aparecendo de lonje em lonje no castelo de palha do acalantado barão que os escraviza. O «conquistador» não os vijia. Sabe que lhe não falam. Em todo, num raio de seis leguas, que é todo o seu domínio, a rojão, incada de outros «infiéis», é intransponível. O dezero é um feitor perpetuamente vigilante. Guarda-lhe a escravatura numeroza. Os mesmos campos altanados, que elle captou esgrimindo uma perfídia majistral contra a bravura ingenua do barbáro, não o deixam mais, temendo os proprios irmãos bravos, que nunca lhes perdoam a submissão tránsiteria.

Desta sorte o aventureiro feliz que douz anos antes, em Lima ou Arequipa, exercitava o trato mais gentil — sente-se inteiramente livre da pressão e dos infinitos corretivos da vida social, e adquirindo

à conciencia do mando ilimitado, ao mesmo tempo que o invade o sentimento da imponidade para todos os caprichos e delitos, cai, de um salto, numa selvageria originalissima, em que entra sem ter tempo de perder os atributos superiores do meio onde naceu.

Realmente, o caucheiro não é apenas um tipo inedito na historia. É, sobretudo, autonómico e paradoxal. No mais pormenorizado quadro etnografico não ha um lugar para elle. A principio figura-se-nos um caso vulgar de civilizado que se barbariza, num recto espantozo em que se lhe apagam os caracteres superiores nas fórmas primitivas da actividade.

E é um engano. Estes estadios contrapostos elle não os combina creando uma actividade híbrida embora, mas definida e estavel. Junta-os apenas sem os caldear. É um caso de mimetismo psíquico de homem que se finje barbáro para vencer o barbáro. É «caballero» e selvagem, consoante as circunstancias. O dualismo curioso de quem procura manter intactos os melhores ensinamentos moraes ao lado de uma moral fundada especialmente para o deserto — reponha em todos os atos da sua existencia revolta. O mesmo homem que com invejável retitude esforça-se por satisfazer os seus compromissos, que ás vezes sobem a milhares de contos, com os exportadores de Iquitos ou Manaos, não vacila em iludir o «peón» miserável que o serve, em alguns kilos de sernamby ordinario; (1) ou passa por vezes da mais

(1) Por exemplo são vulgares casos deste teor, contados pelos proprios peruanos.

Sai um batelão de Iquitos carregado das mercadorias

refinada galanteria à maxima brutalidade, deixando em meio um sorriso cativante e uma mezura impetuosa, para saltar com um rujido, de «cuchillo» rebrilhante em punho, sobre o cholo desobediente que o confronta.

A selvageria é uma mascara que elle põe e retira à vontade.

Não ha ajustal-a ao molde incomparável dos nossos bandeirantes. Antonio Raposo, por exemplo, tem um destaque admirável entre todos os conquistadores sul-americanos. O seu heroísmo é brutal, massigo, sem frinchas, sem dobras, sem distâncias.

mais apetecidas dos habitantes ribeirinhos. Chega a um tambo do Ucayali, de *infieles* ou de *cholos*. Salta o patrão e trava para logo com o proprietário do sitio este dialogo invariavel :

— *Tienes caucho?*

— *Sí, tengo; pero és del comerciante F... a quien debo por la habilitacion que me dio hace cuatro meses. Segun sé su lancha debe venir a recogerlo dentro de pocos días...*

— *No seas candido, hombre!* contravem o caucheiro, e acrecenta mentindo imperturbavelmente: *F... no puede mandar por el caucho porque su lancha está decompuesta...*

— *No importa,* recalitra o selvagem, *yo cumpliré con esperar las órdenes que me mande.*

E o civilizado, insistente :

— *Y mientras tanto te prejudicas por que F... nunca te pagará mas de 12 soles por arroba, é yo te daré en el acto 16 soles...*

O peão, ávido do lucro inesperado, abala-se; o caucheiro aproveita-se habilmente da vacilação:

— *Vamos á la lancha que te voi a convidar una buena copa...*

Lá se vão. E em pouco, o peão embriagado cede ao caucheiro o melhor da sua fazenda pelos mais diminutos preços.

Avança ininteligentemente, mecanicamente, inflexivelmente, como uma força natural desencadeada. A diagonal de mil e quinhentas leguas que traçou de S. Paulo até ao Pacifico, corriendo toda a America do Sul, por cima de rios, de chapadões, de pantanais, de corixas estagnadas, de dezertos, de cordilheiras, de paramos nevados e de litoraes asperrinos, entre o espanto e as ruinas de cem tribus suplantadas, é um lance apavorante, de epopeia. Mas sente-se bem naquelle ouzadia individual a concentração maravilhosa de todas as ouzadias de uma época.

O bandeirante foi brutal, inexorável, mas lojico. Foi o super-homem do dezero.

O cauchheiro é irritantemente absurdo na sua brutalidade elegante, na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo à gandaia. É o homunculo da civilização.

Mas comprehende-se esta antiloja. O aventureiro ali vai com a preocupação exclusiva de enriquecer e voltar; voltar quanto antes, fujindo aquella terra melancólica e empantanada que parece não ter solidez para aguentar o proprio peso material de uma sociedade. Acompanha-o, em todas as conjunturas da sua atividade nervosa e precipitada, o espetáculo das cidades vastas, onde brilhará um dia transformando em esterlinos o «oro negro» do caucho. Dominado de todo pela nostalgie incenável da parajem nativa, que elle deixou precisamente para a rever apercebido de recursos que lhe facultem maiores somas de felicidades — atira-se ás florestas: enterra e subjuga os selvagens; reziste ao impaludismo e ás fadigas: ajita-se, adeudadamente, durante qua-

tro, cíneo, seis anos; acumula algumas centenas de milhares de solis e desaparece, de repente...

Surje em Paris. Atravessa em pleno esplendor dos teatros ruidozos e dos salões, seis meses de vida delirante, sem que lhe descubram, destoando da correção impecável das vestes e das maneiras, o mais leve resquício do nomadismo profissional. Arruina-se gallardamente; e volta... Reata a faina antiga: novos quatro ou seis anos de trabalhos forçados; nova fortuna prestes adquirida; novo salto sobre o oceano; e quasi sempre novo volver anelito em busca da fortuna perdida, numa oscilação estupenda das avenidas fulgurantes para as florestas solitárias.

A este propózito correm as mais curiosas versões, em que se destacam famosos caucheiros conhecidos simos em Mandios.

Neste viver oscilante elle dá a tudo quanto pratica, na terra que devasta e desama, um caráter provisório — desde a caza que constrói em dez dias para durar cinco anos, às mais afetuozas ligações que ás vezes duram anos e elle destrói num dia. Neste ponto, sobreindo, dezenha-se-lhe a inconstância irrevolizável. Um delles, como lhe perguntassemos, em Curanja, onde despozaria a amahuaca gentilissima que lhe assistia há dez anos com os desvelos de uma espoza exemplar, retrorriui-nos, levemente ironico:

— Me han hecho regalo en Pachitea.

Um «regalo», um presente, um trasfe que elle abandonaria à primeira eventualidade, sem cuidados.

Reportado negociante daquelle vilarejo decadido, que em Lima ou Iquitos seria um belo molde de burguez pacífico e abstêmio, ali, «hambriento de mu-

jeress», apresenta aos amigos e ao forasteiro adventício, o seu harem escandaloso, onde se estremam a interessante Mercédès, de «ojillos de venado», que custou uma batalha contra os coronáuas e a encantadora Facunda de grandes olhos selvagens e cismadores, que lhe custou cem soles. E narra o tráfico criminoso, a rir, absolutamente impune, e sem temores.

Não ha leis. Cada um traz o código penal na riller que sobraça, e exerceita a justiça a seu alvedrio, sem que o chameem a contas. Num dia, de julho de 1905, quando chegava ao ultimo puesto caucheiro do Purús, uma comissão mixta de reconherimento, todos os que a compunham, brasileiros e peruanos, viram um corpo desnudo e atrocmente mutilado, lançado à margem esquerda do rio, num claro entre as frecheiras. Era o cadáver de uma amahuaca. Fôra morta por vingança, explicou-se vagamente depois. E não se tratou mais do incidente — couza de nonada e trivialíssima na parajem revolvida pelas gentes que a atravessam e não pôdam, e passam deixando-a ainda mais triste com os escombros das estâncias abandonadas...

Estas lá estão em todas as voltas do Alto Purús, aparecendo, entristecedoras, sob os varios aspectos que vão das «hurmas» humildes dos peões às vivendas outrora senhoris dos caucheiros.

Pouco acima do Shambayaco, uma, sobre todas, nos impressionou, quando deciamos.

Fôra um posto de primeira ordem. Saltamos para

o examinar; e vingando a custo a barranca mal gradada, descobrindo em cima o velho caminho invadido de vassouras bravas, chegámos ao terreiro onde o matagal inextricável ia peneirando e cobrindo os acervos de vazilhas velhas, farragens repugnantes, restos de ferramentas, e ciscalhos em montes deixados pelos profugos habitantes. A casa principal, defronte, meio estruída, telos abatidos, paredes encombentes e a tombarem despegando-se dos esteios desaprumados, figurava-se sustida apenas pelas lianas que lhe irrompiam de todos os pontos, furando-lhe a cobertura, enleando-se-lhe nas vigas vacilantes, amarrando-lhas, e estirando-se à feição de cabos até às arvores mais proximas, onde se enlaçavam impedindo-lhe o desabamento completo; e as vivendas menores, anexas, cobertas de trepadeiras exuberando floração ridente, apagavam-se, desaparecendo a pouco e pouco na constrição irresistível da mata que reconquistava o seu terreno primitivo.

Mal atentámos, porém, no magnífico lance regenerador, da flora, juncando de corolas e festões garrisos aquella ruinaria deplorável. Não estava inteiramente desabitada a tapera.

Num dos cazebres mais conservados aguardava-nos o ultimo habitante. Piro, amahuaca ou campa, não se lhe distinguia a orijem. Os proprios traços da especie humana, transmudava-lhos a apariencia repulsiva: um tronco desconforme, inchado pelo impaludismo, tornando-lhe a figura toda, em pleno contraste com os braços finos e as pernas esmirradas e tolhicas como as de um feto monstruozo.

Acocorado a um canto, contemplava-nos impas-

sivel. Tinha a um lado todos os seus haveres: um cacho de bananas verdes.

Esta couza indefinivel que por analogia cruel sujeita pelas circumstancias se nos figurou menos um homem que uma bola de caucho ali jogada a esmo, esquecida pelos extratores — respondeu-nos ás perguntas num regougo quazi extinto e numa lingua de todo incompreensivel. Por fim, com enorme esforço levantou um braço; estirou-o, lento, para a frente, como a indicar alguma couza que houvesse seguido para muito lonje, para além de todos aquelles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande pezo:

Amigos.

Compreendia-se: amigos, companheiros, socios dos dias agitados das safras, que tinham partido para aquellas bandas, abandonando-o ali, na solidão absoluta.

Das palavras castelhanas que aprendéra restava-lhe aquella unica; e o desventurado murmurando-a, com um tocante gesto de saudade, fulminava sem o saber — com um sarcasmo punjentissimo — os desmandados aventureiros que aquella hora proseguiam na faina devastadora: abrindo a tiros de carabinas e a golpes de «machetes» novas veredas a seus itinerarios revoltos, e desvendando outras paragens ignoradas, onde deixariam, como ali haviam deixado, no desabamento dos eazebres ou na figura lastimavel do aborijene sacrificado, os unicos frutos de suas lides tumultuarias, de construtores de ruinas...

Judas-Ahsuerus

No sabado da Aleluia os seringueiros do Alto-Purus desferram-se de seus dias tristes. É um desafogo. Ante a concepção rudimentar da vida santiificam-se-lhes, nesse dia, todas as maldades. Acreditam numa sanção liturjica aos maximos deslizes.

Nas alturas, o Homem-Deus, sob o encanto da vinda do filho resurreto e despeado das insidias humanas, sorri, complacentemente; à alegria feroz que arrebenta cá em baixo. E os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes.

Não tiveram missas solenes, nem procissões luxozas, nem lavapés tocantes, nem predicas como-vidas. Toda a semana santa correu-lhes na mesmice torturante daquella existencia imovel, feita de identicos dias de penurias, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e de pezares, que lhes parecem uma interminavel sexta-feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo aféra.

Alguns recordam que nas parajens nativas, durante aquella quadra funebre, se retráem todas as atividades — despovoando-se as ruas, paralizando-se os negócios, ermando-se os caminhos — e que as luzes agonizam nos cirios bruxoleantes, e as vozes se amortecem nas rezas e nos retiros, caindo um grande silencio misterioso sobre as cidades, as vilas e os serrões profundos onde as gentes entristecidas se associam á mágoa prodígioza de Deus. E consideram, absortos, que esses sete dias excepcionaes, passageiros em toda a parte e em toda a parte adrede estabalecidos a maior realce de outros dias mais numerosos, de felicidade — lhes são, ali, a existencia inteira, monotonia, obscura, dolorozissima e anonima, a girar acarbrunhadoramente na via dolorosa inalteravel, sem principio e sem fim, do circulo fechado das «estradas». Então pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham á borda do rio solitario, que no proprio volver das suas aguas é o primeiro a fugir, eternamente, áquelles tristes e desfrequentados rincões.

Mas não se rebelam, ou blasfemam. O seringueiro rude, ao revez do italiano artista, não abusa da bondade de seu deus desmandando-se em convicios. É mais forte; é mais digno. Rezignou-se á desdita. Não murmura. Não reza. As preces anciozas sóbem por vezes ao céu, levando disfarçadamente o travo de um ressentimento contra a divindade; e elle não se queixa. Têm a noção pratica, tanjivel, sem racio-

cinios, sem diluições metafísicas, massiça e inexorável — um grande pezo a esmagar-lhe inteiramente a vida — da fatalidade; e submete-se a ella sem subterfuir na cobardia de um pedido, com os joelhos dobrados. Seria um esforço inutil. Domina-lhe o critério rudimentar uma convicção talvez demaziado objectiva, ou injenua, mas irredutível, a entrar-lhe a todo o instante pelos olhos a dentro, assombrando-o: é um excomungado pela propria distância que o afasta dos homens; e os grandes olhos de Deus não pôdem decer até áquelles brejaes, manchando-se. Não lhe vale a pena penitenciar-se, o que é um meio cauteloso de rebelar-se, reclamando uma promoção na escala indefinida da bem-aventurança. Ha concorrentes mais felizes, mais bem protejidos, mais numerosos, e, o que se lhe figura mais eficaz, mais vistos, nas capelas, nas igrejas, nas catedraes, e nas cidades ricas onde se estadeia o fausto do sofrimento uniformizado de preto, ou fuljindo na irradiação das lágrimas, e galhardeando tristezas...

Ali — é seguir, impassível e mudo, estoicamente, no grande isolamento da sua desventura.

Além disto, só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu áquelles lugares para entregal-o, maniatado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem — e este pecado é o seu proprio castigo, transmutando-lhe a vida numa interminavel penitencia. O que lhe resta a fazer é desvendal-a e arrancal-a da penumbra das matas, mostrando-a, nuamente, na sua fórmula apavorante, á humanidade longinqua...

Ora, para isso, a Igreja dá-lhe um emissário siniestro; Judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, às balbúrdias confessáveis, à turbulência mística dos eleitos e à divinização da vingança.

Mas o mostrengo de palha, trivialíssimo, de todos os lugares e de todos os tempos, não lhe basta à missão complexa e grave. Vem batido de mais pelos séculos em fóra, tão pizado, tão decaído e tão apedrejado que se tornou vulgar na sua infinita mizeria, monopolizando o ódio universal e apequenando-se, mais e mais, diante de tantos que o malquerem.

Faz-se-lhe mistério, ao menos, acentuar-lhe as linhas mais vivas e crueis; e mascarar-lhe no rosto de pano, a laivos de carvão, uma tortura tão trajica, e em tanta maneira próxima da realidade, que o eterno condenado pareça resuscitar ao mesmo tempo que a sua divina vítima, de modo a desafiar uma repulsa mais espontânea e um mais compreensível revide, satisfazendo à saciedade as almas resentidas dos crentes, com a imajem tanto possível perfeita da sua mizeria e das suas agoniás terríveis.

E o seringueiro abalança-se a esse prodígio de estatuaria, auxiliado pelos filhos pequeninos, que deliram, ruidozos, em rizadas, a correrem por toda a banda, em busca das palhas esparsas e da farrajem repulsiva de velhas roupas imprestáveis, encantados com a tarefa funambulesca, que lhes quebra tão de golpe a monotonia tristonha de uma existência invariável e quieta.

O Judas faz-se como se fez sempre: um par de calças

e uma camiza velha, grosseiramente cozidos, cheios de palhiças e mulambos; braços horizontaes, abertos, e pernas em angulo, sem juntas, sem relevos, sem dobras, aprumando-se, espantadamente, empalado, no centro do terreiro. Por cima uma bola desgracioza reprezentando a cabeça. É o manequim vulgar, que surje em toda a parte e satisfaz à maioria das gentes. Não basta ao seringueiro. É-lhe apenas o bloco de onde vai tirar a estatua, que é a sua obra prima, a criação espantoza do seu genio rude longamente trabalhado de revezes, onde outros talvez distingam traços admiraveis de uma ironia subtilissima, mas que é para elle apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa.

E principia, às voltas com a figura disforme: sallienta-lhe e afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as orbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; e aguça-lhe o queixo, numa massagem cuidadoza e lenta; pinta-lhe as sobrancelhas, e abre-lhe com dous riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso; dezenha-lhe a boca, sombreada de um bigode ralo, de guias decaidas aos cantos. Veste-lhe, depois, umas calças e uma camiza de algodão, ainda serviveis; calça-lhe umas botas velhas, cambadas...

Recôa meia duzia de passos. Contempla-a durante alguns minutos. Estuda-a.

Em torno a silharada, silencioza agora, queda-se expectante, assistindo ao desdobrar da concepção, que a maravilha.

Volve ao seu homunculo: retoca-lhe uma palpebra; aviva um rictus expressivo na arqueadura do labio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o;

ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços; repuxa e retifica-lhe as vestes...

Novo recuo, compassado, lento, remirando-o, para apanhar de um lance, numa vista de conjunto, a impressão exata, a sinete de todas aquellas linhas; e renovar a faina com uma pertinacia e uma tortura de artista incontentável. Novos retoques, mais delicados, mais cuidadosos, mais sérios: um tenuissimo esbatido de sombra, um traço quazi imperceptível na boca resfegada, uma torsão insignificante no pESCOÇO engravatado de trapos...

E o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensível, vai-se tornando em homem. Pelo menos a ilusão é empolgante...

Repentinamente o bronco estatuario tem um gesto mais comovedor do que o *parla!* anciozíssimo, de Miguel Angelo; arranca o seu proprio sombreiro; atira-o à cabeça de Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra o vulto do seu proprio pai.

É um dolorozo triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imajem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou áquella terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os impetos da rebeldia recalçando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o junjiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram.

Isto, porém, não lhe satisfaz. A imajem material da sua desdita não deve permanecer inutil num exiguo terreiro de barraca, afogada na espessura impenetravel, que furta o quadro de suas mágoas, perpetuamente anonimas, aos proprios olhos de Deus. O

rio que lhe passa á porta é uma estrada para toda a terra. Que a terra toda contemple o seu infortunio, o seu exaspero cruciante, a sua desvalia, o seu aniquilamento iníquo, exteriorizados, golpeantemente, e propalados por um estranho e mudo pregoeiro...

Em baixo, adrede construída, desde a vespera, vê-se uma jangada de quatro paus bojantes, rijamente travejados. Aguarda o viajante macabro. Condul-o, prestes, para lá, arrastando-o em decida, pelo viez dos barrancos avergoados de enxurros.

A breve trecho a figura demoniaca apruma-se, espeçada, à popa da embarcação lixeira.

Faz-lhe os ultimos reparos: arranja-lhe ainda uma vez as vestes; arruma-lhe á costas um saco cheio de ciscalho e pedras; mete-lhe á cintura alguma inutil pistola enferrujada, sem fechos, ou um caxenren-gue gasto; e fazendo-lhe curiozas recomendações, ou dando-lhe os mais singulares conselhos, impele, ao cabo, a jangada fantastica para o fio da corrente.

E Judas feito Ashverus vai avançando vagarosamente para o meio do rio. Então os vizinhos mais proximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, interveem ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles, aquelle botafora. As balas chofram a superficie liquida, erriçando-a; cravam-se na embarcação, lascando-a; atinjem o tripulante espantozo; trespassam-no. Elle vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros. Indecizo, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até se reaviar so sentido geral da correnteza.

É a figura desgraciosa, trájica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desafiando maldições e rizadas, lá se vai na lugubre viagem sem destino e sem fim, a decer, a decer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercé das correntezas, «de bubula» sobre as grandes aguas.

Não pára mais. À medida que avança, o espartalho errante vai espalhando em roda a dezolação e o terror; as aves, retrançidas de medo, acolhem-se, mudas, ao recesso das frondes; os pezados anfíbios mergulham, cautos, nas profunduras, espavoridos por aquella sombra que ao cair das tardes e ao subir das manhãs se desata estirando-se, lutuozamente, pela superficie do rio; os homens correm às armas e numa fúria recortada de espantos, fazendo o «pelo sinal» e aperrando os gatilhos, alvejam-no desapiedadamente.

Não defronta a mais pobre barraca sem receber uma descarga rolante e um apedrejamento.

As balas esfuziam-lhe em torno; varam-no; as aguas, zimbradas pelas pedras, encrespam-se em círculos ondeantes; a jangada balança; e, acompanhando-lhe os movimentos, ajitam-se-lhe os braços e elle parece agradecer em canhestras mezuras as manifestações rancorozas em que tempestelam tiros, e gritos, sarcasmos punjentes e esconjuros e sobre tudo maldições que revivem, na palavra descansada dos matutos, este éco de um anafema vibrado ha vinte séculos:

— Caminha, desgraçado!

Caminha. Não pára. Afasta-se no volver das aguas. Livra-se dos perseguidores. Desliza, em silêncio,

por um «estirão» retilíneo e longo; conforneia a arqueadura suavíssima de uma praia deserta. De súbito, no vêncer uma volta, outra banitação; mulheres e crianças, que elle surpreende à beira rio, a subirem, desabaladamente, pela barranca acima, desandando em prantos e clamor. E logo depois, do alto, o espingardeamento, as pedradas, os convícios, os remoques.

Dous ou tres minutos de alaridos e tumulto, até que o judeu errante se forre ao alcance máximo da trajetória dos rifles, decendo...

E vai decendo, decendo... Por fim não segue mais isolado. Aliam-se-lhe na estrada dolorosa outros sócios de infelicidade; outros alcijões apavorantes sobre as mesmas jangadas diminutas entregues ao acazo das correntes, surjindo de todos os lados, vários no aspeito e nos gestos: ora muito ríjos, amarrados aos postes que os sustentam, ora em desengonços, desequilibrando-se aos menores balanços, atrapalhadamente, como ebrios; ou fatídicos, braços alçados, ameaçadores, amaldiçoando; outros humilímos, acurvados num acabrunhamento profundo; e por vezes, mais deploraveis, os que se divizam à ponta de uma corda amarrada no extremo do mastro esguio e recurvo, a balouçarem, enforcados...

Passam todos aos pares, ou em filas, decendo, decendo vagarosamente...

Às vezes o rio alarga-se num imenso círculo; remansa-se; a sua corrente force-se e vai em giros muito lentos perlongando as marjens, traçando a espiral amplíssima de um redemoinho imperceptível e traíçoeiro. Os fantasmas vagabundos penetram nestes amplos recintos de águas mortas, re-

balsadas; e estacam por momentos. Ajuntam-se. Rodeiam-se em lentas e silenciozas revistas. Misturam-se. Cruzam então pela primeira vez os olhares inoveis e falsos de seus olhos finjidos; e baralham-se-lhes numa ajitação revoltada os gestos paralizados e as estatuas rijidas. Ha a iluzão de um estupendo tumulto sem ruidos e de um estranho conciliabulo, ajitadissimo, travando-se em segredos, num abafamento de vozes inaudíveis.

Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na ultima spira dos remansos — lá se vão, em filas, um a um, vagarozamente, processionalmente, rio abaixo, decendo...

«Brazileiros»

O Perú tem duas historias fundamentalmente distintas. Uma, a do comum dos livros, teatral e ruidoza, reduz-se ao romance rocambolesco dos macheaes instantaneos dos pronunciamentos. A outra é obscura e fecunda. Desdobra-se no deserto. É mais comovente; é mais grave; é mais ampla. Prolonga, noutros cenários, as tradições gloriozas das lutas da Independencia; e veiu até aos nossos dias tão imparável e sem bairros, apesar de seus aspectos variaveis, que pôde acapitular-se sob o titulo unico, geralmente adotado pelos melhores publicistas daquella Republica: «El problema del Oriente».

A designação é perfeita. Trata-se de assunto rigorosamente positivo a resolver.

Ao Peruano não lho impuzeram massicos argumentos de sociologos ou a intuição feliz de um estadista, senão o proprio empuxo material do meio. Constranjida numa fita de terrenos adustos entre as

cordilheiras e o mar, onde acampa durante tres séculos iludida pelo fausto dos «conquistadores» e dos vice-reis, a nacionalidade, maior herdeira das virtudes e dos vicios por igual notáveis da Espanha cavaleiresca e decaída do século XVII, compreendeu afinal, pelo simples instinto da defesa, a necessidade imperiosa de abandonar a clauzuri isolante que a sequestrava de todo o resto da terra.

E começou a transmontar os Andes...

Fóra longo recortar a sua hejira para o levante, nas investidas sucessivas por cinco penozíssimas estradas desesperadoramente retorcidas no boleado das serras, empinando-se em ladeiras altas de milhares de metros, e unindo os portos do litoral entre Mojjendo e Paita ás parajens apetecidas da «montanha» na extrema orla amazônica expandida do pongo de Manseriche ás «hurmanas» achoantes do Urubamba.

Baste-nos notar que depois de transposta a ultima cordilheira do oriente e atinjida a bacia do Ucayali, poe-se de manifesto aos seus mais incuriosos pioneiros, a par da exuberancia do vale maravilhoso capaz de rejenerar-lhes a nacionalidade exausta, uma anomalia fizica oriunda dos relevos orograficos ali predominantes: a melhor porção do paiz entre os que mais se asfiguram ribeirinhos do Pacífico, tem como unico e verdadeiro mar, capaz de consocial-a pelo intercambio comercial á civilização lonjinqua, o Atlântico, que se lhe prende graças aos tres longos sulcos desempedidos do Purús, do Juruá e do Ucayali.

Nenhum milagre de engenharia ih'os substituirá com vantagem. A linha-férrea de Oroya e as que

se lhe emparelham nas ouzadias do traçado — tornejando escarpas a pique, enfiando em tuneis afo-gados nas nuvens, e correndo em viadutos alcan-dorados nos abismos — não crearão sistemas de co-municações mais práticas e seguras.

As suas condições técnicas excepcionais, indus-trialmente desastrosas, tornam-nas para sempre impropriadas a transportarem, sem fretes excessi-vos, os produtos do oriente, ainda quando a aber-tura do canal de Panamá dispense, mais tarde, a longa travessia contorneante do Cabo Horn.

Assim, a saída para o Atlântico, pelo Amazonas e seus tributários de sudoeste, se tornou a primeira so-lução claríssima do problema. E nas paragens novas, erijidas administrativamente no atual departamento de Loreto, começou para logo um intensivo tra-balho de domínio, que perziste, crescente, em nesses dias.

Abriram-se caminhos demandando a opulenta zona fluvial; planearam-se, a despeito de sucessivos malogros, colônias militares e agrícolas; reatou-se, na revivacencia das missões apostólicas, a tradição admirável dos jesuítas de Mainas; enjebou-se uma vasta regulamentação de terras; construiu-se o porto de Iquitos, e, para aviventiar-se o povoamento, abo-liram-se todos os impostos, ajindo o homem aferra-damente na terra ferucíssima. Ao mesmo tempo as expedições geográficas, iniciadas em 1834 por P. Beltran e W. Smith, em que tanto se ilustraram de-peis F. de Castelnau, Faustino Maldonado, A. Rai-mondi, John Tucker e hoje G. Sliglich, rumaram a todos quadrantes, ininterruptas e partinazes, na tarefa complexa que era uma especie de levanta-mento expedito de uma nova pátria.

Aos caudilhos irrequietos contrapozeram-se os exploradores tranquilos. No litoral revoltado pelas sedições e guerrilhas sistematizava-se a incapacidade crônica dos governos revolucionários, e, derrancados os melhores estímulos da recente campanha pela liberdade, os bravos salteadores do poder desmandavam-se num militarismo perniciozo que ali, como em toda parte, era a fraqueza irritável da nação enferma. Nos desertos floridos da «montaña» — ao arrepio ou à feição dos rios ignorados, remoinhando nos giros esfonteantes das «muyunas», canoas despedidas, de frecha, nas «correntadas» celeres dos pongos, ou embatendo nas travancas abruptas das cachoeiras — os geógrafos, os prefeitos e os missionários demarcavam novos cenários à pátria rejenerada e, apurando em tirocinio de perigos os mais nobres atributos da sua raça, reconstruiam o caráter nacional que se abatera, e davam áquelles rumos, secamente definidos por traçados geométricos, um prolongamento inesperado na história.

Porque o problema do Oriente, afinal, incluía nas suas numerosas incógnitas os destinos do Perú inteiro. (1)

Reconheciam-no os propios caudilhos esmaniados. Não raro no estavanado e vacilante de seus atos, entre douz fuzilamentos ou entre douz combates, acertavam de considerar por momentos as paragens insistentemente aneladas, e muitos delles, de golpe,

(1) Es evidente que, en el fondo de este asunto hay una necesidad imperiosa de la república... los destinos del Perú no pueden ser cumplidos sin el dominio de esa zona. Dr. Y. Capelo, *Exposición histórica de la Vía Central*, 1898.

transfiguravam-se patenteando lucidos descortinos de estadistas.

A este proposito poderiam citar-se numerosos cauzos delatadores da politica bifronte, do mesmo passo reconstituinte e demolidora, que com o rigorismo de um decalque retrata na ordem moral do Perú o contraste fizico entre o ocidente obscurecido, onde as enerjias se quebrantam malignadas pela histeria emocional epidemica dos pronunciamentos — e o levante resplandecente, onde alvorecem as esperanças renacidas.

• • •

Aponte-se um exemplo.

Em 1841 a Republica estava a piqüe das maiores catastrofes. Imperava D. Agustín Gamarra. Aquelle zambo cezareano refletia nos atos tumultuosos os desequilibrios de seu temperamento instavel, de mestiço, ferrotoado dos temores e das impaciencias de um prestijio improvisado, à ventura, nos sobresaltos das guerrilhas.

O seu governo — governo de quem inaugurou no Perú o rejimen das deposições apeando o virtuoso La Mar — foi naturalmente ajitadissimo. O restaurador imposto pelas armas dos Chilenos, de Bulnes, sobre os destroços da efemera confederação perú-boliviana, assediado pelas ambições contrariadas, pelas exigencias dos conduticos incontentaveis e pelas ameaças dos conspiradores recidivos, ton-teava na vertijem daquelle eminencia, onde chegara desprendendo-se da parceria dos cholos e pizoando

todos os melindres aristocráticos da terra que sobre todas herdara a sobranceria tradicional da Espanha. Nas conjunturas prementes dependeu-lhe, por vezes, a fortuna, até do gesto de uma mulher — a sua propria espoza, amazona gentilmente heroica, que não raro travando de uma espada e precipitando-se, á espala feita, a cavalo, pelo campo das manobras ou no mais acezo dos combates, ia eletrizar com a presença encantadora os coroneis embevecidos e os rejimentos vaillantes...

Assim não se poderiam exijir à vida em tanta maneira perturbada e romântica, daquelle presidente, ponderozas medidas administrativas. Acompanhamol-a apenas com o interesse artístico de quem segue a urdidura de imajinoza novela sulcada de episódios alarmantes, ou dramáticos, até desfechar no sacrifício, inutil e gloriozo, do protagonista, sucumbindo sob uma carga furiosa dos lanceiros bolivienses nas esplanadas de Viacho...

Mas no volver de uma das pajinas salteia-nos esta surpresa :

«El ciudadano Agustín Gamarra —
Gran mariscal restaurador del Perú, be-
nemerito á la patria in grado heroico y
eminente, etc.

• Considerando que para promover la návigation por vapor en el río de Amazonas y sus confluentes es necesario proporcionar facilidades y ventagens que indemneen á los empresarios...

Decreto : 1.º Se concede al ciudadano brasítero D. António Marcelino Pereira Ribeiro el privilegio exclusivo de navegar por buques de vapor en el río Amazonas, en la parte que corresponde al Perú e todos sus afluentes.

... 3.^a Los buques de vapor llevaron el pabellón brasileño...

Dada en la casa de Gobierno de Lima à 6 de Julio de 1811.* (1)

Este decreto, extratado nos trechos principaes, inculca ao mesmo tempo o caudilho, no recacho prezuntueozo que lhe emprestam aquelles adjetivos e substantivos constranjidos e escoltarem-lhe o nome, e o governante, que primeiro traçou aos seus patrícios a marcha rejuvenadora para o oriente. Mas não o reproduzimos apenas para realce dos aspectos contrariantes da historia peruana; senão tambem para destacar aquella figura de brasileiro, que seria inexpressiva se não constituisse o primeiro termo de uma serie de compatriotas obscuros, erradios dos nossos fastos e elejendo-se por atos memoraveis entre os melhores servidores da nação vizinha.

De facto, à medida que se rastreia a marcha peruana para o levante, exposta em todos os seus pormenores, mindeada em regulamentos, em decretos, em circulares e em ofícios — porque é a suprema preocupação politica, militar e administrativa do Peru — observa-se nas referencias obrigatorias e incizivas ao elemento brasileiro, o intercurso de uma outra avançada obscura, mas vigorosa, e contrapondo-se-lhe numa expansão tão energica, para o oeste, que com os seus efeitos a despontarem de longe em lonje, precisamente nos periodos mais decisivos da primeira, se restauraria todo um capítulo da nossa historia, que se perdeu ou se fracionou despercebido à

(1) *El Peruano*, tomo 8.^o, n.^o 9.

vizão embotada dos cronistas, para resurjir agora, esparso em fragmentos surpreendentes, nas entrelinhas da historia de outro povo.

É o que demonstram outros cazon, entre nós ineditos. Apontemol-os de relance.

* * *

No periodo abranjido pelos governos do austero Marechal Castilla, as explorações proseguiram. Castelnau deceu das cabeceiras do Urubamba ás ribas do Amazonas; Maldonado imortalizou-se descobrindo, numa excursão temeraria, a nova estrada para o Atlântico ajustada ao sulco desmedido do Madre-de-Dios; e Raimondi desvendou os tezouros da mezopotamia de 16.0000 leguas quadradas de terras exuberantes, interferidas pelos cursos do Huallaga e do Ucayali. Por fim Montferrir calculou, rigorosamente, as riquezas da Chanaan vastissima: 50.000.000 de hectares, valendo o minimo de meio bilião de pesos.

A aritmetica tornava-se quasi lírica nesta dilatação de numeros maravilhosos.

As medidas governamentaes do grande Marechal tiveram para logo o alento dos mais enerjicos estímulos patrióticos, a par do aneio da fortuna dos mais desassombrados aventureiros.

Os Peruanos, iludidos durante largo tempo no litoral estéril, viam pela primeira vez o novo mundo. E a conquista da terra, numa de suas fases mais agudas, desenrolou-se em toda a plenitude.

Então, contravindo a tantas esperanças sob o amparo das mais lucidas rezoluções governativas

— leis, regulamentos e decretos enfeixando-se num volumoso compêndio de administração fecunda e militante — principiou uma fase desalentadora de brilhantes tentativas abortivas.

As colonias planeadas, e para logo erijidas, espe-
lhavam por algum tempo naquelas rincões solitá-
rios a fantasmagoria de um progresso artificial; e
extinguiam-se prestes. Já em 1854 o governador de
Loreto, «pueblo» obscuro cujo nome irradia hoje abran-
jendo aquelles lugares, ao informar do estado de duas
colonizações sucessivas que ali se estabeleceram, cen-
tralizadas em Caballo-Cocha, proximas à fronteira
do Brazil, indicava-as completamente extintas. E iden-
ticos malogros generalizavam-se por toda a banda.

Eram naturaes. As vagas humanas nas parajens
virgens não se aquietam de subito. Carateriza-as nos primeiros estadios a instabilidade inevitável
imposta pela propria força viva aquirida no move-
imento da marcha. Precedendo ao equilibrio das cul-
turas, surje a pesquiza dos frutos ou das riquezas imediatas, como a permitir aos recem vindos, na vida
errante das colheitas, dos garimpos, dos pastorejos ou das caçadas, um reconhecimento imprecindível
do seu novo *habitat*, antes da escolha de uma situa-
ção de descanso.

É a eterna função social do nomadismo, que mes-
mo no Peru já se manifestara na azafama devasta-
dora dos «cascaríleros», desvendando as parajens igno-
tas que vão dos cerros de Carabaya às vertentes
mais afastadas do Beni.

Este incentivo, porém, ali, estava extinto.

Por aquelle tempo, um tenaz explorador, Marekam,
comissionado pelo Governo inglez, andava nas rejiões

da quinta calysaia; e conseguira transplantar tão prontamente para as Indias aquelle elemento da fortuna Peruana que, já em 1862, mais de quadro milhões de arvores, em Darjeeling, com a produção extraordinaria de 370 toneladas de quinino, iniciavam uma concorrença triunfante no primeiro assalto. Deste modo, as parajens tão anciozamente apetecidas mostravam-se, ante os novos povoadores, desnudas desses recursos que em toda a parte se figuram adrede predispostos a que não se desenfluam as esperanças sempre exageradas dos que emigram.

Não lhes bastariam, certo, as bombonajes para os chapéus de palha oriundos da industria gracioza das mulheres de Moyobamba, ou os cascalhos auríferos das vertentes do Pastaza guardadas pelos huambizas ferocíssimos.

Assim, todos os atos, e magnificos decretos, e lucidos regulamenlos, e generozes concessões de terras, do ultimo Governo de Castilla, desfechariam nos mais lastimaveis insuccessos se, precisamente na derradeira quadra da sua prezidencia, e no mesmo ano (1862) em que a cultura indiana da quina arrebatava daquelles dezertos o seu maior atrativo —um anonimo, um outro imortal humilimo evadido da nossa historia, não aparecesse, eclipsando de golpe os mais imponentes lances administrativos e oferecendo aos Peruanos o reajante energico que os alentaria até aos nossos dias na rota da Amazonia.

Um brasileiro descobriu o cauncho; ou, pelo menos, instituiu ali a industria extrativa correspondente.

No reconstruir este trecho da nossa historia, que versado mais tarde por um histeriador merecerá o

titulo de «Expansão Brasileira na Amazônia», não vamos desacompanhados.

Diz-nos um narrador sincero : {1}

«Antes do ano de 1862, não tinha ainda sido explorada a incalculável riqueza da goma elástica... Depois da entrada de alguns brasileiros para o território do departamento, principalmente do laborioso José Joaquim Ribeiro, começou este rico produto a figurar no catálogo dos que o departamento exporta para o Brasil. A primeira quantidade exportada foi de 2.088 kilogramas, produto dos ensaios daquele brasileiro que muito teria contribuído para o desenvolvimento dessa indústria, se ao inicial-a não encontrasse contrariedades nascidas do cupidísmo de alguns agentes subalternos que contra elle exerceram todos os ardilis...»

Não comentemos o desquerer das autoridades peruanas. Era antigo. Desde 1811 o reportado D. Manoel Ijurra denunciava «los Brazileros mas próximos al Perú que tienen la bárbara costumbre de armar expediciones militares con objecto de hacer correrias sobre los indios Maynas, afropelando muchas veces las autoridades...»; ou apresentava-os como «absolutos monopolizadores del comercio de importación ó exportación.» {2} Cinco anos depois, em ofício alarmante, o Sub-Prefeito de Maynas solicitava providências urgentíssimas «al intuito de que los Brazi-

{1} *Dicionário topográfico do departamento de Loreto*, por J. Wilkens de Matos. Pará, 1874. Pags. 30 e 31.

{2} *Resumen de los viajes á las montañas de Maynas*, por Manoel Ijurra. 1811-1815.

leros moradores de Caballo-Cocha, salgan fuera de esta provincia, se buenamente no quieren, por la fuerza»; e pintava-os lavando-os dos mais denegridos stigmas. Por fim o Governador Geral das Missões (1849) determinou se exijissem passaportes de todos os brasileiros que lá entrassem, gaguejando num castelhano emperrado esta razão curiozissima: «que no se experimentaba provecho alguno en estos negociantes del Brazil; ni menos hay bayonetas con que poder conterlos; hacen lo que quieren metiendo-se por los rios, extraiendo zarza, manteca, salado e otras especies...» (1)

Não prosigamos.

Advinha-se nestas linhas, que poderiam ser prolongadas, a invasão formidável que se alastrava avassaladora para o ocidente, desafiando os odios do estrangeiro; espraiando-se pelo vale do grande rio, por Loreto, Caballo-Cocha, Moremote, Perenate, Iquitos, até Nauta, na embocadura do Ucayali; subindo pelo Ucayali em fóra até além do Pachiteá; e deixando nos mais varios pontos, nos sitios numerosos, nas trilhas coleantes do dezerto, e até nos costumes ainda perzistentes, os traços indeleveis da passagem.

Se a historiassemos contraporíamos ás verrinas oficiais dos sub-prefeitos apavorados, cujos dizeres se pejoravam á medida que progredia aquella surda conquista do solo, os proprios conceitos de Antonio Raimondi. Mas aquelle belo tipo de Joaquim Ri-

(1) *Colección de Leyes, Decretos, etc., referentes al departamento de Loreto.* Tomos 5.^o (paj. 198) e 7.^o (pag. 5).

peiro, que em 1868 o maior naturalista peruano foi encontrar nas marjens do Itaya possuindo as melhores fazendas do departamento, concretiza uma réplica irrefragável. Não o pearam tão pequeninos empeços. Creada a industria extractiva, a exploração da borracha a partir de 1871 erijiu-se preeminentemente entre os demais produtos de Loreto. E as turmas dos extratores, sem nenhum amparo oficial, rompendo espontaneas de toda a parte e arremetentes com as mais desfrequentadas espessuras, ultimaram em pouco tempo a empreza quazi secular tantas vezes vindida de revezes.

Desvendou-se todo o Oriente.

Mas há um reverso no quadro.

A exploração do caucho como a praticam os Peruanos, derribando as árvores, e passando sempre à cata de novas «manchas» de castilheiros ainda não conhecidas, em nomadismo profissional interminável, que os leva à prática de todos os atentados nos recontros inevitáveis com os aborígenes — acarreta a desorganização sistemática da sociedade. O cauchero, eterno caçador de territórios, não tem pega sobre a terra. Nessa atividade primitiva apuram-se-lhe, exclusivos, os atributos da astúcia, da agilidade e da força. Por fim, um barbáro individualismo. Há uma involução lastimável no homem perpetuamente arredio dos povoados, errante de rio em rio, de espessura em espessura, sempre em busca de uma mata virgem onde se oculte ou se homizie como um forajido da civilização.

A sua passagem foi nefasta. Ao cabo de 30 anos de povoamento, as marjens do Ucayali, tão nobilitadas outrora pela abnegação dos missionários de

Sarayaco, patenteiam, hoje, nos seus vilarejos diminutos, uma decadência moral indescritível.

O Coronel Pedro Portillo, atual Prefeito de Loreto, que as vizitou em 1899, denunciou-a, indignado: «Allí no hai leys... El mas fuerte que tiene mas ríos, es el dueño de la justicia». Verberou depois o tráfico escandaloso de escravos. (1) E, aíñados pelo mesmo tom, um semi-número de outros excursionistas, que fôra longo citar, delatam, em narrativas expressivas, o rejimen de tropelias que se normalizou naquellas terras — e se amplia seguindo os rastros do homem que passa pelo deserto com o só efeito de barbarizar a propria barbaria.

Ora, na preciencia dos inconvenientes desta exploração, que, entretanto, determinou o pleno desdobramento de seu domínio no oriente, o Governo peruano nunca renunciou ao seu primitivo propósito de uma colonização intensiva. E para ao mesmo tempo garantir o traçado do melhor caminho para o Amazonas, pelo Ucayali, que vai da estação terminal de Oroya aos tributários principaes do Pa-chiteá, estabeleceu em 1857, à marjem de um delles, o rio Pozuzo, a colónia alemã, que sobre todas lhe monopolizou os cuidados e uma solicitude nunca interrompida.

Realmente, a situação era admirável. À média distancia de Iquitos, proxima aos afluentes nave-

(1) *Colección de Leyes, etc.* Tomo 3.º, paj. 506.

gaveis do Ucayali e num sólo exuberante, o nucleo estabelecido era, militar e administrativamente, o mais firme ponto estratejico daquelle combate com o deserto, justificando-se os esforços e extraordinarias despezas que se fizeram para um rapido desenvolvimento, que as melhores condições naturaes favoreciam.

Mas não lhe vingou o plano. A exemplo do que acontecera em Loreto, os novos povoadores, embora mais perzistentes, andavam-se, estereis. A colonia paralizara-se, tolhida, entre os esplendores da floresta. Reduziu-se a culturas rudimentares que mal lhe satisfaziam o consumo. E o progresso demográfico, quasi insensivel, retratava-se numa prole linfatica, em que o rijo arcabuço prussiano se enjelhava na envergadura esmirrada do quichua. Ao vizital-a, em 1870, o Prefeito de Huánuco, Coronel Vizcarra, quedou atonito e comovido: os colonos apresentaram-se-lhe andrajozes e lamintos, pedindo-lhe pão e vestes para velarem a nudez. O romântico D. Manuel Pinzás, que descreveu a viagem, pinta-nos em longos periodos soluçantes os lances daquelle *"cuadro desgarrador!"*, suspendendo-o em dous ríos pontos de admiração. (1)

Viu-o ainda, passado um lustre, com as mesmas cores sombrias, o Dr. Santiago Tavara, ao decrever a primeira viagem do Almirante Tucker.

Por fim, transcorridos trinta anos, o Coronel P. Portillo na sua rota do Ucayali teve notícias certas

(1) *Diario de la exploracion de los ríos Palenque, Marañón y Pachiteá.* D. M. J. Pinzás. Huánuco, 1870.

do nucleo povoador: era uma Tebaida aterradora. Lá dentro os primitivos colonos e os seus rebentos degenerados, agitavam-se vitimas de um fanatismo irremediavel, na mandria doloreza das penitencias, a rezarem, a desfiarem rozarios e a entoarem umas ladinhas interminaveis numa concorrencia escandalosa com os guaribas da floresta. (1)

Ora o excursionista, que é hoje um dos mais lucidos politicos peruanos, para agravar-se-lhe o desapontamento ante este malogro completo da colonia predileta da sua terra, tivera dias antes, ao passar em Puerto Victoria, na confluencia do Pichis e do Palcazu, formadores do Pachiteá, um espetaculo completamente diverso. De facto, Puerto Victoria surjira e desenvolvera-se, tornando-se a estancia mais animada e opulenta daquella redondeza, sem que o Governo peruano soubesse ao menos do seu aparecimento.

Jámais cojitara em povoar aquele trecho.

A parajem era malsinada. Rodeavam-na os mais bravios entre os selvagens sul-americanos: os *campes* do Pajonal, ao sul, e ao norte os *cashibos* indomaveis, que em 1866 haviam trucidado em *Chonta-Isla*, que lhe demora a juzante, os oficiaes de marinha Tavares e West. O Prefeito Benito Araña, que ali andara naquelle mesmo ano, fóra, em som de guerra, com dous vapores e uma lancha artilhada, em revida aquella afronta sanguinolenta. Saltou em terra; meteu-se pela mata; travou pequeninos recontros em formidaveis tiroteios; volveu num triunfo singula-

(1) Colección de Leyes, etc., t. 3.^o, paj. 531.

rissimo, encalçado de perto pelos selvagens, que o frechavam; embarcou no tumulto da sua gente vitoriosa, e fujindo; canhoneou furiosamente as barrancas;olveu, precipite, aguas abaixo, deixando na *Playa del Castigo* um traço romanesco da sua empreza tormentoza...

E durante tres decenios a rejião sinistra permaneceu no izolamento que lhe creavam as gentes apavoradas...

Até que, provindos do ocidente e veneendo á voga arrancada nas ubás esguias as correntezas fortes do Pachiteá, atravessaram-na de extremo a extremo e fôram abordar na confluencia do Pichis alguns aventureiros destemerosos.

Eram uns caboclos entroncados, de tez morena e baça, e musculatura seca e poderoza. Não eram caucheiros. A palavra remorada não lhes vibrava na fanfarrice ruidosa. Ao envez de um «tambo», improvisaram um tejupar mal arranjado. Não se armaram do *cuchillo*, mixto de punhal e de navalha. Pendiam-lhes á cintura as *fasas de arrasto*, longas como as espadas.

Aperceberam-se sem ruidos para a empreza e penetraram, vagarosamente, na floresta...

Não se conhecem as peripecias da entrada temeraria, que fôram sem duvida excepcionalmente dramaticas. Os *cashibos* têm no proprio nome a lejenda da sua ferocidade. *Cashi*, morcego; *bo*, semelhante. Figuradamente: sugadores de sangue. Ainda nos seus raros momentos de jovialidade aquelles barbaros assustam, quando o rizo lhes descobre os dentes retintos do sumo negro da palmeira chonta; ou estiram-se de bruços, acaroados com o chão, as bôcas

junto à terra, ululando longamente as notas demoradas de uma melopéa selvagem.

Atravessaram, indenes na brutalidade, trezentos anos de catequese; e são ainda a tribo mais bravia do vale do Ucayali.

Mas ao que se figura não pulsearam com vantagem o vigor nos novos pioneiros.

É que o barbáro sanguinário tinha pela frente, enterreirando-o, um adversário mais temeroso, o jagunço.

Os recém-vindos eram brasileiros do norte; e o seu patrão, Pedro C. de Oliveira, mais um modelo de líder obscuro aparecendo em lances de secundas iniciativas entre os acontecimentos de uma história estranha. Para aquilatar-se-lhe a valia, observemos de relance que em Janeiro de 1900 foi nomeado, apesar da sua nacionalidade, governador de toda a zona que o seu barracão centralizava. (1)

O Coronel Portillo, que ali deparou agazalho sincero sem o pregão de rasgados oferecimentos, tão característico da nossa gens obscura, trai em todos os conceitos que emitiu no seu relatório — desde o primeiro dia até despedir-se da «muy estimable familia del señor Olivera», o encanto que lhe causou a estancia animadíssima no centro de suas culturas fartas, e inteligentemente locada com as numerosas vivendas circulantes no alto da barranca, a prumo sobre a marjém esquerda do rio, que se alcançava subindo uma longa escadaria rezistente e tosca.

(1) *Registo oficial del departamento de Loreto*. 1900.
(Paj. 10).

Calivaram-no, sobretudo, os valentes tranquilos que se lhe mostraram modestíssimos em pleno triunfo sobre a barbaria e a terra. Por fim, à sua visão esclarecida não escapou que aquelle forasteiro, sem um decreto e sem uma subvenção, rezolvera o problema colimado pelo governo de seu paiz, fundando no lugar mais conveniente a estação garantidora da «Via central» demandando a Amazonia. Disse-o nuamente: Porto Victoria era o lugar mais apropriado para a guarnição militar e alardega que protegessem a importação e exportação da colonia de Chanchamayo, norle de Pajonal, Tarma e «montañas» do Palcazu, Matro e Pozuzo.

Concluiu: «La caza de Olivera debe ser tomada por el Supremo Gobierno como la más aparente para las oficinas de la capitania, aduana e comandancia militar.»

Foi aceito o alvitre. Um decreto do Presidente Pierola ordenou a demarcação de «Puerlo Victoria» para estabelecer-se a «comissaria» destinada a proteger os colonizadores daquellas terras; e num grande clume da situação vantajaça adquirida revelou o intento de uma posse exclusiva «no consentyendo, ali, en el radio de un kilometro, prôblador alguno. (1)

O Peru conseguiu realmente uma estação fluvial admiravel. E os brasileiros retiraram-se.

Passaram cinco anos.

Em 1905 um touristé pariziense, J. Delebecque, deceu o Pachiteá, em viagem para o Amazonas, e

(1) *La Montaña*, 1892, paj. 26.

não notaria a estância outrora floriente se não o acompanhasssem alguns índios mansos conhecedores dos lugares. (1)

No alto da barranca, que os encharcos selapavam, viam-se apenas alguns tetos abatidos e restos de culturas afogadas num cerrasco bravio.

O porto era uma ruína.

O viajante ali permaneceu por algumas horas afim de secar as suas roupas encharcadas ao calor de uma fogueira feita com as portas desquiciadas e hombreiras vacilantes das vivendas, consoante praticam todos os que por ali passam na travessia de Iquitos; e considerou, melancolicamente, que daquelle jeito «Puerlo Victoria» seria em breve apenas uma recordação.

Depois abateu rio abaixo, a toda a voga, injindo da paragem que se tornara no mais completo abandono...

(1) J. Delebecque, *A travers l'Amérique du Sud*, 1907.

Transacreana

A carta da Amazonia, no trato que demora ao ocidente do Madeira, é o diagrama de seu povoamento inicial. A historia da parajem nova, antes de escrever-se, dezenha-se. Não se lê, vê-se. Rezume-se nos longos e tortuosos riscos do Purús, do Juruá e do Javary.

São linhas naturaes de comunicação a que nem umas se emparelham no favorecer um dilatado domínio. Geometricamente, os seus *thaluses*, rumados no sentido geral de S. O. para N. E., num quasi paralelismo, obliquos aos meridianos, facultam avançamentos simultaneos em latitude e em longitude; sob o aspecto fízico, á parte os entraves artificiales oriundos do abandono em que jazem, estiram-se de todo desimpedidos. Travam-selles os mais privilegiados requizitos. Na grande maioria dos rios amazonicos, e sobretudo no vale do Ucayali, os empecões naturaes acumulam-se ao ponto

de orijinarem estranhos termos geograficos. Nelles não ha citar-se um só. Nem «pongos» vertiginosos, nem despenhadas «burmanas», nem «muyunas» remehantes ou «vueltas del diablo» desesperadores...

Dai esta expressiva consequencia historica; enquanto no Tocantins, no Tapajoz, no Madeira e no Rio Negro, o povoamento, iniciado desde os tempos coloniaes, se entorpeceu ou retrogradou, retraiandose na ruinaria dos vilarejos a cafre com as barraças solapadas; ali, ajustando-se-lhes às marjens, progrediu tão de improviso que determinou, em menos de cincocentos anos, uma dilatação de fronteiras.

Era inevitável. O foresteiro, ao penetrar o Purús ou o Juruá, não sacria de excepcionaes recursos à empreza. Uma canoa manejada e um varejão, ou um reino, aparelhavam-no às mais espantozas viajens. O rio carregava-o; guiava-o; alimentando-o; protegendo-o. Restava-lhe o só esforço de colher à ourela das matas marjinaes as especiarias valiozas; atestar com elhas os seus barcos primitivos e volver águas abaixo — dermando em cima da fortuna adquirida sem trabalho. A terra farta, mercê dumha armazém milenaria de riquezas, excluia a cultura. Abriasse-lhe em avenidas fluviaes maravilhozas. Inspôz-lhe a tarefa exclusiva das colheitas. Por fim tornou-lhe lejico o nomadismo.

O nome de «montaria», da sua ulha aljeirada é extremamente expressivo. Ela o ajustou áquellas solidões de nível, como o cavalo adaptou o Tartaro aos stepes. Esta diferença apenas: ao passo que o Kalmuk tem nos infinitos pontos do horizonte infinitos rumos atraiendo-o ao nomadismo irradiante

á roda da sua *Yurte*, que ao mudar-se se afigura imóvel no círculo indefinido das planuras — o jacumãbá amazonense, subordinado a roteiros lineares, adscrito a direções imutáveis, ficou largo tempo constranjoado entre as barrancas dos rios. Mal poderia libertar-se em desvios de poucas leguas pelas sulcos laterais dos tributários. Ao envez do que se acredita, aquelas rédes hidrográficas, entretecidas de malhas tão contínuas, não misturam as águas das caudais diversas em largas anastomoses, insinuando-se pelas imperceptíveis linhas de vertentes abatidas nas planícies encharcadas. O paranamirim volve sempre ao leito principal de onde se esgalhou; e o igarapé acaba no lago que elle alimentou nas cheias para que o alimente nas vazantes, correndo em sentidos opostos consoante às estações; ou extingue-se, ampliando-se nos plainos empanhanados escondidos pela florula anfíbia dos igapós inextricaveis de lianas. Entre um curso d'água e outro, a faixa da floresta substitue a montanha que não existe. É um isolador. Separa. E subdividiu, de facto, em longos caminhos isolados, as massas povoadoras que demandavam aquella zona.

Viu-se então, de par com primitivas condições tão favoráveis, este reverso: o homem, em vez de tinhorear a terra, escravizava-se ao rio. O povoamento não se expandia: estirava-se. Progredia em longas filas, ou volvia sobre si mesmo sem deixar os sulcos em que se encaixa — tendendo a imobilizar-se na apariencia de um progresso ilusorio, de rebuscos e avançadas, do aventureiro que parte, penetra fundo a terra, explora-a e volta pelas mesmas trilhas — ou renova, monotonamente, os mesmos iti-

nerarios da sua inambulaçāo invariavel. Ao cabo, a breve, mas ajitadissima historia das parajens novas, á parte lijeiras variantes, ia imprimindo-se toda, secamente, naquellas extensas linhas desatadas para S. O.: trez ou quatro riscos, trez ou quatro dezenhos de rios, coleando, indefinidos, num dezero...

Orā, este aspecto social desalentador, criado sobretudo pelas condições, em começo tão favoraveis, dos rios, corrije-se pela ligação transversa de seus grandes vales.

A idéa não é orijinal, nem nova. Ha muito tempo, com intuição admiravel, os rudes povoadores daquelles lonjinquos recantos, realizaram-na com a abertura dos primeiros «varadouros».

O varadouro — legado da atividade heroica dos paulistas compartido hoje pelo amazonense, pelo boliviano e pelo peruano — é a vereda atalhadora que vai por terra de uma vertente fluvial á outra.

A principio tortuoso e breve, apagando-se no afogado da espessura, elle reflete a propria marcha indecisa da sociedade nacente e titubeante, que abandonou o regaço dos rios para caminhar por si. E foi crecendo com ella. Hoje nas suas trilhas estreifíssimas, de um metro de largura, tiradas a facão, estirando-se por toda a parte, entretecendo-se em voltas inumeraveis, ou encruzilhadas, e ligando os afimentes esgalhados de todas as cabeceiras, do Acre para o Purús, deste para o Juruá e daf para o Ucayali, vai traçando-se a historia contemporanea do novo territorio, de um modo de todo contraposto á primitiva

submissão ao fatalismo imponente das grandes linhas naturaes de comunicação.

Nos seus lorcicólos, impostos pelas linhas mais altas das pequenas vertentes deprimitidas, sente-se um estranho movimento irrequieto, de revolta. Trilhando-os o homem é, de facto, um insubmissso. Insurge-se contra a natureza carinhoza e traícoleira, que o enriquecia e matava. Repele-lhe tanto os ampareis antigos que realiza na maior das mezopotâncias a anomalia de navegar em seco; ou esta transfiguração: carrega de um rio para o outro o barco que o carregava outrora. Por fim, numa afirmativa crescente da vontade, vai estirando de rio em rio, retramada com os infinitos fios dos igarapés, a rede aprisionadora, de malhas cada vez menores e mais numerosas, que lhe entregará em breve a terra dominada.

E do Acre para o Yaco, para o Tahuamano e para o Orton; do Purús para o Madre-de-Dios, para o Ucayali, para o Javary, trilhando aforradamente o territorio em todos os quadrantes, os acreanos, despeados do antigo traço de união do Amazonas longinquo, que os submetia, dispersos, ao litoral afastado, vão em cada uma daquellas veredas atrevidas, firmando um simbolo tanjivel de independencia e de posse.

Tomemos um exemplo de testemunho estranheiro.

Em 1904 o oficial da marinha peruana, Germano Stiglich, encontrou no Javary varios brasileiros, que o surpreenderam com a simples narrativa de uma travessia costumeira, ante a qual se apequenavam as suas mais estiradas rotas de explorador notavel.

Registrara em um de seus relatórios: os sertanistas entram pelo Javary, subindo o Itacoahy até às cabeceiras; varam dali, por terra, a buscarem as vertentes do Ipixuna; alcançam-nas; transmontam-nas; decem o pequeno tributário; chegam ao Juruá; navegam até S. Felipe, onde infletem, penetrando o Tarauacá, o Euvira e o Jurupary até aonde subam as suas canhas ilheiras; deixam-nas; rompem outra vez por terra a encontrarem o Purús nas cercanias de Sobral; decem, embarcados, 760 kims. do grande rio até à foz do Ituxy; e enveredando por este último vão, depois de uma outra varação por terra, atingir o Abunã, que baixam, abordando, afinal, à margem esquerda do Madeira.

A derrota, com a percentagem de 20% sobre as rectas da desmedida linha quebrada que a define, avalia-se em 3.000 kims. ou o debro da estrada tradicional, dos bandeirantes, entre S. Paulo e Guyabá. Os obscuros pioneiros prolongam a estes dias a tradição heroica das «entradas», que constituem o único aspecto original da nossa história.

Aquelle roteiro, entretanto, alonga-se contorcendo-se em voltas sobremaneira extensas. Abreviemo-lo, baseando-nos em alguns dados seguros.

Partindo de Remate dos Males, no Javary, nas cercanias de Tabatinga, o viajante, em qualquer estação, pôde sulcar num dia o Itacoahy até à confluencia do Ituby, percorrendo 140 kims., itinerários. Prosegue por terra em terreno firme, no rumo de S. E. pelo extenso varadouro de 190 kims. que corta as cabeceiras do Jutahy e termina em S. Felipe, à margem do Juruá, empregando apenas cinco dias de marcha. Sobe o Tarauacá, embarcado, até

à foz do Envira; e desta à do Jurupary, proseguindo a buscar as suas mais altas vertentes, num percurso maximo de 350 kims. que vencerá em pouco mais de uma semana. Rompe o breve varadouro que o leva ao Furo do Juruá, e atinje, descendo-o, ao fim de dous dias, o Purús. Daí à foz do Yaco ha 392 kims., que se correm em dous dias, de lancha, realizados os lixeiros reparos de que carece o rio. A sede da Prefeitura do Alto Purús, distante 24 kims., alcança-se em duas horas de navegação; e dali, pelo varadouro do Oriente, longo de 25 leguas, percorrido normalmente em cinco dias, chega-se ao seringal Bagé, à marjém esquerda do Acre. Transpondo este rio e seguindo para leste a cortar os derradeiros tributários do Iquiry e os campos do Gavião, o caminhante vai ao Abunã, a juzante da embocadura do Tipamánú, e daí ao Beni, na confluencia do Madeira, percorrendo cerca de 300 kims. em oito dias, por terra.

Deste modo, em pouco mais de um mez de travessia, vencendo-se 907 kims. por aguas e 660 por terra, pôde-se vir de Tabatinga à Vila Bela, diagonalmente, de um a outro extremo da Amazonia, naquelle itinerario de 250 leguas.

A estes numeros falta, sem duvida, o rigorismo das kilometrajens regulares; mas não variam talvez de um decimo sobre a realidade, à parte os dados demasiado faliveis relativos à navegação do Tarauacá e ao rumo por terra do Jurupary ao Purús.

Excluam-se nestas variante: Partindo do mesmo ponto à marjém do Javary e sulcando o Itecoahy até aos seus derradeiros formadores, o viajante encontra o antigo varadouro do Ipixuna que o conduz ao Juruá e a Cruzeiro do Sul, capital do departa-

mento, em percurso pouco maior do que o anterior por S. Felipe.

Ora, de Cruzeiro do Sul às sedes dos departamentos do Purús e do Acre pôdem remover-se todos os inconvenientes daquella navegação precária, sujeira a fatigante roteiro.

De facto, o extenso segmento rectilíneo, de 605 klm., da linha Cunha Gomes, é a própria linha de ensaio de um varadouro notável ligando as trez sedes administrativas. Dando-se-lhe o desenvolvimento exagerado de 20% sobre a distancia, terá a extensão de 726 klm.; ou sejam, exatamente, 110 leguas, que pôdem ser transpostas em grande parte, a cavalo, em menos de doze dias.

Observe-se, de passagem, que este projeto não se delincha nos riscos arbitrários a que se azevam os exploradores de mapas, ou consoante «o conhecido processo do Tzar Nicolao I riscando com a unha do polegar o traçado da estrada de Petersburgo a Moscow».

Estela-se em reconhecimentos, certo despidos de azimuts, ou cotas esclarecedoras de aneroides, mas praticos e concludentes. O primeiro trecho, normal ao vale do Tarauacá, planeado pelo General Taumaturgo de Azevedo, já se acha em grande parte aberto por um seringueiro de Cocamora — e estende-se em terrenos tão afeiçoados à marcha que, depois de concluído o caminho, ir-se-á do Juruá ao Tarauacá, a cavalo, em quatro dias, conforme afirma o ex-Prefeito em seu penultimo relatório; ao passo que atualmente, para efectuar-se a mesma viagem, «em vapor, que faça poucas escalas e sobre a foz do Tarauacá, consomem-se 15 dias, no minimo».

O segmento intermedio, de Barcelona ou Novo Destino á confluencia do Caeté, no Yaco, por sua vez estudado pela prefeitura do Alto Purús, é de execução facilima, todo desatado sobre breve altiplano livre das inundações. E o ultimo, do Yaco ao Acre, tem ha muito tempo um trânsito permanente.

Deste modo a grande estrada de 726 kims., unindo os três departamentos, e capaz de prolongar-se de um lado até ao Amazonas, pelo Javary, e de outro até ao Madeira, pelo Abunã, está de todo reconhecida, e na maior parte trilhada.

A intervenção urgentissima do Governo Federal impõe-se como dever elementarissimo de aviventar e reunir tantos esforços parcelados.

Deve consisltir porém no estabelecimento de uma via ferrea — a unica estrada de ferro urgente e indispensavel no Territorio do Acre.

Ataliemos uma objecção inicial.

A fisiografia amazonica figura-se sempre obstaculo indispensavel a tais emprezas. Mas os que a ajitam, em argumentos que temos por escuzado reproduzir, não podem, certo, compreender as linhas ferreas da India. De facto, no Industão propriamente dito, o nivelamento superficial, o solo aluviano de areias e argilas acumuladas em espessuras indefinidas, e as características climáticas, patenteiam-se em condições idênticas. Ali, como na Amazonia, os rios destacam-se pela grandeza, volumes excessivos nas cheias, amplitudes das inundações, e volubilidade dos canaes nos leitos divagantes. Os *nullas* incontaveis, serpeantes por toda a banda, dezenham-se na hidrografia caotica dos *igarapés*; e o Purús, o Juruá, o Acre e seus tributarios, não variam tanto de curso e

de rejimen quanto o Ganje e os rios de Punjab, cujas pontes fôram o maior problema que rezolveu a enjenharia ingleza.

Na India, como entre nós, não faltaram profissionaes apavorados ante as dificuldades naturaes—esquectides de que a enjenharia existe precisamente para vencê-las. Ao discutir-se o *memorandum* Kennedy, onde germinou a viação indù, o coronel Grant, do corpo de enjenheiros de Bombaim, pilhereou sizudamente, propondo com a maior serriedade que os trilhos se suspendessem em todo o correr das linhas por meio de series regulares de cadeias, em ríos postes fronteantes, a oito pés acima do solo... E desafiou o *humour* magnifico de seus fleumáticos colegas. Os ríjidos *militarismen* replicaram-lhe tempos depois, esmagadoramente, com a «West Indian Peninsular», e nobilitaram toda a enjenharia de estradas de ferro obedecendo a uma de suas formulas mais civilizadoras, enunciada por Mac-George: «In every country it is necessary that railway should be laid out with references to the distribution of population and to the necessities of people, rather than to the mere physical characteristics of its geography...»

Ora, no caso atual, ainda esses caracteres físicos e geográficos evidenciam-se favoraveis.

A estrada de Cruzeiro do Sul ao Acre não irá como as do sul do nosso paiz, juxtapondo-se à diretriz dos grandes vales, porque tem um destino diverso. Estas ultimas, sobretudo em S. Paulo, são tipos clasicos de linhas de penetração: levam o povoamento ao âmago da terra. Naquelle recântio amazonico esta função, como o vimos, é desempenhada pelos cursos

de agua. À linha plançada resta o destino de distribuir o povoamento, que já existe. É uma auxiliar dos rios. Corta-lhes, por isto, transversa, os vales.

Dai esta consequencia inegavel; adapta-se, naturalmente, mercé da propria direção, às deprimidas áreas divisorias dos afluentes lateraes, e, acompanhando-os, forra-se em grande parte aos empêcchamentos daquella hidrografia embralhada.

Por outro lado, ao sul do paralelo de 8° persiste, certo, o facies predominante da encravada varzea amazônica. Mas atenuado. A inconstância tumultuaria das aguas não se retrata em curvas tão numerosas e volúveis. Os terrenos, expandindo-se em ondulações ligeiras com a altitude média, absoluta, de 200 metros, são, no geral, firmes e a cavalo das encharcamentos. Trilhamos em varios pontos. Está-se, visivelmente, sobre formações mais antigas, definidas e estaveis, que as da imensa planura postquaternaria onde ainda se adivinham as cerradeiras transformações geologicas do Amazonas, no conflito inevitável entre os cursos de agua inconstantes e a varzea inconsistente.

Além disto, os obstaculos naturaes, reduzem-nos, ou amortecem-nos, os traçados que se lhes afeiçoem. A via ferrea em questão deve modelar-se pelas condições tecnicas menos dispendiozas a um primeiro estabelecimento — caracterizando-se, sobretudo, por uma via sinjela, de litora reduzida, de 0=76 ou 0=91, ou no maximo de 1=0, entre trilhos, que lhe permita os maiores declives e as menores curvas, dando-lhe plasticidade para volver-se em busca dos terrenos mais altos e estaveis, que lhe alteiem o «grado» acima

das zonas inundadas em traçados quazi à flor da terra. Deve nacer como naceram as maiores estradas atuaes: trilhos de 18 kilos, no maximo, por metro corrente, capazes de locomotivas de escasso peso aderente de 15 a 20 toneladas; curvas que se arqueiem até aos raios de 50 metros; e declives que se aprimem até 5% submetidos a todos os movimentos do solo.

Não os tem muito melhores a «Central Pacific», da Nevada, com a sua bitola estreita, sem balastro, serpeando com a mesma levidade de trilhos em curvas de 90 metros, e tornejando pendores em rampas inclassificaveis. Ou o Transiberiano, onde locomotivas de 30 toneladas, rebocando $\frac{1}{5}$ de peso aderente sobre trilhos de 10 kilos, andando com a velocidade de 20 klm. por hora, não raro recuavam, desandando, constranjidas se encontravam de frente, repelindo-as, ponteiras, as ventanias rispidas dos stepes...

Sem duvida, de uma tal superstrutura, a que se liga o imperfeito do material rodante, de tração ou transporte, resultará reduzidissima capacidade de tráfego. Mas a linha acreana, a exemplo da «Union Pacific Railway», não vai satisfazer um tráfego, que não existe, senão crear o que deve existir.

Como as norte-americanas, construir-se-á aceleradamente, para reconstruir-se vagarozamente.

É um processo generalizado. (1) Todas as grandes

(1) Exemplo: Recentemente ainda o Dr. H. Schnoor, um mestre, a quem se devem 2.000 klm. de linhas ferreas, ao discutir no Club de Engenharia as condições técnicas da «Madeira-Mamoré», não vacilou em aconselhar: bitola de

estradas, no evitarem os empeços que se lhes an-
tolham, transpondo as depressões e iludindo os
maiores córregos com os mais primitivos recursos que
lhes facultem um rápido estiramento dos trilhos, eri-
jem-se nos primeiros tempos como verdadeiros ca-
minhos de guerra contra o deserto, imperfeitos, sel-
vagens. E como para justificar o asserto, o primeiro
enjenheiro das suas obras rudimentares — que hoje
se fazem como há dois mil anos — de suas estacadas,
de suas pontes e pontilhões de madeira mal lavradas,
superpostas em linhas sobre os *styli fixi* dos tanques
romanos, é Cesar.

Depois evolvem; e crecem, aperfeiçoando os ele-
mentos da sua estrutura complexa, como se fossem
enormes organismos vivos transfigurando-se com a
propria vida e progresso que despertam.

É o que sucederá com a que prefiguramos. Das
primeiras linhas deste artigo ressaltam-lhes os efei-
tos sociais, que serão pormenorizam por demais intui-
tivos, nos múltiplos aspectos que vão do simples
facto concreto da redistribuição do povoamento —
locando-se com segurança os núcleos coloniais ou
agrícolas e denunciando-se legalmente as terras in-
divisias — à gerencia mais pronta, mais desimpedida,

0,60, trilhos de 10 k., tipo Decauville; locomotivas de 20
toneladas, declives de 5 % e curvas de 20 metros de raio;

E diz, textualmente: «Será necessário, a meu ver, ir as-
sentando logo os trilhos de qualquer modo, tocando para
dânte de qualquer forma, fazendo pontes de madeira no
lugar de todo o boeiro, de toda a obra d'arte, para cons-
truir as definitivas depois de assente a linha.» (*Revista do
Club de Engenharia*, VII série, n.º 11, 1905).

mais firme, dos poderes públicos, que hoje ali se triparte, desunida, em sédes administrativas impostas exclusivamente pelas vicissitudes geográficas.

Taes resultados por si sós bastariam a justificar excepcionais dispendios.

Entretanto, estes são opinaveis. Sob a ação imediata do Governo, e entregue desde a exploração definitiva à nossa engenharia militar, tudo induz a crer que as trez principaes secções—do Juruá ao Purús, deste ao Yaco, e do Yaco ao Acre—atacadas no mesmo tempo e favorecidas pelo facil transporte fluvial dos materiaes necessarios, por aquelles rios, se construirão de mancira expedita, e com os recursos das proprias rendas locaes.

Realmente, as suas obras de arte são inapreciaveis e os trabalhos mais serios limitam-se à construção de pontilhões e aterros, e à extensa derrubada, larga de 40 metros, para a mais intensa insolação do leito. (1)

Sobre não carecer de extensos desenvolvimentos para captar alturas, a lâiba não só dispensará tunéis para varal-as, ou viadutos, e até córtes apreciaveis, como ainda as trez grandes pontes que a principio se asfiguram obrigatorias sobre o Tarauacá, o Purús e o Yaco. Cada estação *terminus*, extremando-lhe os segmentos precipitados, servirá ao mesmo passo à navegação fluvial do rio correspondente, e

(1) Esta grande avenida, com o seu maior desenvolvimento, terá uma superficie do $720000\text{m}^2 \times 40\text{m} = 29040,00\text{m}^2$. Admitindo-se o valor exagerado de rs. 050 por m^2 (duplo do que orçou o Dr. Chrockait de Sá para a Madeira-Mamoré) a sua abertura custará apenas rs. 1.452.000\$000.

as baldeações de uma a outra marjera deste far-se-ão nos primeiros tempos sem perturbarem demais o trânsito naturalmente restrito.

Assim se prorrogam dispensíssimos serviços que podem efectuar-se depois, a pouco e pouco, à medida das circunstâncias. A estrada crescerá com o povoamento. E ainda que atinja aquelle enorme desdobramento de 726 Kms., e se reduza a uma via sinjela, com os necessários desvios, comportando apenas a velocidade diminuta de 20 Kms. por hora, será percorrida em 36 horas justas, que poderão subir a 48 adiante-se-lhes as que se empregam na travessia dos rios.

Realizar-se-á em dous dias a viagem de Cruzeiro do Sul ao Acre, que hoje, nas quadras mais propícias, dura mais de um mez.

A conclusão é infrançável. Não nos delonguemos enumerando-lhe os efeitos extraordinários.

Fixemos outra face da questão.

A engenharia de estradas de ferro definida-nos os norte-americanos nesta fórmula concisa e irrefutável: «é a arte de fazer um dólar ganhar o maior juro possível».

Debremo-nos ao preccito barbaramente utilitário.

O valor económico daquelle traçado é incalculável. E evidencia-se sob múltiplas fórmulas; sendo naturalmente mais dignas de apreço as mais remotas, oriundas do progredimento ulterior, inevitável, da região atravessada.

Fôra longo apontar-as. Indiquemos uma única, mais próxima, imediata e impondo-se ao raciocínio mais obtuso.

A safra da borracha nos trez departamentos,

entre a obliqua Cunha Gomes e a faixa neutralizada, durante o penúltimo período comercial de 1905, conforme os documentos mais seguros foi esta:

Rio Jurá	3.382.134	kilogramas
Acre e Purús.	5.256.981	*
Total	8.639.115	*

Variando os preços actuais entre os extremos de 62346 e 38865, deduz-se, em números redondos, a média de 53000 por kilo; e, subsecutivamente, o valor total da produção — Rs. 43.195.590,000; acarretando os réditos geraes (23 %) de 9.934.985,870.

Os numeros são claros e irrefragáveis.

Ora, estes rendimentos tenderão a duplicar, não já em virtude de um desenvolvimento remoto, senão pelo simples facto da abertura do caminho.

A demonstração é de algum modo gráfica, vizivel.

A exploração das seringueiras, toda a gente o sabe, opera-se, de um modo geral, exclusivamente nas longas fitas das massas que debruam as duas margens dos rios. Os «centros», anexos aos barracões de primeira ordem, são raros e de ordinatio pouco afeitados. Ali não ha propriamente superfícies exploradas, ha linhas exploradas. E estas, de acordo com os dados existentes, pôdem ser medidas com razoável aproximação. Alongam-se, no Purús, de Barcelona até Sobral; no Yaco, de Caeté até pouco além do seringal de S. João; de Cruzeiro à foz do Itreu, no Juruá; e no Acre, do porto do mesmo nome até pouca a montante da confluencia do Xapury. Somando-se a estes grandes segmentos os menores, do Tarauacá,

do Envira e Jurupary, chega-se á dimensão total, approximada, de 150 leguas da faixas exploradas, presumindo-se, o que nem sempre se verifica, a continuidade das mesmas. De qualquer modo, aquella extensão é um *maximum*; e é a definição grafica, vizivel, da importancia economica, atual, do Territorio.

Surje, como se vê, dos simples sulcos dos rios.

Ora, a nova linha será desde logo uma nova estrada aberta á entrada dos extratores na colheita pronta de produtos que até hoje não lhes exigiram nenhum esforço de cultura. Antes de ser uma estrada de ferro será, de facto, uma enorme «estrada» de 120 leguas, quasi igual á soma das que se exploraram. E como as *hercas brasiliensis*, ao revez das *cassidas elasiticus* geraderas do caucho, se caracterizam pela distribuição uniforme nas florestas, não é aventureza a proporção que nos dê, de pronto, calcular em numeros rigorosos, o valor imediato da linha planeada — que se construirá, inevitavelmente, no futuro mais ou menos proximo, submetida á diretriz que lhe marcámos.

Porque á importancia que lhe é propria agregam-se os decorrentes do seu traçado articulando-se a outras.

Assim, desde que se ultime a «Madera-Mamoré», sairá a atraírá, irresistivelmente, para o levante, reavivando-se o fenomeno vulgarissimo de uma captura de comunicações. Então ella transporá o Acre indo fortificar o Madeira na confluencia do Abunã, ou em Villa Bela, extinguindo, de golpe, todos os inconvenientes de trez navegações contorneantes e longas. Ao mesmo tempo, no outro extremo, dilatando-

se para oeste, perlongando o Méa e indo transmencionar os cerros abatidos de Contamana, alcançará o Ucayali, deslocando para Santo Antônio do Madeira parte da importância comercial de Iquitos. Então, a transaçâo modestíssima, de caráter quazi local, feita para combater uma disposição hidrográfica, se transmudará em estrada internacional, de extraordinários destinos.

Considerese, a correr, outro lado, nêmes alraenle, deste assunto.

O valor estratégico é supletivo obrigatório dos maiores requisitos que possua qualquer sistema de comunicações em zonas fronteiriças. Mede-se, avalia-se e estuda-se friamente, tecnicamente, sem intuições agressivas, que não seriam apenas condenáveis: seriam francamente ridiculos no nosso tempo e na América.

Assim apresentemol-o em linhas despidas e secas, com a só eloquência das que se gizam no rezolver-se um problema de geometria elementar.

Considerese no mapa os traçados do Purús, do Jurná e do Javary, e os do Madre-de-Dos e do Ucayali. São contrariantes. Os primeiros, nos seus rumos a bem dizer uniformes e por igual intervalados, delineam-se como distenses valos divisorios: subdividem a terra. Os últimos são desmedidos laços de união: abarcam-na. O Ucayali, a partir da confluência do Marañon, alonga-se, contorcido, de oito grãos para o sul; inflete depois para leste, pelo Urubamba; e esgalhando-se no Mishagua e no Serjali

vai quazi anastomosar-se com os ultimos riu padriros orientaes do Madre-de-Dios. Este, a partir da confluencia do Beni, que o leva no Madeira, desata-se em extensissima arquendura curvando sete gries de longitude, para o oriente; inflete, de leve, para o norte⁴ pelo thalweg do Manu; e, repartindo-se no Caspajali e no Shauinio, vai quazi ao encontro das derradeiras verientes occidentaes do Ucayali. De per-
meio una tira de chão, com 5 milhas de largura: o istmo de Fitz-Gerald. Os dous rios abarcam quazi toda a Amazonia numa área de cerca de 1.100.000 kms.⁵ formando a maior peninsula da terra.

A pintura hidrografica é a de desconferme tenaz agarrando um pedaço de continente nas hastas que se encurvam, constriteras, articuladas naquelle istmo.

E figura-se-nos sobremodo desfavorável à defesa e garantia das nossas fronteiras naquelles lados.

Demonstremos-o sem atavios.

Há a principio uma ilusão oposta. Na hipótese de um conflito com os países vizinhos, acredita-se, à primeira vista, na valia incomparavel daquellas trez ou quatro estradas extensissimas. Entrando pelo Purús, pelo Acre, pelo Juruá, ou ainda pelo Davary, podem mobilizar-se simultaneamente quatro corpos expedicionarios em busca de outros tantos pontos longamente afastados numa faixa de operações de 700 kms., distendida de N. E. para S. O.; e aquelles cursos de agua recordam as diretrizes estrategicas das «vias consulares» dos Romanos. Caem de rijo, perpendicularmente, em cima da fronteira...

Anula-os, porém, a circumvalação desmejorada Madre-de-Dios-Ucayali,

Revela-se o simples contraste das posições geométricas.

De facto, ao perpendicularismo de nossos caminhos de acesso arremetentes em cheio com a orla limítrofe, que entalham — contrapõe-se o paralelismo della com as duas enormes caudas que a envolvem, ou ce lhe ajustam.

Daf esse corolario: os pontos obrigados daquellas lindes remotas, que para nós se erijem em objetivos longínquos no termo da navegação dos rios — serão para os adversarios os proprios pontos determinantes de suas linhas de operações. Para garantirmos um numero limitado de posições precisamos de igual numero de unidades combatentes e de outras tantas viajens; elles, com algumas lanchas legeras e de calado exígua, defendem todas as entradas.

No caso de um recontro feliz, a nossa vitoria resumir-se-á na conquista do campo do combate; para elles será o alastramento do triunfo. Vencidos em qualquer daqueles pontos isolados, sem ligações transversais com os restantes, resta-nos o recurso unico do recuo, deixando a entrada franca à invazão; o antagonista, batido e refugiado ao Pachiteá, pelo Ucayali, ou ao Iambarý, pelo Madre-de-Dios, pôde refazer-se em mobilizações verbijinozas.

São deduções seguras. Completa-as outra, preexcente, enfeixando-as: excluída a hipótese de uma ofensiva temeraria, buscando o territorio estranho, as forças expedicionarias, no Juruá, no Purús e no Acre, predestinam-se à imobilidade, depois de chegarem aos seus objetivos remotos: expectantes, sem poderem fiscalizar os estirões de matas que as sepa-

ram; ao passo que o Ucayali e o Madre-de-Dios, de Nauta ao istmo de Fitz-Gerald e deste à embocadura do Beni, são caninhos desempedidos para as rondas permanentes de uma fiscalização generalizada.

Não se comparam sequer recursos tão diversos. Os dous últimos rios são uma estrada militar incomparável — no ligar rapidamente todos os elementos de resistência e no facilitar as mais complexas mobilizações.

Ora a Linha ferrea do Cruzeiro ao Acre balançar-lhe-á o valor.

Dirijida segundo a corda daquella enorme circumvalação, contrapesará a sua influencia, criando-se com os mesmos requisitos.

Não precisamos demonstrar. A imajem geográfica é de si mesma bastante sujestiva.

Além disto, o que se deve ver naquella via-ferrea é, sobretudo, uma grande estrada internacional de aliança civilizadora, e de paz.

II PARTE
ESTUDOS VARIOS

Viação Sul-americana

Em 1907 contrapunham-se 20.814 kims. de vias ferreas, argentinas, e 17.242, brasileiras; e a diferença resultante sujeriu comentários que nos são abertamente desfavoráveis. A nossa subalternidade econômica, ou prática, ao parecer dos que os fazem, assim se expõe sem atavios, ás escancaras, em numeros. É uma cauza que se vê, se numera e se mede numa escala. Não há iludir-se a simples proporção capaz de aleijadorar-se em fórmula apavorante do nosso aíraco, admitindo-se como termos os povoados dos dous países e as linhas que um e outro percorrem para o domínio da terra. Escrevem-na:

$$6.000.000 : 20.000.000 :: 20.814 : x \\ \dots x = 69.269$$

e concluem que para legrarmos a vida intensa daquelle paiz, deveremos possuir cerca de 70.000 kims. de caminhos de ferro. Não há ai boletim rebarbativo, crespo de algarismos, ou insturável revista mercantil em que este monotonio paralelo não se haja inserido a dilatar o criterio massiço dos guarda-livros

filósofos, permitindo-se estabelecer, à ventura, entre duas sociedades, relação tão simples.

Não a discutiremos, delongando-nos. As marchas dos dous povos são denaziazião diversas para se compararem tão de pronto.

Ainda atendo-nos a este seco assunto, ou aperreando-nos naquella expressão numérica, não seria difícil demonstrar que é para os Argentinos uma causa o que é para nós um efeito; o progresso aílal advera-lhes, antes de tudo, de suas estradas de ferro; as nossas estradas de ferro resultam, antes de tudo, do nosso progresso.

Atentos os empeços naturaes, que a deus passos da costa nos repeliem, era-nos impossivel o avançar pelos serrões em fóra, levando a civilização no limpa-trilhos. Para vencermos a terra houvemos que formar até o homem capaz de a combater — crendo-se á imajem della, com as suas rudezas e as suas enerjias revoltas — por maneira a talhar-se no tipo mestizo, e inteiramente novo, do «bandeirante», a figura execional do homem que se fez barbáro para estradar o dezerto, abriido as primeiras trilhas ao progresso. As nossas maiores linhas de penetração — desde a Mogiana seguindo para Goyaz sobre os velhos rastros do Anhanguéra, até à São-carara, ajustando-se aos primeiros lances do longo itinerario de Antonio Rapozo e dos conquistadores de Guayra — têm reconhecimentos que duraram dois séculos; e se os historiassemos, veríamos, que esta materia esmarrida e árida pôde transfigurar-se, relacionando-se aos episódios mais dramáticos do nosso passado, de modo que o seu proprio significado económico só nos resulta bem comprehensivel, hoje, feito

um caso particular, ou corolário, da evolução geral.

Ao passo que na Arjentina o processo se inverteu. A civilização transplanta-lá aquelas terras não ca- recia ter, como aqui, um período de estacionamento obrigatório, para o adaptar-se das raças que se trans- formaram, ou se apuraram, criando-se novos atributos de resistência, uma nova alma, e até um novo orga- nismo para viverem em um novo meio. Mudou de hemisfério, sem mudar de latitudes. Deixou o sôlo nativo, sem deixar o clima. Poderia prolongar as qualidades avitas dentro de uma natureza prote- tora. E ser um desdobramento apenas: a cultura eu- ropeia estirando-se pelo nível dos mares, e prose- guindo, sem tropeçar num cerro, pelo caminhado das pampas. E como a terra se lhe submeteu desde os primeiros passos, sem a repulsa desafiadora dos pináculos arremessados e brutes, entregando-se-lhe quasi toda, humilhada no rebaixamento das pla- nuras, a expansibilidade territorial tornou-se-lhe em tanta maneira preponderante entre quaisquer outros aspectos de sua existência, que se criou em norma preecelente não só de desenvolvimento in- dustrial ou agrícola, como do próprio desenvolvi- mento social ou político.

Leia-se a história da Confederação Arjentina, depois da fase tumultuária da Independência e ressaltará, em nítido relevo, este contraste com a nossa: nós tivemos que formar num longo esforço, até de seleção telúrica, o homem, para vencermos a terra; ella teve que transformar e avivendar a terra, para vencer o homem.

Domingos Sarmiento, ao cerrar as páginas como- vidas da «Civilización y Barbarie» — páginas admi-

raveis de um dos maiores livros sul-americanos, resuentes ao tropejar das cavalariais disparadas dos Quirogas e dos Chachos — prognosticou o declínio inevitável da tirania revolucionária dos caudilhos sem aventar puxados raciocínios, de grave substância, de sociólogo. O desfecho da tremenda crise social de sua terra, desvendava-se-lhe com esta evidência quasi gráfica e singularmente prozaica no fim da selvajem epopéa dos gaúchos: *El ferro corrí llegaron en tiempo para estorbar que venga a reproducirse la lucha del desierto...* E, de feito, a civilização platina alastrou-se logo depois sobre as planícies, com o só estirar-se de seus «ríeles» paralelos, por cima dos rastros das «montoneras». Os ideias de seus maiores estadistas, da escola de Rivadavia, têm, hoje, uma realidade tanjivel, mensurável até em milhas. E rodeada de circunstâncias tão propícias, que lhe permitiram aumentar o património das conquistas moraes com o próprio aumento da riqueza, a unidade nacional, definida pelo ascendente dia a dia maior de Buenos Ayres sobre as províncias, vai-se firmando, não já em teorias ou controverses programas, senão vizivelmente, com os vinculos de aço que irradiam e se reticulam em todos os sentidos, fazendo-nos assistir em cada estação que se inaugura a uma vitória definitiva daquelles «selvages unitarios», que tanto acirravam o animo retrincado de Rozas, e hoje nos aparecem, triunfantes e sem atrevidos desgarras, no aspecto modestíssimo de alguns enjenheiros neugmáticos, quasi todos ingleses.

Este triunfo, onde concorrem os mais favoráveis agentes físicos e o estímulo de imperiozas necessi-

dades políticas, não nos desvira. Aplaudimel-o. As 21 estradas argentinas, transfigurando em vinte anos todo o paiz, da Patagonia ao Grão Chaco, de La Plata aos Andes, são uma gloria de todo o continente. Não importa que nesse alastracenie de *rails*, a influencia da nação aliva se estenda às terras extremenhas das demais repúblicas, e "Ih's atravesse, seborcando-as comercialmente. Numa rede ferro-viaria, que em pouco tempo se tornou a decima do mundo, é natural a quantidade de movimento que a dilata até romper em quatro pontos longamente espaçados a cercadura das fronteiras: com a *Buenos Ayres and Pacific Railway* ligando-se em Mendoza à *Andine Railway*, estendendo-se a Valparaízo, unindo os dous oceanos e desviando o comercio exterior do Chile; com a *Entre-Ríos R.* indo buscar o Uruguay em Concordia, entrinando com a *North Eastern* dirigida à extremadura das Missões ao encontro da *Central Paraguay*, de modo a colocar dentro de pouco tempo Assuncion a 36 horas do mar; e com a *Central Norte*, prolongando a *Buenos Ayres and Rosario*, envesgando pelos acidentes de Jujuy e dirigindo-se para o norte, em busca da Bolivia.

A ultima, sobretudo, é a diretriz mais expressiva dessa expansão maravilhosa.

Consideremol-a, de perto.

Há cerca de dous mezes inaugurou-se, com efeito, a estação de La Quiaca nas extremas da Bolivia, realizando-se a primeira ligação ferro-viaria, ininterrupta, entre dous paizes sul-americanos, e estabelecendo-se dilatado trecho da *Pan American Railway*, sujeita na conferencia de Washington.

A nova linha segue para N. N. O.; atravessa treze grãos de latitude com o desenvolvimento total de 1.941 kims. desse Buenos Ayres até aquela estância remota, e embora torneje e vingue, à crença-lheira, os cerros de Jujuy, talvez não tenha grande valia técnica.

Nella, porém, o essencial está menos nos elementos de traçado do que na sua direção dominante. Considerando-se um mapa, verifica-se que a Arjentina, afita ao empenho de curar-se «del mal de la extension», acaba de efetuar a mais notável de suas operações; e figuram-se de tal parte os seus efeitos, que é escuzado o inquirir se ella entrou na Republica contermina sobre uma via permanente impecável, em inquinada dos vicios de um primeiro estabelecimento verljinozo. Todo o ponto está em que ella chega à Bolívia. Por imperfeita que seja a tração de uma límba, onde ás vezes se chegou escandalosamente ao assentamento de deus kims. de trilhos e dormientes por dia, e embora se lhe dé a velocidade excessiva de 35 kims. por hora, o resultado final é este: vai-se, hoje, de Buenos Ayres ás terras boliviannas em dous dias e noio. Quer dizer: o vasto *hinterland* que, pouco ha, mal se desafogava para o N., em demanda do Pará, através de 4.650 kims. vencidos nas trabalhosas navegações do Beni e do Madeira; (1) para O.,

(1)	De La Paz a Riberalta (Beni) . . .	1.554
	De Riberalta a Vila Bela (Madeira)	83
	De Vila Bela a Santo Antonio (Madeira).	316
	De Santo Antonio á Foz do Madeira	1.034
	Da Foz do Madeira ao Pará	1.504
		<hr/>
		4.651

por um trasego incomodo, de baldeações, em busca do pessimo porto de Molendo; para S. O., roncamente, depois de percorrida a «carretera» de La Paz a Oruro, pelos 924 klm. constritos na bitolinha de 6m.75, da precaria estrada de Antofagasta; para L. e S. E., por Santa Cruz de La Sierra e Puerto Suarez, decendo depois o Paraguai, percorrendo 3.250 klm. de itinerario contorneante, fluvial e terrestre—para o sul aproxima-se, de golpe, do Atlântico, de que o afastam sómente 55 horas de viagem.

Os numeros são claros; a conclusão inflexível: a vida económica da Bolivia cafrá na órbita avassaladora do paiz que lhe facilita semelhante desafogo.

Além disto, ella vai, de ha muito, ao encontro daquella influencia. De facto, um dos grandes efeitos do Tratado de Petropolis foi a revivacencia da Bolivia. A nacionalidade malignada pelo encerro geográfico, e pelas vicissitudes políticas que lh' o engraveceram, afastando-a definitivamente do mar, foi amparada pelo nosso liberalismo, que sobre a desoprimir franqueando-lhe o Paraguai e o Madeira, aparelhou-a de recursos para enfrentar os problemas económicos mais urgentes. A sua política interna entrou para logo numa faze progressista destoante das funestas discordias, que tanto a malsinavam, estimulando os interessiculos dos caudilhos. E como a dominasse desde muito o intento de corrigir por meio de rápidas linhas de transportes os prejuizes oriundos de seu sequestro maditerraneo, o Governo do General Montes contratou um brilhante staff de engenheiros norte-americanos, que perlustraram o paiz de extremo a extremo, elaborando ao cabo supreendente relatorio, onde os quadros das rique-

zas naturaes e o seu futuro desenvolvimento desafiam a maior credibilidade e só se aceitam definidos, como fôram, pelas curvas de rígidos diagramas. Não o analizaremos — forrando-nos aos encantos que levaram ríido correspondente yankee a caracterizar o sizado trabalho, referido de dezenhos e de cálculos, *a poesy of railways...* Ao nosso intento, baste considerar-se que o sentido de maior destaque nos caminhos propostos, revivendo antigo convenio argentino-boliviano, de 1894, segue a prender-se em Tupiza com o prolongamento da *Central Norte*, que neste momento se efetua a partir de La Quiaca sobre terrenos completamente estudados. (1)

De sorte que no contrato celebrado em 1900 com o Banco Nacional de Nova York para a construção de 863 milhas de caminhos de ferro destinados a ultimar-se em 1912, 495 calhem, exclusivamente, aos diversos trechos que se ligam, vizando unir a capital boliviana à Tupiza, assim discriminados.

De Viacha (La Paz) a Oruro . . .	215 klms.	\$4.000.000
Oruro a Potosí	331	*
Potosí a Tupiza	250	*

\$8.000.000
\$5.600.000

Estando em andamento a construção dos 100

(1) Estudos do engenheiro G. Nesci, entre La Quiaca e Tupiza:

1. ^a secção : La Linaca-Mojo	25 ^k ,450
2. ^a , , Mojo-Yuruma	15 ^k ,143
3. ^a , , Yuruma-Chuquiago	29 ^k ,430
4. ^a , , Chuquiago-Tupiza	20 ^k ,400
	100 ^k ,429

klms. entre Tupiza e La Quiaca, vê-se, não mais ideada, ou planeada, senão reconhecida, projetada, orçada, contratada, a grande linha continental solidaria com os sistemas peruano e argentino, que dentro de um quinquénio formará mais de dous terços da *Pan American Railway*.

Lima, La Paz e Buenos Ayres vincular-se-hão por meio de 3.020 klms. de trilhos, percorridos em trez dias.

É uma dedução clara. O capital norte-americano, noviciando na industria ferro-viaria da America do Sul, não se malesteará cedendo ao pezo de uma quantia que não deixará mais de dezoito milhões de dollars, o maximo requerido pelos trabalhos.

Como quer que seja, a viação internacional argentina expande-se naquelle rumo e reaje sobre o continente. Completam-na, noutros, estas empresas notaveis; a *Buenos Ayres and Pacific*, que ao terminar, neste ano, o tunel de La Cumbre, nos Andes, fará em 48 horas a viagem de Valparaíso ao Prata; a *Argentina North-Eastern*, que estirando-se por Montes Caseros até São Thomé, chegará em 1909 a Posadas, nas divizas paraguayas, onde lhe restarão apenas 97 klms. para alcançar, em Pirapó, a *Central Paraguay*, que vem de Assuncion e Vila Rica; e, mais interessante para nós, o ramal que partindo de Perico, proximo de Jujuy, completará a viação da *Central-Norte*, seguindo por Ledesma e Gran a atravessar os chacos de Yacuiba no rumo de Santa Cruz de La Sierra — de modo a subordinar ao trânsito platino toda a Bolivia Oriental até às terras meridionaes de Chuquisaca.

Ora, balanceados estes elementos claros, ade-

de expostos sem exajes de frazes, deve-se convir em que Buenos-Ayres parece restaurar a sua antiga fisionomia histórica de quasi capital hispano-americana. E não maravilha que muito recentemente, D. Ignacio Calderon, Ministro Boliviano, dirigindo-se à Sociedade Geográfica de Washington, arremetesse com todas as rezervas do seu cargo diplomático, e friamente, professoralmente, ajitasse a hipótese da formação do que lhe aprouve chamar — Estados Unidos da América do Sul — ou seja a confederação política do Perú, Bolivia, Chile, Arjentina, Uruguai e Paraguai... (1) O que há dous decenios seria imajinozo rapto de ideólogo a debater-se dentro da miragem do antigo Vice-Reinado, é hoje, numa época em que cada vez menos se estremam interesses económicos e políticos, numa propoziçao pozitiva.

Dizemol-o sem apreensões patrióticas; sobretudo atendendo em que a Arjentina tem um reverso sombrio nesse quadro admiravel.

Poderosas circunstancias, alheias e antepostas ao progresso irrealizável da grande república, influirão para reduzir-lhe o prestígio internacional precisamente na hora em que elle se torna mais dominante.

Coincidindo com o remate do sistema boliviano, completando a viação arjentina em um lance de trezentos milhares, a abertura do istmo de Panamá lhe sobrestará o progresso, reduzindo-lhe o tráfego e despojando-a de toda a importância nas

(1) *The Industria*. Setembro, 1907. Adress delivered by the bolivian Minister. Mr. Ignacio Calderon.

relações exteriores. O alastamento dos portos peruanos à Europa se encurtará até a metade do atual, passando de 12.000 a 6.000 milhas. Callao e Buenos-Aires ficarão à mesma distancia de Southampton e de Hamburgo. Todo o movimento mercantil do Perú se desviará para o norte. Acompanhal-o-á o do Chile, atenhas as vantagens intuitivas de um só transporte marítimo, de 8.100 milhas, em contraste com o tráfego mixto pela Cordilheira e Atlântico Meridional. E os proprios departamentos ocidentaes da Bolívia, ligados ao litoral não já por Antofagasta, mas pela estrada de Arica, ora em construção com auxilio do Chile, preferirão um itinerario incomparavelmente mais expedito, pelo Pacífico.

A Arjentina sofrerá mais que todos os paizes os efeitos da vindoura rota marítima destinada a alterar profundamente o giro dos escambos internacionaes. É uma causa universal; um abalo que é o da propria civilização, expandindo-se no ultimo e maior dos cenarios que se lhe descerram. Não ha genio de estadista que atenue à avantajada nação efeitos tão prejudiciaes nacidos da propria fatalidade geografica. Além disto, outras causas concorrerão no diminuir-lhe um predominio que a propria ordem fizica em começo propiciou ou favoreceu. E estas surjem exatamente deste mal compreendido sistema ferro-viario brasileiro, que por ai se obriga aos paralelos mais garrados do bom senso, e jazeu longos decenios tolhido, esparsa em traçarios indecisos, ou vacilantes, a pulsar o antagonismo da terra — até ganhar em força o que perdeu em velocidade e dispor-se para a conquista definitiva dos planaltos.

Realmente, é de simples intuição que a *E. F. Ma-*

Madeira-Mamoré tornará desde já todo o departamento do Beni tributário do porto do Pará; e mais tarde, construído o caminho de ferro projetado de La Paz a Puerto Pando, metade da Bolivia.

Volvendo ao sul, não seria penoso deduzir que o ramal de Iguassú, da *E. F. S. Paulo-Rio Grande*, desde que se construa e efetue, por meio de um convenio com o Governo paraguayo, o seu prolongamento natural até Vila Rica, erigirá a baía de S. Francisco, quazi no mesmo paralelo de Assuncion, em melhor porto do Paraguay.

Dado, entretanto, que se não verifiquem tais conjecturas — que o *Madeira-Mamoré* mais uma vez se malogue, ou que o porto catarinense ainda a construir-se tão cedo não se apreste áquelle elevado destino — o antagonismo brasileiro, predisposto a contrapezar o imperialismo ferro-viário argentino — extinguindo ao mesmo tempo a influencia tradicional do «bosphoro» de águas doces, do Prata — delinease neste momento numa estrada de ferro, que se não desviará de uma diretriz intocável e será a secção mais dilatada das transcontinentaes sul-americanas.

É a Noroeste do Brasil.

A sua historia sumaria bem os estorvos que sempre encontramos para a entrada nos séculos.

Quando o Club de Engenharia deliberou, em Outubro de 1904, indicar ao Governo, «como problema nacional inadiável», o traçado de um caminho de ferro que partindo de S. Paulo dos Agudos (ou de Bahuru), transpondo o Paraná e o Urubupungá, se diri-

jissee a um ponto do rio Paraguay adequado a encaminhar para o Brazil o comercio do sudeste boliviano e norte paraguayo, permitindo ao mesmo tempo rapidas comunicacões do litoral com o Mato-Grosso, independentes de percurso em territorio estrangeiro — rezumiu dezenas de projetos cerrando um velhissimo debate que se agitara desde 1852 pela voz do deputado Paula Candido, e chegára aos nossos dias refletindo, intacto, o pensamento dos mais remotos governos coloniaes no empenho de destruirem com os sulcos das estradas a impenetrabilidade de um territorio, que com ser tão fisicamente unido se tornaria o principal ajente da desunião de seus povoadores. Mas esta idéa elementar, complicaram-na a tal ponto os diversissimos meios expostos para a sua efetividade, que já em 1876 notavel comissão de cinco de nossos maiores engenheiros, presidida pelo Visconde de Rio Branco, se debateu ás voltas com dezeseis projetos, tão discordes que, mau grado a valia de juizes daquelle porte, o controvertido tema não teve decisivo desfecho e chegou^{ao} ao nosso tempo disparatando em trinta pareceres — obscurecendo-se e complicando-se á medida que se apinhavam centenares de folhetos vizando simplificá-lo e esclarecel-o. É inutil indicar-os. Advirta-se apenas que, á parte as mais singulares fantazias, laivadas de numeros traíçoeiros, que ainda se enjenharam em materia tão grave — e firmando-se em boa hora a preliminar de um ponto de partida invariavel, imposto pela preponderancia geografica, historica e economica de S. Paulo — as mais aceitaveis indicações se ordenaram segundo dous destinos dominantes: a um lado, os que aten-

do-se de algum modo às marchas tradicionais das «bandeiras», davam às linhas planeadas uma feição exclusivamente nacional, predeterminando-lhes os objetivos obrigatorios das capitais de Goyaz e Mato Grosso; ao outro, os que, longe daquelas escalas históricas, ou tornando-as simples pontos forçados de uma rota mais longa, lhes davam um caráter internacional, não só projetando-as até à faixa de 1.080 milhas das nossas fronteiras perlongadas pelo Paraguai, como orientando-as à feição de vindouro entroncamento com os sistemas bolivianos capazes de nos conduzirem ao Pacífico.

Prevalecendo o último juizo, restaram ainda numerosas variantes acerca dos rumos do desmedido percurso. Alinharam-se a uma banda os projetos calcados sobre o avançamento da *Mogyana*, a partir de Araguary, com escalas sucessivas em Goyaz e Cuyabá, indo alcançar a extremadura boliviana, por S. Luiz de Caceres — ou os definidos pelo prolongamento da *Paulista* com o ponto obrigado de Santa Anna do Paraná, deixando Goyaz de lado e indo por Cuyabá em busca do mesmo objetivo; e de outro lado, os que abandonavam, definitivamente, as duas capitais longínquas, e seguiam rumo direto do Paraguai, lançando a *Sorocabana* pelos chapadões meridionais do Mato Grosso.

Reduzida à simplicidade gestas diretrizes — à parte um sem-número de outras, onde discrepam até os pontos de partida em toda a orla costeira do Rio a Paranaguá — a primeira solução do problema inferior-se do raphio confronto daquelles itinerários.

ACEITO o modelo mais geral da *Mogyana*, desenvolvida na distensa arqueadura de Goyaz e Cuyabá

— a distancia total a percorrer-se até à fronteira subia a 3.020 kims. Admitido o mais breve dos traçados planeados com a só escala de Cuyabá, atingia a 2.493 kims. — Considerando, finalmente, a derrota direta do prolongamento da Sorocabana, distendida para Oeste, depois de transpôr o Paraná, seguindo mais ou menos pelo 20º paralelo, pormenorizavam-se estas distâncias:

De Santos a S. Paulo dos Agudos	492
De S. Pedro dos Agudos a Itapura	468
De Itapura a Miranda	671
De Miranda ao Forte Coimbra	172

Total de Santos á Fronteira boliviana: 1893
kims.

Assim se colijia, de pronte, e de um modo geral, a preexelencia do ultimo traçado, desde que o primitivo programa da conquista dos sertões se ampliara com o escopo de um enlace internacional imposto pela pressão dos acontecimentos e devendo executar-se pelo caminho mais curto, no menor prazo possível.

E foi este o resultado atinjido em 1903 — um ano antes da rezolução do Club de Engenharia — pelo engenheiro Emilio Schneor, num trabalho admirável, onde os confrontos mal esboçados nestas linhas se estendem a todos os projetos dignos de nota, contrastando-lhes o valor e os direitos, decotando-lhes os exajeros — até firmar-se a preferencia daquelle traçado em argumentos firmes, estendendo-se das condições tecnicas mais vulgares às economicas ou politicas imanentes ao progresso das zonas per-

corridas, ou estrategicas relativas à garantia vindoura de extenso trato de fronteiras. (1)

O experimentado profissional — um mestre, uma existencia ativa e gloriozamente modesta, que se mede com 2.000 e tantos kims. de estradas de ferro construidas — não se limitou, com efeito, no sujerir aquele avançamento pela *Sorocabana*, ligeiramente alterado no projeto atual, a patentear o valor imediato, deduzido do menor dispêndio de dinheiro e tempo, de uma linha incomparavelmente mais curta que a menor das que se haviam proposto tocando em Goyaz ou Cuyabá. Prefigurou-lhe vantagens de mais alta importancia — e teve a fortuna de as contraprovar logo depois, ao realizar, de Agosto do ano passado a Janeiro deste, o reconhecimento completo dos lugares atravessados; de modo que, segundo em seus lances principaes os apontamentos, cuja leitura nos permitiu, podemos desde já delinir todo o desenvolvimento ulterior da grande estrada.

* * *

A E. F. Noroeste do Brasil parte de uma cidade paulista fundada ha menos de quinze anos, Bahurú (22°, 19' 22", lat. S., 5°, 5' long. O. do Rio), distante 438 kims. da capital de S. Paulo, 517 de Santos e 934 do Rio de Janeiro; e segue logo pelo *divertium aquarum* do Aguapehy e Tieté, até além dos campos

(1) Engenheiro Emílio Schnoor — *Memória do projeto da Estrada de Ferro Mato Grosso e Fronteira da Bolívia*, Rio, 1903.

do Avanhandava, por onde já se alongam hoje, com as estações recém-inauguradas, 202 klm's. em tráfego, em 246 de linha construída. À medida que prossegue, aproxima-se da marjém esquerda do Tieté. Atinjil-a-á no «Canal do Inferno», 96 klm's. além da atual ponta dos trilhos. Dali, passando à marjém direita, sobre uma ponte de 280 metros, acompanhará a histórica vereda fluvial até ao seu último salto, Itapurá (klm. 459); e logo adiante chegará ao rio Paraná (klm. 455) no trecho em que a Ilha Grande de Urubupungá, larga de trez mil metros, o reparte em dous canaes, de 75^{ms} e 540^{ms}, que serão transpostos por duas pontes: uma de um só lance, de 94^m,50; e outra dividida em quatro vãos de 94^m,50, além de uma central, de 126^m,50.

Está-se, então, em Mato Grosso, na borda direita do Paraná (klm. 453,500).

Progredindo no rumo de L. O., o eixo da linha oscila aos lados do 20º paralelo, interferindo os vales do Sucuriú, Verde, Pardo, Inhanduhy e vai alcançar a 462 klm's. do Paraná, em Campo Grande (klm. 915) o centro tradicional do comércio de gado do sul mato-grossense, de onde abalam, intermitentemente, as numerosas manadas de 2 a 3.000 bois, cada uma, pelas desmedidas veredas contorneantes de Sant'Anna do Paranahyba e Uberaba, a abastecerem S. Paulo e Rio, depois de fatigantes derrotas de seis meses.

A estrada atravessará sem nenhuma dificuldade a região admirável dos largos chapadões, a cerca de 600 metros sobre o nível do mar, a expandirem-se pelos quadrantes no ondinar de sucessivas colinas, cobertas de fartas pastagens naturaes recortadas

pelas tiras de floresta à ourela de numerosos cursos de agua perenes. São 150.000 klm.^s de um compasso unico, sem divisas, abarcando em parte os campos da Vacaria onde se sucedem os latifundios das vastas fazendas de gado, sem nenhum titulo de propriedade, além da posse nominal de seus arrojados povoadores. Nesta enorme superficie, além dos campos nativos, de criação, valorizados pelas salinas inexauríveis e gratuitas dos «barreiros», que os tornam superiores aos do Uruguay e da Arjentina, o Dr. Schnoor avaliou uma área de 6 milhões de hectares de terra rôxa igual à do Oeste paulista, de fertilidade consagrada. Atravessando-a a Noroeste, desvendará à colonização estrangeira, numa área em que caberiam cinco Belgicas, um dos mais opulentos recantos do Brazil.

Deixando-a, entra logo na bacia do Paraguay; deriva ao vicez das encostas occidentaes da serra de Maracaiú; e prosegue até à vila de Aquidauana, (klm. 1.066).

Está então à beira da imensa baixada dos «pantanaes».

É um ponto critico de seu traçado.

Os «pantanaes», ou Xarayes, são uma das nossas mais curiozas anomalias fisiograficas. Contemplando-as, salteia-nos a idéa de um mar evanescente, cu restos apaülados daquelle Mediterraneo medio-devenico que Fred. Katzer nos revelou, abrindo nos seus capítulos severos uma pagina de Milton. Os raciocínios do geólogo remaian em prodígio, e, abrindo-nos à fantasia um passado milenario, restauram-nos a imajem retrospectiva da imensa massa de aguas, que se adunavam sobre Mato-Grosso e

Bolivia, estendendo-se para o Norte, ilhando o Brazil inteiro, das ribas de Geyaz para o levante. E com efeito, quando na estação chevoza, de Março a Agosto, se alagam numa extensão de 500 kims. de norte a sul a 350 de este a oeste, aquelas solidões, que se maralham às rispidas lufadas do sudoeste e só se navegam com auxilio da bussola e do sextante como o pleno oceano — é perfeita a revivacencia de todas as linhas apagadas no quadro de uma geografia morta... Mas outros naturalistas, estendendo-se em outros argumentos, dão-lhes genesis diversa. Para Herbert Smith, o mediterraneo paleozoico expandia-se a partir da foz atual do Prata, no maximo até ao centro do Paraguay, onde um estreito, de que é ultimo vestijio o rio atual, o Igava, atravessando o oriente boliviano, aos mares amazonicos. Então os planaltos brasileiros estendiam-se sobre a área precente dos «pantanaes», até às serras de Dourados, Albuquerque e Coimbra; e todo aquelle enorme volume de terras, de 400 kims. de comprimento, outros tantos de largo e quinhentos metros de altura, foi desbastado ulteriormente pelas aguas. O rio Paraguay foi o principal agente desse desastero, arrastando os enxurros de arjilas e areias desagregadas para construir os territorios a juzante. «Assim, deste bloco roubado ao Brazil se formou grande parte das planicies do Grão-Chaco e Pampas Argentinos»; gerando-se os «pantanaes», não em terras cobertas outrora pelo antigo Mediterraneo, mas no espaço vazio da zona onde o planalto se destorrou para aterrar aquelle mesmo mar...

De lado, porém, a fascinante teze, notemos que os «pantanaes», onde nas cheias se perdem ou se con-

fundem as correntes do Jaurú, Paraguai, Taquary, S. Lourenço, Cuyabá, Aquidauana e Miranda, ao mesmo passo que contribuiram para o aplainamento do território platino, tão propício às scas estradas, foram sempre o peor obstáculo para as nossas, que no se projetarem para o Mato Grosso estavam adscritas, como o vimos, aos mais divergentes rumos, dirigindo-se exageradamente, já para o norte, já para o sul, de modo a evitarem a grande depressão continental distendida, segundo a meridiana, do 16º ao 21º paralelo.

A Estrada de Ferro Noroeste, porém, e neste lance está a maior valia técnica de seu traçado, evitou-o em grande parte. De Aquidauana a Miranda (klm. 1.150) o seu «grade» assentará em terrenos estaveis contorneando os contrafortes da serra de Maracajú; e da ultima cidade ao rio Paraguai — isto é, no trecho denunciado por todos os geógrafos como intransponível em uma longura de 160 klm. — o Dr. E. Schnoor, esclarecido por uma lucida observação de F. Castelnau, logrou reduzir as dificuldades, verificando a existencia do massiço calcáreo da serra de Bodoquena, que se orienta a partir de Miranda no sentido das sublevações da mesma estrutura de Corumbá e Albuquerque. De facto, ajustando-se às suas faldas, a linha terá um leito, longo, de 121 klm., todo elle a cavaleiro das maiores inundações, restando-lhe apenas seis leguas de baixada periodicamente inundável para chegar à borda esquerda do Paraguai, na fazenda Esperança (klm. 1.314). Dest'arte se restrinjirá a 36 klm. de aterros, com a altura média de trez metros, a secção mais trabalhoza da travessia para

Maio Grosso. Segue-se-lhe a passagem do Paraguai exijindo uma ponte giratoria e algumas centenas de metros correntes, de viadutos — para alcançar-se, afinal, a margem direita do grande rio e, transcorridos 92.500, a estação *terminus* de Corumbá (klm. 1.403,5).

Apreciadas estas distâncias, que a localização definitiva não alterará sensivelmente, resulta-nos o seguinte quadro :

De Corumbá ao rio Paraná	953
De Corumbá a Baurú	1.403,5
(correspondentes a 57 %, sobre a recta)	
De Corumbá a S. Paulo	1.845
De Corumbá a Santos	1.924
De Corumbá ao Rio de Janeiro	2.311

Isto é, poderá realizar-se em dous dias e meio, com a velocidade de 40 klm. por hora, a viagem do Rio de Janeiro até Corumbá — que se efetua hoje num mez.

Ora, à parte as considerações económicas e estratégicas para logo depreendidas do simples exame destes elementos, e sem deixarmos o objetivo destas notas, observemos desde já que aos 1.403 klm. da Noroeste, se aditarião, gratuitos, ou sem nenhum dispendio apreciável, mais de dous mil de navegação fluvial com a simples passagem dos trilhos sobre a vindoura e majestoza ponte do Urubupungá.

Com efeito (seguindo à letra os apontamentos do Dr. Schnoor) o salto que ali existe é a divisa natural de dous grandes trechos navegáveis do rio Paraná, de 100 klm. a montante delle e 500 a jazante até à cachoeira das Sete Quedas, que com os

cursos praticaveis dos respetivos tributarios, ampliarão consideravelmente naquelle zona a nossa imperfeita navegação inferior.

Além disso, como observa o Dr. Hermillo Alves na sua notável monografia (*Problema da Viação Ferrea para Mato Grosso*) os terrenos compreendidos entre as duas quedas, Urubupungá no Paraná e Itapura no Tieté, distantes uma legua, são a base vindoura do mais importante dos centros industriais da América do Sul; dispondo da enerjia mecanica incalculavel daquellas catadupas, que somando-se à derivada do salto de Avanhandava, e transformando-se em enerjia elétrica, não só satisfará a todos os misteres das industrias como á tração das estradas de ferro que por ali passarem.

Assim se loca, idealmente, mas com previzão segura, naquelles lugares desfrequentados, onde mal se distinguem, hoje, alegadas em cerrascal bravio, as ruinas de malograda colónia militar — uma cidade opulentissima do futuro.

Sobretudo se advertimos que ella será uma das mais concorridas escalas do maior tráfico inter-oceânico deste continente.

Porque o destino inter-continental da Noroeste, é inevitável e extraordinario.

De facto, aos «ferro-carriles» bolivianos, que vimos, de relance, ha pouco, projetando-se para o sul a entroncarem com os argentinos segundo os ramaes de La Quiaca a Ledesma, de modo a submeter-se a Buenos Ayres toda a exportação da Bolívia austral — contrapõem-se, de ha muito, os que se projetam para o levante, vizando unir Cochabamba e Santa Cruz de la Sierra á marjem direita

do Paraguai. Mesmo antes do Tratado de Petrópolis, a só historia da sociedade belga «L'Africaine», concessionaria da construção de um porto na Bahia Negra e de um ferro-carril dali a Santa Cruz, é muito eloquente no debelar o antigo propózito do Governo boliviano de impelir áquelle rumo as transações de suas terras orientais. E é tão constante esse empenho que, não grado os esforços criados das pretensões paraguaias, em um pleito de limites ainda não resolvido, e do fracasso da primitiva companhia, — a estrada de Santa Cruz de La Sierra a Puerto Suárez (lagôa de Cáceres) autorizada pelo Congresso há dous anos e contratada pelo sindicato «Fomento del oriente boliviano», chegou já a iniciar os seus trabalhos, transportando-se muitas toneladas de materiais pelo Prata; sendo de presumir que, passados os primeiros desfalecimentos, ella prosiga, sobretudo considerando-se, como o revelaram os estudos feitos, que no longo percurso não se lhe operão insuperáveis obstáculos «por ser terreno plano y sin mas inconveniente que el paso del Rio Grande», conseante a própria linguagem do Governo da República. (1)

Tudo concorre, destarte, para um entrelacamento; e se, a exemplo dos Argentinos e Chilenos, firmarmos com a Bolívia os convenies indispensáveis a regulamental-o, ter-se-á assegurado à Noroeste do Brasil uma missão internacional que os melhores elementos propiciam.

(1) Memoria que presenta el Ministro del Fomento, etc. al Congresso Ordinario de 1913. La Paz — 1903.

Realmente, articulando-se aos caminhos boliviários que partiam de Corumbá, ou de suas cercanias na faixa ribeirinha até à lagôa Gahyba, ella se destina a ligar a Bolivia e o Chile ao Atlântico, no mesmo passo que seguindo por Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba, transpondo as cabeceiras navegáveis do Guaporé e Chimaré, prosseguindo para Oruro, ponto forçado da *Pan-American Railway*, e para La Paz, de onde derivará pela estrada de Arica, o Brazil se aproximará consideravelmente do Pacífico.

A longa travessia especifica-se em dades rigorosas, conforme os estudos já feitos nos paizes percorridos:

Brazil	Santos-Bahurú	521 klm.
	Bahurú-Carambá	<u>1.403</u> *
	Total no Brazil	1.924 klm.
Bolivia	Corumbá-Santa Cruz de La Sierra (582 + 20%) . . .	698 klm.
	Santa Cruz-Cochabamba . . .	466 *
	Cochabamba-Oruro	213 *
	Oruro-La Paz	215 *
	La Paz-Fronteira do Chile . . .	<u>236</u> *
	Total na Bolivia	1.878 klm.
Chile	Fronteira da Bolivia-Arica . . .	202 klm.
	ca	<u>202</u> klm.
	Total de Santos a Arica	3.954 klm.

— realizando-se a viagem transcontinental de Santos a Arica em cinco dias e meio, com a reduzida velocidade de 30 klm. por hora.

Dados por igual seguros, traçariam os quadros das comunicações de Buenos-Ayres ao mesmo ponto segundo os dois rumos, de La Quiaca e Ledesma; e

considerado apenas o ultimo, mais digno de interesse por dirigir-se ao oriente boliviano, parcelam-se estas distâncias:

Arjentina . . .	Buenos-Ayres-Resario	304 km.
	Rosario-Tucuman	852 *
	Tucuman-Perico	470 *
	Perico-Ledesma	82 *
	Ledesma-Oran	91 *
	Oran-Yucuiba	196 *
Total, na Arjentina		1.995 *
Bolívia . . .	Yucuiba-Santa Cruz de La Sierra	
	(500 + 40 %)	700 *
Buenos-Ayres a Santa Cruz de La Sierra		2.965 *
Santa Cruz-Arica (calculada)		1.332 *
Total, Buenos-Ayres-Arica (via Santa Cruz)		4.027 *

Ora, dentre as numerosas deduções resultantes destes números, uma se destaca surpreendendo pelas mais interessantes que se fizessem. O porto de Santos, mais próximo da Europa que o de Buenos-Ayres, de cerca de mil milhas náuticas, é o porto natural da Bolívia, no Atlântico; e terá, além disto, na luta que se travar entre os sistemas ferro-viários arjentino e brasileiro para a conquista dos mercados do oriente boliviano, as vantagens decorrentes de um traçado menor do que o dirigido à capital platina.

Revela-se, assim, de maneira gráfica, infindável, a concorrência formidável desta estrada matto-grossense que vai aproximar-nos do Pacífico, seguindo, paralelamente, o próprio deslocamento da civilização geral.

Martin Garcia

A margem de Martin Garcia y la Jurisdiccion del Plata, de Agustín de Vedia.

I

O Prata é uma ilusão geográfica que a pouco e pouco se apaga. Mais claramente: um estuário a extinguir-se nas derradeiras fases da evolução de um rio.

Desde 1832, numa das escalas da viagem clássica da *Beagle*, C. Darwin, embora alastrado para outros estudos, definiu-lhe aquele caráter tranzitório. Calculando a verdadeira idade dos restos fosseis de uma fauna extinta, conservados nas argilas calcáreas dos terrenos pampeanos, descerrara para logo a imajem retrospectiva de um grande braço de mar que em épocas remotíssimas cobria inteiramente a atual província de Entre-Ríos. Dez anos depois, d'Orbigny confirmou-lhe o asserto. Ampliou-lho. Distendeu o velho «mare clausum» até ao medio Paraná. E quazi em nossos dias, Herbert Smith, enfeixando um sem-número de investigações

esparsas, delimitou a moldura do antiquíssimo quadro de uma hidrografia morta: a expansão oceanica estirando-se pelas árees, onde hoje se desatam as terras ondulantes das pampas, dilatava-se até além das extremaduras setentrionaes de Corrientes; e nella affluiam, totalmente distintos, com as suas embocaduras separadas de centenares de kms., o Paraguai, o Paraná e o Uruguai.

Sobreveio então um longo periodo de reconstrução prodígioza. A maneira do Nilo, que carregou montanhas para edificar as planuras estendidas a jusante de Thelbas, os trez rios, em cujas aguas barrentas, de lamas e detritos, passavam os planaltos diluidos do Brazil central e do oriente boliviano — começaram pelos séculos em fera a aterrarr a desmedida bacia: precintando-a das primeiras faixas arenosas, a presfigurarem aparelhos-litoraes; dos primeiros baixios, aflorando ilhados, nos baixumes, à mercé dos fluxos e dos refluxos; das primeiras dunas inconcientes e friáveis — marejadas de saibro, a amontoarem-se, a espralarem-se e a delirem-se à feição dos ventos; até se formarem as primeiras illas, multiplicando-se em arquipelagos, travando-se em istmos, ou articulando-se em peninsulas prezadas aos pontaes arrinçados das costas, — no vagaroso processo da constituição dos territórios, a principio largamente reticulados no cruzamento dos paranaís numerozissimos, ou salteadamente afundando em depressões de que são hoje testemunhas as lagas selgadas do Cordova e La Rioja — e, subsecutivamente, mais integros e unidos, de modo que, em remate, todo aquele espaço fosse ocupado por uma planicie fluvial, de nível,

encobrindo a superfície perturbada dos terrenos mais antigos onde assentava o mar.

Ora, este ciclo não se ultimou ainda. O mesmo naturalista adverte-nos que o Paraná e o Uruguai jorram em aterrinar o último trecho da bacia evanescente, «de sorte que os restos da fauna moderna serão, por sua vez, encenheirados nas novas planuras que se formarão, exatamente como as *mylodons* e *megalherios* se amortinharam outrora nos lençóis de lama de que se formaram as pampas argentinas.» (1)

A dedução é segura. O crescimento da terra continuará, ali, pelos tempos adiante, adscrito ao mesmo processo natural que prezidiu às formações pampeanas, até se entupir completamente a celebre «garganta» do organismo arjenino, consoante a curiosa hiperbole ultimamente aventureada entre as fórmulas da política internacional para exprimir, simbolicamente, a entalhadura que se escancela na costa, entre Montevidéu e Punta de las Piedras.

Não há em verdade impedir-se-lhe, em futuro remotíssimo, aquele engasgamento.

Mas os profissionais argentinos exojeram-no. A sua marcha, de facto imperceptível, assume-lhes apelos estranhos de um movimento assaltante da terra, recordando uma volta de toda a geologia aos imajinosos cataclismos de Cuvier. Cotejam as velhas cartas do estuário no século XVI; confrontam-nas com as de agora; e registram-lhes, apreensivos, as

(1) Herbert H. Smith, *Notas de um naturalista*. Rio de Janeiro, 1866.

mudanças. Revendo-as em 1902, Elmer Carthell, consultor técnico do Ministério de Obras Públicas, observou alterações profundas, e não as encobriu. (1)

A seu parecer, o delta platino, extremado hoje em Punta Moron, avança incessantemente à maneira dos do Ganje e do Danúbio. Outros, vêem na superfície líquida que o defronta desde as desembocaduras do Paraná e do Uruguai até à barra limitativa do Atlântico, expressivos atestados de um aterro em larga escala: multiplicam-se os baixios; cegam-se, lento e lento, os canais, invadidos das areias; acentuam-se a mais e mais os espaldões das «barras»; e avolumam-se os bancos, nomeando-se sobretudo o que se alonga da Boca de Santa Lucia a Buenos Ayres, atravessando a meio o estuário, e prefigurando um outro delta, lateral, capaz de acelerar consideravelmente aquella obstrução enorme.

Por outro lado, em toda a cercadura da marjen meridional, novas terras emergem, exundando, numa sublevação continua nimio prejudicial ao porto de Buenos Ayres. E as plantas hidrográficas ou estudos de varias comissões nomeadas para elucidarem esta circunstância alarmante, convergem, consontantes, na afirmativa do levantamento paulatino do litoral porteño, onde se adunam de preferencia os sedimentos aluviaes. A terra crece. Razam-se as águas. Por fim se desviam rumo feito às ribas da Banda Oriental, de formação mais antiga e firme,

(1) *International Bureau of the American Republics.*
Argentine Republic.

onde, como corolario deste desequilibrio do regimen fluvial, cada vez mais se reprofundam os canaes afilhando-se à grande navegação.

É, como se vê, e elles julgam demonstrar, uma fatalidade fizica, tanjivel, apavorante, crescente.

Daf os trabalhos notaveis já feitos a muito custar pela Republica Arjentina, e os que se planejam numa escala indefinida: as dragagens sistematicas acarretando serviços de conservação dispendiosissimos; os balizamentos longos, dos canaes, desenhando-se, a resplandeceram, à superficie das águas nas linhas pontuadas das boias iluminativas; as semaforas flutuantes para assegurarem roteiros dubios e penozos; as docas monumentaes e jetées armadas à captura de uma profundidade escassa, de 23 pés, no maximo, aquem do calado minimo dos menores transatlanticos; os projetos arrojados de canaes lateraes, a exemplo do que ligará La Plata ao ancoradouro de Buenos Ayres, paliando-lhe apenas os defeitos irremediables; e a imponente construção de portos artificiales, como o de Samborombom, vindoura maravilha entre os prodijios da hidráulica contemporanea...

Recordam-nos o resurjir da enjenharia titanica dos hollandezes. Mas com um objetivo oposto: para afastar a terra e atraír o mar.

Realmente, entre as linhas secas, e os desenhos, e as pajinas crespas de algarismos dos projetos, dos pareceres, dos diagramas e dos relatorios, que conjecturas tão sombrias agolrentam, se poderiam inserir as linhas conovidias de uma frase de Domingos Sarralemento escrita ha cincoenta anos: «El Rio de la Plata se embanca rapidamente em toda su

extension y en pocos siglos más Buenos Ayres dejará de ser puerto...»

Não maravilha que há pouco tempo o engenheiro Barabino, Diretor do «Departamento de Obras Públicas de la Nación», ao repelir o projeto de um canal que a seu parecer redundava no prejuízo de favorecer aquele deslocamento das massas líquidas para o litoral uruguiano, garantisse sem vacilar, que elle engraveceria a situação delicadíssima de Buenos Ayres, predestinada a isolar-se em um internamento, que a despojará das vantagens de sua posição fluvial; e exemplificasse citando o caso acontecido às vistas da geração atual, de se haverem retirado as águas que formavam os antigos banhados de Palermo.

Aí se trata, evidentemente, de uma circunstância local imprópria a generalizar-se, ou a constituir-se exemplo dominante. Tão certo é que não será em poucos, senão ao cabo de muitos séculos que desfecharão estas transfigurações vagarozas da terra — e se reduzirá o esprajado platino a um grande e verdadeiro rio, prolongando o Uruguai, de que o Paraná se tornará tributário, e ajustando-se, definitivamente, à Banda Oriental. Para isto, mais do que os sedimentos trazidos pelos rios, concorrerá a lei hidrográfica de Bear, ou seja o próprio fatalismo astronômico da rotação terrestre, impondo aos rios orientados como o Prata, no hemisfério sul, a torsão obrigatória para leste, já a se denunciar, hoje, graficamente na convexidade das costas ribeirinhas do Uruguai.

Entretanto, a importância histórica que por ventura se ligue a um facto, de marcha muitas vezes

secular, atenua-se consideravelmente, ou desaparece na sua própria distensão indefinida, no tempo.

Não acontece o mesmo com as suas fases atunes, intermedias. Tornaram-no de algum modo preponderante na política platina. O Jacés imanente ao estuário, no periodo em que o encontrou a história, figurava-se com efeito, de par com tantos inconvenientes, vantajozíssimo sob muitos aspectos à nação que lhe senhorasse as águas, sobretudo atendendo-se que a sua condição semi-fluvial faria que se não pudesse limitar a sua jurisdição interior, privativa, com os princípios geraes, de direito, que rejam os mares livres.

Ao mesmo tempo, uma navegação tateante, a coleir pelos canaes, tornejando baixios, submetida ao comando adventício dos praticos, crearia, facilmente, às mais formidaveis esquadras, situações de iraüenza irremediáveis; — e o Prata, apesar de desmarcada porta, larga de 50 leguas, que escancara ao tráfego fluvial de quazi um quarto da America do Sul, poderia ser trancado de golpe, no sobreviver de qualquer conjuntura que exijisse esta medida, constituindo-se extraordinario elemento de defesa. No seu ambito, tão ao parecer desempedido e franco, a grande navegação até Callastiné, onde se liga à rede ferro-viaria de todo o norte arjentine, depois de um trajeto de 470 klm., a partir da cabeceira do delta, só se efetua por um canal unico, partindo de Buenos Ayres para leste e depois ao norte a busear as confluencias do Paraná-Guarú e do Uruguai. Assim, na iluzoria fartura de suas águas, se riscal aquelle rio estreitissimo que ninguem vê, serpeante na profundura, escondido de-

baixo da carna dos barcos, e por vezes, divagante ou varlo.

Eram intuitivas as vantagens ao paiz que o possuisse, indemnizando-se sobradamente dos dispendios de uma conservação dificilima, com os direitos e recursos de uma fiscalização soberana. O simples apagamento das boias iluminativas, seria o cerrarem-se de improviso todas as passagens.

Além disto, reinatando dispositivos infavoraveis a derivarem de elementos tão prejudiciaes, aquella estreitissima trilha batimetrica antes de atinjir as costas do Uruguay, e a oito klm's. dellas, evita-as vivamente. Inflete para o norte; e depois de um curso de dezeseis milhas, ladeia os flancos de uma ilha, que comanda de alto e de perto, inteiramente, a passagem. Deixando-a, o canal alcança logo adiante o ponto onde se forqueiam o Paraná e o Uruguay.

A importancia excepcional da ilha de Martin Garcia resalta, evidentemente, das condições naturaes daquella passagem a prender-se-lhe á ilharga, e do local, tornando-a de facio a chave de todas as entradas para o interior por intermedio do Prata.

Revejam-se os inumeraveis projetos que de 1876 a 1899 se elaboraram e discutiram, atinentes a melhorar a travessia do estuario, sujeita sempre à preliminar de efetuar-se, de extremo a extremo, em aguas arjentinas, de modo que nenhum outro paiz compartisse a jurisdição sobre ella, e vêr-se-ha como aquelle nome ressoa monotonamente em todos os pareceres. Os mil e poucos metros de *paso de Martin Garcia* eram direitrix intercivel, fatal, dos mais discordantes roteiros — desenhandose como trecho preestabelecido e inutavel, ante o qual eram preteri-

veis quaisquer outros, embora dotados de melhores requisitos de navegabilidade.

É que a formação topica do Praia, originando aquella unica e exclusiva linha de penetração, e lìpartindo-a nas que conduzem aos seus dois grandes rios formadores, precisamente depois da passagem obrigatoria, ajustada aos flancos ocidentaes de Martin Garcia, fôra de toda influencia estranha, revestira naturalmente a ilha de um valor que certo mão teria se a rodeassem águas mais praticaveis e profundas.

Compreendem-se então todas ss controversias ou convenios apaixonadamente debatidos que no correr de um seculo se travaram à roda de um ilhéo, de si desvalioso, e a que Diaz Soliz, na falta de melhor nome, dera o de seu dispensero de bordo, sem imaginar que o tornaria imortal.

Sem duvida a fisionomia historica de Martin Garcia é uma prova do quanto importam, por vezes, as mais complicadas relações politicas, os factos fizicos mais simples. Do ponto de vista argentino ella figura-se uma dadiva da propria natureza. Pelo menos os rios trabalhadores que construiram, conforme os cálculos exagerados de Garthell, 1.554.000 klm. dos melhores terrenos agrícolas da Republica,— e que hoje estão perlongando-lhe desastrosamente para o levante o domínio territorial — têm naquella ponta de rocha o ultimo marco de uma tarefa milenaria; desde que, evidentemente, depois della, para leste, a correnteza forte do Ur-

guay, voivendo entre as barrancas firmes de formação mais antiga e estavel, sobrestará de vez o avançamento das aluvões e aterros. Além disto, enquanto estes malsinam toda a economia do paiz — razando-lhe portos, entulhando-lhe enseadas, abrindo-lhe os caminhos marítimos para a sua Capital ameaçando internal-a, sequestrada dos mares, num círculo isolante de sedimentos acumulados — foi ainda à sua ilharga, a correr providencialmente no lado argentino, fóra do domínio e das vistas da nação vizinha, permitindo-lhe jurisdição privativa, que se lhe abriu o desafogo de uma passagem praticável e segura para os recessos da terra.

Então se aclararam numerosos aspectos dessas velhas questões platinas, onde os acontecimentos algumas vezes refletem, inocentes e discordantes, a instabilidade e as vicissitudes do ciclo evolutivo do Prata — como se as linhas mais expressivas da história política sul-americana traduzissem ou copiassem aquella página admirável da história natural.

Mostra-nos o livro de Agustín de Vedia, onde sobressae, na primeira parte, a apolojia mais agaxonada e viva que ainda se fez da posse argentina sobre a ilha requestada. Lendo-o, depois de «*La Isla de Martín García*», de Setembrino Pereda, colhe-se em flagrante a inconstância singular de muitos sucessos sujeitos na mais completa passividade à molduração dos mais opostos juízos, à feição do subjetivismo dos que os discutem.

As mesmas couzas e os mesmos homens oscilam, bifrontes, como símbolos invariáveis, a que se trocam apenas os sinais para passar-se das fórmulas uruguayas às fórmulas argentinas.

Fóra longo reproduzil-os arrostando-lhes a inaturável monotonia. A tarefa viria a talho para demonstrar-se o quanto a historia se mascara e dana com a intruzão ilojica dos cazes nacidos esporadicamente das paixões ou das diserazias de momento — especies singularissimas de realidades inexistentes, couzas que de facto aconteceram e historicamente não existiram pelo proprio aparecerem fóra da diretriz geral das idéas e intutitos verdadeiramente dominantes de uma época.

Mas isto fóra escrever um livro apagado, paralelo às pajinas fulgurantes do escritor platino. Então o caso orijinal de Martin Garcia despontaria com interessante destaque nessas marjens indecizas da pequena historia, urdida de meias verdades e meias mentiras, onde rebriilla a anedota, e esfarelam-se as esquirolas das conjecturas discordantes, e campeia a farfalha dos incidentes pessoaes, e releva a peripecia inexpressiva, e domina o fortuito, e pontificam soberanamente os rubros exejetas de todos os preconceitos patrioticos. Pelo menos, demonstrar-se-ia que desde a sua genesis, elle vem malignando de todos os inconvenientes e exclusivismo de uma ideia fixa e irredutivel, tão obcessora que suplantou por vezes, escandalosamente, no anime dos mais lucidos estadistas, outros pensamentos e outras ideias incomparavelmente mais altas.

Vále a pena mostral-o, a correr embora.

Foi em 1827 que D. Pedro I, num de seus garboz gestos de imperador romântico, abriu ruidosamente um debate, destinado a perturbar, intermitentemente, as grandes linhas rectilineas da diplomacia imperial.

Negociava-se no Rio de Janeiro, com o plenipotenciário argentino, Garcia, o Tratado de 24 de Maio daquelle ano, quando o Imperador lançou, do próprio punho, na minuta das condições que deu ao Marquez de Queluz, nosso Ministro dos Estrangeiros, a cláusula do art. 8.º, estatuindo que esse entregasse ao Brazil a ilha de Martin Garcia, de que o Império necessitava para melhor segurança de suas fronteiras e da sua tranquilidade ». (1)

Os torcieiros das maranhas diplomáticas, cortava-os, como se vê, a linha recta daquelle decisão golpeante. E o Imperador podia vibrar-a. A situação das gentes platinas era desesperadora. O recontro, líricamente românticado, de Ituzaingo, livraria os efeitos que deveria ter — desvalizes e insaciáveis — próprios a uma batalha indecisa que não sombreia as nossas glórias militares.

Entretanto aquelle artigo foi para logo repudiado pelo negociador argentino, embora o Presidente Rivadavia, impressionado ante o espetáculo das Províncias Unidas do Prata cindidas das discordias civis, lhe insinuasse como elemento principal de seus esforços «e ponto da partida para tudo, a paz ».

A repulsa era compreensível. D. Manoel J. Garcia era a figura preeminente da diplomacia argentina, que elle representava, quasi isolado, desde os tempos ajitadíssimos das lutas da liberdade. Tinha uma cultura classica excepcional, com o supletivo de

(1) A. Pereira Pinto. S. Paulo — 1867 — *Estudos de algumas questões internacionais*. Pag. 7.

conhecimento perfeito dos homens que o rodeavam. Assistira ao nascimento da patria. Adextrara-se no governo desde 1821, como Ministro: era o companheiro predilecto de Rivadavia, e emulo de Juan Aguero. Além disto, a sua negociação tinha como objetivo expresso, à parte a paz anelada, a «Dévolução da Província Oriental à Arjentina, ou a ereção della em um estado separado, livre e independente...»: e fôra em verdade lastimável que, ainda para propiciar o conseguimento de tão elevados intutos, elle se submetesse a *uma rezolução imposta de uma férma tão abertamente imperialista.*

Repeliu-a. Reavivaram-se as negociações perturbadas; e concertaram-se por fim no Tratado abortivo de 24 de Maio de 1827.

Relendo-o, vê-se que venceu o preceavidio negociador, substituindo-se a clausula alarmante pelo art. 4.^o daquele acôrdo, consignando apenas que a ilha seria «reposta no statu quo ante bellum, retirando-se della as baterias e petrechos».

Porém, ao mesmo tempo estonteia-nos uma surpresa: nota-se, com espanto, a violação integral da formula superior de suas instruções, e que as nobilitava: pelos art. 1.^o e 2.^o, a província Cisplatina continuaria incorporada ao Imperio, renunciando as Províncias Unidas do Prata a todos os direitos sobre o território respetivo.

Veja-se o contraste. Martín García é um reiento granítico, de duas milhas de roda, mal aponteando nas águas, com uma altura escassa, cingida de recifes fervilhantes a recordarem a ruíaria e o desmantelo das costas uruguayas, de onde elle se desarticulou em épocas remotíssimas.

E por aquella particula exigua do velho prezidio da metropole, o homem mais reprezentativo da politica internacional arjentina trocava um paiz inteiro, esquecia uma nacionalidade nova e vivaz, traindo ao mesmo passo a cauza mais elevada de sua missão. Comentando este caso de daltonismo politico, observariamos ainda que o convenio Ircassou, saltando-o as rajadas patrioticas a irromperem do seio de todos os partidos em que se fraccionava a Republica, acarretando a queda da prezidencia Rivadavia: e que as mais rispidas passavam, indeferentes, de alto, sobre o pecaminoso abandono do Uruguay, indo bater de preferencia o plenipotenciario que consentira naquelle tocar-se de leve na parajem intangivel e sacratissima.

Não se impressiona, contudo, A. de Vedia, com a antilojia. Cega-o a mesma fascinação. Encanta-o o romance historico de Martin Garcia. Acompanhando-o, qualquer leitor inexperito acaba convencendo-se que o dominio pleno de Buenos Ayres, ali, se firmou como invariavel preliminar de todas as negociações, e artigo implicito, sem numero, de todos os tratados. O assunto, miudeado aos minimos pormenores, resulje em pajinas que seriam subscritas pelo mais fervorozo porteño; e em todas ellas eriça-se aquella soberania plena, apenas limitada por uns frajeis principios geraes de livre navegação dos rios; a rezistar a todos os tranzes; a recalcitrar, irritantemente, em todos os debates; e a sobrancear, brilliantissima, as mais violentas crizes das guerras, que não rare se centralizaram em Martin Garcia: desde fins de 1825, em que a ocupou a esquadra do Vice-Almirante brazileiro Lobo, deixan-

do-a voluntariamente para reforçar a praça da Colonia; até meados do seculo, quando a expugnaram e ocuparam, durante a intervenção estrangeira, os marinheiros franceses do Almirante Le Blanc, emparceirados aos orientaes de Fructuoso Rivera; ou mais tarde, durante a intervenção britanica, outra vez pelos orientaes, ao mando do General Garibaldi. É de ver-se então como se transfigura o significado real da conjuntura gravissima, naquelle periodo em que tremularam sobre os espaldões rasteiros dos pequenos fortes da ilha, as bandeiras da França e do Uruguay. No ensoregado afan de elidir o biaio a abrir-se numá posse, que se lhe faz mister seja sempre continua, numea discutida, numea pernebada, para estabelecer que a usurpação também é um meio de adquirir, imprescritivel sob a consagração do tempo, e mais necessario até entre os Estados soberanos que entre os individuos, o escritor—não lhe importando que aquella posse tenna sido negada, solenemente, pela propria Confederação Arjentina, no Tratado de 7 de Março de 1856, demazia-se ás ultimas temeridades da teze preconcebida. Invertem-se os factos: põe-se a historia pelo avesso; e todo astionando das grinaldas ricas de um estilo exuberante, transfigura-se o facto desfavoravel. Aproveita-se a circunstancia de se ter refugiado ali, entre os desvelos de franceses e orientaes, o grande e infeliz General Lavalle, com os seus companheiros repelidos pela ditadura de Rosas, para firmar-se, curiosamente, a continuidade do direito.

A Ilha faz-se então o territorio virtual da Arjentina futura, transformando-se no mais seguro abri-

go da sua liberdade ao ensaiar contra o tirano uma reação predestinada a ajitar-se longo tempo inutil, sulcada intermitentemente pelos revides tremendes do ditador, até que as armas brasileiras se associassem áquella aspiração nobilíssima e desflechassem a vitória internacional do Monte Caseros.

Entretece-se-lhe a lenda heroica, a um tempo fulgurante e fugacíssima, em que tanto se aprazia a inteligência sonhadora de Juan Bautista Alberdi.

«La isla tomaba para los Argentinos contornos fantásticos en ese tiempo. Lavalle estaba allí como un león encadenado, tratando de organizar el cuerpo de ejército que necesitaba para atacar Rosas en el centro de su poder. Allí se reunió su secretario y consejero D. Feliz Frías, quien debía acompañarle en toda su campana, fiel en la vida y en la muerte. Allí se fueron incorporando antiguos compañeros de armas: Olavarria, Pueyrredon, Benavente, González... Martín García recibió entonces el nombre de *Isla de la Libertad*. De allí debía salir la cruzada redentora, al mando del héroe de la emancipación americana, en quien todos los proscritos de la tiranía cifraban sus esperanzas de salvación...» (1)

O estilo é quasi bíblico, na similitudade destes períodos breves. Compassa-o o refeirativo de um advérbio martelante a marcar o passo grave de um pensamento solene. Mas é por isso mesmo eloquente. Se a algum pensador vadio acudisse o intento de interpretar a odisséa das ilhas, num lom-

(1) Agustín de Vedia, *Martín García y la Jurisdicción del Plata*, Buenos Ayres, 1908. Paj. 112.

ga derrota pelos séculos em fóra, desde Ithaca a Santa Helena, ao chegar à boca do Prata bastaria traduzir, justamente, as páginas mais gongoricas da literatura hispano-americana.

Por aquelles tempos o espírito maravilhoso de Alberdi dourdejava em ditirambo sem rimas, contemplando-a:

«Martin Garcia! Apenas conhecido de los marinos de los ríos, este nombre obscuro como tus rocas e tus aguas, representará en adelante una leyenda gloriosa, un monumento eterno de sublimes recuerdos...»

Ou, mais lonje, arrebatado na vizão dos sonhados dias da liberdade:

«El navegante solitario no verá tus montes, ni tus rocas, como esas creaciones indiferentes al corazón. Tus aguas serán queridas y tu tierra respetada. — *En ella se reunirán!* dirá. Y esta palabra recordará una época entera...»

«Martin Garcia! bendición sobre ti!»

Por fim a sua fisionomia histórica ampliou-se numa utopia. Nos últimos tempos da ditadura de Rozas todos os alentos da nacionalidade desangrada pela *Mushoreta* parecia concentrarem-se na fortaleza moral de um homem. Domingos Sarmiento sobressai nas crizes da sua terra despedindo os clarões de duas grandes esperanças, preságios de um próximo amanhecer depois de uma noite nacional de vinte anos.

E entre os planos enjenhados pela sua inteligência infatigável, idealizou aquella cidade maravilhosa que seria um dia capital dos *Estados Unidos da América do Sul* e sede fundamental, aduaneira, do ma-

jestozo *Zollverein* do Brasil, Uruguay, Paraguay e República Arjentina. Porém, locando-a em Martin Garcia, que elle percorrerá e medira, muito a serio, muito convencido, sem que o desinfluisse base tão exigua a ideal tão desconforme — o extraordinário escritor no que sobretudo atentou foi naquella situação preeexelente, à forquilha dos dous grandes rios, com os disporitivos hidrográficos, que revimos, e tanto a aparelham para submeter ao criterio arjentino toda a navegação do Prata.

Não o disfarçou. É para vêr-se-lhe o injenho entuziasmo: «Aquella isla que los Europeos ocupaban siempre sin darse cuenta por que, es hoy, moral y politicamente hablando, un Gibraltar, un capitolio, un mundo. Ahi está el nudo gordiano de la cuestión arjentina. De ahí dependen los destinos de las provincias del interior, del Paraguay y mucho del Uruguay...»

É quasi a apoloja do velho espetro histórico do Vice-Reinado. Uma linha mais, e o espírito gloriozo do pensador da «Civilización y Barbarie» resvalaria ao imperialismo razo de Manoel Rozas.

Mas, ainda neste caso, a sua ilusão era enorme. Jacente a menos de trez milhas da costa do Estado Oriental, o Gibraltar ardorozamente proclamado seria boje derruido em poucos dias, aluindo-se pedra por pedra, desmantelando-se, desmontado por qualquer bateria de canhões modernos que se emparquem na marjem uruguayan e se conteirem, diminuindo até os angulos de mira para que não passem altas de mais, sobre ella, as trajetórias distensas de trez leguas.

Dado, porém, que a industria da guerra não se

aperfeiçoasse tanto — e pondo de lado uma hipótese deplorável cada vez mais repelida pela cultura sul-americana — a lenda heroica de Martín García, urdida pelos ajentes terrestres articulados às ações humanas, seria inteiramente desfeita com o simples progresso do facto natural que lhe propiciou condições tão vantajosas.

Desde 1855 um oficial da marinha norte-americana, descobrira, por acaso, à outra banda, entre ella e a marjém uruguaya, um novo canal, de requisitos superiores de naveabilidade a contrastarem em todos os pontos com o esião cada vez mais precário da antiga passagem histórica, do ocidente argentino, que de ano para ano ia tornando-se menos praticável, apesar dos incessantes e pertinazes serviços de dragagem quazi inuteis ante a invazão contínua das areias.

E este incidente que, inexplicavelmente, Agustín de Vedia não cita, esta maravilha banida às ultimas notas dos anais geográficos, ao mesmo passo que apagaría de vez no quadro das relações internacionaes os contornos da ilha memorável — ou atenuar-lhe-ia a primitiva importancia, destruindo-lhe o primitivo encanto, — acarretou consequencias mais sérias, substituindo o remojo debate da soberania sobre uma rocha quazi a afogar-se nas aguas, pelo mais complexo, ou mais incômodo, de preconceitos patrióticos, que se diz a «jurisdição do Prata».

II

Referindo-se ao canal que se predestinava a deformar e torcer o rumo das questões platinas, Agustín de Vedia aponta-nos como documento mais remoto revelador de sua existência um informe do século XVIII, do piloto castelhano Oyarvide, destinado a ilustrar mais tarde os debates de limites entre Portugal e Espanha. O descobridor dera-lhe então o nome de canal do Inferno, «por las muchas corrientes que en el hay y la gran mareajada con vientos del sur».

Poderíamos reivindicar a nossa primazia, herdada, no acontecimento, destacando expressivos tópicos do diário da navegação da Armada que veio ao Brasil em 1529, de Pero Lopes de Souza, de onde se concluiria que o destemerozo cavaleiro do mar, esclarecendo a rota de Martin Alfonso, perlustrou aquelas paragens.

E seria um encanto o seguir-se, longamente, a esteira secular da dilatada derrota descrita naquela aspera língua portuguesa do tempo, onde as silabas duras trâem a palavra robustecida e feita para ser ouvida entre os barulhados ruídos das vagas e das tormentas.

Vindo do Cabo de Santa Maria, na larga volteadura da costa, e fazendo o seu caminho ao longo della a um tiro de básta da terra, o grande marinheiro penetrou no Praia, «onde o mar era tão grande que não lhe poderia parecer que era rios», num mau dia de tempestade, sob um respiandor de co-

riscos a sarjarem o cariz dos céos, e a romper sobre as vagas rijamente picadas do sudoeste, «correndo tanta fortuna quanta homens nuncia passaram». Proseguiu ao arrepião da correnteza, rumo feito a noroeste, «com pouca vela e a sonda na mão», impressionado com os muitos fumos que via no litoral con vizinho, pelo que determinou de «pôr a artellaria em ordem, a irem concertados para pelejar»; e lavrou, temerariamente, as águas daquelle impetuoso canal. Alargou-se de terra; e foi surjir à «pastura do sol a hua ilha grande, redonda, toda chéa de arboredos», à qual pôz o nome de Santa Anna, e é Loje Martin Garcia. Pernoitou-lhe à ilharça, «malando muito pescado de muitas maneras, peixes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas».

Ao outro dia saiu em terra; mas o vento saltou, ao sul, obrigando-o a pôr-se da banda do norte da ilha, «com muita tempestade»; até que se abonançou o tempo e elle foi de novo à ilha «onde mandou pôr logo em trez partes dela, para vér se lhe acudia gente, e não viria senão fumos». Deixou-a, velejando a nornoroceste. Foi surjir, ao cabo de douis dias, à bôca de «hum rio de meia legua de largo, e de hua banda e doutra tudo chéo de arboredos» — que é hoje o Paraná-Guazú. «A agua corria muito leva para baixo; havia de fundo dez, doze braças de lama mole». Apezar disto «foi avante aos remos»; e penetrou-o. Debateu-se longos dias, estonteado no labirinto dos portmés, «onde tudo eram braços e ilhas e eram tantas as bôcas dos rios que nam salia por onde andava»; até chegar à terra, que chamou dos Corandins, mandando «fazer muitos fumos, a vér se

lhe acudia gente... e no sertão responderam com fumos muito longe». E porquê via que nam podia tomar práteca da gente da terra, e havia muito que era partido donde Martin Alfonso estava», rezolveu se tornar dali «pondo douz padrões das armas de El-Rei e tomando posse da terra», cuja latitude determinou. (33-35). (1)

Este periplo, porém, distanciaria-se exageradamente no passado.

Mais expressiva para o nosso caso, até pelas considerações que nô momento sujeriu, foi a notícia transmitida de Buenos Ayres em Dezembro de 1855, pelo tenente Page, comandante da *U. S. Steamer «Water Witch»*, à Real Sociedade Geográfica de Londres, que sobre reivindicar para o marinheiro yankee a precedencia da descoberta, nestes tempos, daquelle canal, depois de um apagamento trez vezes secular, tem o merito de expôr imparcialmente, as claras, sem preconcebidos intitutos, um Juizo superior quanto aos limites jurisdicionaes das aguas do estuario, robustecido do beneplacito da mais ilustre entre todas as associações geográficas.

Traduzindo-se o comunicado inserido em um dos boletins daquelle sociedade, observa-se, resumidamente, que naquelle ano o comandante Page descobriu uma nova passagem entre a Ilha de Martin Garcia e a costa oriental, tendo mais douz pés de

(1) *Diário da Navegação da Armada que foi á terra do Brasil em 1530*, escrito por Pero Lopes de Souza, e publicado em Lisboa em 1539 por Francisco A. Varnhagen. Rio, 1874.

fundo, do que a antiga. «Mas, a importancia do achado não estaya apenas naquelle maior profundidade do novo canal, senão tambem no carater politico que elle assumiria. Elle destinava-se a despojar Martín García da importancia geografica que lhe dava o Governo de Buenos Ayres, porque à exclusiva jurisdição que até aquella época este ultimo exercia sobre o antigo canal a correr todo em seu territorio, se iria contrapôr, na nova passagem, a jurisdição concorrente da Banda Oriental. O novo caminho, além de mais praticavel, afastava-se $1\frac{1}{4}$ de milha da ilha, retirando-lhe assim o comando perfeito anteriormente exercido sobre as entradas dos rios Paraná e Uruguay. (1)

A tradução é quasi literal. E deve-se convir, dele-

(1) Sublinhem-se os lances mais decisivos do original:

• The importance attached to this discovery is not confined to the greater depth of water in the new channel, *but it assumes political character. It deprives Martin Garcia of the important geographical position which is attached to it by the Government of Buenos Aires, in whose hands it is at this time.*

• Instead of Buenos Aires possessing, as she now claims, *exclusive jurisdiction over the old channel leading into the rivers Paraná and Uruguay, on the ground that her territory is on both sides, over the new channel, she has only concurrent jurisdiction with the Banda Oriental.*

• The new channel is more easily entered, and in it vessels are not obliged to pass near to Martin Garcia than $1\frac{1}{4}$ m., *this taking from (despojando) this island the perfect command it formerly had over the entrance to the rivers Paraná and Uruguay.* Proceedings of the Royal Geographical Society. Vol. 1.^a, 1855-7. Rear admiral F. W. Beechey's address. P. 170.

treando-a de par com o original em inglez, em que o comandante Page parece haver traçado aquellas linhas como se em largo descontino contemplasse o futuro. É de lamentar-se que Agustín de Vedia não as intersetisse na sua argumentação poderoza.

Com efeito, não só elles reunem, como rezolvem o embaracadíssimo assunto.

Senão, vejamos.

A questão do Praia, relativa à soberania, e subsequente jurisdição das suas águas — excluído o incidente da posse de Martin Garcia, hoje desvalioso e apto a ser rezolvido à parte, divide-se em dous aspectos fundamentaes, consoante os criterios divergentes, naturalmente oriundos da propria feição ambigua, meio fluvial, meio marítima, do estuário.

A uma banda, alinhamp-se os que o consideram uma reintrância, ou entalhadura atlantica, submetida ao rejimen internacional dos mares livres. É o criterio britanico, ainda há pouco formulado entre violentos protestos da opinião uruguaya, a contrastar com a injustificável indiferença da opinião arjentina.

A outra banda, estão os que ali vêem, esteiando-se nas mais firmes, nas mais infranjíveis e nas mais claras noções fuziográficas, um rio, e consequentemente, adscrito à jurisdição interior, ou privativa, dos países circundantes. É o criterio uruguayo neste momento; e o criterio arjentino, tradicional, até pouco tempo.

Poder-se-ia aditar uma terceira forma, a que mais a engravece e dana, dos que, caracterizando-o como rio, ampliam desmedidamente os direitos de uma posse exclusiva, admitindo que sobre todo elle,

até ao ultimo farlhão de ilhota inapreciável, até ao ultimo grão de areia das suas barrancas, molhado das enchentes, até à ultima ponta de cabuchão a arremessar-se das costas, se possa generalizar a soberania indiscutível de uma nação isolada, crendo-se o *monopolio das aguas*. E este seria o criterio argentino atual, se, como veremos depois, os juizos mais elevados e lúcidos emitidos pelos melhores homens de governo da Republica, desde principios do seculo até hoje, não livrassem uma nacionalidade de subscrever a doutrina singularissima de Estanislao Zeballos, mão grado a sua invejável intelligenzia. (1)

Não antecipemos.

Daquella comunicação, propagada depels pelo presidente da grande associação científica da Inglaterra, resultam desde logo duas consequencias essenciaes.

A um lado, é ilativo que já naqueles tempos, ao parecer das autoridades mais sérias, e filhas da nação entre todas mais interessada em se definirem as bases fízicas, onde se decalciam os principios reguladores da navegação geral — o Prata não se considerava um mar livre. A opinião do oficial norte-americano não era isolada.

Além de seu prestígio oficial, refletiu, naturalmente, a de outros profissionaes, sobretudo ingleses, que naquele mesmo ano estudavam, por ordem expressa do Almirantado, aqueles lugares : bastando nomear-se o Lieut Sideny encarregado das sondagens

(1) Correndo o v.º... 11 de Setembro de 1907.

nos baixios circumjacentes a Martin Garcia, ou o Lieut Day, a quem se deve uma das melhores cartas do Paraná a partir de Corrientes. Ademais a Sociedade Geográfica de Londres reforçara-lhe, implicitamente, o asserto. Dest'arte o protesto recente do Uruguai contra o Governo da Inglaterra, quando este considerou o estuário um braço de mar, tentando debruçar-lhe as marjens com a faixa ideal das trez milhas dos limites territoriais, contestando às nações ribeirinhas vellissimos poderes incorporados no direito internacional desde os tratados de Paris e de Vienna (1815 e 1816)—naquelle lance, a diplomacia uruguaya poderia religar os seus argumentos com as linhas tradicionaes da geografia britanica. Ellas asseguram o carater fluvial do estuário, alias derivado da sua interessante genezis geologica. E removem da discussão, simplificando-a, aquellas regras instaveis das delincações das aguas jurisdicionaes, que intermitem a variarem em todos os convenios, sempre mudaveis, sempre provisórias no recordarem as faixas dos mares territoriais, que hoje se alargam entre os limites extremos de trez e cinco milhas, e serão amanhã mais largas, e irão aumentando a pouco e pouco, indefinidamente elasticas, dilatadas pela vez troante dos canhões de costa e submetendo o espirito do lejislator aos ramos ascendentes das parabolæ das balas.

A outro lado, conclue-se que já naquelles tempos, entre profissionaes de todo despeados das lutas e rivalidades acazo existentes entre as Repúblicas platinas, se punha de manifesto o conceito de que o rio, nos limites das regras normaes estabelecidas, era tambem parte integrante do Uruguai, compar-

tido por elle e pela Arjentina. Os dizeres são limpidos; o canal recente-descoberto despojaria a ilha de Martin Garcia da importancia politica e geografica que lhe dava o Governo de Buenos Ayres em virtude de um motivo essencial, rezumindo-se em que dari por diante a entrada nos rios Paraná e Uruguay, que ella comandava do lado arjentino, deslocava-se para a outra banda, onde haveria de repartir-se com a Republica Oriental numa fiscalização ate aquella época indivisa e privativa.

O lance de vistas do comandante Page, porém, foi ainda mais longe. Naquelle conceituar que a valia de sua descoberta estava menos nos requizitos fizicos da nova passagem do que no carater politico que ella assumiria, o seu magnifico bom senso dilatou-se na vizão de um estadista. Adivinhou, com surpreendedora precicia, que aquella jurisdição comparte, naturalmente e obrigatoriamente comparte, tão clara, tão de si mesma evidente, tão a dezenhar-se nas mais nitidas linhas geograficas, teria de ser iludida, ou discutida, ou quasi sonegada mais tarde, acarretando ilojico e condenavel tumulto em toda a politica internacional sul-americana.

E relanceou um futuro obscurecido, do qual, sómente passados cincuenta e dois anos, se *descerrariam os céus...*

Neste lance o livro de Agustin de Vedia é admirável. A monstruosa anomalia, a teze aventuroza segundo a qual a «República de las antiguas Provincias Unidas de La Plata, hoy Confederacion Ar-

jentina, é a soberana exclusiva de la boca y de la navegación del río de la Plata* (para deixar-se, prudentemente, nos seus próprios dizeres a cincas resvaladias), a quimera retardataria resurjindo à ultima hora para espanto de toda a civilização, reduz-a a pena desfibradora do velho escritor a um caso vulgaríssimo de ignorância de geografia e história; e, sobretudo, de desconhecimento de elementares noções políticas, porque sobrecarregá a singular pretenção de constringir, impacia, a República do Uruguai aos limites secos de suas costas nos baixamarés, com a obstinada recusa em submeter ao *rediculum supremo* da arbitraje tão lastimável pendencia.

Quer dizer: para que seja viável aquelle pensamento retrogrado, faz-se-lhe mister aberrar da linha superior da propria política internacional da Argentina, tão nobremente fundada no direito e na justiça nas suas questões territoriales com o Brazil e o Chile — e, ainda, do rumo geral da política americana, que já vem de um itinerario quasi secular, desde a Conferência de Panamá (1876), as de Lima (1817 e 1865), a de Caracas (1883), a Pan-Americana de Washington (1889), aos Congressos Ibero-Americanos de Madrid (1892 e 1900), ao científico de Montevidéu (1901), aos pan-americanos do Mexico e Rio de Janeiro (1902-1906) — rezumidos todos na sancão universal da Segunda Conferencia de Haya.

E esta só consideração a invalida e esmaga.

Mas embora a exclusissemos, o quadro da política argentina é o melhor reverso de tão revolucionaria teze. Agustín de Vedia desenhanol-o em páginas ex-

traordinárias, onde o escritor é por vezes suplantado pelo assunto, tão vivas são as cargas cerradas dos factos que elle revela, tão numerosos os argumentos que o atropelam, claros, irrefragáveis, interpretando-se no proprio enunciado sem deixarem trincas ao comentário mais breve, articulando-se, espontaneamente, no discorrer sucessivo e contínuo, ou deduzindo-se uns de outros numa sequencia tão lójica e irresistível, que as simples datas de seus aparecimentos se alinhavam com o rigorismo e a convergência inflexível de uma verdadeira série matemática. Aqui, é a Convención que congregou em 1854 o melhor da mentalidade argentina para deliberar-se acerca dos limites territoriais do novo estado platino — a adotar, por unanimidade, a linha divizória do rio da Praia, pela metade de sua corrente. E ouve-se a palavra solenissima de Bartholomeu Mitre, acentuando a este propózito que «certas linhas geras traçadas pela Providencia, aceitas como leis naturaes escritas sobre o terreno, e sancionadas não só pela conciencia do povo de Buenos-Ayres, como tambem pela de todos os povos, se não podem riscar porque as delineou a própria mão de Deus...»

Além, como a mostrar a altitude da Justiça, capaz de nivelar figuras tão diversas, irradiando ao mesmo tempo nos mais luminosos e nos mais obscuros espiritos — é o governo crepuscular de Juan Manoel Rozas, que ao despedir um de seus decretos tirânicos relativo ao tráfego fluvial do rio, atentatório da soberania do Uruguay, não reluta em acolher o protesto deste, e declara que, de facto, para a soberania generalizada, argentina, naquellas aguas

no puede alegarse título alguno, siendo comunes las aguas.

Além são os tratados: o brasílio-uruguai, de comércio e navegação, de 1851; o de 1853, entre a Inglaterra, França, Estados Unidos e República Arjentina; os de 1853 e 1859 do Paraguai, França e Inglaterra; e a Convenção fluvial de 1859 do Brasil e Arjentina — uns expressa, outros implicitamente aceitos por esta última, a fixarem regras e medidas fiscais, a resguardarem todos no conhecimento pleno do território fluvial que hoje se discute. Mais longe é o celebre canal do Inferno, que se desvenda de todo em 1877, fazendo que se realizem logo por iniciativa do Governo oriental sérios trabalhos de batimentação e dragagens, abrindo-se subsecutivamente ao tráfego comercial, sem que o Governo da República defrontante proteste. No mesmo ponto, em 1890, é a administração arjentina, rezolvendo-se a dragar ou melhorar o passo de Linetas: protesta o Governo do Uruguai contra o que considera uma invasão, e o Ministro das Relações Exteriores, Dr. Estanislao Zeballos, exculpa-se nobremente, declarando tratar-se de um simples conhecimento, caso de pouca monia, *operacion que reputaba inocente*. Logo depois, a legação arjentina, em Montevidéu, a dirijir-se à chancelaria oriental, em ofício seguido dos planos e memoriais dos serviços que se projetam naquela passagem — e declarando que o seu Governo cumpre um dever, esclarecendo-a de tudo, porque as obras a realizar-se passam por águas de jurisdição oriental. Um ano antes, é o Ministro da Fazenda arjentino Dr. Vicente Lopez a insinuar, em nota ao plenipotenciário uruguai, que *en esas*

aguas comunes se asimile la bandera oriental e la nacional. No ano seguinte (1893), é outra vez o Dr. Zeballos, ministro então da prezidencia Pelligrini, enviando uma memoria ao Congresso, a explicar que instruiu a Legação argentina de Montevideó para conseguir do Governo do Uruguay a indispensavel aquiecencia aos reparos dos *pasos* de Martin Garcia, caso alguma delles tocassem em *algún punto en que son sujeitas a la jurisdicción de aquel país...*

Fôra útil prosegir. Sobre tudo isto paira, soberanamente, a grande voz desta gloria sul-americana, que é Domingos Sarmiento : «Conveñría, para terminar este embroglio, que los Estados del Uruguay, del Prata, del Paraná, y del Paraguay, el Brazil incluso, celebrasen un congresso de plenipotenciarios para pomyerse de acuerdo sobre el trecho de Gentes que ha de regir *en aguas que son comunes a todos*.»

E esta jurisdição comparte, do estuário, que, como se vê ofuscantemente, foi sempre norma em todos os tempos assentada por todos os Governos argentinos, incluindo a ditadura de Rosas — e teve o beneplacito de chefes de estado do porte de um Bartholomeu Mitre ou de um Sarmiento, assim como o de todos os Presidentes constitucionaes, de Avellaneda, de Julio Roca, do proprio Juarez Cehman, de Pelligrini, de Urubitô, de Quintana ; a comunhão que jamais se contestou, ou foi sequer opinável, e sobressae a cada passo inteiros, em todos os tratados, em todas as notas diplomáticas, em todos os relatórios ministeriaes ou técnicos, nas mensagens prezidenciaes, na vasta copia de documentos trocados entre as duas repúblicas ; a associação juristi-

cional, que no Prata seria até um belo princípio de alta moralidade histórica, sancionando os laços consanguíneos de duas nacionalidades irmãs — tornou-se, inexplicavelmente, passível da mais singular teoria, que ainda enjebou a metafísica política aos que se divertem em revolucionar as próprias leis naturaes do desenvolvimento das nações.

Esta, porém, illeará como um epílogo idealista, e nada mais indispensável ao formoso romance histórico de Martin García.

A jurisdição do Uruguai sobre as aguas platinas, nos limites normaes do direito, impõsta vigorosamente pelos antecedentes históricos e pelas próprias leis naturaes, é dessas causas superiores, que para triunfar dispensem a fragilidade das espadas, amparando-se exclusivamente na fortaleza eterna e tranquila da justiça.

NOTA — Este ligeiro ensaio foi vertido para o castelhano, por Agustín de Vedia.

O primado do Pacífico

A fórmula geral dos destinos norte-americanos traça-se com a sinjeleza e o rigorismo de uma identidade matemática: *Far West = Far East.*

É uma expressão positiva. Não a escrevemos sob o encanto e o estonteamento dos devaneios tremendos, lírico-militares, do Comandante Mahan. Podemos demonstrá-la, rijamente repregada de algarismos duros, seguindo, por citar só um nome, o Hon. O. P. Austin, que, no superintender a estatística geral da grande República, desbanca qualquer prezunguço sociólogo, definindo-lhe a expansibilidade económica irrivalizável.

Pelo menos, acompanhando-o, não mais nos maravilhará que os Estados Unidos hajam exagerado em tanta maneira as rôdes de seus caminhos de ferro, articulando-os às seis estradas, tão ao parecer excessivas, entre o Atlântico e o Pacífico, que possam hoje, desdobrando-as, enrotar oito vezes uma

cintura de aço em torno da terra, no equador, graças ao estiramento espantoso de 382.000 kims. de duplos trilhos.

É que lhes não basta — a exemplo da Russia com o precário e tardio transiberiano, ou da Inglaterra, com a linha única, transecontinental, do Canada — ligar, linearmente, um litoral a outro, para o só transporte de passageiros e de cargas. Torna-se-lhe urgente deslocar para o Pacífico o melhor das encruias nacionaes, nacentes nas mais distantes zonas do paiz. As vagas povoadoras que durante meio seculo se desencadearam para o *Far West*, atraíram tambem áquelle rumo as tendencias mais enerjicas de toda a nacionalidade, impossibilitando-a de estacar nos litoraes do Oregon e da California. A mesma força viva acumulada na marcha impõe-a, agora, para o grande oceano.

Ela vai transpô-lo, dilatando nas esteiras de uma navegação intensissima os leitos de suas estradas.

O movimento é irrezistivel. Não nol-o justificam dubias ou imprecizas teorias, opinaveis e vacilantes. Dezenham-nol-o diagramas traduzindo, graficamente, expressões numericas irredutiveis. Sobressaindo aos mais arrojados ideaes politicos, domina-o, com efeito, antes de tudo, a fatalidade fizica de um exajero de crecimiento e de forças de tal porte, que o encerro-cauteloso da grande Republica, nas linhas de suas fronteiras, com o insuficiente derivativo do comercio tradicional do Atlântico, lhe acarretaria perigos mais sérios que os imanentes ao mais aventurozo e combativo imperialismo. Pelo menos determinaria uma catastrofe orijinal na historia:

a de um povo morrendo pelo excessivo da vida, fom-
bando fulminado por uma plethora industrial mara-
vilheza. Tão certo é que o excesso da produção agri-
cola e das manufaturas da America do Norte, sendo
o traço mais vivo da atividade contemporânea — oca-
siona ao mesmo tempo entre o seu comércio geral,
menor que o da Inglaterra ou da Alemanha, e o ex-
portador, maior que o de qualquer destas duas gran-
des nações ativas, um desequilíbrio crescente, de efei-
tos tão funestos, que ameaçam desfechar na anomá-
lia de uma sociedade prejudicada pelo seu próprio
desenvolvimento.

Dai os lances de um expansionismo sem par, que é o encanto e o assombro de todos os economis-
tas, bastando, a este propósito, recordar-se o caso
significativo da improviza «invazão yankee», re-
chassando, em 1899-1900, as manufaturas europeias
dentro dos mercados da Europa, e excitando alar-
mas e pavores só ha pouco tempo apaziguados, gra-
ças ao antagonismo e à concorrência poderosa da
Alemanha. Mas ainda quando se não verificasse a
reação germanica, precisamente definida por um
triunfo ruidoso e definitivo nas industrias do ferro,
aquele sucesso tranzitorio não traíria o descortino
dos estadistas norte-americanos, do mesmo modo que
o revéz subsecutivo não os desenfrouiu ou amedron-
tou. Porque, quando vieram a medir-se, daquella
fórmula, as duas grandes industrias, os mais seguros
elementos já lhes haviam desvendado, fóra e longe
da Europa, e ainda da America do Sul, na Asia,
a base real da vitalidade económica da Republica.

Revelavam-lha para logo os grandes numeros
da estatística nos efeitos finais de suas estimativas,

mostrando-lhes que, nesta quadra, enquanto os Estados Unidos exportam para toda a terra apenas 30 % de seus objetos manufaturados, destinam mais de 60 % deles ao consumo exclusivo do Levante. E este contraste subia-lhes de perto ao acompanharem de perto a evolução geral do tráfico asiático. Assim é que — excluídos apenas em parte o caoutchú e o café — consideravam que o melhor da importação, cada vez mais avultada, dos materiais indispensáveis à vida e às artes norte-americanas, procedia, imediatamente, do Far-East: a seda bruta subira, de 500.000 libras em 1870, a 12.000.000 em 1900; as várias espécies de fibras vegetais passaram de 100.000.000 a 600.000.000 de libras; o chá aumentara de 5 %; e o açucar, de que se consumira em 1870 um milhão de libras, em 1901 atingira a quantidade fantástica de 4.500.000.000.

Resumindo estas metidas formidáveis: a importação de produtos tropicais e sub-tropicais provenientes das paragens asiáticas, ribeirinhas do Pacífico, alçara-se no começo do século à 400.000.000 de dólares, quasi igual ao resto de toda a importação mundial norte-americana. (1)

Por outro lado, a exportação de seus principais artefatos descerravam-se desmedidas perspectivas. Os mercados que se lhes abriolham no Extremo Oriente avolumam-se em cifrões ainda mais estontecedores: a China poderá importar-lhes, desde já, em números redondos, 2100.000.000; o Japão, 2140.000.000; e

(1) *An address before the National Geographic Society, by the Hon. P. O. Austin, April, 2, 1902.*

Australasia, \$250.000.000; a India (porque o comércio inglez remorado na travessia do Suez será batido nas viagens rápidas pelo Pacífico), \$300.000.000; e a Russia asiática, a Coreia, a Indo-China..., permitindo prefixar-se, sem exageros, nos primeiros tempos, às vendas exclusivamente norte-americanas o mínimo de \$1.300.000.000, anuais, que o nosso desfalecimento financeiro traduz timidamente: trez milhões e novecentos mil centos...

Ora, por desconformes que se nos mostrem estes valores hiperbolizados de zeros, ressaltam de elementos concretos, mensuráveis e claros. (1)

Acompanhando-se justamente os argumentos de Austin, que neste assunto, até pelo título oficial, supre por quaisquer outras autoridades, conclui-se que desde a abertura do canal de Suez (1869), e apesar della e dos auxilios dados ao intercâmbio europeu, o trato mercantil do Extremo Oriente tendeu sempre, numa direção unifícil e firme, a gravitar inteiramente na órbita avassaladora do industrialismo yankee. Em seu cálculo elle considerou o semi-círculo de países que vão da Coreia ao

(1) Aquelas importâncias são naturalmente nimio diminuas ante as de um próximo futuro.

Em estudo recente, o ministro japonês Eki Hioki demonstrou que só a China, com uma população cito vezes maior que a do Japão, num território vinte e seis vezes mais vasto, pôde, de acordo com a razão de \$27 per capita, estabelecida hoje para a riqueza europeia, figurar no comércio universal com o número assombroso de 10.800.000.000 de dollars por ano, se não se tolher o seu incagável desenvolvimento atual. (Vide o n.º XVII, de Setembro de 1906, do *National Geographic Magazine*).

Japão, à China e à Australasia, tendo o centro geométrico em Manilha, e abrigando nas suas terras cerca de um terço da humanidade. E demonstrou que as suas compras, criadas, em 1868, em £575.000.000, ascendiam a £760.000.000 em 1880; a £1.095.000.000 em 1890; e a £1.260.000.000 em 1900, ao mesmo passo que as vendas iam de £588.000.000, no primeiro ano nomeado, a £1.257.000.000, hoje. Então, com igual inflexibilidade aritmética, definiu a trajetória vitoriosa da industria e da agricultura norte-americanas, ajustando-a com impecável paralelismo a todo aquele maravilhezo despertar do Oriente. Os números travam-se, outra vez, em relações inflexíveis. Em 1868 os países precipitados compravam à Republica mercadorias equivalentes a £8.000.000 apenas, isto é, menos de 2 % do que lhes fornecia a Grã-Bretanha; em 1880, entretanto, a importância saltara a £30.000.000; excedia £60.000.000 em 1890; chegando, em 1901, a £110.000.000 — exigindo-se a percentagem relativa de 10 %, ao revez dos escassos 2 % de há trinta anos. Ora, defrontadas tais importâncias e as correlativas do comércio inglez no mesmo período, inferiam-se os mais golpeantes resultados. Realmente, apesar de sua antiga soberania açambareadora de toda a economia oriental, os produtos remetidos da Inglaterra, que já em 1868 se computavam em £310.000.000, alcançavam, a cabo de trez décadas, apenas £162.000.000. E a simples diferença destas quantias, confrontada com a das que lhes correspondem no tráfico dos Estados Unidos, patentia, deslumbrantemente, ao mais rombo calculista, que ao diminuto acréscimo de 50 % da exportação britânica contraveem cerca de

1.000 % — mil por cento! — da exportação yankee.

Entretanto, os resultados surpreendentes desta enorme invasão pacífica do *Far East*, realizaram-se tolhidos de permanentes obstáculos, oriundos, sobretudo, das desmarcadas distâncias daquelas mercados antipodas. A despeito de um farto sistema ferro-viário, a simples circunstância de estarem no litoral atlântico os seus mais intensos centros produtores e consumidores, de par com a insenável inferioridade económica dos transportes terrestres em relação ao marítimos, subordina os Estados Unidos a uma situação sobremaneira desvantajosa, de quasi vassalagem comercial, perante os concorrentes europeus. Atente-se apenas em que as trez grandes estradas, ainda hoje percorridas por dous terços de seus navios, em demanda do Oriente, são — a do canal de Suez (12.500 milhas), igual à metade da circumferência da terra; a do cabo da Boa Esperança (15.000 milhas); e a desproporcional volta costeante pelas águas lavradas de tempestades, do cabo Horn, com 16.000 milhas; ao passo que o máximo de todos os roteiros europeus se dilata até às 10.500 milhas, entre Londres e Shangai.

Não se comentam dados deste teor. Evidentemente o corte do istmo de Panamá, ainda admitindo-se que não o inspirassem imperiosos motivos sociais e políticos, rasgar-se-ia à pancada desta *rush* irreprimível para o levante, destinada a rematar no desafogo dos mares o movimento que, há muito, arrebatou por terra para o *Far West* os pioneiros mais heroicos do industrialismo contemporâneo. Mas o decénio que ainda gastará a sua abertura avoluma-se

sobremodo no vertiginoso dos acontecimentos atuais. Vale por um século antigo.

No discurso deste período pôdem forcear-se as diretrizes da historia. O «wakening of the East», se o medirmos pela escala⁷ do Japão — isto é, por um decimo da sua valla futura — criará indescritíveis surpresas. Não ha prefigural-as. Não existe em todo o passado um só elemento, ou sucesso, ou ponto de referencia, para se avaliar o renascimento quasi repentino de um terço da Humanidade sobre um terço da superfície útil da Terra. A literatura que a este propózito se enjilha hoje na Europa, e mesmo nos Estados Unidos, é instável e vacila no proprio assombramento de suas conjecturas apocalíticas e desvairadas. Mas por anomalias que se nos figurem estas vizões apavorantes do futuro, pôde-se presumir que, se porventura houver de reproduzir-se um conflito universal, entre Mongóis-malaios e Caucásios, o cenário não se armará, como na Idade média, nos steppes da Europa Oriental.

Desenrolar-se-ha no Pacífico...

Então os interesses, raramente económicos, ou financeiros, que revimos, conchavam-se não já aos mais preeminentes moveis políticos norte americanos, senão com os de toda a civilização. E a abertura do «Canal de Roosevelt», sujerida por motivos utilitários, sob a injunção premente de todos os interesses materiais, transforma-se, de golpe, num episódio culminante do progresso universal, exigindo uma preliminar obrigatoria e urgentíssima: o pleno domínio das águas do grande oceano. O corolário é intuitivo. Não o embruscaram os disfarces ou recatados véos das acomodações diplomáticas. Vimol-o

sobresair aos algarismos opulentos de uma tumultuosa campanha mercantil, que dia a dia se tornará mais séria; e adivinhamo-lo como efeito imediato das maiores exigências da nossa cultura, diante do despertar das velhas sociedades milenárias. Vêmo-lo, por fim, sobrancendo toda a ercleia política americana.

Realmente, quando os Estados Unidos conseguiram em 1898 que a Hespanha, desangrada, lhes cedesse as trez mil ilhas das Filipinas, a sua política deslocou-se para o Pacifico, extremando-se em dous objetivos prepondierantes. De um lado, adita ás tradições nacionaes, repeliu a idéa de uma conquista, proclamando que a tutela sobre os paizes recem-adquiridos perduraria o tempo necessário ao tirocinio dos filipinos no se aparelharem para o próprio Governo. De outro, submetida ás exigências da expansibilidade industrial, reaviveu o antigo anelo do primado mercantil no grande oceano, erijindo o novo territorio em base de operações garantidora da prezidência comercial do levante. Eram dezignios improprios a uma solução simultanea.

O ideal politico da formação de um paiz livre, capaz do *self-government*, não coexistiria com o economico, vizando transformalo no campo de manobras de uma luta de mercados. Nem se comprehende que se constituisse uma nacionalidade, colhida, logo ao ensaiar dos primeiros passos, pela pressão violenta dos interesses que lhos perturbaviam. A questão, nímo complexa, requeria soluções sucessivas. Devêra partir-se do facto economico, mais simples e mais urgente, para chegar-se, consoante o sistema britanico, ao politico, capaz de resultar mais tarde, espon-

taneamente, de um largo esforço de domínio intenso e fecundo.

Na precipitação dos acontecimentos modernos, porém, é evidente que não podem os Estados Unidos copiar a Inglaterra de há dois séculos, adscrita às normas demoradas de uma colonização tranquila. Impõe-se-lhe o problema, em globo, sob todas as fases, desde a mais modestamente utilitária à quasi idealista — planeando-se, no mesmo lance, o domínio da terra e a maravilha da criação artística de um povo com a matéria prima grosseira de numerosas tribus ferocíssimas. E atenta a distância daquelas possessões, gravada da temerosa vizinhança do Oriente renacido, põe-se de manifesto que a formação histórica das Filipinas, a maior tentativa de política experimental que se conhece, só se pode realizar, a cabo de um longo tempo, em condições de manter-se integra em tanto afastamento de suas fontes originares, se, sobretudo, se caracterizar como um episódio dominante da conquista do Pacífico.

Sobre tudo isto há um conjunto de circunstâncias naturais tão caprichoso, ou adrede disposto a um inevitável recontro dos dois mundos, que se fronteiam em uma e em outra borda do maior dos mares, que o próprio quadro geográfico, naquelles lados, se nos afigura o decalque impressionador de um emocionante quadro do futuro...

A geografia prefigura a história.

O conflito mercantil, ou militar, de qualquer modo o embate das duas raças confrontantes, terá,

tudo o denunciado, a forma inicial de uma luta entre os Estados Unidos e o Japão. Predeterminou-a de alguma sorte a própria natureza física, construindo entre os dois países, ligados pelos mesmos paralelos, a única estrada de comunicações, prática e acessível, para atravessar-se a mais ampla das superfícies líquidas.

Com efeito, o Pacífico, ao contrário dos outros mares, é um grande isolador de povos. Nas latitudes austrais é quase intransponível. Os arquipélagos que o rendem, da Austrália para leste, acabam, de improviso, nos últimos farelhões de Toinualá. Da ilha de Pitcairn, a buscar as costas sul-americanas, mal afforam, nas vagas, rarecentes abrolhos desabrigados e sem nome, perdidos num ermo apavorante de 6.600 kms. de águas profundas e revoltas. Não há em toda a terra outra zona tão desfrequentada, ou tão inútil. Não a lavram as navegações regulares, refugindo aos roteiros terciados das tempestades, sem abrigos; e não a transpõe a celeridade avassaladora das correntes elétricas, atenta aquela largura dupla do limite máximo experimentalmente prefixo aos intervalos das estações no telegrafo submarino. Os melhores enjinhos humanos enlilham-se naquella imensidão deserta. É um trecho morto do planeta.

Ao passo que no hemisfério norte, — disporizivos contrários. O Oceano é mais vazio. A rareza de ilhas compensa-lha, porém, a distribuição uniforme delas; e os arquipélagos distensos abrangem vastíssimas superfícies. Entre a América do Norte e a China, o máximo trecho isolante estira-se da Califórnia às Sandwichs, e mal excede 2.000 milhas. Os demais, sucedendo-se em espaços regulares, afixam-se à tra-

vessia franca. De S. Francisco a Honolulú, nas Hawaí (2.074 milhas); de Hawaí a Wake (2.004); de Wake a Guam (1.304); de Guam a Manilha (1.360), e de Manilha ao litoral chinez (600); o longo itinerario de 7.346 milhas atenua-se, repartindo-se em cinco escalas seguras, e, excluido o percurso conforneante do estreito de Behring, não ha outro laço de aliança entre os dous continentes. Mas não bastam estas conformações favoraveis. Aditam-se-lhe outras influencias fizicas propicias. Trâ-o-se, ainda mais vivamente, a ordem natural, no emprestar as suas energias perpetuas e gratuitas, vazando-as ao encontro formidavel dos dous mundos. Não lhes traçou apenas, sem outros que lhos substitua, aquelle caminho unico, senão que o anima, e o ajita, e o orienta, ao ponto de se marcar, com antecedencia, a singradura das rotas que, sulcando-o, até pôdem dispensar a bussola, avançando sem riscos ou desvios, com o só obedecerem à translação eterna das ondas na trajetoria invariavel das correntes equatoriaes. Porque do 10º ao 30º paralelo o Pacifico-norte é um dilatado rio pelajico, elítico e fechado, ilhando as suas proprias aguas e volvendo entre as marjens liquidas a correnteza sensivel de dez milhas por dia. Nace na ponta meridional da California, rumo feito ao sul; volve para oeste transpondo toda a largura dos mares, sob a diretriz do 10º paralelo até ás Filipinas; inflete depois ao norte, perlongando as plagas japonezas; e torna para leste, atravessando,inda uma vez, os mares, até ao ponto de partida, descrevendo um ciclo de cinco mil e muitas leguas. Os navios abalam de S. Francisco, ou de Vancouver, e o segmento costeiro do anorme rodomoinabo condul-os no bordo do

sul até à latitude do vindouro canal de Panamá; dai, ao som das vagas e dos ventos, amaram para oeste a um tempo propelidos pelas correntes marítimas e aereas; e, a exemplo das antigas caravelas no Atlântico, van con los cielos até às terras aziáticas.

Mas os mesmos factos hidrográficos, ajindo em sentidos opostos, propiciam, por igual, aos navegantes que arrancam de Yokohama, ou de Shanghai, saindo para o norte e rumando depois para leste, postos no mesmo giro das águas, o abordarem facilmente os litorâes do novo mundo — cerrando-se, então, o *great circle* do majestoso oceano.

Dest'arte se dezenha, na trilha unica e praticável da América para o Levante, a «linha vermelha» da nova estrada histórica. Não é uma conjectura; é uma dedução geométrica, a riscar-se e a medir-se, substituindo-se com vantagem o mais ensofregado devaneio por um duplo decímetro ajustado a uma figura regular e simples. A previzão vê-se em qualquer mapa. As ilhas de Hawaí, Midwais, Mariana e Filipinas, que os abalos do maior centro vulcânico do globo espalharam por aquellas águas, alinhando-as e intervalando-as de um modo tão regular, mau grado à sua genezis tumultuaria, são, de facto, agora, as «least stones» em que se levantarão todos os pilares da ponta ideal de cento e vinte graus de longitude de vão, por onde a civilização caminhará, tentando ultimar o circuito da terra, ou por onde refluirá, arremetente, o mundo aziático despertado de uma letargia milenária, pelo rejuvenescimento do Japão.

Ora, os Estados Unidos, tendo no grande oceano uma linha de costas de 12.425 milhas, superior às

de todas as nações ribeirinhas, sem excluir a Grã-Bretanha — dupla da da Russia (6.260), tripla do Japão (4.590), quadrupla do Celeste Império (3.130), quintupla do litoral chileno (2.460) — pelo rumo intocável de seu desenvolvimento económico, aliado à fatalidade geográfica têm, hoje, todo o seu destino submetido à condição da hegemonia plena naquelas marés.

The Pacific is, and will remain an American Ocean... parece um maravilhoso verso errado de algum emulo de Kipling, e é um conceito inabalaável e seco do ríjido Austin, ao fim de um de seus relatórios crespos de algarismos.

Assim se articulam os mais dispares elementos para o desenlace de um encontro que nenhum arranjo políticos, ou diplomáticos, lograrão sobrestar. A esquadra do Almirante Evans não irá, talvez, atear, desde logo, uma guerra no Pacífico. Mas eletua uma evolução ouzada e francamente militar. Nesta marcha de flanco desmedida vai decidir da sorte de uma campanha vindoura inevitável.

III PARTE

DA INDEPENDÊNCIA
Á REPÚBLICA

Da Independencia á Republica

(ESBOÇO POLITICO)

O Brasil chegou ao seculo XIX na plenitude da expansão territorial, expressa nos Tratados de Madrid (1750) e Santo Ildefonso (1777). Apagara-se a linha ideal da concordata de Tordesillas; e a penetração colonizadora, já seguindo a rota acelerada das *Bandeiras*, já o passo tardo dos missionarios, irradiara por três quadrantes — para o norte, buscando os *thalwegs* do Oiapock e do Amapá; para o oeste, a encontrar as missões do Equador e as terras bolivianas, e para o sul, procurando o Prata, onde se erijira a baliza extrema da colônia do Sacramento.

O grande trato de terras retratava aproximadamente a sua configuração atual, indefinida. Firmada a leste e ao sul pela desmedida faixa de uma costa massiça, pelo poente e norte ella derivava em traços indecisos, raro modelados pelas conformações geográficas e ambíguos no fujitivo de linhas imaji-

narias lançadas em rejiões desconhecidas, ou cindindo as cabeceiras de rios problemáticos.

Extremava a desmedida fronteira um único ponto astronomicamente determinado na foz do arroio do Chuy, ao Sul ($33^{\circ} 45' L. S.$; $53^{\circ} 25' 05'' L. O. G. J.$).

Partia daí num traçado flexuoso, pela lagôa Mirim, interferindo sucessivamente as cabeceiras dos Rios Negro e Ibicuhy, cuja correnteza a conduzia ao Uruguay. Desatava-se depois pelo Pepiri, buscando-lhe as nacentes; alcançava-as; transpunha-as; decia pelo Santo Antonio até ao Iguassú, seguindo-o até o Paraná; e alongando-se ao arrepio da corrente deste atinjia a confluencia do Igurey. Subia-o até às cabeceiras, volvendo ao ocidente e depois em cheio para o norte, quazi ao acaso, divagante entre vertentes indecizas até ao Paraguai. Proseguia pelo Paraguai acima até às cercanias da Baía Negra, onde o deixava, ilojicamente, para formar as lindes da Bolivia demarcadas pelos mais apagados pontos determinantes, rompendo pelo meio das «corixas» alagadas que salpintam vasta rejião de nível, até à foz do Jaurú, onde uma recta para o ocidente — um capricho de cartógrafo — a distendia até à confluencia do Guaporé com o Sararé. Decia tortuozamente em dilatada longura por esta diviza firme até a um ponto no Madeira, médio entre a sua foz e a do Mamoré — para se estirar de novo no desconhecido, em longo e imajinozo traçado rectilíneo, procurando as fontes problemáticas do Javary, seguindo ao som das águas até à entrada no Amazonas. Depois novas lindes imajinarias, em que mal se fixa o traço inseguro do Japurá, até atinjir, numa inflexão de-

finitiva para leste, o «divortium aquarum», do Amazonas e o Orenoco.

Seguindo esta curva irregularíssima, mal delimitando o teatro da nossa existencia naquelle século, a carencia de divizas arcifinias prendeu-nos, na faze decisiva da nossa organização nacional, a sérios problemas de organização do territorio.

Os limites com o Uruguay só se firmaram em 1857, depois dos sucessivos acordos de 12-Maio-1851 e 15-Outubro-1852 em que interviveram o marquez de Paraná e o visconde de Uruguay.

Com a Republica Arjentina orijinaram a questão quazi secular das Missões, em que uma troca de nomes dos rios extremenhos, tendo anulado todo o esforço do visconde do Rio Branco, em 1857, se destinava, depois de longas negociações, à solução pela arbitrajem em nossos dias (1895), e a reviver no de um digno herdeiro o nome daquelle grande estadista.

Depois de uma campanha vitorioza, fixamos definitivamente as fronteiras com o Paraguai, desde a foz do Iguassú á do Apa, passando pelas majistraes das serras de Maracajú e Amambalhy, conforme o Tratado de 9 de Janeiro de 1872, negociado com admiravel brilho pelo barão de Cotegipe.

As extremaduras extensissimas da Bolivia, porém, mal reguladas pelo Tratado de 27 de Março de 1867, do Conselheiro Lopes Netto, onde se trocou o criterio geografico das linhas naturaes, que nos garantiam a posse dos tibutarios maridionaes do Amazonas, pela base indefinida do *uti possidetis*, destinavam-se a chegar indeterminadas ao seculo xx, sob o aspetto ameaçador das questões incandescentes do Acre, travadas em torno da linha imajinaria que

partindo de uma coordenada fixa naquelle tratado (40° 20' L. S.), na marjém esquerda do Madeira, se alonga ás cabeceiras do Javary.

As do Perú acordaram-se pelo Tratado de 23 de Outubro de 1851, sob o princípio, expresso, da posse, traçando-se, definitivamente, em 1874.

As do Equador e da Colombia ficaram insolúveis durante o correr do século. Antepunham-se-lhes, como preliminar indispensável, as questões de limites entre estas repúblicas e a do Perú. Quanto ás da Colombia, adstritas, por sua vez, a sérias duvidas com a Venezuela e o Equador, encerravam germe de complexo litígio nas paragens desconhecidas do Alto Rio Negro.

Atinjido o norte, liquidamos, pelo Tratado de 5 de Maio de 1859, negociado por Pereira Leal, as nossas divizas com a Venezuela, restando-nos, adiante, no rumo de leste, duas outras:—com a Guyana Ingleza, vizando a posse do território neutro de Pi-rrara, e com a França, relativa à rejação contermina que se desdobra entre o Amapá e o Oiapock.

Velha de trez séculos, porque podemos considerar-a nascente desde 1695 com La Revardière; tranzitando em sucessivos tratados e convenios que fôra longo rememorar; parando no *status quo* do arranjo de 5 de Julho de 1841, constituindo o «Contestado»; permanecendo inextricável a despeito das negociações entabuladas de 1853 a 1856; revivendo mais tarde na república extravagante de Cunani (1887); provocando, em 1895, um choque pelas armas entre nacionaes e franceses — aquella ultima destinava-se á mais bella consagração do princípio civilizador da arbitrajem, rematando nos ultimos dias

do seculo (1900), à luz do vigoroso espirito do barão do Rio-Branco, todo esse longo trabalho de reivindicação do sólo.

E fizemos, certo, muito, nesse desdar e corrijir ou reatar tantas linhas confinaes enleadas, revoltas e até partidas pelo repentino abalo do domínio hespanhol que se dissociara, de chofre, em novos estados.

Porque no fim da quadra colonial não havia curar-se de tais compromissos, entregues ao fuluro. O Brazil era amplo demais para os seus trez milhões de povoadores em 1880. Além disto, a continuidade territorial, delineada no litoral interíco, contrapunha-se completa separação de destinos. Os varios agrupamentos em que se repartia o povoamento rarefeito, evelvendo emperradamente sob o influxo tardio e lojinguo dos alvarás da metropole, e de todo desquitados entre si, não tinham uniformidade de sentimentos e idéas que os impelissem a procurar na continuidade da terra a base física de uma Patria.

Formações mesticas, surjindo de uma dozajem variavel de trez raças divergentes em todos os caracteres, em que as combinações dispares e multiplas se engraveciam com o influxo diferenciador do meio fízico, de par com as mais opostas condições geograficas num desdobramento de 35 graus de latitude, — chegavam ao alvorar da nossa edade com os traços denunciadores de nacionalidades distintas.

Dizem-no todos os casos dos tempos anteriores.

O drama da Inconfidencia terminara recentemente no sul, sem que o seu desenlace trajico coinovesse o norte, onde, por sua vez, em quadra mais

remota, a luta contra os batayos se abriu e se encerrou com o divorcio completo das gentes meridionais.

Entretanto, acima destas divergências de ordem étnica e política reinava inteira uniformidade nas situações mental, moral e social da colônia. As duas primeiras tinham o lastro uniforme das crenças católicas triplamente inquinadas das superstições medievais, do fetichismo indígena e do animismo africano; e a última, caracterizando um estado semi-barbaro, em que todo mérito estava na coragem pessoal e todo prestígio na glória militar, repousava sobre a escravidão.

Dest'arte, insulados no paiz vastíssimo em que se perdiam, os nossos patrícios de ha cem anos tinham frajeis laços de solidariedade. Distanciava-os o meio: isolavam-nos destinos divergentes; separavam-nos profundamente as discordâncias étnicas. A diretriz da nossa história retorcia-se sem uma caracterização precisa, em movimentos parelados estreitamente locais. E punha-se de manifesto um corolário único: a formação de algumas repúblicas turbulentas, sem a afinidade fortalecedora de uma tradição secular profunda.

Alguém, porém, cuja missão prejudicial é hoje ponto incontrovertido, mau grado os brilhos de uma glória militar indiscutível, ia realizar, sem o querer, completa transmutação em nossos destinos.

Napoleão Bonaparte, que se propunha derramar sobre a terra o fulgor da elaboração emancipadora da Encyclopédia no coruscar das fuzilarias,

lançou, em 1807, as tropas de Junot sobre a Península Iberica. E foi, como se sabe, um rude passo militar...

O imortal sargento entrou pelas fronteiras desguarnecidas de Portugal, e apavorou o mais inofensivo dos reis.

O príncipe regente da terra, D. João de Bragança, não se modelara para aquelle transe. Reprezentara, desde 1792, ao assumir a regência de Portugal, pelo interdito de Maria I, infelizíssimo papel nas agitações da Europa, oscilando entre as mais opostas atitudes. Partidário, a princípio, da Liga contra-revolucionária, abandonara-a, depois da paz da Basileia, para cortejar o Diretório. Volvera-se depois à velha aliança ingleza, aplaudindo o revide fulminante de Nelson; para a deixar logo, numa curvatura lastimável à aureola imperial do menor dos grandes homens, emergente de 18 de Brumário. Completara, afinal, a fraqueza, prendendo-se às clauzulas humilhantes do tratado de Madrid (1801) e pagando a pezo de ouro a propria neutralidade, até surjir, em 1806, a conjuntura do Bloqueio Continental, acarretando-lhe novas oscilações, novas incoerências, novos desastres.

Titubeando entre a Inglaterra e o seu pertinaz adversário, despertaria o desquerer deste último. Procurara serodiamente afastá-lo, enviando os passaportes ao ministro britânico, visconde de Strangford, e extremando-se no excesso de zelo de determinar o sequestro das propriedades inglesas em Portugal.

Mas definira-se tarde. O próprio chefe da esquadra britânica, que começara o bloqueio do Tejo, Sidney Smith, remeteu-lhe, ironicamente, o numero do «Moniteur» onde se estampara o Tratado de 27

de Outubro de 1807, de Fontainebleau, dividindo-lhe o reino entre a França e a Espanha; e, simultaneamente, a notícia da invasão francesa. Não a aguardou. Fugiu — para escrevermos o verbo que lhe sombreia a memória, empanando o significado mais verdadeiro de uma habil retirada. Embarcou com a família e a corte alarmada (29 de Novembro de 1807) nos restos de uma frota que abriu esteiras nos mares nunca dantes navegados, e, passível do mais caprichoso joguetear do destino, comboiado pelos próprios navios ingleses, inimigos da véspera, seguiu para o Brasil.

Ora, estes factos, vertiginosamente desencadeados no passo de carga de uma invasão, iam ter consequências memoráveis.

Lançavam à nossa terra o único estadista capaz de a transfigurar.

De facto, na situação em que nos achávamos, impropriavamo-nos por igual ao Império de um caráter forte e aos lances de um reformador de gênio. O primeiro seria novo estímulo às revoluções parciais, acarretando a desagregação inevitável; o último ajitar-se-ia inútil como um revolucionário incompreendido. Precizávamos de alguém capaz de nos ceder, transitoriamente, feito um minoritivo às eizações emergentes, o anel de aliança da tradição monárquica, mas que a não soubesse implantar; e não pudesse, por outro lado, impedir o advento das aspirações nacionais, embora estas houvessem de apare-

cer, paradoxalmente, no seio de uma ditadura desvigorada e frouxa.

E D. João VI, um mediocre, foi um predestinado. Avesse a bravuras, alma injerua e comodista, ornada de uma placabilidade burguesa, abatido ademais pelas desordens de um lar infeliz, entristecido pela figura da velha rainha mãe D. Maria I, que enlouquecera — a fúria e a vizão restrita fôram-lhe atributo preeminente: permitiram que lhe ajisse intacta, sobre o anime, a vontade de alguns homens superiores que em lôa bera o rodeavam.

Revelam-no todos os factos subsecutivos à sua chegada à cidade da Baía, em 22 de Janeiro de 1808.

Ali, o seu primeiro ato foi um golpe sulcando a fundo todo o rejimen colonial, pela franquia dos portos brasileiros ao comercio das nações amigos, que o eram todas, excetuada a França. Mas na Carta Régia de 28 de Janeiro daquelle ano, que a estatuiu, reflete-se, exclusiva, a sujeição direta do nosso primeiro economista, José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú. Neste lance o facto económico da impossibilidade de manter-se regularmente com a metropole as comunicações marítimas sobreleva a tudo. A necessidade fremente de paliar os efeitos de uma crise comercial facilmente prevista, determinou, incidentalmente, a elevada rezolução política.

Completon-a, depois de chegar ao Rio de Janeiro, com a de 1 de Abril, desafogando as atividades e derogando o alvará de 5 de Janeiro de 1785, que ordenara o fechamento de todas as fabricas, extravagante traço legal sublinhando o vadeismo indigena.

Quaesquer que tenham sido, entretanto, os seus

moveis estranhos, estes dois decretos, equivalentes aos efeitos de duas revoluções liberaes, bastavam a enobrecer-lhe o nome de Rejente. Relegam a segundo plano todas as falhas de uma educação imperfeita que, ligadas ao desadorar os minimos rigores da pragmática, o tornaram por vezes inferior ás exigencias da dignidade real, junjindo-o para sempre ao humorismo nem sempre justo, e ao enxoavalho dos cronistas, ou historiadores de anedotas. Porque quem lhe restaura hoje a figura — expunjida de um sem-numero de pormenores lastimavelmente hilares, e a enqua, de preferencia, logo em principio, naquelles decretos decisivos e quasi revolucionarios, aprecia-a sob outro aspeto.

Foi, em primeiro lugar, um stoico.

Não o abatera o subito declinio de uma pátria em despenhos do fastigio efemero em que a alçandorara a ditadura de Pombal; não o abalara, depois, a froca de uma capital suntuosa pelo Rio de Janeiro de então, grande aldeia de 45.000 almas, salpicada de mangues, invadida pelas marés, que lhe infumeciam as lagôas, e construída desajeitadamente, a esmo, pelo recosto das colinas, atulhando os vales apaixonados, com as suas vielas em torcicolos, orladas de gelozias de urupema, pelas quaes embitegava o pauperrimo trem real de velhas sejes de cortinas dc couro, recordando os ultimos frangalhos de uma opulencia extinta.

Depois, um convencido e um sincero.

Se não traçou, pelo proprio punho, no manifesto de 1 de Maio de 1908, o compromisso de «levantar a voz do seio do novo imperio que ia crear», comprehendeu-o, lucidamente.

Pelo menos deixou vacilante o juizo da historia, inclinando-o de preferencia ao parecer de um contemporaneo ilustre, Luckok, quando assentou que «ele possuia mais sentimento e enerjia de carater do que ordinariamente lhe atribuiam amigos e inimigos».

É o que, de facto, delatam todos os atos subsequentes que vamos apontar apenas, neste relancear o passado da nossa terra.

Foi a principio uma reacção contra o inimigo longinquo.

Uma expedição militar fulminante, ao mando do general Marquez d'Elvas, dirijiu-se para a Guyana Franceza, chegando, a 15 de Dezembro, às cercanias de Cayenna. Assediou-a; e expugnou-a a 12 de Janeiro do ano seguinte (1809), expulsando o governador Victor Hugues e toda a guarnição. Desta guiza a nossa primeira ação externa no seculo XIX tem muitos pontos de contacto com a ultima: áquelle choque armado da ditadura real contrapôr-se-ia, em 1901, vitoriosa pela arbitrajem, contra os mesmos adversarios e no mesmo campo, a ação pacifica da Republica.

A segunda extremou-se no sul, e prolongar-se-ia intermitentemente até aos nossos dias. Traia, ao parecer, mal encoberto anel da espoza de D. João, D. Carlota Joaquina, que imaginara restaurar, no vice-reinado do Prata, o trono castelhano desabado na Europa com Fernando VII. Mas realizou-se ao reclamo do proprio governador hespanhol, General Xavier Elio, que, depois da revolução emancipadora de 25 de Maio de 1810 de Buenos Ayres, se viu assediado no ano seguinte na praça de Montevidéu pelas

tropas argentinas e orientaes do General Rondeau e José Artigas. Depois de alguns combates inuteis — em que o Capitão General do Rio Grande, D^r. Diogo de Souza, invadindo o Estado Oriental, desbaratou os guerrilheiros que se lhe antepuzeram, — a luta terminou (1812), pelos bons ofícios do ministro Rademaker, dedicado fiscal da política britânica, e teve como eleito mais proximo ligar-nos à convivencia perigosa dos caudilhos, de que José Artigas foi o primeiro mordel.

Falecendo por este tempo o conde de Linhares, ministro que estimulara estas duas aventuras guerreiras, poude D. João devotar-se à administração interna do paiz.

Começou a reajir, então, sobre os nossos destinos, por uma série de medidas que refletidas mais tarde na ordem política, com a resolução de 16 de Dezembro de 1815 elevando o Brazil à categoria de Reino, tiveram, segundo outra ordem de idéas, uma significação mais alta no propelirem o nosso desenvolvimento intelectual.

Foi a sua ação realmente útil.

Propiciara-a o inicio.

O espirito nacional, apesar da situação inferior da massa da colonia, começara a despertar alguns anos antes.

Revelam-no alguns nomes expressivos.

Conceição Vellozo, o nosso primeiro botânico, feira na propria metrópole um vulgarizador de trabalhos utilíssimos. Vicente Seabra, Nogueira da Gama e José Bonifacio de Andrada e Silva, incluiam-se entre os lentes da Universidade de Coimbra e Escola de marinha de Lisboa, além de gozar o ultimo

de reputação quasi europeia como cientista. José da Silva Lisboa era um digno discípulo de Adam Smith e criterioso comentador de Burke. Hipólito José da Costa, no *Correio Braziliense*, publicado em Londres, agitava com brilhantismo raro dois sérios problemas — a independência política e emancipação dos escravos. Arruda Camara, José de Sá Estêncourt e José Vieira Couto, nos sertões de Pernambuco, Baía e Minas, abriram em nossa terra as primeiras veredas à ciência, fóra das picadas tortuosas das bandeiras. Silva Alvarenga, Tenreiro Aranha, Vilela Barboza e Souza Caldas, esboçavam a nossa vida literária. E sobre todos, reprezentando notavelmente a cultura do tempo, o grande matemático e economista notável, aquella rara mentalidade do bispo Azevedo Coutinho, que de alguma sorte já prefigurava, no versar os mais dispares assuntos, o traço essencial do nosso espírito vezado às generalizações brilhantes em detrimento das especializações secundas.

Ora, o atributo preexcelente da ditadura real consistiu em favorecer esse germinar da expansão civilizadora.

Fundou a Imprensa Régia, abrogando de golpe o deprimente alvará de 6 de Julho de 1747; e a *Gazeta do Rio*, órgão oficial, apareceu iniciando o jornalismo no Brasil.

Ali se imprimiram páginas que ainda hoje deleitaremos com vantagem: o «Dicionário da Língua Portuguesa», de A. Moreira e Silva e a «Cronografia Brasileira», de Ayres de Carvalho; livros que com a «História do Brasil», de Southey (1822), os volumes descriptivos do príncipe de Newied, os trabalhos de Arruda-Camara, as primeiras linhas de Martius,

os escritos de Aug. Saint-Hilaire, Eschweg, Varnhagen, Feldner, e as memórias históricas de Pizarro, ou Anais do Rio de Janeiro, de Baltazar Lisboa — delinearam o primeiro quadro da nossa cultura.

Concorrentemente, outros pioneiros substituíam o bandeirante e o missionário no desvendar a terra, prolongando os esforços, até então esparsos, de Gabriel Soares, Lacerda e Almeida, Silva Pontes e Alexandre Ferreira. Eram uns nomes estranhos — Mawe, Kosler, Waterton... — batedores de outros mais ilustres, nacionalizados todos entre nós pelo carinho com que olharam para uma natureza portentosa.

O agazalho que encontravam denunciava novos estímulos no governo. Havia pouco ainda, no começo do século, um governador suspicaz lançára, zeloso, um decreto de expulsão «contra um tal Barão de Humboldt», indivíduo suspeito e vagabundo, que andava pelas extremas setentrionais do Amazonas...

Mudavam-se, evidentemente, os tempos. A corteatraia os abnegados naturalistas, alguns dos quais, sob o razoável pretexto de enriquecerem as coleções do Museu Nacional recente-instituído, se tornaram pensionistas do Estado.

Renovou-se do mesmo passo o movimento artístico que, apenas iniciado, ao norte, durante o domínio holandez, por Eckhout e Pieter Pest, e escassamente definido por alguns talentos nacionais sem cultura — tive, desde 1816, o amparo permanente da Academia de Belas Artes, que a recente paz com a França aparelhara de todos os elementos de êxito com a vinda de Joachim Le Breton,

membro do Instituto, que a dirijiu, assistido de um pintor notável, Debret, de um artista cujo nome se vincularia à nossa historia em projenie ilustre, Nicolau Taunay, de um arquiteto de genio, Grandjean de Montigny, e do escultor Mare-Ferrez.

Volvendo a outros ramos administrativos, fundou D. João as Academias de Marinha e Artilharia, o Arquivo Militar e a Escola Medico-Cirúrgica, e — frizemos esta circunstancia digna de nota — desfazendo-se dos seus livros, a Biblioteca Nacional. Gizou depois o primeiro esboço de um Jardim Botânico, futuro indice da nossa flora.

Rematou tudo isto com a criação da primeira instituição de credito do paiz, o Banco do Brazil. Um estudo permenorizado revelaria excepcional descritivo nessa administração onimoda. Nada lhe escapou ao influxo: as questões mais altas e os cazos mais ao parecer despiciendos revezam-se aclarando todos os aspectos do existir da nacionalidade nacente, onde tudo estava por fazer. Os atos administrativos vão, de terra a terra, das medidas mais simples às rezoluções mais complexas. Na capital: ordenando a destruição das tradicionaes gelozias que davam às vivendas uma apariencia desgracioza e triste, ou mandando coutar as nacentes dos manancines que abasteciam os rezervatorios publicos, ou ensaiando a aclimação de exóticas especiarias na «Real Quinta e Jardim da Lagôa de Freitas»; no interior: favorecendo a abertura das estradas, aviventando a mineração geral e sistematizando a extração e o preparo do ferro em Minas, sob a direção do Barão de Eschwoge e em S. Paulo (Ipanema) sob a de Frederico Varnhajen — pelos mais diversos pontos do paiz irradiava a in-

fluencia governamental com uma intensidade que nunca mais desenvolveu em toda a nossa existência político-administrativa. A ditadura real, no construir de facto o « novo império », anunciado em 1808 às nações amigas, patenteava, sobretudo, uma compreensão admirável do seu problema económico, como nos o mostra a simples referência de suas leis e decretos, atinentes aos prémios, priviléjos e izenções altamente protetores da cultura do algodão e da sédia, à diminuição dos direitos de entradas, à izenção do serviço militar para os « climatizadores » de plantas estrangeiras, e, ao cabo, à instituição liberalíssima de um verdadeiro *homestead* rodeando, pelo Alvará de 21 de Janeiro de 1809, de garantias excepcionais os agricultores cujos enjinhos e terras em condição alguma poderiam ser executados. Neste rumo admirável incluiu o próprio problema, ainda hoje não resolvido, do povoamento do solo, já concedendo datas de sesmarias aos estrangeiros, em contraposição a todas as leis proibitárias do regime colonial, já atraindo e favorecendo as primeiras levadas de imigrantes suíços, que se localizaram na província do Rio de Janeiro fundando Nova-Friburgo.

Analizando-se mais intimamente essa administração surpreendente, vê-se-lá que aquela figura histórica tão deselegante e vulgar, de D. João VI, lançou todos os fundamentos essenciais do nosso destino.

Mas esta imperfeita rezenha, diz tudo por si mesma. Traduz inestimável legado que outros factos, sem a mesma altitude, não empanham.

Nestes incluem-se todos os renovamentos das superfluas velharias de uma sociedade desfibrada,

em que a burocracia se tornara o ideal da vadiajem paga: a Meza de Conciencia e Ordens e outras, que nos forramos de citar, entre as quaes uma Intendencia Geral da Policia, centralizando-se na Corte, como se pela vastidão do Brasil um Pina Manique titanico pudesse alongar os braços de Briareu... E, mais nefasto ainda, despontando com a «Ordem da Torre e Espada», um prodigalizar fabuloso de comendas em tal cópia que, segundo Armitage, ultrapassaram as doadas por toda a dinastia; iniciando-se nesta terra a mais achamboada das aristocracias e esse dissipar de «honras», que tanto desaira a honra pura e simples.

Acrecente-se a anexação esteril da Banda Oriental do Uruguay, (16 de Julho de 1821), constituinto a província Cisplatina, que deviamos perder mais tarde depois de longas fainas guerreiras, e teremos esfumado a unica face obscura do quadro.

Releve, entretanto, considerar que neste lance a política exterior de D. João VI, feriu, por acaso, a questão internacional mais séria deste continente. Aproveitando-se das discordias entre os orientaes daquelle José Artigas, que é a figura mais representativa da cidadelhajem sul-americana e os arjentinos, para firmar desde 1817, com a espada de Frederico Lecor, Barão da Laguna, o seu domínio em Montevidéu, ella lançara as primeiras linhas de uma oposição até hoje vitoriosa contra o pensamento da reconstituição do Vice-reinado platino, que se planeara desde 1811, na Junta Governativa de Buenos Ayres, e criou-se pelos tempos adiante até aos nossos dias como ideal preeminente do patriotismo arjentino.

A ditadura real encerrara com esta ação externa a sua faze reconstrutora e útil.

Iam assaltal-a e abatel-a dois movimentos inopinados — a revolução de 17, em Pernambuco, e a de Portugal, em 1820.

A primeira, à parte as cauzas secundarias e imediatas da indisciplina militar, estampando o roto-falso das ajitações nacionaes, tinha orijens profundas. Domingos Teotonio Jorge e o impetuoso Barros Lima, o «Leão Coroado», assassinando o comandante militar do Recife, e expulsando o capitão general Antonio Pinto de Miranda Montenegro, ajam, heróes automatos, sob o impulso incoercível das tendencias nativistas, sob o disfarce republicano, cujos chefes reaes, o comerciante Domingos Martins, o padre Miguel Joaquim de Almeida e o malogrado padre Roma, secundados pelo seminarista Martiniano de Alencar, pertenciam a profissões pacíficas por excelencia.

Depois de um triunfo efemero, em que a Junta Revolucionaria pernambucana, legando-nos exemplo que não foi esquecido, adotou como mais sérias e urgentes medidas o aumento do soldo ás tropas, o acesso de trez postos aos oficiaes revoltozes, e o tratamento oficial de rós, o revide legal vibrado pelo pulso vigoroso do conde dos Arcos, governador da Baía, sopeou-a, maculando-se depois com levar ao patíbulo os rebeldes suplantados.

D. João VI vencera, porém, a tempo de atender a ouiros antagonistas, que lhe surjiam na pro-

pria pátria com a revolução liberal de 24 de Agosto de 1820, no Porto.

Na revolta portuguesa o que aparece no primeiro plano é a corrente generalizada do constitucionalismo, que ia assoberbando a Europa depois da Restauração. Mas os seus reajentes mais energicos eram outros. Rezumiam-se na circunstância de haver-se deslocado o trono para o Brazil, instituindo, aqui, a autonomia económica, preliminar da autonomia política e colocando a antiga metropole em situação vizivelmente inferior.

Houvera, de facto, uma troca de papéis. Portugal, empobrecido desde a franquia dos portos, agravada com o escoar-se-lhe, de Lisboa para o Rio, as rendas da realeza e do seu sequito — era a colónia de facto. Ao mesmo tempo a abertura dos portos deslocara as transações, de Portugal para a Inglaterra ; de sorte que ainda em 1817 o comercio direto do Brazil com a antiga metropole estava muito aquém dos valores atinjidos em 1808. Os numeros secos das estatísticas comerciaes valiam neste caso pelos mais apaixonados libelos patrióticos.

Assim, a revolução portuense era menos a luta por um princípio que a revolta de uma nacionalidade iludida e sacrificada.

A nova chegou ao Rio de Janeiro, trazendo, desde o Pará, a sobrecarga agravante da adezão das tropas lusitanas das províncias setentrionaes. E reviveu na alma timorata do rei antigas e deslembadas comoções : a resonancia longínqua do tropejar dos granadeiros de Junot...

D. João VI não balanceou a crise. Terjiversou, consoante o seu antigo hábito, irresoluto, entre os

brazileiros, que o atraíam, e os portugueses, que o intimavam a aceitar a Constituição da Junta revolucionária de Lisboa e a voltar depois para o Reino. Jurada, finalmente, aquela, e marcadas, de acordo com o que ella estatuiria (7 de Março de 1821), as eleições de deputados às Cortes de Lisboa, novas vacilações do timido monarca no deixar a terra a que se afiçoara, originaram sanguinolentos recontros nas ruas do Rio de Janeiro entre os nacionais e as tropas auxiliares portuguêses. Por fim, cerrando sua carreira política do mesmo modo porque a inaugurara, com uma fuga ou com uma habil retirada, perpetuamente oscilante entre dispares desígnios, com as mesmas peripecias dolorosamente ridículas, que temos por escuzado reviver, partiu, a 26 de Abril, para Portugal, deixando ao seu filho mais velho, D. Pedro de Alcantara, então à volta dos 23 anos de idade, uma coroa que julgava passível de ser preada por um aventureiro qualquer.

Houve, então, na dessa história uma antinomia notável.

O nativismo nacional que, à parte a breve irritação pernambucana, de 1817, tolerara o absolutismo da realeza, começou de ser rudemente aferroado pelo liberalismo português.

Contravindo ao espírito superior do pensamento político que as inspirara, as Cortes de Lisboa planearam revogar as reformas feitas anteriormente e adotaram, quanto ao Brasil, o programa extravagante de recolonização: votaram a supressão das

escolas e tribunaes superiores; a revogatoria do governo geral do Rio, completada com a tentativa de fazer regressar à Europa o principe D. Pedro; e fraccionando a administração inteira, com o impôr a cada província a sujeição aos tribunaes da metropole rediviva, fantazaram um Brazil anterior a Tomé de Souza.

Não trancaram outra vez os portos porque o comercio geral era, em ultima analize, o comercio inglez.

A minoria de cincocentos representantes brasileiros em Lisboa — em que se destacavam um orador impetuoso e vibrante, Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, um pensador por igual poeta e matematico, Francisco Vilela Barboza, um argumentador tenaz, Lino Coutinho, e aquele perfil escultural de Diogo Feijó, e o lucido Pedro Araujo Lima, Vergueiro e outros — tentou debalde opôr-se àquelle recdo.

Protestando, pela voz enerjica de Antonio Carlos, e abandonando um posto inutil, emigraram os deputados para a Inglaterra, ou demandaram a Patria.

Aqui, a discordancia dos partidos, espelhando todos os cambiantes, do nativista exaltado ao reacionario ferrenho, engravecia-se com o antagonismo crescente dos dois elementos nacional e portuguez crecentemente malavindo. E no baralhamento das paixões vivamente acirradas pelas sucessivas noticias gravissimas de ultramar, o primeiro, cindido de fações, sem comando porque havia cheffes demais, certo não pulsearia o ultimo, mais unido e centralizado pela *divisão auriliadora* do general Jorge de Avillez, onde se esteiava a rezistencia da metropole.

Dado o divorcio, que até aquelle tempo isolá-

ra uns de outros os varios agrupamentos em que se subdividia o paiz, punha-se de manifesto o seu desmembramento. As revoltas parciaes, que iriam irromper repelindo a ameaça recolonizadora, sujeitaram a destinos varios nas diversas zonas do territorio, e na melhor hipoteze prezajavam, a exemplo do que sucedera recentemente no Vice-Reinado do Prata, a formação de minusculas republicas, entregues ás intrigas impunes do estranjeiro, ou á fantasmagoria de uma liberdade sangrando sob a espora dos caudilhos.

Impediu-o o Principe Rejente.

Menos pelo valor individual que pelo prestígio da posição, fez-se árbitro entre os partidos, e o inclinar-se para os naturaes do paiz propiciou-lhes em grande parte o triunfo, creando á monarquia o seu mais elevado destino na nossa terra.

D. Pedro de Bragança talhara-se, realmente, para aquella crize. Mediano em tudo — parte soldado, rei em parte, em parte *condotieri* — essa ausencia de uma linha firme e estavel, no caráter, dava-lhe plasticidade para se amoldar ao incoerente da sociedade protiforme em que surjira. A situação histórica só lhe exigia a indole cavalheiresca, brilhante e arrebatada, a bravura impetuosa, e, por fim, a propria inconstância que o levaria, tempos depois, após reprezentar o seu papel revolucionário, a abandonar o paiz, quando despontou a faze reconstrutora de 1831.

A exemplo do pae, ia ajir sob a influência dos homens de valor que o assistiam.

Tinhamos, felizmente.

José Benifacio de Andrada e Silva chegara

da Europa com renome feito de proeminente cultor da filozofia natural, e tornara-se a figura dominante de um grupo de patriotas apercebidos para as exigencias complexas do momento.

Não ha abranjer-se na concizão destas linhas a figura anormal desse homem que sobranceou o seu tempo, mercê de uma cultura integral dilatando-lhe o espirito por todas as ordens de conhecimentos, da mineraloja transfigurada por Werner á química recentemente instituída por Lavoisier, até ás mais transcendentes cojitações de Kant ou de Fichte. Na sua mocidade deslumbrante elle fôra uma especie de ministro plenipotenciario do espirito e do sentimento da nossa nacionalidade naciente, acreditado em todas as capitais do velho mundo. Naturalista viajante, a perlustrar durante dez anos as terras civilizadas do extremo sul da Italia até á Noruega, fôra carinhosamente acolhido em todas as academias, nobilitando-se com a estima dos maiores pensadores. Exercitara-se por vezes nas mais disparees funções: — deixando o posto de diretor das minas da Noruega, para crear a cadeira de mineraloja na Universidade de Coimbra, acumulando depois os cargos de intendente geral das minas de Portugal e desembargador da Relação do Porto, ou abandonando-os para dedicar-se á mais rude pratica profissional da engenharia nos trabalhos de canalização do rio Mondego. Em todos esses misteres diversissimos rebrilhara-lhe o espirito e deixara o traço de uma vontade inabalavel; até que a invazão francesa, arrancando-o de chofre as

susas preocupações científicas, obrigara-o a transmudar-se em militar, levando-o às linhas mais arriscadas dos combates onde conquistou o posto de tenente-coronel, senhoreando em tanta maneira a confiança geral que, depois de repelido o invazor, fôra nomeado intendente da polícia do Porto, cidade que sobre todas sofrera as consequências pezadissimas da guerra.

Cerrara por fim esta primeira fase da vida que bastaria a dar-lhe o mais invejável destaque, recolhendo-se à pátria, na cidade nativa de Santos, de onde se afastou quando compreendeu que todos os lances, anteriormente sumariados, de uma carreira brilhante, eram apenas os preparatórios de uma empreza mais alta.

Mas como entravamos em período forçadamente demolidor e crítico, coube ao jornalismo os primeiros passos na empreza.

Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barboza, no *Reverbero Constitucional*; fr. Francisco de Santa Tereza Sampaio e João Soares Lisboa, no *Correio do Rio*, esboçaram a reação nativista, e deslocaram para o âmago das agitações nacionais o que elas ainda não haviam tido, o vigor moral da opinião pública. E como nas províncias, desde Maranhão até S. Paulo, outros Jornais se fundaram, reforçando-lhes os esforços, a imprensa fez-se instrumento preexcellent da luta iniciada, generalizando-a a todos os angulos do paiz e favorecendo um movimento de conjunto que ainda não existira. A agitação doutrinária, que até então se amortec-

cera nos preços londrinos do *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa, com todos os inconvenientes da distancia e do isolamento, deslocava-se de súbito para o âmago do espírito nacional.

E bem que a inquinasse uma metafísica dissolvente, e esse lirismo político, que tanto comprometera a elaboração recente do século XVIII, o seu papel, embora exclusivamente crítico, traduziu-se como uma redistribuição de alentos e não conseguiu dilatar a energia centrifuga além dessa propaganda tenaz.

Porque se lhe contrapuzera, no Rio, a força central, oportuna e necessária, da realça,

Não vacilemos em reconhecê-lo.

Somos o único caso histórico de uma nacionalidade feita por uma teoria política. Vimos, de um salto, da homogeneidade da colónia para o rejimen constitucional: dos alvarás para as leis. E ao entrarmos de improviso na órbita dos nossos destinos, fizemos-o com um único equilíbrio possível naquella quadra: o equilíbrio dinâmico entre as aspirações populares e as tradições dinásticas. Sómente estas, mais tarde, permitiram que entre os «Exaltados», ulopistas avançando-se demasiado para o futuro até entessem com a República prematura, e os «Reacionários» absolutistas em recuos excessivos para o passado, repontasse o influxo conservador dos «Modérados», ou liberaes-monarquistas da Regencia, o que equivalia à conciliação entre o Progresso e a Ordem, ainda não formulada em axioma pelo mais robusto pensador do século.

Dest'arte, a luta da Independencia teve, no englobar elementos destruidores e reconstrutores, o carácter positivo de uma revolução.

E desenrolou-se com uma finalidade irresistível.

Mas o princípio foi esparso, dispartindo nos mesmos atos sem solidariedade, tão característicos da nossa história. As « Juntas Governativas », que para logo se fundaram, constituiram-se em pequenos estados, e volviam ao aspeto exato dos tempos coloniais, numa espécie de decomposição espontânea. Algunhas, como a de Pernambuco, ainda reassumindo a atitude batalhadora, tendo suplantado o elemento portuguez na « Capitulação do Beberibe », (Outubro de 1821), subtraíam-se do mesmo passo ao influxo dos governos do Rio e do Reino, revivendo o antigo sonho da existência autónoma. Outras, as demais do norte, volvendo a obedecer aos antigos dominadores, facilitavam o programa da recolonização.

Apenas quatro — Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul — aceitaram desde logo o governo do princípio, forrando-se igualmente à autonomia completa e à dependência colonial.

Nessa instabilidade de trez situações contrapostas, é claro que o pensamento libertador, adstrito à contingência de captar o beneplacito preliminar dos agrupamentos de novo dissociados, tinha um destino duplo : confundiam-se, penetrando-se entreligados, o ideal da Independência e da unidade nacional. Assim se traçou limpidamente, em que peze ao carácter de indeterminação que lhe davam trez incógnitas envolvendo trez soluções distintas, a equação fundamental de nossos destinos.

E coube ao Sul rezolver-a, a começar pelo Rio de Janeiro, onde chegavam diretamente os decretos retrogradados da metrópole.

Ocorrera ademais, ali, uma tranzigência for-

çada, contraproducente no irritar os animos: as tropas do general luxitano Jorge de Avilez haviam, desde Junho, imposto o juramento da Constituição das Cortes portuguezas, vivamente combatido pelos deputados brazileiros, e a formação de uma Junta governativa destinada a ajir em correspondencia direta com o governo de Lisboa, a que deveria submeter-se.

Foi no rejimen tranzitorio desta vitoria efemera, que entraram os decretos recolonizadores. Declaravam-se independentes do Rio de Janeiro os governos das províncias, e suprimidos todos os tribunaes superiores. Impunha-se, por fim, a partida improrrogavel de D. Pedro para a Europa.

Esta ultima clauzula rompeu as reprezas da revolta.

Amotinou-se a multidão no Rio (9 de Janeiro de 1822), estimulada pela propaganda anterior de Joaquim Gonçalves Ledo e Januario da Cunha Barboza, chefiada pelo prezidente do senado da camara, José Clemente Pereira, portuguez adito aos mais ferventes nativistas, impondo ao principe, talvez vacilante, a permanencia no Brazil.

Impondo, é o termo. A reprezentação de oito mil assinatures, que lhe foi lida, não era um pedido; era uma intimativa.

Redijira-a um lutador, que ainda não tem o renome merecido, fr. Francisco de Sampaio; e o sacerdote rebelde fôra singularmente franco na primeira fraze que traçara: «a partida de S. A. seria o decreto que teria de sancionar a independencia do Brazil ».

O principe ceden, substantivando-se num ver-

bo unico — fico — o primeiro capítulo da historia da Independencia; e este rompimento, não já da solidariedade politica, senão da do sangue, completado, trez dias depois, pela capitulação da divizão auxiliadora do general Avilez, apoio material e ultimo resquício da accão lenjinqua do ultramar, foi o traço mais intenso, naquelle quadra, da reação nativista.

Ao mesmo tempo deliniam-se as provincias. A Junta de S. Paulo, cujo presidente, João Carlos Augusto Ojenhausca, se norteava pela vontade firme de José Bonifacio, ligara-se em manifesto energico aos sucessos anteriores — e no norte, a antiga fidelidade à metropole partia-se (19 de Fevereiro) precisamente na terra onde era classica, a Baía, levantada em massa contra o general Madeira de Melo.

Estava declarada a campanha libertadora.

Dado o primeiro choque vitorioso contra o exército estrangeiro, antes mesmo que a sua repescção nas províncias se coroasse de identico sucesso, o governo recem-organizado, dirigido por José Bonifacio, a quem se confiara o cargo de Ministro do Reino e Estrangeiros, começou a deliberar, sobranceando os tumultos, como se o não rodeassem as maiores dificuldades.

Caraterizaram-no para logo trez medidas radicais, de pronto decretadas: a chamada dos representantes das províncias para concertarem nas reformas urgentes; a preliminar de « compra-se » do príncipe D. Pedro imposto à efetividade das leis portuguezas; e por fim, medida mais séria porque valia por um ato de independencia, a convocação de uma Assembleia Constituinte Lejislativa (decreto de 3 de Junho de 1822).

Em quanto isto sucedia, o príncipe, numa viagem triunfal a Minas Geraes, em Março, onde à sua chegada se deliram nocivas discordias emergentes, reprezentava o seu papel real e único — e da ação de presença — como se nas transformações sociais se tornasse também preciso, às vezes, essa misteriosa força catalítica que desencadeia as afinidades da matéria.

O título que anteriormente lhe fora oferecido, pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro numa data que se tornaria ainda mais celebre, (13 de Maio) de «Defensor Perpetuo do Brasil», já valia por um pálido eufemismo, escondendo o de Imperador, em que desfechariam todos os acontecimentos.

Ampliou-o a proclamação de 1 de Agosto. Ali ele se intitula defensor da independência das províncias, e pede que «o grito de união dos brasileiros ecõe do Amazonas ao Prata».

Redijida por Gonçalves Ledo, agitador que recorda um girondino desgarrado em nossa terra, ella foi por isto mesmo altamente expressiva. Expunha o único destino da monarquia entre nós, o de transitorio ajente unificador; e como este seria nulo sem o alento das expansões populares, o pensamento do futuro imperante devia realmente vibrar na pena de um nervoso chefe liberal.

É inexplicável, por isto, que aquella data tenha escapado à consagração do futuro. Falta-lhe, talvez, como já se observou, a exterioridade de outras, menos eloquentes e mais ruidezas: a de 7 de Setembro, por exemplo.

Com efeito, o interessante episódio da viagem que levava o príncipe a S. Paulo, com o seu efeito — em nada modificou o curso natural dos factos.

Apenas teve, deante da compreensão tarda e rudimentar do povo, a clareza sujestiva das imajens, e deu-lhe a minucia singularmente valioza de um simbolo, o topo nacional, auriverde, substituindo a tradicional diviza portugueza quando esta foi violentamente despedaçada pelo rejão itinerante ao receber, sobre a colina do Ypiranga, a notícia das decisões arbitrárias das Cortes de Lisboa, que lhe anulavam todas as reformas praticadas...

* Independencia ou morte!*, bradou varonilmente, no meio da comitiva eletrizada. E a revolução teve afinal uma formula sintética, armada ao apercebimento imediato do povo, encantando-o pela nota romântica e teatral, e, como tantas outras por igual detonantes, desferindo o repentino surto da energia potencial das ideias.

Proseguiu dali por deante vertijinozamente.

Aclamado o coroado (12 de Outubro e 1 de Dezembro de 1822) Imperador constitucional, D. Pedro I não lhe cerrara o céu inflexível. Dilatara-lho.

O movimento libertador teve, então, o inconveniente da propria força adquirida; e ajindo numa sociedade inconsistente conduziria a resultados desastrosos ou imprevistos.

Era forçoso regulá-lo, contendo-o e retificando-o.

Foi a notável tarefa de José Bonifácio, cujo ministerio salvou a revolução, com uma política terrível de Saturno: esmagando os revolucionários.

Sombream-no, com efeito, à luz de um critério superficial, meditas odiozas: destruiu a liberdade de imprensa, seprimindo os próprios jornais que o aplaudiam na véspera; e, com rigor excessivo, arre-

dou de cena ruidoza, em que eram protagonistas, Clemente Pereira, Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barboza, desterrando-os para o Rio da Prata e para a França. Esta reação contra os trez maiores agitadores da Independencia é expressiva.

Vê-se que o grande homem vingara, num lance genial, o fastígio de uma crise. Iniciava a função reconstrutora urgente, sobre o terreno móvel das paixões.

Mostra-o acontecimento capital, subsequente: a Assembleia Geral Constituinte, reunida a 3 de Maio de 1823.

À parte as desordens que a perturbaram numa curta existência setemezinha, até 12 de Novembro, quando foi dissolvida por «haver perjurado na defesa da pátria e da dinastia», previa-se que, ainda quando transcorressem calmos, os seus trabalhos provocariam agitações profundas.

Uma constituição, sendo uma resultante histórica de componentes seculares, acumuladas no revolver das ideias e dos costumes, é sempre um passo para o futuro garantido pela energia conservadora do Passado. Tradicional e relativa, despontando de leis que se não fazem, senão que se descobrem no conciliar novas aspirações e necessidades com os esforços das gerações anteriores, é um traço de aliança na solidariedade dos povos. E nós iamos partilhá-lo.

Com efeito, lejislar para o Brasil gregário de 1823 — agrupamentos étnica e historicamente distintos — seria tudo, menos obedecer à consulta lucida do meio. Era trabalho todo subjetivo, ou capricho de minoria erudita disserrendo dedutivamente sobre al-

guns preceitos abstratos, alheia ao modo de ser da maioria. A nossa unica tradição generalizada era a do odio ao dominador recente ainda em armas, e esta, servindo como recurso de momento no propagar a rebeldia, extinguir-se-ia com a vitoria, deixando aos formadores da nova patria um problema ainda mais formidavel: erguer, unido, ao rejimen constitucional, novo na propria Europa, um povo disperso, que não atravessara uma só das fases sociaes preparatorias. Um salto desmezurado e perigoso. Incidia-se na tentativa temeraria da mais grave das revoluções, a exemplo daquelle paradoxal revolução «pelo alto», que o genio de Turgot, poucos anos antes, concebera, como recurso extremo para salvar Luiz XVI, aos rumores profundos de 89.

Invertidas as suas fontes naturaes, as reformas liberalissimas, ampliando todas as franquias do pensamento e da atividade, iriam a decer a golpes de decretos, à maneira de decisões tirânicas. Impô-las um grupo de homens, que mais do que representantes deste paiz, eram representantes do seu tempo. Despeados das tradições nacionaes, que a bem dizer não exsiliaram, arrebatabava-os, exclusiva, a miragem do futuro.

Mas esta deu-lhes intuição genial, esclarecendo-os na tarefa estranha de formar uma nacionalidade sem a propria base organica da unidade da raça.

Porque estavamos destinados a formar uma raça historica, segundo o conceito de Littré, através de um longo curso de existencia politica autonoma. Violada a ordem natural dos factos, a nossa integridade etnica teria de constituir-se e manter-se

garantida pela evolução social. Condénavamo-nos à civilização. Ou progredir, ou desaparecer.

E nas aperturas desta alternativa a intervenção monárquica foi decisiva, oportuna e benéfica.

Os debates da Constituinte principiaram malnidos, desde os primeiros dias, pelo lirismo revolucionário dos que a compunham.

Insurgindo-se contra o ministério Andrada, no impugnar as medidas repressivas que este rezolvera, a oposição parlamentar acarretou-lhe a queda, após sucessivos revezes: já retirando-lhe a confiança, ao eleger-se a meza, toda com adversários; já favorecendo a absolvição dos desterrados políticos; já repelindo um imponderado projeto de suspeição contra os portuguezes domiciliados, que tivera, lastimavelmente, o apoio da palavra inflamada de Antônio Carlos.

Apeando-se do poder, a trindade ilustre dos Andradas apelou para os recursos que condenara na véspera. Aproveitando-se da liberdade de imprensa, que ella própria destruíra, restaurada pelo novo governo, de José Joaquim Carneiro de Campos (Marquez de Caravelas), fez de seu jornal, o *Tamoyo*, o órgão de um radicalismo infrene; e, emparelhando-se numa aliança extravagante com os exaltados da Constituinte, rodeou a nova situação de toda a especie de empecês — erijindo-se, por fim, inspiradora da lei que incompatibilizaria de todo aquella Assembleia com o imperante: a que tornava inde-

pendente do voto imperial o Código orgânico que se elaborava.

Era colocado sob o golpe de Estado.

De facto, ao aparecer, em 30 de agosto, o projeto constitucional, quase abortado ou temporão, precipitado nas votações atropeladas, ou tanjidas pelos ultra-radicalistas, estava pronto o ambiente que o alegaria.

O antagonismo pessoal de D. Pedro I ostentava-se já na proteção desafiadora que ele dera aos oficiais e soldados portugueses da Baía, onde, entretanto, se traçara a legenda patriótica do 2 de Julho; e, se não ocorressem as dificuldades de comunicações, lord Cochrane e Grenfeld não completariam a rota pacificadora do norte, do Maranhão ao Pará (Junho a Agosto de 23), nem Frederico Lecor (Barão da Laguna) debelaria em Montevideu (18 de Novembro) a última rezistência das forças aditas à metrópole.

Porque o divórcio do imperador e da Assembleia atinjira o desenlace tempestuoso da dissolução desta, logo após à formação do ministério contrarrevolucionário de Vilela Barboza (12 de Novembro de 1823).

Ao mesmo tempo fez-se o avesso da situação anterior: os restos dos batalhões portugueses, do Rio, agremiados em S. Cristovam, tornaram-se a última garantia do trono, tendo sido um dos seus comandantes o portador do decreto-ditatorial. Cominou-se o desterro aos Andradas, Montezuma, Vergueiro e outros patriotas ferventes. E, como supletivo do rompimento, a multidão, no Rio, entre alegrias inexplicáveis, realizou, pela

primeira vez, a sua simbioze moral com um triunfador do dia, aplaudindo-o. Como pormenor deplorablemente pinturesco cita-se a circunstancia de haver o proprio D. Pedro dirijido as manobras da tropa assaltante contra a Assembleia.

Felizmente nos livraram de todos os efeitos da contra-revolução, de um lado, o temor de um levante nas provincias, e de outro, a propria indole sonhasora e cavalheiresca do monarca, que não abdicara o seu papel de cortezão pertinaz da Liberdade.

Assim, elle congregou os melhores espiritos que o rodeavam — Carneiro de Campos, Vilela Barboza, Carvalho e Melo, Nogueira da Gama, Pereira da Fonseca (Marquez de Maricá), e outros, cometendo-lhes a tarefa de escreverem um Codigo Organico.

Aquelles eruditos, olhos fixos na Europa e no constitucionalismo nacente, não o elaboraram. Qual a qual mais teorico, reuniram as melhores conquistas liberaes, jocirando-as dos exajeros democraticos, e resaliram, por fim, inatinjiveis, sobre a cultura do paiz, na Constituição jurada a 25 de Março de 1824.

Tinham cravado um marco, ao lonje, no futuro.

A nossa historia, dai por deante, recorda um fatigante esforço para o alcançar.

Apezar disto esta Carta outorgada, que ainda hoje seria um codigo liberal, despertou, incomprendida, revoltas. Mas, nestas, quem lhes desframa a meada dos factos secundarios, verifica apenas a incompatibilidade dos varios grupos brasileiros para a existencia autonoma e unida. A de

1824, em Pernambuco, teve o lastro exclusivo das tendencias separatistas. À primeira vista, surge daquelle anomalia de um rejimen constitucional imposto sobre as ruinas de uma constituinte — aquelle bizarro contrasenso da liberdade dada, arrogantemente, por um decreto ; mas o que vislumbram as linhas do *Desengano Brazileiro*, de Soares Lisboa, ou os periodos explosivos de frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o terrivel panfletario do *Typhis*, jornalistas e reprezentantes naturaes de Pernambuco, é o eterno perigo da unidade politica contrastando com a heterogeneidade da raça.

De sorte que a efemera « Confederação do Equador », ligando as provincias, que vão de Alagoas ao Ceará, precisamente no trato de terras onde as vicissitudes da histeria mais se uniformizaram nas lutas contra os holandezes, destacando-as das gentes meridonaes, é um caso franco de diferenciação etnica.

Dirijida por um dos patriotas da revolução de 1817, Manoel de Carvalho Paes de Andrade, reflete-lhe os mesmos estímulos ; e ao ser esmagada pelas forças combinadas de mar e terra de F. Lima e Silva e lord Cochrane, deixou, a exemplo de todas as revoltas infelizes, na memoria de seus 14 enforcados, os germens de outros elementos revolucionarios.

Estes reuniram-se com um traço legal na primeira Assembleia Legislativa do Brazil, de 1826, que a Constituição instituiu, e onde se agruparam, sob todos os matizes, federalistas e republicanos.

A maioria, de liberaes monarquistas, adeptos do rejimen parlamentar inglez, deliberava no tumulto.

Dous assuntos predominantes denunciaram para logo o divórcio entre o Imperador e a Câmara dos Deputados: a revivacencia do partido absolutista, abertamente favorecido pelo primeiro, e o antagonismo crescente da segunda contra as «Comissões militares», que se alastravam pelo paiz instituindo um rejimen de terror generalizado. Destacaram-se então em pleno contraste com a subserviencia do Senado, que na mesma ocasião se congregara, alguns nomes novos predestinados a grafarem-se para sempre em nossos fastos: Odorico Mendes, o genial helenista, para logo se salientara objurgando veementemente as atrocidades perpetradas no Pará por um almirante mercenario, o repugnante Grenfeld, que no ultimo lance de sua estranha missão pacificadora trucidara 253 brasileiros em massa, dentro dos porões irrespiraveis do navio que comandava; José Custodio Dias, tão injustamente esquecido hoje, arremetia diuturnamente, na tribuna, com a facção aulica dos *absolutistas infernae*; Lino Coutinho, incorruttivel e impavido, persistia na ajitação ruidosa a que se afeiçoara nos grandes dias das lutas da liberdade; Bernardo Pereira de Vasconcelos, vindo de Minas — uma alma titanica dentro de um arcabouço abatido e afustulado de molestias — aparecia, surpreendedoramente, cedendo aos maximos arrancos de seu temperamento impenituzo ao ponto de ferir de frente a propria integridade do rejimen; e predestinado a tornar-se maior do que todos, um padre jansenista da vila de Itú, Diogo Antonio Feijó, extremava-se num radicalismo alarmante, com os seus projetos relativos à eleição por círculos, à abolição das condecorações e do celibato clérical, im-

primindo tonalidade excepcionalmente revolucionária em todos os debates.

O Imperador parecia não os escutar. Trancava-se no círculo isolante de um gabinete secreto, onde pontificavam singularíssimos personagens, que mal se distinguem hoje e se apagam na história, entre as graças rasteiras e as picuinhas do funambulesco Francisco Gomes da Silva (o Chalaça), guindado às graves funções de secretário particular, e o maravilhosamente ridículo Gordilho da Barbuda, ofenbaquiano Marquez de Jacarepaguá e senador do império, por decreto... Superponha-se a tudo isto o ruje-ruje das saias da Marquesa de Santos, e avaliar-se-á o declive por onde ia em despenhos o prestígio imperial.

Por fim só o sustinham os braços vendidos de 3.000 mercenários, irlandeses e alemães. Mas eram contraproducentes: em 1828 desmandaram-se em motins a muito custar reprimidos pelo povo do Rio, e acirraram todos os ajentes de cizânia entre o imperador e o paiz. Comentando estes acontecimentos na *Aurora Fluminense*, um jornalista incorruptível e viril, Evaristo Ferreira da Veiga, traçara períodos amaríssimos destinados a reviverem todos os alentos e exajeros nativistas:

Desgraçado povo que sofre o jugo do estrangeiro! e nesta apostrofe percebia-se o nome do monarca de envolta com os dos chefes daquele rebotalho dos exercitos europeus sovados pelos sabres napoleónicos...

Dest'arte o antagonismo entre a opinião nacional e o governo era irremediável; e na legislatura de 1829 atinjuiu ao ponto crítico. Bernardo de Vas-

concelos, O. Mendes, e Llimpo de Abreu, denunciaram os ministros da Guerra e da Justiça como réus da criação inconstitucional das «Comissões Militares». Atacava-se de frente a ortodoxia governamental. As sessões transcorreram tumultuárias, ruidosas. E quando chegou o dia da votação no meio de vozeria insultante das galerias atestadas de patriotas pagos e a soldo dos absolutistas, ouvin-se dominadoramente, impressionadoramente, a palavra severa de Diogo Antonio Feijó :

« A Constituição não pôde marchar sem a responsabilidade do governo ; voto, portanto, pela acusação dos ministros ! »

Estavamos como nos grandes dias da Convención...

* * *

As crizes ministeriais refletiam, por sua vez, a desordem geral. Caindo o Ministerio de Vilela Barboza (Marquez de Paranaguá), o que lhe sucedeu (16 de Janeiro de 1827), de J. F. Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, teve a existencia inutil de alguns meses até ao primeiro ministerio parlamentar, do deputado Pedro de Araujo Lima (Novembro de 1827).

Dai por deante o desequilibrio governamental vai acentuando-se num crecendo, até ao desabamento de 1831.

O imperador vacila, sondando a opinião, procurando-a mesmo entre os liberaes extremados que o repelem, mal permitindo-lhe constituir o ministerio de um transfuga, José Clemente Pereira (15 de

Junho de 1828); e volta-se, intermittentemente, para o homem que lhe monopolizára a confiança, Vilela Barboza.

Intervêm factos externos acirrando a crise.

A Banda Oriental levantara-se em 1825, à voz de Lavalleja, protejido pelo governo de Buenos Ayres, e travara-se a mais ingloria das nossas guerras numa sucessão de combates inutéis, onde apenas sobressaem as vitorias de Rodrigo Lobo contra o almirante Brown. Os exaltados, no Rio, tornam-se quazi sócios dos orientaes rebeldes. O fracasso do marquez de Barbacena, em Ituzaingo (28 de Fevereiro de 1827), no recontro desigual com o exercito de Alvear, provoca-lhes singulares júbilos, como se por uma intuição profunda prefigurassem os perigos da volta triunfante de um general vitorioso para a patria anarquizada, depois de cursar, nos pampas, a escola tradicional da caudilhagem. E, quando, depois da guerra, rematada com o Tratado de 27 de Agosto de 1828, sancionando a independencia da Cisplatina, a esquadra do barão de Roussin, exigiu imperativamente a entrega de alguns navios franceses preados no bloqueio do Prata, a conjuntura em que se encontrou o governo, dobrando-se à intimativa contra a vontade das duas Camaras, feriu fundo as suscetibilidades patrióticas e arrancou da fronte do Imperador a sua aureola de valente.

Elle estava, além disto, em situação que o impropriava a afotar-se com a adversidade crescente. De posse da coroa portugueza por morte de D. João VI (1826), repartia-se em preocupações opostas, das quaes sómente em parte o libertara a abdicação em favor de sua filha Maria II. Mas embora o animasse

o desejo de transpor o mar para fazer-se paladino do constitucionalismo em Portugal, tentou ainda em 1831 (19 de Março) um último esforço de reconciliação, abraçando-se ao partido liberal, com o ministério de Carneiro de Campos.

Era tarde. Nas eleições de 1830 haviam triunfado, em maior número ainda, radicais e federalistas; e a imprensa, com um vigor que nunca mais teria no Brasil, dirigida pela *Aurora Fluminense*, de Evaristo da Veiga, tomara a direção do movimento, tornando-o irreprimível, generalizando-se nas províncias com o *Observador Constitucional*, de Libero Badaró, em S. Paulo, com o *Unicursal*, em Minas, e no norte com o *Bahiano*, de Rebouças. Neste recrudecer de antagonismos, exercia-se também o influxo moral de um acontecimento externo: a revolução de 1830, da França, delirantemente saudada pelos liberaes do Brasil. Na *Aurora* de 27 de Setembro daquele ano, Evaristo sintetizara o sentimento geral: «Carlos x deixou de reinar; o mesmo aconteça a todo aquelle monarca, que traindo os seus juramentos, tentar destruir as instituições livres de seu paiz». A situação, como se vê, precipitava-se para um desfecho vertiginoso.

O ministério liberal de Carneiro de Campos durou um mês.

O paiz era ingovernável. O baralhamento das eleições principiava a alastrar-se nas ruas em desordens sanguinolentas entre nacionaes e portuguezes, de que foi modelo a tormentosa «noite das garrafadas» (13 e 14 de Março de 1831).

Dominante sobre isto tudo avultava a crise económica e financeira, que se esboçara desde o governo de

D. João VI, e viera, gravada de sucessivos empréstimos, até à desastroza liquidação forçada do Banco do Brasil em 1829. O cambio cairá, ficando abaixo do par. A dívida passiva herdada da metrópole quintuplicará, ao mesmo passo que as emissões de títulos inconversíveis varriam as últimas moedas de ouro e prata da terra prodígio das minas. « Claro é a todas as luzes o estado mizerável a que se acha reduzido o Tezouro Públlico... desastroso deve ser o futuro que nos aguarda », dissera o próprio Imperador na Fala do Trono de Abril de 1829. E comentando logo depois a situação irremediável, Evaristo da Veiga atribuiria-a em grande parte a *uma Corte que com o seu esplendor insulta a miséria pública...*

Nesta emergência, o imperador apelou mais uma vez para Vilela Barboza, constituindo um ministério de senadores, velhos serventuários, leaes, mas frajilímos.

Foi o pretexto de maiores tumultos.

O povo do Rio enviou uma deputação a S. Cristovam exijindo a reposição do ministério liberal, anterior. Repelindo-a nobremente D. Pedro, a multidão alvorotou-se e, captado o apoio da tropa (7 de Abril), confiou a um dos chefes militares, o major Miguel de Frias, nova intimativa imperiosa.

Era o desfecho. D. Pedro I abdicou no imperador infante, confiado à tutela de José Bonifácio, repatriado em 1830, e, embarcando na nau ingleza « Warspite », cerrou a primeira faze da sua carreira aventuroza.

O 7 de Abril era inevitável.

Tinha dez anos o embate entre as correntes monarquicas e democráticas e como a divergência das ideias atinjissem a um maximum gravíssimo, impunha-se o domínio de uma delas.

Mas — embora o favorecessem todos os resultados de uma nação que abatera não só o princípio monárquico, como também, pelo caráter militar que assumira, o prestígio da autoridade civil — o liberalismo triunfante não foi levado às suas últimas consequências. Porque entre as forças adversas dos federalistas extremados e triunfantes (partido Liberal Exaltado) e reacionários absolutistas (partido Restaurador ou Caramuru), surjira, *tertius gaudet*, na luta que não compartira, fortalecido pela situação neutral entre aquelas rivais que se maniatavam, um outro, o Liberal Monarquista (partido Moderado), que, conciliando as conquistas dos combatentes da véspera com as reservas da sociedade conservadora retraiida, lhes repelira por igual as tendências exclusivas, evitando dois perigos extremos que se fronteavam: a República prematura e o Absolutismo revivente.

O papel da Rejência, ponto culminante da nossa história política, instituiu-se, assim, como um ponderador das agitações nacionais: um volante regulando a potência revolta de tantas forças desparatadas. Compreenderam-no os homens extraordinários que ao assumirem naquele momento o governo «se temiam de si mesmos, do entusiasmo sa-

grado do patriotismo e do proprio amor da liberdade», que os armara.

Nem careciam para isto de aquilinos lances de vistas.

Os perigos da situação não lhes demandavam a cojitação mais breve. Eram intuitivos. Assoberbavam-nos. Estadeavam-se, fracos, impressionadoramente. E entre elles, peior do que uma ditadura real, surgia a aspiração federalista, colimando o rompimento definitivo dos frajais elos entre as províncias.

Um estrangeiro ilustre, Augusto de Saint-Hilaire, depois de caraterizar o estado revoltoso das repúblicas platinas, volvia naquella época o olhar para o Brazil, e apontava-lhe identico destino, se acaso fôssem satisfeitos, pelo rejimen federal, os dezejos de mando das patriarquias aristocráticas, que o retalhavam: «...que os brasileiros se acantelem contra a anarquia de uma multidão de tiranetes mais insuportáveis do que um despota unico.» (1)

Ora, a missão da Rejencia consistiu em afastal-os.

(1) Deante do quadro lastimável da política nacional, tem ainda hoje a mais perfeita oportunidade as palavras austeras do grande naturalista, em 32: «Les Brésiliens ne sauraient établir chez eux le système fédéral sans commettre par rompre les faibles liens qui les unissent encore. Impatients de tout supériorité, plusieurs chefs humiliains de ces patriarchies aristocratiques dont le Brésil est couvert, appellent sans doute le fédéralisme de tous les voeux; mais que les brésiliens se tiennent en garde contre une déception qui les conduirait à l'anarchie et aux vexations d'une foule de petits tyrans, mille fois plus insupportables que ne l'est un seul despote.»

Contrasta em tanta maneira com as revoltas anteriores, que o 7 de Abril passou em julgado, consoante a expressão de Teófilo Ottoni, como une *journée de dupes*: Iludidos os Exaltados que o precipitaram, o exercito que os amparou e a própria nação para quem a abdicação fôra uma surpresa. (1)

Mas o conceito é falso. Dos vitoriosos da véspera despontariam os trez maiores homens do tempo, Evaristo da Veiga, Bernardo Pereira de Vasconcelos e o padre Diogo Antônio Feijó; e o general que chefiara o movimento, Francisco de Lima e Silva, seria membro imutável dos triunviratos, de 31 a 35.

O que houve foi o caso vulgar nas revoluções triunfantes: o radical, o ajitador vermelho, extinta a sua função demolidora, fazia-se conservador no governo, e vibrava a autoridade recém-adquirida contra os que o haviam auxiliado a destruir a autoridade antiga.

Mudavam por coerência.

Advinhando a missão histórica do império, Evaristo da Veiga salvou o princípio monárquico, identificado, então, com a unidade da pátria; prevendo a anarquia que esfacelaria o paiz, Feijó restaurou, por um milagre de energia incomparável, a autoridade civil.

Completam-se. São dois nomes que são dois índices de uma época inteira. Ambos apareciam sem linhagens no meio de nomes já tradicionaes. O primeiro, vindo do fundo de uma tipografia modesta, constituiria o nosso primeiro modelo de um jornal-

(1) Joaquim Nabuco, *Um estadista do império*, t. I.

lista político, inflexível e coriez, nunca abdicando a altitude do pensar e do dizer no meio das mais tumultuárias controvérsias.

O segundo, vindo de uma paroquia de S. Paulo, dilataria em pouco tempo a sua individualidade, sobre a amplitude indefinida da pátria que se construia.

Domina inteiramente o quadro.

Recorda o herói providencial, de Thomaz Carlyle.

Ministro da justiça, na primeira Rejencia Permanente Trina, sofreu rijamente todo o impeto da torrente revolucionária.

O seu primeiro golpe foi contra os companheiros da vespera, suplantando (14 e 15 de Julho) fortes levantamentos militares que estalaram no Rio. Foi um golpe fulminante. Repriui as desordens; dissolveu alguns batalhões indisciplinados; fragmentou os demais, destacando-os para as províncias.

Nunca se vira autoridade deste topo. Ela golpeou de espanto o próprio governo, determinando a saída de alguns ministros assombrados e a entrada de Bernardo de Vasconcelos e Lino Coutinho.

Diogo Feijó prosseguiu, inflexível. Tendo-se apenas apercebido de estoicismo raro, que o levava intremulo às decisões mais arriscadas, creou a Guarda Nacional (18 de Agosto de 1831) e com ella, logo depois (7 de Outubro), reprimiu novo levante do corpo de infantaria de marinha, que foi por sua vez extinto, depois de severamente corrigido, sendo entregues os negócios da marinha a um fente da academia militar destinado a longa carreira, Rodrigues Terres (Visconde de Itaborahy).

Deste geito, em poucos meses a anarquia emergente da indisciplina militar, dobrava-se jugulada, sob mãos inermes de um padre. E o governo pôde devotar-se à organização administrativa, creando o Tezouro Nacional e tesourarias provinciais; sancionando e procurando aplicar, ainda que inutilmente, a primeira lei repressiva do tráfico (7 de Novembro de 31); e reorganizando as Escolas.

Edificava sobre o solo vibrante da revolução.

O ano de 1832 antolhou-se-lhe referto de ameaças.

Os trez partidos que se enterreiravam nas camaras tinham elementos que se contrabalanceavam. Aos Moderados, dirigidos por Evaristo, Vergueiro, Límpio de Abreu, Carneiro Leão e Paula de Souza, contrapunham-se os Exaltados de Paes de Andrade, de Bernardo Pereira de Vasconcelos, dos Francas, da Baía, e de Miguel de Frias; enquanto o «Caramuru» enfeixava os nomes tradicionais de José Bonifácio, Paranaguá, Cayrú e Martin Francisco, lastimavelmente aberrados da trajetória superior que tinham sido os primeiros a traçar, ao ponto de maquinarem a volta de D. Pedro I.

Na imprensa, o *Republ.ico*, de Borges da Fonseca, e a *Aurora*, batiam-se sob ataques convergentes dos jornais federalistas (*o Exaltado*, a *Motraca* e a *Sentinela*, de Cipriano Barata) e reacionários (*o Caramuru*, *o Tempo* e *o Diário do Rio*.)

E, fóra destes dois campos, a Sociedade Federal, a Sociedade Militar, dos absolutistas, e a notável Sociedade Defensora, de Evaristo, onde se ensaiava a oratoria imponente de Francisco de Sales Torres-Homen, transmiliam, agravadas, as povo, esas divergências insanáveis.

A 3 de Abril rebentou novo motim, impelido por Miguel de Frias, liberal extremado: foi suplantado. Seguiu-se-lhe, dias depois, um outro, desencadeado pelos absolutistas e dirigido por um alemão aventureiro, o conde Von Bulow: foi completamente suplantado. O inflexível ministro da justiça firmava definitivamente a ordem. De sorte que, a exemplo do ano anterior, os trabalhos do governo e das camaras puderam traduzir-se em medidas secundas, em que sobressaem: a sanção do novo Código do Processo Criminal, à luz das modificações profundas que o constitucionalismo imprimira na vetusta legislação portuguesa; a reforma das Ordenações; estabelecimento do juri; e o abandono de uma velharia colonial, a Caza da Suplicação.

Os poderes constituidos, galvanizados pelo ânimo inflexível de Diogo Feijó, atravessaram, afinal, mais firmes, todo o ano de 33, demaziando-se até em atos de energia inuteis e condenáveis: a destruição, pela justiça sumária do empastelamento, da imprensa adversa; e, a 15 de Dezembro, a prisão de José Bonifácio, suspenso do cargo de tutor da família dinástica.

Nesta, como nas repressões anteriores, o governo reagia simultaneamente contra os ideias extremas que entre si mesmos se repeliam.

O partido Moderado, preponderou por fim, incondicionalmente, desde 34.

Pertence-lhe, inteira, a lei de 3 de Agosto, daquelle ano, o Acto Adicional. Ali ha um tranzijir cauteloso com o liberalismo atenuado, senão com as proprias tendencias federalistas: substituem-se os conselhos pelas Assembleias provinciais; suprime-se o

Conselho de Estado e, como um minorativo a estas litanquias, ou anodino consolo ao absolutismo suplantado, faz-se a concentração do governo na Rejencia Unida, e institue-se o Poder Moderador.

Uma proposta dos separatistas para que os presidentes das províncias se escolhessem numa lista tríplice das respectivas assembleias, caiu, impugnando-a Evaristo da Veiga, o grande inspirador dos Moderados, que lhe lobrigara nas entrelinhas o fracionamento do paiz.

Justificavam-no todos os factos, além dos que ocorriam na capital. As revoltas nas províncias desatavam-se em datas, vinculadas em série: no Ceará (1831-1832), em Pernambuco (1832-1835), no Pará (1835-1837), na Baía (1837-1838), no Maranhão (1838-1841) e abranguendo-as, somando-as a longa agitação no Rio Grande (1835-1845).

Debelada a primeira pela Rejencia Trina, as duas seguintes deparariam adversário mais tenaz.

Diogo Feijó, já então senador pelo Rio de Janeiro, fôr eleito rejente (1^o de Outubro de 1835).

Mas parecia mudado.

As lutas ferozes que compartira haviam-no tornado vacilante sobre o futuro. As clausulas que impôz para aceitar o governo, uma das quais, a 8.^a, prevê a hipótese da secessão das províncias, mostram-no aperrado de desanimos. Compreendera, talvez, a enormidade do problema que se propunha atacar; e que os tumultos federalistas, os mais lojicos entre os que abalavam o paiz, tinham genezis inacessível, exijindo operação mais séria de que cargas das baionetas. Uma daquellas revoltas, a ferocíssima Cabanagem do Pará, vencida pelo general Soares de

Andréa, em 1836, dera um tipo novo à nossa história — o «cabano». Simbolizava o repontar de questão mais séria, que passou despercebida à sua visão aguda, e se destinava a permanecer na sombra até aos nossos dias.

Era o crescente desequilíbrio entre os homens do sertão e os do litoral. O raio civilizador, refrangia na costa. Deixava na penumbra os planaltos. O masso de um continente compacto e vasto talhava uma fisionomia dupla à nacionalidade naciente. Ainda quando se fundissem os grupos abeirados do mar, restariam, ameaçadores, afeitos às mais diversas tradições, distanciando-se do nosso meio e do nosso tempo, aquelles rudes patrícios perdidos no insulamento das chapadas. Ao «cabano», se ajuntariam no correr do tempo o «balaio», no Maranhão, o «chimango», no Ceará, o «cangaceiro», em Pernambuco, nomes diversos de uma díateze social unica, que chegaria até hoje, projetando nos deslumbramentos da República a *silhouette* trajica do «jagunço»... Observa-se, contudo, de passagem, que não escapou de todo ao descortino excepcional de Diogo Feijó o meio preexcellent para quazi remover-se esta fatalidade, em grande parte resultante da nossa amplitude e impenetrabilidade continental. Na lei de 31 de Outubro de 1835, a primeira que elle promulgou ao assumir a Rejencia Una, traçam-se as primeiras linhas do nosso desenvolvimento económico: autorizava-se a construção de uma estrada de ferro para ligar-se a Capital do Imperio às províncias de Minas Geraes e S. Paulo. Mas o belo pensamento administrativo avantajava-se demais à propria sociedade. Foi inviável. Ao grande homem ficou, porém, a glo-

ria de haver adivinhado esse antagonismo formidável do deserto e das distâncias, que ainda hoje tanto impece o pleno desdobramento da vida nacional.

Vencida a «cabanada», curou o rejente da insurreição rio-grandense, dirigida por um campeador, Bento Gonçalves da Silva, com quem não desdorava hombrear um outro predestinado a maior fama, Giuseppe Garibaldi.

A ação do governo foi, entretanto, frouxa, permitindo que, apezar de aprisionado o primeiro em sangrento combate de trez dias (2, 3 e 4 de Dezembro de 1836) se avantajasse os «Farrapos», sobrancceiros ao revez, ao ponto de proclamarem, um mez depois daquelle revez, a Republica de Piratinim, sendo eleito presidente o proprio general prisioneiro.

As vacilações governamentaes favoreciam-nos.

Bento Gonçalves, conseguindo evadir-se do Forte do Mar, na Baia, dera-lhes novo alento; e o melhor chefe legalista, Bento Manoel, que se notabilizara em 1818 na campanha contra Artigas, com elle se bandeou numa defecção lastimavel.

Ao mesmo tempo, agravava-se nas camaras a oposição liberal dirigida por Bernardo Vasconcelos, Araujo Lima e Rodrigues Torres, a que se aliavam dous grandes predestinados, Carneiro Leão e Paulino de Souza. E para malignar as coizas, a morte de D. Pedro (1834), que se figurava circunstancia favoravel, destruindo de golpe as esperanças dos reacionarios, ocasionara a aliança destes com a oposição parlamentar, creando-se o partido «Conservador», triunfante nas eleições daquelle mesmo ano e maniatando de todo o governo.

Sombreava ainda mais o quadro uma situação financeira quasi irremediável. A atividade incipiente do paiz, danada por esse intermitir de revoltas, e as suas precárias fontes de rendas exauridas pelas despesas feitas para as debeler, agravavam de ano a ano a dívida pública, sobretudo externa, cujos compromissos mal paliara a rezolução lejislativa (1833), que quebrara o padrão monetário em vigor desde os tempos coloniais.

Diogo Feijó, avaliando a situação, rezolveu-a com a antiga rectitude. Nomeou ministro do império o seu principal adversário, o chefe oposicionista, Pedro de Araújo Lima; e no dia seguinte (19 de Setembro de 1837) entregou-lhe o cargo da Rejencia, ultimando-se a missão histórica do partido Moderado.

Desaparecia nebremente o no momento oportuno.

Nobilitara a lei; resuscitara a autoridade; dignificara o governo.

Deante de sua alma de romano, quebrara-se, amoriecida, a vaga de uma Revolução.

Ficava-lhe, adante, um remanso: o segundo império.

* Depois de 1836 a história política do Brasil se resume na luta dos dois partidos, o conservador e o liberal. (Barão do Rio-Branco).

Mas, desde logo, é claro o descambiar do princípio democrático, até então predominante. A rejencia de Araújo Lima esboça a reação monárquica, favorizada inesperadamente pelos dois maiores paladinos das franquias liberais, Evaristo da Veiga e Bernardo Pereira de Vasconcelos.

O ultima traçou com incomparável lucidez a sua nova atitude:

«Fui liberal, então a liberdade era nova no paiz e estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas ideias praticas: o poder era tudo: fui liberal. Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os principios democraticos tudo ganharam e muito comprometeram; a sociedade, que então cerraria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganização e pela anarquia. Como então quiz, quero hoje servil-a, e por isto sou regressista. Não sou transfuga, não abandono a causa que defendo no dia de seus perigos, de sua fraqueza; deixo-a no dia em que tão seguro é o seu triunfo que até o excesso a compromete».

Aí está todo o ementário da época. Não temos em toda a nossa vida política, em tão poucas linhas, programa tão vasto. Bernardo de Vasconcelos não se justificava; justificava a sua nacionalidade. Seria incoerente se não mudasse.

O grande homem, aprumando-se na encruzilhada a que chegara a fazer preparatoria da Rejencia, trancava a passagem para a Republica. O Imperio surjiria com a Maioridade antecipada, e Inconstitucional, feito anel o comum dos liberaes de Antonio Carlos e conservadores de Paranaguá.

Foi o que sucedeu a 23 de Julho de 1840.

A maioria do paiz estava em paz. Debelara-se na Baia a «Sabinada» (1838) e a efemera «República Baicense»; e no Maranhão os «Palaios» fujiam diante de um general feliz, L. A. de Lima e Silva (Caxias), cuja espada seria a escora de um reinado. No sul, mau grado dois lidadores eguaes no desfe-

mor e no renome, separados depois por uma variação de cenário, David Canavarro e Giuseppe Garibaldi, os rebeldes recuavam ante a firmeza do general Soares de Andréa (Barão de Caçapava).

Decaíam as paixões. A própria imprensa abdicara de si o papel ajitador, que monopolizara. Dois jornais, o *Brazil*, de Justiniano José da Rocha, e o *Maiorista*, de Sales Torres-Homem, ambos bem escritos, frases limadas, sem o afogo e a sinceridade dos anteriores, bastavam às exigências políticas. Percebia-se a infiltração do artritismo monárquico no corpo fatigado do paiz. Vão surjir ainda algumas revoltas, as ultimas. E nestas, nas de Minas e S. Paulo (1842) sufocadas por Lima e Silva, nos combates de Santa Luzia e Venda-Grande; na de Pernambuco (1848), o que se observa é apenas o desapontamento partidário. Não havia princípios políticos em jogo. A de Minas, por ex., determinaria o facto subalterno de uma reforma do código do processo. Os rebeldes timbram no conclamar a adesão ao trono. Batem-se saudando a realeza.

Imprimira-se uma inflexão na diretriz da nossa história.

Era obrigatoria. O nosso desenvolvimento social fôra até ali quazi nulo. A vida nacional ativera-se aos interesses absorventes da política.

A cultura literária, permanecera inapreciável. A filosofia papagueava no ecletismo massudo do Padre Mont'Alverne. Os talentos que apareciam, rezumamol-os em Araújo Porto-Alegre, Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, tinham educação alienígena, através da preliminar obrigada de uma viagem à Europa, de onde nos vinham os únicos continjentes da

ciencia, emalados. Nas ciencias restrinjiamo-nos à figura solitaria daquelle notavel Padre Custodio Alves Ferrão (1842) incompreendido e inutil nas salas desfrequentadas do Museu Nacional incipiente.

Segundo o exemplo de Saint-Hilaire, alguns eleitos saltavam, envoltos de indiferenca geral, num ponto qualquer da costa, e iam descerrar as opulencias de uma natureza sem par, imensa pajina da historia natural que não sabíamos ler.

D'Orbigny segue para Mato Grosso; Pedro Clausen (1841) para Minas; Helmreichen (1846) para a Baia; Gardner, para o extremo norte; Pissis delineia o nosso primeiro mapa geologico; Castelnau (1843) afunda nos planaltos; e mais ilustre que todos, William Lund, de seu retiro tranquilo da Lagoa Santa, principiara a abalar o mundo científico com as suas extraordinarias descobertas sobre o brasileiro prehistoricó.

Ninguem os percebia.

Sob o aspetto intelectual, reduzidos á literatura apressada dos jornaes e ás rimas de um e outro poeta de talento a errar pelas encostas da inspiração nacional que culminava nos *Suspiros poeticos*, de Magalhães, estariamos á quem da ditadura real; e, sem maguar a historia, poder-se-ia dar a D. João VI o titulo de Mecenas, se, desde 1838, a fundação do *Instituto Historico e Geografico Brasileiro*, sob a direcção do marechal R. da Cunha Matos e conego Januário Barboza, não se erijisse como um centro de convergência das energias dispersas do nosso espirito. A simples lista de seus primeiros socios, onde a par dos nomes estrangeiros, prezuntuozamente decorativos, de Chateaubriand e de Humboldt, se destacam

os de Marques Lisboa, Vasconcelos Drumond, Ma-ciel Monteiro, Pedro de Angelis, Lasdislau Monteiro Baena, paciente compilador das *Eras da Província do Perná*, Visconde de S. Leopoldo (*Anais da Província de S. Pedro do Sul*), Ignacio Accioli (*Memórias históricas e políticas da Baía*), Marquez de Maricá, Pe-dro de Alcantara Belegarde, Joaquim Caetano da Sil-va e um moço, Varnhagen, que seria mais tarde o Visconde de Porto Seguro — é por si só bastante ex-pressiva no revelar uma vivacidade espiritual amplamente generalizada. Mas aperreavam-na as desordens dispersivas dos partidos.

Na propria ordem pratica, as mais imperiozes medistas despontavam ciborticias. A ideia de bater-se a distancia e abreviar-se a enormidade da terra pelas linhas ferreas, ressurjira em 1840, no privilegio concedido a um estranheiro pertinaz, Thomaz Cockra-ne. Mas o lucido profissional ajitou-se debalde no meio da sociedade desfalecida, até ao malogro completo de seu pensamento progressista.

Assim, a nossa evolução, por ser estritamente política, era problemática. Pelo menos ilusoria. Es-tava numa minoria educada à européa. O resto jazia no ponto em que o largara a metropole, obscuro e dubio — amalgama proteiforme de brancos, pretos e amarelos, uns e outros pratica e moralmente preju-dicados pela escravidão crescente com o tráfico, que se não extinguiu.

De sorte que embora a Rejencia, com ser ele-tiva, exemplificasse a praticabilidade da Republica, foi providencial a afluxo dos que lhe prorogaram o aduento. Seria, et:ão, artificial e forçada. Contravi-ria à situação social.

Esta cíndida de crizes, viera desde a constituição de 21, que impuzera (permite-se-nos a antíloquia) a liberdade, numa ascensão vertiginosa para que se não apariisse.

O segundo Império foi uma parada. Digamos melhor: um situação de equilíbrio.

Predominara, logo em boa hora, o elemento conservador.

Na camara de 1843, uma figura isolada, Antônio Rebouças, unico a representar a fatange liberal decaída, aparecia como uma evocação do passado. Fundindo duas raças, aquele ariano bronzeado desdobrou, inutil, deante dos reacionários tranquilos, a sua sólida envergadura de luitador. Era um incomprendido. Falava uma língua morta no recinto onde, entretanto, eclipsando os grandes nomes do Senado, iam surjindo Maciel Monteiro, Abrantes, Wanderley, Eusebio de Queiroz e Nabucco.

É que a regressão ou a parada, segundo o ideal de Bernardo de Vasconcelos, fora completa.

Começando a governar com os liberais — Antônio Carlos, Marília Francisco, Limpo de Abreu, A. Coutinho e Holanda Cavalcanti — o imperador fizera-o por gratidão aos batedores da sua maioria inconstitucional.

Este ministerio não durou um ano.

A reação monárquica desmascarou-se logo com o Marquez de Paranaguá (23 de Março de 41) e foi desde logo exagerando-se até golpear o Ato Adicional: restabeleceu-se, por uma lei ordinária, o Conselho de Estado; e, por uma outra de 3 Dezembro, foi entregue a distribuição da justiça a um complicado aparelho policial.

Carneiro Leão (depois Marquez de Paraná) 29 de Janeiro de 43), um convencido que atraíria todos os ressentimentos do monarca para lhe amparar melhor o trono, continuou este esforço. E ao entregar em 44 o governo aos liberaes do Visconde de Macahé, viu-se que o fazia menos pelo decair do programa conservador que por um ressentimento pessoal do imperador.

Com efeito, a preocupação absorvente de estancar as reformas ia nivelando os partidos. Tinha-se andado demais. O proprio Antonio Carlos, desequilibrado no estonteamento da altura a que se chegara, atirava no seio da reprensentação nacional um grito de espavorido :

— Senhores ! a constituição foi feita às carreiras !

Era preciso parar, embora repelindo-se as melhores figuras do passado : Feijó e Campos Veruguero, duas tradições vivas e belíssimas, comprometidas nas revoltas que irrumpiram em 42, em Minas e S. Paulo, foram desterrados. Desfechou-se em 45 o ultimo golpe no federalismo, no Rio Grande, caindo a Republica de Piratinim.

Por fim, o partido liberal saiu em 1848 do poder para a revolução malograda de Pernambuco. Dezenhou-se o perfil do ultimo revolucionário, Nunes Machado. E a crise extinguiu-se de vez — dominado o horizonte político (29 de Setembro de 48) pelo Marquez de Olinda, a quem o cargo de ultimo rejenie dera quasi a majestade de um rei.

Começava a política imperial.

Nobilizou-a, a principio, uma medida civilizadora.

Uma questão incomoda, a da escravidão, viera desde o seculo anterior (1758) com o « Etiope Resgatado », de M. Ribeiro da Rocha, intermitentemente revivida. Em 1810, Velozo de Oliveira apresentava-a a D. João VI, com a ideia da libertação dos nascituros. Hipólito da Costa, ajitara-a, pelo *Correio Braziliense*, discutindo a emancipação gradual e inspirando, talvez, o Tratado de 22 de Janeiro de 1815, com a Inglaterra, no qual o governo portuguez se obrigou a abolir o comercio de escravos ao norte do equador. O Visconde da Pedra Branca, um sentimental, levantara-a, sem resultado, nas Cortes de Lisboa, em 21. Em 1825, José Bonifácio apresentava notabilissimo projecto sacrificado nas desordens do tempo.

Sobreviera por fim, de novo, a influencia da Inglaterra (Convenção de 1826), vizando refrear o traffico, a partir de 1830. Depois a lei inexectuada ou intermitentemente violada pelos contrabandistas, de 7 de Novembro de 31, inspirada por um projecto anterior e malogrado dos irmãos Ferreira França.

Sucedeu um hiatus durante a Rejencia e começo da maioridade, até ao bill Aberdeen (1845). A nova intervenção ingleza, porém, malestreichera-se com estatuir a captura do negreiro mesmo nas aguas territoriales e o seu julgamanto nos tribunais britânicos. Foi contraproducente: o traficante, emboscado no ressentimento nacional, tornou-se quasi vingador da nossa soberania melindrada e ferida.

A Inglaterra, porém, insistiu ao ponto de influir excepcionalmente no ministerio do Visconde do Monte-Alegre, em que se recompuzera anteriormente o do Marquez de Olinda.

A lei de 4 de Setembro de 1850 imortalizou o ministro da Justiça Euzebio de Queiroz e, severamente aplicada, avançou-se às balas dos cruzeiros ingleses, extinguindo inteiramente o tráfico.

O grande mérito de Monte-Alegre está no haver pairado a cavaleiro das explorações que se exercitaram sobre o melindre nacional. A pressão das armas inglesas era infindável. Não havia obscurecer-a nem ao seu caráter irritante. Mas era também uma intimativa austera da civilização.

O mesmo se dirá de um outro ato, subsecutivo: a intervenção nos negócios do Prata (1851), depois de um longo afastamento em que um nome, Huazango, se escrevia isolado, desairando o nosso prestígio no exterior. O ministro dos estrangeiros, Paulino de Souza (visconde do Uruguay) aproveitou um lance magnífico para ampliar, de golpe, o campo da ação inegavelmente civilizadora da diplomacia imperial.

Realmente, as tropelias de D. Manoel Rozas, que desde 1835 submetia a Confederação Arjentina à tirania deplorável — desencadeavam-se proximas demais das nossas fronteiras. Constituiam ameaça de complicações inevitáveis. O velho sonho imperialista do Vice-Reinado entontecia a alma do tirano, levando-o a intervir intermitentemente nos negócios do Estado Oriental do Uruguay, há pouco tempo cindido pela rivalidade dos caudilhos Manoel Oribe e Fructuoso Rivera. Rezas, inclinando-se ao pri-

meiro, em 1851, ao ponto de fornecer-lhe tropas para assediar Montevidéu, desvendara os seus intuitos. Mas, contravinha à política tradicional do Brazil, essencialmente baseada na manutenção da autonomia não só do Uruguay, como do Paraguay, a quem nos ligaramos por uma aliança em 25 de Dezembro de 1850. De sorte que a Tríplice Aliança de 29 de Maio de 1851, entre o imperio, o Uruguay e a província de Entre Ríos, dirigida pelo general Urquiza, instituindo-se para debelar a ditadura tumultuaria da *Mashorca* de Buenos Ayres, que ameaçava alastrar-se pelas nações vizinhas — foi, ao mesmo passo, um ato de defesa nacional, e um lance superior de liberalismo incomparável na política exterior. Tão certo é que os 2.000 soldados do marechal duque de Caxias, reforçados pelos marujos de Grenfeld, não fôram repelir apenas as arremetidas do alucinado que no carimbo das nossas ofícias completara o distico — *mueran los salvajes militares!* — com insultos ao *infame governo do Brazil*, senão também para, de acordo com o art. 1.º do convenio de 29 de Maio, «manter a independencia da mesma República do Uruguay, fazendo sair do território desta o general Oribe e as tropas arjentinas que elle comandava».

A campanha, rematada com o melhor exito em Monte-Caseros (13 de Fevereiro de 1852), de que resultaram a queda do tirano e o reacender-se a nossa gloria militar depois do eclipse parcial de Ituzango, teve dois notaveis efeitos: a libertação do Uruguay e a navegação franca no estuário do Prata.

Em tudo isto um inconveniente unico: a Aliança de 12 de Outubro de 1851, negociada pelo marquez

de Paraná, que nos arrastaria outra vez em armas, mais tarde, para o sul. Ou este descuido: o não aproveitar-se o triunfo de Caseros para naquella ocasião rezolverem-se decisivamente muitos assentos decidados, entre os quaeç o da neutralidade completa e definitiva da Ilha de Martin Garcia, que chegou lastimavelmente indefinido até aos nossos dias.

Este ministerio, porém, e a sua segunda recompoção, em 11 de Maio de 1852, com a prezidencia do visconde de Itaborahy, realizara trabalhos tão notaveis que não ha insistir nestes breves deslizes.

Completo em parte, na ordem pratica, a tarefa da unidade nacional, batendo de frente o obstáculo da extensão do territorio, com as primeiras linhas de estradas de ferro e navegação. O decreto de 26 de Junho de 1852, estabelecendo as garantias de juro, iniciou, praticamente, a industria ferro-viaria, que para logo se delineou no norte com a estrada do Recife a S. Francisco (decreto de 19 de Outubro de 1853) e no sul com a de D. Pedro II (decreto de 9 de Outubro de 1853). Antes, porém, sem nenhum favor do governo, a iniciativa individual definira-se na ventade triunfante de Ireneu Evangelista de Souza (Barão de Mauá); e os 17 klms. da linha do Grão-Pará investiam com as encostas da Serra do Mar, nos primeiros passos da conquista majestosa dos planaltos, ouvindo-se o primeiro silvo da locomotiva na America do Sul.

O governo secundou este renascimento. Regulou a fortuna publica pela emissão bancaria de 1853, Código comercial, leis de terras e reforma do Tesouro. Creou as províncias do Amazonas e Paraná. Expandiu a vida internacional, reorganizando a di-

plomacia. Abriu o livre tranzito do Paraguai, com o Tratado de 25 de Dezembro de 1850 .E, por fim, deu eficaz impulso à corrente imigratoria que, esboçada com D. João VI (colonias Leopoldina e Nova Friburgo), D. Pedro I (S. Leopoldo), e, em 1840, com a fundação de Petropolis, teria, desde 1850, com a vinda de Hermann Blumenau, um traçado contínuo, de que restam como pontos determinantes Blumenau, Joinville, Mundo Novo, S. Lourenço, Teutonia e outras.

Nunca uma situação conseguira tanto.

Abandonando o poder, em 6 de Setembro de 1855, o governo fazia-o sem um golpe adverso, como que assaltado de fadigas.

Entregava-o ao homem que lhe fôra inspirador encoberto nas administrações interna e externa, o Marquez de Paraná.

O grande estadista voltava ao poder como um triunfador. Fôra a alma dos ministerios anteriores, já na prezidencia perigoza de Pernambuco anulando os restos do movimento de 1848, com setembristas de Pedro Ivo, já na missão ao Prata amparando a reação de Urquiza contra Rozas.

Conquistara o mando, em que peze ao desquerer do Imperador, que lhe estranhava o genio aspero, altivo e autoritario.

Mas, por uma circunstancia notável, foi através do seu espirito independente e de sua altaneria que se transmitiu pela primeira vez a influencia preponderante daquelle nos acontecimentos politicos.

De facto, o seu principal programa — o da Conciliação dos partidos — executado em todos os pontos, refletia uma inspiração do alto, um «pensamento augusto», no dizer de Araújo Lima. E a anomalia de se ter apeado o governo anterior tão enigmaticamente, sem nenhum conflito partidário, reforça a presunção de ter sido ele chamado a efetuar um intento preestabelecido.

Além disto o conselho a que se referiram Euzebio de Queiroz e Rodrigues Torres (Visconde de Itaborahy), como motivo único do abandono do lugar em que tanto se haviam nobilitado, era-o, de facto, não já sómente delles, senão do paiz.

Chegava-se ali depois de trinta anos de lutas. Urja um armistício. Sales-Torres-Homem, quebrada a pena do *Líbels do povo*, definiu, depois, o caso :

«Entre a decadência dos partidos velhos que acabaram o seu tempo e os partidos novos a quem o porvir pertence, virá assim interpor-se uma época sem fizionomia, sem emoções, sem crenças, mas que terá a vantagem de romper a continuidade da cadeia de tradições funesias e de favorecer pela sua calma e pelo seu silêncio o trabalho interior de reorganização administrativa e industrial do paiz».

Foi o que aconteceu. Atreguados os despeitos partidários, indistintos liberais e conservadores, no período de 1853-1858, com os ministérios sucessivos de Paraná, Caxias e Olinda, a caracterização do governo é «antes moral que material; o traço predominante de sua política é o arrefecimento das paixões que produziam as guerras civis».

O caráter de unidade desta longa administração foi tão firme que ao falecer em Setembro de 56

o homem cuja vontade de ferro a equilibrara, apesar do abalo produzido não se lhe sentiu o vacuo. Permanecera imortal sobre a solida arquitetura governamental construida, tornando-se uma especie de Presidente do Conselho postumo dos dois gabinetes (Caxias e Olinda) que o substituiram. Rodeara-se de homens que iam bastar a todas as exijencias do Imperio até quazi á Republica : Caxias, o mais prudente dos heróes ; Llimpo de Abreu (Visconde de Abaeté), vindo desde a Rejencia galgando todas as posições sem desejar nenhuma ; J. Mauricio Wanderley (Barão de Cotegipe), fervente autor da lei libertadora de 5 de Junho de 54, destinado, entretanto, a ser mais tarde um paladino da escravidão ; Nabuco de Araujo, que reorganizara a justiça e o direito ; J. M. da Silva Paranhos (Visconde do Rio-Branco), removido sucessivamente da ciencia para o jornalismo, para a diplomacia e para a politica ; Couto Ferraz, que refundiu a instrução publica ; Pedro Bellegarde, que nobilitou o exercito.

Fóra deste circulo, outros, adversarios ou adeptos, mas crecendo no ambiente proprio que só formara : José Antonio Saralva, Sales Torres Homem, J. Maria do Amaral, Teixeira de Freitas, Fernandes da Cunha, Cansansão de Sinimbú, Justiniano da Rocha, e, sobre todos, se não o afastasse a morte prematura, um gigante intelectual, a nossa mais completa cerebração no seculo, Joaquim Gomes de Souza, o « Souzinha », jurista, medico e poeta, legando-nos sobre o calculo infinitesimal pajinas que ainda hoje sobranceiam toda a matematica.

Está ali a significação moral do governo de Paraná.

Lembra uma arrejimentação de forças, adextrando-se para cometimentos ulteriores mais sérios.

Na ordem prática refundiu a instrução pelos novos estatutos dos cursos jurídicos, e Faculdades medicas, regulamentando o ensino primário e creando o Instituto dos Cegos. Ampliou o desenvolvimento econômico, melhorando a Companhia de Navegação do Amazonas, organizando a Estrada de Ferro de Pedro II, e concedendo a de Santos a Jundiahy, que seria a aorta de toda a existência econômica de S. Paulo. (Dec. de 26 de Abril de 1856). Firmou a paz exterior, repelindo o erro da intervenção ativa no Praia e ligando-se em tratado de comércio com a Arjentina. Aderiu dignamente aos princípios do direito marítimo do Congresso de Paris (1856). Completo por fim a lei destrutiva do tráfico, com a de Wanderley, que proibia o comércio interprovincial de escravos.

Sujoiu a reforma hipotecária, e, mais civilizadora e urgente, a judiciaria — reconstituindo o direito, destruído pelo odiozo aparelho policial da Lei de 3 de Dezembro de 1851.

Completo estes atos, com um que devia dali em diante reajir poderosamente sobre toda a política — a lei eleitoral dos «Círculos», destinada a grafar com um rigorismo de cópia a vontade nacional.

Mas o que dá ao Marquês de Paraná a linha superior de um estadista, é ter compreendido que na nossa *gens* complexa, sem tradições profun-

das, e democratica apenas pela carencia de uma seleção historica, a existencia dos partidos era por sua natureza efemera, adscritos ao malogro ou ao sucesso das necessidades de ocazião que reprezentavam. A politica nacional da época tinha que se adaptar ás exijencias de momento e a todas as combinações concretas, a todas as surpresas de uma pátria em formação acelerada; e partiria as malas de um partido moldado em formulas prefixas.

A conciliação dos partidos, gastos no atrito de suas proprias lutas, era lojica. A lei eleitoral dos «Círculos», o seu complemento indispensável.

Com efeito, o que houvera desde 22 até àquelle tempo, fôra uma convergência de forças. A principio a dispersão revolucionaria, o ideal da independencia, revoltó oti esparso em fações, patrulhas sem numero, mal arrejimentadas sob o prestígio de um príncipe. Depois, em 31, a delimitação dos lutadores, nos trez partidos definidos da Rejencia. Subsecutivamente, com o despertar do prestígio monárquico em 1837, nova concentração em dois partidos únicos.

Mas este movimento, que se ostenta em nossa historia, com um rigor de traçado geometrico numa composição mecanica de forças — o que acentuadamente reflete é a vitória dos elementos conservadores sobre os progressistas: um contínuo amortecimento do princípio democrático; uma revolução triunfante que a pouco e pouco se gasta e se remora, perdendo num curso de 34 anos (1822-1860) toda a velocidade da corrente, até desaparecer, afinal, de todo, no remano largo do Imperio.

Tinhamos por isso necessidade de alguém que se não deslumbrasse pelo quadro unico da ordem

inaugurada, e pudesse, sondando o sentimento do povo, despertar a pouco e pouco o elemento progressista, que tombara na sangueira das revoltas infelizes.

Foi a missão do marquez de Paraná.

Com elle extinguiram-se partidos em cujo antagonismo havia, desde 48, a força dispersiva do ódio; e sob o seu influxo iam aparecer partidos modelados pela força construtora das ideias.

O criador da Conciliação — e esta nada mais foi do que a absorção do partido liberal exausto pelo conservador pujante — seria o criador póstumo da Liga, de 62, que nada mais foi do que a absorção da maioria do partido conservador cindido, pelo liberalismo revivente. A eleição por distritos, de cada deputado, erguendo deante das velhas influências históricas, sobretudo conservadoras, o prestígio nacente dos chefes ou influências regionais, alastraria de facto, sobre todo o paiz, as responsabilidades políticas. Seria realmente, consoante a frase de um jornalista da época, o triunfo da causa territorial, «contra o entrincheiramento à beira mar do velho reijimen».

Pelo menos, extintos os «deputados de enxurada», conforme a ironia fulminante de Paraná, os novos eleitos retratariam com mais fidelidade a vontade do paiz.

Deste modo o grande homem demarca um trecho decisivo da nossa história constitucional; e centraliza-a. Enfeixa as energias do passado e desenca-deia as do futuro.

Separa duas épocas.

Foi o ponto culminante do Império.

Depois delle, o que dizem todos os factos é o decair contínuo do principio monárquico até 1889, gastando na descenção quasi tanto tempo quanto para a subida.

Realmente, a Republica, que não devemos confundir com a bela parada comemorativa de 15 de Novembro de 1889, tinha, lançados, os seus primeiros fundamentos.

O principio democrático renaceu da lei dos «Círculos». Triunfou ruidosamente nas eleições de 1860.

Pouco antes, faltando o ponto de apoio do homem em que se estiara, a situação se revelara flutuante, prevendo-se uma transmutação de cenário.

Caxias, frajil para a herança que o esmagava, cedeu o governo ao Marquez de Olinda, e este, ligando-se a Souza Franco, um intranxidente liberal de 48, traiu na liberdade desta aliança, o enfraquecimento conservador. Apeou-se do poder assira como o gabinete que lhe sucedeu, do visconde de Abaré, com o pretexto de divergências sobre reformas bancárias, mas de facto pela falta de um apoio na sociedade inconsistente. O imperador recuzar-lhes tenazmente o recurso de dissolução da camara, como se temesse uma consulta ao paiz.

Era a «época sem fisionomia», de Timandro, que findava. Esboçavam-se, dubios ainda, trez partidos: o liberal revivente, o conciliador decaído, e o conservador extreme. Os governos vacilavam entre uns e outros, agremiando ao mesmo passo a adezação e as desconfianças de todos.

Na imprensa soava uma palavra nova, que era uma palavra de combate. Francisco Octaviano aparecia no *Correio Mercantil*, na atitude correta

que sempre manteve, vibrando, sem perder a linha da sua organização finamente aristocrática, golpes mortais «no monopolio do governo entregue a mãos desfalecidas». Era a primeira voz do espírito novo renacido.

Nesta situação, o último ministério reacionário de Diogo Ferraz (10 de Agosto de 1859) organizou-se como uma torsão violenta para a ordem antiga, mal combatida no parlamento por Landulfo Medrado, Tito Franco e Martinho Campos.

Aquela refluxo, porém, eorria, quando o termo legal da camara de 1856, entregava ao povo um pleito que a monarquia evitava.

E o resultado foi admirável.

Mostram-no as eleições no Rio, que já então era a miniatura do Brasil.

«Essa eleição de 1860, pôde-se dizer que assinala uma época em nossa história política; com ella recomeça a encher a maré democrática...» (1)

De facto, toda a agitação daquele ano decisivo se fez em roda de trez nomes que, vitoriosos nas urnas, faziam mais do que resuscitar o partido liberal lentamente destruído numa luta de quarenta anos. Francisco Octaviano, Teófilo Ottoni e Saldanha Marinho. O primeiro, um ateniense dos tropicos, sonhador e poeta, ficaria abraçado à legenda histórica do liberalismo; o segundo, cujo papel foi o de detonar a expansão popular pela eloquência explosiva, que o incompatibilizaria depois com a luta no parlamento, permaneceria para sempre dubio, com a sua feição

(1) Joaquim Nabuco — *Um estadista do Império.*

de rebelado. O ultimo, porém, dava os primeiros passos de longo itinerario...

Abria-se numera éra nova.

O ultimo gabinete reacionario cairia como que ao baque de uma revolução. Não aguardara a abertura das camaras. E o que lhe sucedeu, de Caxias, começando com elementos incolores (Visconde de Inhambupe) ou francamente conservadores (Paranhos e Sá João Lobato), a breve trecho tranzijiu com a nova ordem de coizas, vinculando-se, numa recompozicão forçada, à opinião vitorioza, por intermedio de um deputado, José Antônio Saraiva, destinado a reunir os atributos mais nobres dos nossos homens politicos.

É que o velho militar — cabo de guarda do Imperio — aquilatara a crize.

Mudavam-se os tempos. No parlamento, formara-se a liga dos liberaes com os conservadores moderados (1862) e um novo partido, «Progressista», enterreirava a velha falanje reacionaria de E. Queiroz, Itaborahy e Uruguay. Fóra, irradiando pelo paiz e fulgurando na capital, na *Atualidade*, de Lafayette R. Pereira, Pedro Luiz e Flávio Farnese, o ultra-liberalismo avassalava os espiritos, vizando conclusões extremas. Dezenhava-se no cenário político a triplice organização partidaria de 1831. Mas a componente maior tendia vizivelmente para a democracia.

Naquelle mesmo ano um facto secundario objetivara o novo rumo das ideias.

Inaugurou-se a estatua de D. Pedro I.

Era oportuno lance para reacender-se a tradição monarquica, deletreando-se a pagina histórica da

Independencia. O sentimento popular, porém, derivou à cadencia dos versos desafiadores da *Mentira de Bronze*, de Pedro Luiz; e da esfera superior da política, a palavra que deceu pelo orgão do senador Nabuco de Araujo, timbrara no afirmar que o monumento, longe de significar a glorificação de um reinado, traduzia apenas a justiça de um povo livre, que não esquece os serviços prestados.

Entalhava-se a ortodoxia monárquica. Pedial-se em todos os tons a representação das minorias; condenavam-se as patriarquias governamentaes das camaras unanimes; e, em pleno senado, uma frase histórica — *O rei reina e não governa* — seava como um refrão ameaçador e estranho.

Por fim, a política imperial, que, havia pouco, perdera um ministério ante uma manifestação popular, perdeu um outro batido pelo parlamento. O gabinete Caxias caiu (21 de Maio de 62) e com elle a situação conservadora no poder desde 48.

A camara, quasi toda de liberaes e dissidentes, readquirira, depois de um esbulho de 14 anos, o direito de dispôr do governo.

Equilibravam-se, porém, no seu seio, os dois partidos extremos, e esta igualdade levava, paradoxalmente, ao desequilibrio. O ministério de um lutador de pulso, Zacarias de Goes e Vasconcelos, onde aparecia um heroe das campanhas do sul, o Barão de Porto-Alegre, durou apenas trez dias. Nesta emergência, o Imperador apelou de novo para o marquez de Olinda e o antigo rejente formou, então, o unico ministério possível, o «gabinete dos velhos», venerandos apozentados de 31, entre os quaes só havia um moço, à volta dos cinquenta anos, Cansansão de Sinimbú.

Este governo emoliente, inapto para dominar a camara, dissolveu-a.

O paiz ia outra vez definir-se; e fêl-o incizivamente. Ampliando a de 60, a eleição de 63 levantou liberaes e democratas, numa maioria desproporcionalada e alarmante.

Por outro lado, o espirito popular desatava-se em rebeldeiss desde muito deslembadas. Foi o que sucedeu por ocasião da questão dos salvados da barca *Prince of Wales* e consequentes reprezalias da fragata ingleza *Forte* à entrada da barra.

Amotinou-se a multidão no Rio. Tomou-lhe a frente Teófilo Ottoni. Um protesto ameaçador arrebatou junto do trono; e o ministerio Olinda, num esvaimento de sombras — as ultimas sombras do passado — extinguiu-se ante a palavra coruscante do tribuno.

Ao reassumir o governo (15 de Janeiro de 64), Zacarias de Vasconcelos podia dizer que reatava o seu ministerio, de trez dias, de 24 de Maio de 62. A situação antecedente fôra um desvio morto, removendo da larga estrada que se abrira em 1860 todos os elementos, cujo papel findara.

A camara de 64 refletia a um tempo a vitoria democratica e o rejuvenescimento do espirito nacional. Lá estavam:

P. Octaviano, Tavares Bastos, o pensador ironico das «Cartas de um solitário»; Pedro Luiz, o lirico iconoclasta da «Ode a Tiradentes»; Jesé Bonifácio, o moço; o romancista Joaquim Manoel

de Macedo; Feitosa, o jornalista vibrante de 48; o barão de Prados, um dos raros cientistas brasileiros do tempo; Martinho Campos, que se tornaria o terror de todas as situações; Urbano Sabino Pessoa e Filipe Neto, duas figuras vingadoras, dois nomes que recordavam um único, o de Nunes Machado, sacrificado 16 anos antes; Liberato Barroso, Cristiano Otoni, Souza Dantas, Silveira Lobo; e, obscuro ainda, um predestinado, Afonso Celso.

Sobre todos, dominando-os, centros atrativos em torno aos quais já se desenhavam os dois partidos em que se fracionaria a Liga, Teófilo Otoni e Saraiva.

O elemento conservador, suplantado, só tinha um nome — Junqueira.

Apezar disto, o ministério progressista, fortalecido de tais elementos, numa câmara quase unânime, ia dobrar-se à pressão do próprio movimento liberal, caindo de improviso a 29 de Agosto daquele ano.

É que o liberalismo, avançando, distanciara-se dos aliados da véspera. A cizão da Liga, como a da Conciliação, operava-se ante o expandir da democracia. E, dividida em dois partidos, o «histórico», com os elementos radicais e o «progressista», com os moderados, reproduzia estes, ante o conservador inalterável, a tríplice fisionomia partidária da Rejência. Abria-se, ao parecer, na nossa história, o círculo fantástico de Vico.

Mas era uma semelhança exterior.

Ia operar-se um movimento oposto. Ao envez da arrejimentação em torno dos elementos moderados e conservadores — o destaque cada vez maior e irresistível do liberalismo.

Pelo menos, a unificação sucessiva dos trez grupos já não se faria em torno da bandeira reacionaria.

Levava um outro norte. Não se tratava mais de fazer parar, como em 1837, uma revolução, que preencheria o seu destino.

Ia-se começar uma outra...

Impediu-a ou remorou-a, porém, um facto esporadico — a guerra com o Paraguay.

Tinha, certo, antecedentes que permitiam prever-a. Era, sobretudo, uma resultante do facies geográfico impondo-nos as comunicações com Mato-Grosso pelo longo desvio conterneante do Prata.

Desta circunstância já haviam resultado graves atritos.

Garantia a passagem o Tratado de 25 de Dezembro de 1850.

A situação moral do Paraguay, porém, que saíra da rívida ditadura do Dr. Francia para a tirania de um verdugo inapto a avaliar o esforço do estadista, certo feroz, mas talvez único para resuscitar um paiz que o jezuitismo matara, anulava todos os convenios.

Os dous Lopes, em cujo espírito o sonho do vice-reinado se ampliava com o da conquista de Mato-Grosso, predispunham-se ha muito para a luta. Organizaram um exercito desproporcionado — o maior exercito permanente que ainda houve na América do Sul; ouriçaram as ribas do Paraguai de fortalezas extremadas pelos fortes Olympio e Humaytá; e, desde 1853, Carlos Lopes provocara um rompimento,

enviando ao ministro brasileiro, Leal, os passaportes, sob o pretexto extravagante de elle se dedicar à intriga contra o Supremo Governo. Salvaram-nos, então, da luta, duas circunstâncias: a tibieza do almirante Pedro Ferreira, que, sendo enviado a exigir pronta reparação do insulto, quedara inerte, tolhido pelo temor de uma intervenção anglo-francesa; e o sólido criterio do marquez de Paraná, que iniciava o governo de todo entregue à obra da reorganização nacional.

Este desastre diplomático teve depois (1856) o corretivo da missão Paranhos (visconde do Rio-Branco), firmando com o plenipotenciário Berges um Tratado de livre trânsito fluvial.

A regulamentação do convenio, porém, anulava-o. A travessia era uma tortura, através de fiscalização humilhante, impondo continuos desembarques e insidiosos exames dos passaportes criados de vistos irritantes; além de outros entraves, que determinaram, em 1857, a ida de outro plenipotenciário nosso, José Maria do Amaral, à Asuncion, com o resultado unico de contemplar de perto a altaneria de Lepes 1.º, estranhando-lhe o ter ido até lá em vapor armado em guerra.

Por fim, nova intervenção de Paranhos (visconde do Rio-Branco) originou o Tratado de 12 de Fevereiro de 1858, franqueando o rio Paraguai a todas as nações.

São antecedentes expressivos. Revelam no animo do paraguayo o anelo da luta, para que procurava apenas um pretexto.

Ora, este antolhou-se-lhe em 64.

O Tratado de 12 de Outubro de 51 — contrato

unilateral que nos fizera protetores platonicos do Uruguay, contemplando, neutros, as arrancadas entre *blancos* e *colorados* perpetuamente malavindos, prendera-nos às discordias platinas. Tornar-nos, marjeando o palco de uma revolução crônica, espectadores dos escândalos entre os caudilhos, e estimulara entre os rio-grandenses as mais pecaminosas algatas, as famozas «californias», copia das *montoneras* platinas, em que sucessivos grupos invadiam a campanha oriental, agravando-lhe os tumultos. Desse modo, a nossa neutralidade era oficial apenas: colaboravamos também a golpes de lanças e patas de cavalo naquelle regime classico de tropelias; e é compreensivel que nos envolvessemos, por fin, seriamente, nas desordens.

De facto, em 61, sobrevieram as notícias de vexames e torturas de toda a sorte exercidas sobre os brasileiros, nas lutas do Uruguay, onde um revolucionário, o general Flôres, *colorado*, se insurjara contra o presidente *blanco*, Aguirre. E a opinião, no Rio, ainda abalada pela recente questão ingleza, inflamou-se. Não se cojituou que os brasileiros torturados, amatulando-se com as tropas daquelle general, haviam trocado a bandeira da pátria pelo poncho do caudilho. Eram, afinal, soldados de Flôres, e o Governo oriental, repelindo-os, não podia distinguí-los nas fileiras adversas.

Estas circunstâncias atenuavam os atentados cometidos, permitindo afastar-se, sem desaire, um conflito inútil.

Mas os factos precipitaram-se. Enviado ao Uruguay, José Antonio Saraiva, a despeito de seu ânimo superior e nimio tolerante, não pôde evitar o

rompimento. O presidente Aguirre repeliu uma intervenção que era, de feito, um apoio ao cabecilhista rebelde. Devolveu o *ultimatum* de 4 de Agosto e aprestou-se para a refrega; enquanto os navios da nossa esquadra, sob o mando do almirante Tamandaré, singravam ameaçadoramente as águas do Uruguai.

Solano Lopes aproveitou então o momento que lhe vinha a talho para uma aspiração antiga. Ofereceu a sua mediação em Junho. Logo depois, em Setembro, protestou contra o auxílio que se dispensava ao general Flóres. Num e noutro caso a sua atitude foi irritantíssima. A nota extravagante que dirigiu ao diplomata brasileiro em Asuncion, Viana de Lima (barão do Jaurú), em que se intitula garbosamente defensor da independência e do equilíbrio político das repúblicas platinas, repassava-se de tão afrontozas ameaças que orçava por uma declaração formal de hostilidades. Completou-a o aprisionamento (12 de Novembro de 61) do vapor comercial *Marquez de Olinda*, onde se embarcava o coronel Carneiro de Campos, presidente do Mato-Grosso. Assim a campanha do Uruguai, desfechada pelas baionetas do general Mena Barreto, ultimando-se com as tomadas de Paysandú e Montevidéu e pela deposição do Presidente Aguirre, substituído pelo nosso aliado general Flóres, foi apenas o prelúdio de uma outra maior.

Mas passemos, à carreira, sobre uma página tristemente glorioza.

A guerra do Paraguai é um desvio na nossa história. A sua causa mais proxima está, talvez, na interferência de duas vontades, injustificáveis ambas. De um lado o delírio de grandezas de um despota

minusculo de mais para a sua propria ambição, de outro a diversão temeraria de um imperador constitucional, por ventura impressionado com o cenário da política interna do seu paiz.

O primeiro era mais lojico. Aquelle anclar por um grande imperio baseava-se, afinal, nas cisões de outras repúblicas platinas e na nossa relativa fraqueza militar. Os noventa mil homens de Lopes tornavam-lhe factível a empreza.

Faltou-lhe, porém, a envergadura e o lance de vistos de um conquistador. Comprometeu logo a sua causa com duas invazões desastrozas: a de Estigarribia, no Rio Grande, avançando no desconhecido até perder-se na rendição de Uruguaiana; e a mais infeliz, de Robles, em Corrientes, que mais do que a aliança da Arjentina, pôz ao nosso lado o grande prestígio moral de Bartolomeu Mitre.

Com estes dois erros estava perdido aos primeiros passos. O que houve depois foram cinco anos de memoráveis conflitos.

Não os descrevemos. Fóra perdemos a linha essencial dos acontecimentos, que trilhamos.

* * *

Durante a campanha, assistiu-se na política interna do paiz a um espetáculo naturalmente previsto: a lenta ascensão do partido conservador, ostensivamente estimulada por D. Pedro II.

O governo, genuinamente liberal, de Francisco José Furtado, onde se destacavam Liberato Barrozo, Dias Vieira e o general Beaurepaire Rohan, caiu (Abril de 65), substituído sucessivamente, com

aplausos de todos os reacionários, que compreendiam a necessidade de uma transição pouco violenta, pelos progressistas do marquez de Olinda e de Zacarias de Vasconcelos; até que, com a retirada deste último, em 16 de Julho de 68, se definiisse às claras a situação com a subida dos conservadores do Visconde de Itaborahy, sendo dissolvida a Câmara, quasi toda liberal, que o combatera para logo violentamente com a palavra vigorosa de José Bonifácio.

Ora, esta reviravolta, ilojica e contrastando com todos os sucessos anteriores, com um inesperado refluxo, Ióra determinada por um incidente mínimo que dispensa, pela eloquencia do proprio enunciado, maiores comentários: o governo de Zacarias, e com elle a situação liberal, cairá em virtude de um pedido de demissão do general Caxias, então à frente do exercito vitorioso, esclarecido por uma carta ao proprio ministro da guerra, em que o velho militar, conservador da velha guarda, num espelhar de resentimentos inexplicaveis, se declarava tacitamente incompativel com o gabinete «que vizava quebrantar-lhe por diyersos modos a força moral».

Esta circunstancia diz tudo.

No opinar entre aquella autoridade militar e a legalmente superior, do ministro, a politica do Imperador desvendava-se inteiramente, franca, sem que a tolhesse a circunstancia de ter sido o ministerio Zacarias o organizador da vitoria da luta com o Paraguay, graças à atividade admiravel dos ministros da guerra e da marinha, Angelo Ferraz (barão de Uruguayan) e Afonso Celso (visconde de Ouro Preto).

Mas não foi uma surpresa. A política nacional, iludida pela preocupação absorvente da campanha externa, desviara-se, transitoriamente, de seu rumo histórico.

Pronunciara-se já, em todos os tons, uma palavra, «imperialismo», que a pouco e pouco ia imprimindo um traço cezariano no platonico poder moderador, e forjando a extravagância de uma autocracia constitucional.

Falseado de todo em todo o processo eleitoral, que, à breve revivacencia impressa pelo marquez do Paraná, bastaria para originar a vitória democrática em 1860, o poder dinástico, completando a sua faculdade privativa da escolha dos depositários do poder executivo com a cumplicidade das câmaras nomeadas, iniciava uma reação extemporânea, sem o traço superior e oportuno das de 1837 e 1848.

Perceberam-na, desde 65, os próprios representantes dos partidos monárquicos; e o alinharse-lhes, ao acaso, as fases, equivale a retratar com fidelidade aquelle período artificial e retrogrado, fornendo-nos a uma missão de Tacito.

Souza Carvalho, naquelle mesmo ano, dera o grito de alarme apelando para o paliativo de eleição direta.

Tito Franco indicava, logo depois, em 67, a causa única da decadência do paiz «no polichinelo eleitoral dansando segundo as fantazias dos ministérios nomeados pelo imperador». Saílo Lobato «tigo reacionário, caracterizava em frases vigorozas o contraste da esplendida arquitetura governamental com os vícios e abusos que a derrancavam. José de Alencar comprometia a sua próxima escolha

para ministro, ferretoando com aticismo incomparável todo o reejimen. Para José António Saraiva, o paraninfo da Liga de 1862, «o poder ditatorial da coroa era uma verdade só desconhecida pelos nescios ou pelos subservientes aos interesses ilegitimos da monarquia». Um carater austero, D. Manoel de Mascarenhas, pronunciara em pleno Senado uma fraze cruel: «Morreram os costumes, o direito, a honra, a piedade, a fé, e aquilo que nuncia volta quando se perde, o pudor». Completou-o, no mesmo recinto, Silveira Lobo, deplorando a morte do sistema representativo e chegando, temerariamente, à conclusão de que «o vício não estava nos homens, mas sim nas suas instituições». Para Francisco Octaviano, o imperio constitucional «era a ultima homenagem que a hipocrisia rendia ao século», e a fraze ficou celebre.

Tavares Bastos, o paladino da franquia do Amazonas, num quasi ostracismo, na Europa, volvia o ultimo brilho de seu grande espirito para a República, para a qual se dirijiria em breve, ostensivamente, um outro, José Maria do Amaral. O visconde de Camaragibe e o grupo conservador do norte previam a desagregação do paiz na condenavel concentração que se formava. António Prado, João Mendes de Almeida, Duarte de Azevedo, conservadores do sul, estadeavam em frazes por igual amargas o desquerer pelo trono.

Per fim, alguém culminou sobre esta situação moral.

O conselheiro Nabuco de Araujo, enfeixando num plano superior todos os desanimos e todas as revoltas da nacionalidade traída, abalara o Senado

com um sorites formidável, condensando em fraze, que é um prodígio de síntese, toda a política do tempo :

« O poder moderador pôde chamar a quem quiser para organizar ministérios ; esta pessoa faz a eleição porque ha de fazê-la ; esta eleição faz a maioria. Ahi está o sistema representativo do nosso paiz ! »

E nesse torvelinho retalhado de desapontamentos e tristezas, e desanimos, e revoltas, — dois liberaes, obscuros ainda, sem frazes afogueadas, quasi sem ruido, transpunham tranquilamente as fronteiras da Republica : Francisco Rangel Pestana e Henrique Limpo de Abreu.

De sorte que, ao irromper a reação monárquica, resuscitando uma rija figura de 37, antigo companheiro de Feijó, o visconde de Itaborahy, estava descoberta a estrada que a contornearia. Além disto, o partido liberal unira-se de chofre, como se o abalo da queda lhe anulasse as discordias intestinas, em torno dos seus melhores representantes. E, delidos os resentimentos pessoais da véspera, sopeado o radicalismo de muitos que como os Otoni e Silveira Lobo propunham a eliminação do poder moderador, num perigoso avançar para a frente — firmou, no terreno partidário, sob as grandes responsabilidades de Zacarias, Teófilo Otoni, Nabuco, Souza Franco, Octaviano e Paranaguá, o protesto do abstencionismo, ante a mentira eleitoral, e no terreno político o Manifesto de 1869, com estes cinco compromissos :

• a reforma eleitoral, única capaz de se opôr ao absolutismo emergente ;

a reforma judiciária, desbancando a justiça

russa instituída em 41 pelo Código de 3 de Dezembro;

a abolição do recrutamento e da Guarda Nacional, que abdicara o seu nobre papel da Rejeição e se tornara a guarda pretoriana das urnas:

E, afinal, a emancipação dos escravos.

Rematou com um dilema entre cujas pontas oscilaria dali por deanie todo o edifício monárquico:

«Ou a Reforma ou a Revolução».

Mas opinava logo:

«A reforma para conjurar a revolução.

«A revolução como consequência necessária da natureza das coisas, da ausência do sistema representativo, do exclusivismo e oligarquia de um partido.

«Não há que hesitar na escolha.

«A Reforma!

«E o paiz será salvo».

Ora, ajindo no centro dos acontecimentos em que eram autores e atores, sem a visão de conjunto permitida por um afastamento do cenário, os reformadores, ainda aditos ao trono pela força prodígioza da inércia, não podiam perceber que aquella condicional era seródia. As duas palavras não extremavam mais uma alternativa. Conjugavam-se: reforma e revolução...

Foi o que os acontecimentos depois revelaram.

O governo de Itaborahy, um anacronismo palmar, em cujo tirocinio de quasi dois anos só ocorreu um sucesso apreciável, o termo da guerra do Paraguai (1 de Março de 70), completada pela missão do ministro dos estrangeiros, visconde do Rio-Branco, incumbido de organizar o governo nacional da República vencida

— caiu por evitar o problema emancipador, apenso em aditivo proposto pelo senador Nabuco de Araujo à lei do orçamento daquelle ano. Provocara ao mesmo tempo a formação da dissidencia conservadora dirigida por Jeronymo Teixeira Junior e composta de elementos — Antonio Ferreira Viana, Junqueira, João Mendes de Almeida, Duarte de Azevedo e Perdigão Malheiro — que dariam em breve áquelle partido o compromisso anomalo de se bater por todas as ideias liberaes.

O marquez de S. Vicente (Pimenta Bueno), que lhe sucedeu, tentou uma conciliação impossivel. Suspeito ao liberalismo, com refletir, numa passividade de espelho, o desejo claro manifestado sem rebuços pelo Imperador, de obstar a todo o trânsito quaequer reformas no aparelho das eleições; suspeito à velha guarda conservadora já dirigida por Paulino de Souza (Andrade Figueira, José de Alencar, A. Prado e Francisco Belizario), pelos seus antigos projetos emancipadores discutidos no Conselho de Estado desde o ministerio Zacarias — viu-se em situação instavel. Não puderam firmal-o ministros e partidários da estatura excepcional de Sales Torres Homem (visconde de Inhomirim), João Alfredo Correia de Oliveira, Gomes de Castro, Pereira Franco e Teixeira Junior.

Abandonou o governo legando-nos, como efeito unico de sua passagem, a fundação do Conservatorio dramatico...

É que a conciliação planeada — um outro «pensamento augusto» — impropriava-a não a falta de um marquez do Paraná, mas a transformação das coisas.

A monarquia preencherá o seu papel. As reformas liberaes, erijindo-se para logo no pensamento da eleição directa e da emancipação dos escravos, embora

acabassem por senhorear o espírito do próprio Imperador, iriam abalar toda a arquitetura monárquica. Percebera-o o visconde de Itaborahy, graças à visão exercitada em meio século de atividade política. Mortos Pedro Araújo Lima e Euzebio de Queiroz, elle era o último dos velhos construtores do reijmén. Conhecia todas as falhas e o gastamento inevitável do aparelho extraordinário dentro do qual se constituira a nossa nacionalidade. E compreendia, avassalado de espantos, que elle não rezistiria ao empuxo dos novos ideias. «Não queríamos aluir de chofre os fundamentos em que se acha assentada a associação brasileira!» exclamara no parlamento, em 1870, com a intuição profunda de um vidente.

Com efeito, no seu ministerio esboçou-se o declínio do Império.

Dai por deante o triunfo democrático não se manifestara mais, como em 62, por uma liga de liberalismo redivivo, atraíndo ao seio os conservadores adeantados. Proseguira isolado. Destaca-se-lhe dos flancos um partido novo — o republicano. Dificilmente se depara em nossa história acontecimento mais lojico.

O manifesto de 3 Dezembro de 1870 fez-se, realmente, a segunda página do manifesto liberal de 1868.

Mas inclinada ao outro vértice do dilema.

O programa ali exposto foi o que deveria ser — um libelo.

Fazia-se o processo de um reinado.

E em que peze aos exajeros da metafísica política, que as debilita, aquellas linhas, as primeiras linhas escritas da história da República, grafavam um ditado antigo.

Entre as suas assinaturas — a de Joaquim Saldanha Marinho, nome já tradicional, as de Cristiano Otoni e Farnese, vindos das tendas liberaes, as de Lafaiete Rodrigues Pereira e Salvador Mendonça, as de Quintino Bocaiuva, Aristides Lobo e Francisco Rangel Pestana, que proseguiam até à vitória, e outras, que se apagariam na obscuridão — faltava uma que seria a mais expressiva de todas, a de Teófilo Otoni, o ajitador destemerozo de 62.

As linhas anteriores justificam o asserto.

O novo pensamento político, incaracterístico ou mal vinculado às tendências separatistas nas insurreições incoerentes que vieram até 1817; inoportuno em 1822 e 1831, por contrariar o interesse maior da unidade da pátria; repelido em 1837-1848 por que ainda se tornara indispensável a ação exclusiva da força centripeta da realeza; evolvendo, imperceptível, e perdendo de ano em ano o caráter separatista com espozar os ressentimentos alastrados pelo país inteiro na trégua partidária de 1852-1858; aflorando, por fim mais integral, no violento revide de 1862, que uma guerra externa abrandou, desviando as preocupações nacionais: — depois dessas vicissitudes, em 1870, impunha-se. Para vencer tinha a força das novas aspirações sociais tão vigorosas que se refletiam nos próprios partidos dinásticos, talhados em dissidências que se degladiavam, desangrando-se, sem pouparem dos golpes, como vimos, a própria figura imperial.

Invertiam-se evidentemente os papéis: o perigo separatista estava naquela concentração monárquica golpeada de crizes. E o partido republicano crescendo desde logo, mercê dos contingentes sucessivos que lhe advinham de todos os desiludidos e de todos os

desesperados dos dois outros — o que aconteceria até as vespertas do 15 de Novembro — começava a esboçar, de facto, uma outra «Conciliação», mas, esta, agora, definitiva — a República.

Safra, das divagações do manifesto de 70, para o terreno da propaganda. Delineavam-se em S. Paulo, em linhas cada vez mais nitidas, até se imprimirem profundamente na nossa história política, os perfis de Americo Braziliense, Rangel Pestana, Americo de Campos, Campos Sales, Prudente de Moraes e Vencancio Alves.

Ao mesmo tempo, o povo tomava um lugar na reprezentação nacional. Ouviu-se dentro da Câmara dos deputados uma palavra estranha com a tonalidade imponente dessas vozes proféticas que anunciam a ruína dos impérios. Não era a dialetica vibratil de Zaccarias, a argumentação fria, sucedida de subitos lampejos de genio, de Nabuco, a fluencia cantante de José Bonifacio, ou o periodo artístico e sonoro de Sales Torres Homem, a que se havia afeiçoado o nosso parlamento. Mas uma eloquencia quasi selvagem na sua esplendida rudeza, na energia nunca vista com que reivindicava os direitos populares, e nas suas rebeldias da forma, e nas suas grandes temeridades de conceitos...

Silveira Martins desdobrava, improvvisamente — passando fugaz, num fulgor instantaneo e desaparecendo — a sua estatura atlética de Danton.

O governo do visconde do Rio-Branco (7 de Março de 71) sobreveiu, então, à maneira de uma longa trégua civilizadora.

Antes diplomata que político, o grande homem fez o milagre de dirigir ultimamente o paiz até 1875, no mais dilatado ministerio que tivemos.

E fê-lo, sobretudo, porque não representava realmente nenhum dos dois partidos monarquicos.

Demonstra-o o caráter antinomico, mas expressivo, de uma situação conservadora exgotando quazi todo o programa liberal — e apelando, indistintamente, para a dissidencia do seu proprio partido e para a boa vontade dos adversarios, liberaes ou republicanos.

Estes ultimos podiam, com efeito, permanecer espectantes, como o fizeram.

O governo do estadista que tinha a investidura unica da parte san de sua terra — ia desbravar-lhes o caminho.

Desarraigou a escravidão do paiz pela lei de 28 de Setembro de 1871, em que o secundou brilhantemente o ministro predestinado a vibrar o golpe decisivo de 13 de Maio, João Alfredo Correia de Oliveira; abateu pela reforma judiciaria de 20 de Setembro de 71 a lei tiranica de 3 de Dezembro de 41, * a vellia arvore de Bernardo de Vasconcelos e do visconde de Uruguay, a cuja sombra creceu o imperio ; {1} e nisto o coadjuvou Sábio Lobato, penitenciando-se do aferro com

(1) Conselheiro Nabuco de Araujo.

que outr'ora se ajustara áquelle tremendo aparelho de servidão civil; sulcou a fundo a ditadura espiritual, que se esboçava, reprimindo severamente, até ao extremo da prizão, os dois bispos de Olinda e Pará — e para a empreza perigoza que ia divorciar a cauza monárquica da igreja, o partido republicano armou-o com o montante formidável de «Ganganelli» (Saldanha Marinho).

Dissolveu em 1872 a Camara em que prepondeava a massa emperrada e retrograda de seu próprio partido, dirigida por Paulino de Souza Junior, que seria até ao fim de Imperio a sombra recalcitrante de Itaberahy. — Neste ato parecia provocar um rompimento com aquelle, onde sobresafam Antônio Ferreira Viana, Domingos de Andrade Figueira, Francisco Belizario, Antônio Prado e José de Alencar.

Mas não rombia; avantajava-se.

Era uma translação para o futuro.

Refundiu a instrução publica, profissional e superior, creando em algumas escolas (a Politecnica e Militar, recém-formadas pela divisão da antiga Escola Central) cadeiras especiaes, acompanhando o ascender contínuo das ciencias; e fundou a de Minas. Iniciou a tarefa complexa do levantamento da nossa carta itineraria e geolojica, que seria abandonada pelos governos que lhe sucederam. Realizou a primeira estatística geral do Brazil. Atendeu ás indicações de todos os competentes: André Rebouças demonstrara as vantagens da subvenção ou garantia de juros ás companhias de estradas de ferro, e a lei de 24 de Setembro de 1873 organizou-se, retravando-se a campanha contra um velho inimigo — o dezerto. E as linhas ferreas que em 71 atinjam a 732 klm., subiram a

1.500 kims. em trafego, em 75; além de 8.180 em construção, ou estudos, e 1.700 concedidos, recebendo todas um impulso que nunca mais parou.

Vincularam-se as províncias pelo telegrafo submarino costeiro, outro elo iludindo a vastidão do território; enquanto por outro lado se expandiram as linhas telegráficas terrestres (2.081 kims. em 71, 9.281 em 75). Lançou-se o primeiro cabo transatlântico; e a 24 de Junho de 1874 estávamos a alguns minutos da civilização, recebendo-se o primeiro telegrama da Europa. Planeou-se garantir o Rio Grande contra uma vizinhança ajitada, com as primeiras estradas de ferro estrategicas.

Subiu a média da imigração, quadruplicada, a 30.500 trabalhadores por ano. Por fim, as curvas no diagrama do nosso comércio geral direto e de exportação, deprimidas ambas há longo tempo, aprumaram-se em 1873 a um ponto a que só chegaram de novo em 79; acontecendo o mesmo com as rendas gerais. E o câmbio, que caía em 68 a 11 e estacionara em 1870 em 23 $\frac{1}{2}$, elevou-se numa continuidade invariável, chegando ao par em 73; e em 75 a altura que nunca mais alcançaria, 28 $\frac{2}{3}$.

Na política exterior atenuaram-se as consequências prejudiciais do Tratado de Aliança com o Uruguai e a República Argentina (1 de Maio de 1865), que dava a parte do leão à última nos efeitos da campanha do Paraguai, firmando-se a linha do Pilcomayo, que ao mesmo passo resguardava o território da nação vencida e ressalvava os direitos da Bolívia.

Depois do ministerio Rio-Branco, dezenhou-se pela terceira vez no cenário uma dessas «épocas semi-fisionomia», presagas de transformações profundas. Mas, evidentemente, estas se efetuariam fóra do aparelho monárquico.

Dizia-o o curso impressionador da história.

As nossas fazes sociais tinham-se desdobrado com um ritmo perfeito, onde a dispersão e convergência sucessivas e alternadas dos acontecimentos denunciavam ao mais incurioso espirito o rigorismo inflexível de uma lei universal da vida.

A princípio : o agregado difuso, a nebulosa humana, desprendida do colono, cindida de ideias revolucionárias em uma larga dissipação de movimento, refletindo, no período de 1808-1831, o processus geral de todas as existências orgânicas. Depois, de 1831 a 1837 : a delimitação dos lutadores nos trez partidos definidos da Rejencia, traduzindo-se a tendência para uma fazee mais definida, a par de uma distribuição mais integra e heterojênea do prestígio governamental, até então enfeixado na autoridade caprichoza ou inconstante de um príncipe. Subsecutivamente, com o crescer da reação monárquica, de 37, balanceando-se a simplicidade maior do governo com a complexidade maior da sociedade, evidenciou-se, iniludível, a refletir-se tanjivelmente no binário conservador e liberal, a marca gradual para o equilíbrio, das duas forças co-existentes, democrática e reacionária, que persistiam desde a Independência. Por fim, em 1848, e sobretudo com o marquez de Paraná, na quadra que uma intuição de genio rezumiou na palavra

Conciliação: a harmonia completa dos lutadores, ultimando-se inteiramente a admirável evolução monárquica, no equilíbrio dos partidos.

O Império constitucional atinjira, de facto, o termo de suas transformações; e, de acordo com a própria lei evolutiva que o constituira, iria desintegrar-se submetendo-se por sua vez ao meio, que até então dominara, e aos excessos de movimentos que este adquirira.

Ora, esta dissolução é tão demonstrável, que até teve, e era necessário que o tivesse, o seu primeiro sintoma no primeiro retratar com a fidelidade de um decalque os estadios anteriores. Assim a Liga de 1862, surjindo do excesso do movimento do meio, nas eleições de 1860 — e logo depois dela o schisma dos «progressistas» e «históricos», deante dos «conservadores» transformados, reproduziram, sucessivamente e numa ordem inversa, os tumultos desordenados dos primeiros dias das lutas da liberdade e a triplice fisionomia política da Rejencia...

Mas a nova concentração de forças e o novo equilíbrio já não se poderia fazer em torno do rejimen imperial. Os seus mais eminentes sustentaculos, juntapôr-se-iam, sem o pensarem e sem o quererem, à nova diretriz dos acontecimentos — destacando-se, como expressivo exemplo, o próprio ministério Rio-Branco, tão acentuadamente demolidor e reconstrutor, ao mesmo passo que com as suas medidas administrativas memoráveis derivara para o campo das agitações políticas as energias renacentes da sociedade.

Depois delle — a atitude curiosíssima do partido liberal em todo o período que vai de 1878 a 1886 — de Cansanção de Sinimbú ao último ministério do

conselheiro Saraiva — já ajitando estérilmente, como reforma única, a pseudo-reforma liberal da eleição direta e censitária, já estonteando a opinião com os seus vários governos incoerentes sustentados antilogicamente com o amparo do elemento conservador, e caindo todos batidos por violentas moções de desconfiança dos próprios liberaes — seria bastante incisiva no delatar o artificialismo de um regime teoricamente extinto, e implicativo das novas aspirações sociais.

É, porém, uma história recente de mais. Acotovelam-se, vivos ainda, alguns no fastígio da República, outros, na glorificação de um exílio virtual imposto pela inflexibilidade de suas convicções — os seus principais atores.

Como facto predominante dessa política artificial espelhada no inviável contraste entre os velhos princípios que a alentavam e a situação verdadeira do paiz, o historiador futuro comentará, sorrindo, a abdicação graciosa e belíssima de 13 de Maio de 1888, em que o ministério conservador do conselheiro João Alfredo cortou as últimas amarras do Império, abandonando-o na caudal irresistível das idéias republicanas.

• • •

Depois disto a República não podia ser uma surpresa, inexplicável estríbilo dos que enfermam da nostalgie desse passado brilhante, que também veneramos porque é toda a justificativa do nosso regime atual.

Vimos, nas várias fases, a traços largos esboçadas, o constante despontar, cair e renacer de uma aspiração dispersa em movimentos isolados; suplantada a

princípio pelo pensamento primordial da autonomia política, depois pela preocupação superior da unidade nacional. Impertinente em 1822, inoportuna em 1831, abortícia em 1848, era-o a República, sobretudo porque se não podia inverter a série natural da evolução humana.

Aspiração política, requeria que lhe propiciasse o advento o desenvolvimento social.

A sociedade não a repelia; prorrogava-a.

E a partir de 1875 começou a incorporal-a.

Mudaramos muito.

Deante da grande maioria indiferente e amorfa que ainda existe em virtude da lei universal da persistência — como um prolongamento da colónia — formando o *caput mortuum* do grande organismo deste paiz, só se alevantara até 1875, através de ajitações exclusivamente políticas, o espírito crítico da metafísica revolucionária de que é impecável modelo o próprio manifesto republicano de 1870. Mas este, que iluzoriamente prezide o ascender crescente do novo ideal político até 15 de Novembro de 89, resvalara a segundo plano.

A propaganda republicana (evitamos descrevê-la, inaptos para sintetizá-la, em meia duzia de linhas, com o inconveniente de citar-lhe os protagonistas, na maioria ainda vivos) fazia-se por si mesma. Atribuir-lhe o sucesso feliz à palavra dos tribunos, ao jornalismo doutrinário ou ajitador, ao entusiasmo de uma mocidade robusta, à indisciplina militar, e por fim ao levante de um exército que, como o de 7 de Abril, nada mais foi que a ordenança passiva da nação em marcha — equivale a atribuir a maré montante às vagas impetuozas que ella alteia.

Porque, na realidade, o que houve foi a transfiguração de uma sociedade em que penetrava pela primeira vez o impulso tonificador da filosofia contemporânea. E esta, certo, não a vamos buscar nesse tão malsinado e incompreendido positivismo, que ali está sem a influência que se lhe empresta, imóvel, cristalizado na alma profundamente religiosa e incorruptível de Teixeira Mendes..

As novas correntes, forças conjugadas de todos os princípios e de todas as escolas — do comtismo ortodoxo ao positivismo desafogado de Littré, das conclusões restritas de Darwin às generalizações ouzadas de Spencer — o que nos trouxeram, de facto, não foram os seus princípios abstratos, ou leis incompreensíveis à grande maioria, mas as grandes conquistas liberais do nosso século ; e estas compõe-se com uma aspiração antiga e não encontrando entre nós arraigadas tradições monárquicas, removeram, naturalmente, sem ruído — no espaço de uma manhã — um trono que encontraram...

Este abalara-se de ha muito. O nobre espírito do homem que o ocupava com a sua preocupação absorvente de perquirir aprofundadamente as coisas da ciência com o seu anelar o título de filósofo, com o anelar pela camaradagem nobilitadora dos pensadores de seu tempo, a sua indiferença superior pela força organizada, que lhe escorava o imperio, com o estimular os decretos libertadores, que lhe destruiram o apoio da propriedade territorial — tornou-se no termo da vida o exemplo vivo da transmutação de seu próprio paiz.

É natural que fosse o seu último ministério conservador que realizasse, a 13 de Maio de 1888, a mais

alta das reformas liberaes ; e fosse o seu ultimo ministerio liberal que planeasse reviver as enerjas conservadoras das tradições monarquicas desfalecidas.

Não tinham mais significação os nomes dos partidos. Existiam pela força da inercia. Tendo-se prendido ao curso irreprimivel da propaganda abolicionista, iniciada ativamente em 1884, a monarquia obtivera uma estabilidade momentanea, porque ia derivando ao som da correnteza democratica.

De sorte que, em 1889, quando o seu ultimo ministerio liberal tentou a ultima reação conservadora, ella caiu — porque não podia mais parar.

O 3.^o reinado, estejado na esplendida envergadura do visconde de Ouro Preto, lançou-se como uma repreza na torrente.

Foi o que se viu a 15 de Novembro de 1889 : uma parada repentina e uma sublevação ; um movimento refreado de golpe e transformando-se, por um principio universal, em força ; e o desfecho feliz de uma revolta.

Porque a revolução já estava feita.

IV PARTE

ESTRELAS
INDEFRAVEIS

Estrelas indecifraveis

Conta-nos S. Mateus daquelles trez reis magos, que abalaram de seus paizes em busca do Messias recem-nado, conduzidos por uma estrela extraordinaria que, improvizamente, resplandeceu na altura, em plena luz de um firmamento claro.

Não critiquemos, impiamente, a narrativa simples do primeiro evanjelista.

Justifiquemol-a. Por aquelles tempos, da Caldeia à Grecia e à Italia, à India e à China, os graves acontecimentos, ao parecer dos mais sizudos astrológos, prenunciavam-nos os céos. Do *Mahabahata* à *Iliada*, alonga-se um imajinozo devaneio: quando naceram Cristna e Buda, alumiararam-se os horizontes em resplendores de quédas de bolides: propícios clarões lustraes banharam o berço de Esculapio: e ao ruir, trabalhada das catapultas, a derradeira cortina dos muramentos de Troia, aflora no

espaço a setima estrela da constelação das pleias...

Ora, para a vinda de Cristo aparelhara-se a antiguidade de esperanças religiozas tão vastas, que o messianismo judaico se generalizara em aspiração universal. Conchavavam-se, prognosticando-a, o hysterismo das sibilas e o iláspo dos profetas: os cálculos imperfeitos dos primeiros astronomas contemplativos, e os hexametros impecaveis dos poetas da Roma imperial. A cultura classica, na sua plenitude, acolhia um éco longínquo das civilizações orientaes, que terminavam. As rudes profecias de Balaam, presagas do reinado deslumbrante de um deus nas terras eleitas de Israel, harmonizavam-se, de algum modo, às apostrofes ritmicas do Prometeu, de Eschylo, ao vaticinar, nos palcos atenienses, ante o assombro das platéas copovidas, a proxima abdicação de Jupiter. O «livro de Daniel» prolongava-se nas éclogas de Virgilio. E o vate graciozo, num rapto genial da fantazia, batera parelhas ao vidente: não lhe bastara o presentir proximo renovaamento dos séculos esgotados, trocando-se os signos dos tempos; senão que ao espetáculo das sociedades novas, presfiguradas, ligou o imperio de uma creança maravilhoza, que ao nacer «faría estremecer a natureza inteira, da imensidão dos mares à imensidão dos céos». Foi além no descortino inexplicavel. Previu que a nova ordem moral, instinctivamente adivinhada, requeria outras linhas mais corretas, no proprio quadro da natureza fizica. Transfigurou-se, sem o saber, em emulo de Pitagoras e precursor de Copernico. De sorte que a primeira sacudidura na terra, imaginada imovel e a centralizar

as caprichosas esferas de cristal, onde se clauzurava o universo, lhe desponta no vigor de um verso admirável: porque quando nacesse o infante predestinado

no seu círculo abalado o mundo oscilaria... (1)

Assim avassalava as racas mais discordes os anelo transcendental das profecias.

Não maravilha que os trez magos, filhos da Caldéa sonhadora, arrancassem de seus lares remotos, norteando-se pela estrela surpreendente. Iam-se em busca do Messias. Vindos de Sabá, ou da Babilonia, ou da Persia, marcharam longos dias, até que atinjiram os terrenos adustos do Yemen. Calaram-nos, sob os céos implacaveis da parajem estranha.

Em torno os moveis areaes, transverberando a luz, mal lhes disfarçavam no chão revolto, que pizavam, a escanceladura dos abismos, abertos pelo velho mar extinto, que por ali expandia outrora o Mediterraneo, e hoje mal se adivinha, evanescente e estancado, na depressão profunda do Asfaltite. Romperam-nos, com o remorado andar das caravanas. Caminhavam na intermitência angustiozíssima dos dias adurentes e das noites enrejeladas. E fôram-se de deserto em deserto, de oazis em oazis, das sombras zimbradas de lampéjos das tamareiras altas, para os areaes em fogo, onde agonizam os he-

(1) *Aspice convexo nutantem pondero mundum... —*
Virgilio, Ecloga IV.

liotropios tolhícos e as pistaceas deprimidas: — até que as suas vistas tontas das mirajens distinguiram os primeiros rebordos dos pendores clivozos ao norte do Sinai, estalados e asperos, estereografando ainda a convulsão vulcanica que lhes ergueu os cimos arremessados, de rocha viva, perpetuamente desaudos, para que o sol nelles renove sempre, no esplendor dos brilhos refletidos, a memoria lonjinha das sarças ardentes das profetas.

Transmentaram-nos, tornejando-lhes as encostas mal vestidas da florula bravia das acacias espinhozadas; e seguiram, lentamente, até Jerusalém... Não pararam. Deixando a «cidade compacta», entre as apreensões de Herodes e as conjecturas dos sacerdotes suspicazes, reaviam-se, rumo feito ao norte. Dirijiram-se, sem o saberem, em demanda da menor das vilas de Judá. Adiante, imóvel no horizonte resplandecente, atraía-os a estrela radioza; e ella foi conduzindo-os até Belém, onde os seus raios tranquilos se joeiraram na cobertura humilde de um estabulo.

Penetraram-no. Foi um encanto e um desafogo: os olhos encandeados no resplendor dos plainos incendiados, repousaram, suavemente, na aureola ideal de uma fronte loura de creança.

Depuzeram-lhe, depois, aos pés, as preciosas dadivas que traziam. Prostraram-se. Adoraram-na.

Então a estrela se apagou na altura...

Mas não se extinguiu para sempre. Por singular que se afigure, a ciencia entre todas senhora dos

fenomenos que a constituem, durante longo tempo, pela voz dos que melhor a versaram, planeou e ajustar ao misticismo incomparavel de S. Mateus as suas formulas rigorosamente positivas. Não tolheu os sabios fascinados a simples consideração do absurdo, ou da impiedade, sem duvida decorrente da só tentativa de subordinar-se ás leis naturaes um caso que satisfazia, á sociedade, a crença religieza com a simples circumstancia de derivar-se da onipotencia divina.

É que estes sões intruzos, ou «estrelas hóspedes», do firmamento, consoante o pinturesco dizer dos velhissimos astronominos chinezes, do *Mau-tien-lin*, constituiram em todas as épocas a novidade mais emocionante do universo. Menos comuns que os cometas, por adstritas a um compasso mais vagaroso no ritmo das manifestações periodicas das apariencias cosmolojicas, talvez por isso mesmo fôram sempre mais surpreendedoras. Observam-se de séculos em séculos. Em dois mil anos, desde a primeira estrela variavel que Hipareus rejistou entre α e β do Escorpião, no ano de 143 antes de Cristo, até quazi aos nossos dias, mal se apontavam 22 aparições verificadas; e em todas elles, quer os raios entrevistos se refletissem nas retinas encantadas dos antigos crentes, quer nos astrolabios mediegos, ou nos telescopios modernos, destumbraram por igual os fantazistas fervorozos e os pensadores tranquilos: e apagaram-se despertando um sem numero de hipóteses, todas até hoje inviaveis e vacilantes, desde a de Newton explicando-lhes a revivescencia dos brilhos como um efeito da queda dos cometas, á de Mau-pertuis, das rotações regulares e contínuas de Bouil-

land, ou Goodrick, à dos fluidos elétricos de Arago, e inumeráveis outras, que constituiriam, por si sós, uma biblioteca singularíssima de conjecturas e de erros.

Porque a astronomia não deu um passo para esclarecer-as. Neste lance está como em plena média idade. As suas fórmulas e sistemas não valem o latim aterrado dos astrónomos de horóscopos, tateantes nas miragens astrológicas. O ilustre Faye, por exemplo, não nos explica melhor do que Heipidanus, o extraordinário monge de Saint-Gal, nuncio da estrela nova, de excepcional fulgor, que sobredeceu durante trez mezes o signo de Aries, no extremo meridional dos céos. É como se passassem sobre as ciências seiscentos anos inúteis. O raciocínio inflexível do cientista destes dias, apercebido de melhores lentes e de melhores fórmulas, diz-nos ainda menos que o espanto do asceta absorto ante o astro *insolite magnitudinis, aspectu fulgurans et oculos verberans*, fuljindo espantosamente, e apagando-se tão de突bito que justificaria o pensamento enuzado de Chladini, no conjutar as destruições violentíssimas dos mundos que se incendiaram.

No entanto, apesar do incompleto dos antigos catálogos stelares, jamais passou despercebida a mais diminuta delas acessível à observação direta — desde a Omieron bruxoleante de David Fabricius, em 1596, à monstruosa estrela, de constelação indecisa, que o Ma-tuan-lin rejistrou em 1578, «tão grande quanto o próprio sol!»

E umas e outras despertaram em toda parte os mais pertinazes estudos. Baldados todos. As teorias prestes levantadas, prestes decaídas, sucedem-

se, ou revezam-se, insustentaveis na flutuação indefinida das hipóteses.

Aponte-se um exemplo classico. Em torno da *Perigrina*, descoberta em 1572 por Tycho Brahe, debateram-se todos os naturalistas dos fins do seculo XVI; e acompanhando-se, quasi justalinearmente, a narrativa do grande precursor de Kepler e de Newton, põe-se de manifesto que o acontecimento era, na verdade, de molde a impressionar os mais incuriosos espiritos.

O sucesso sobresalceu o sabio dinamarquez quando elle se dedicava a outras cojitações. Seguia da Alemanha para a Dinamarca; e como se hospedasse na abadia de Harritzwald, e estivesse longe dos livros e instrumentos prediletos, entregou-se algum tempo, por desfastio, aos seus sonhos de alquimista, caracteristicos da época. E atravessava os dias em um laboratorio atravancado de fogareiros e retortas. De sorte que sómente ao cair das noites, diante da janela aberta, lançava as vistas desarmadas para os céos, longo tempo, numa contemplação que era o proprio rever a sua carreira extraordinaria balizada em cada um daquelles pontos luminosos. Mas estas romarias virtuaes, pelo meio das constelações, interrompeu-lh'as, certa vez, o cazo inesperado. Foi num dos longos crepusculos proprios áquellas altas latitudes. Tycho Brahe divizou de repente, perto do zenit, no grupo de Cassiopéa, uma estrela fulgorante, de anomala grandeza, como ainda se não vira. O seu assombro foi indescritivel. Acreditou numa alucinação. Inquieto e alarmado, ante a surpresa que lhe apontava no infinito, ao cabo de tão longa vida passada entre as estrelas, deixou de arremesso o

seu retiro tranquilo : — e chamou, aos gritos, os operários do laboratorio, e interpelou os proprios camponezes, que lhe passavam á porta, voltando das searas, para confirmarem o facto inesperado...

A *stela nuova* era fixa, definida, e mais cintilante que todas as do firmamento. O seu brilho ofuscava os de Sirius, de Vega, de Jupiter e de Venus ainda quando proxima da Terra. Distinguia-se em pleno rebrilhar do sol meridiano. Nas noites tormentosas os seus raios coavam das nuvens, que se espessavam escondendo os céos.

Mas foi um resplendor passageiro.

A partir dos fins de 1572 diminuiu-se-lhe o fulgor. Ficou igual a Jupiter; e continuou no decair contínuo, ao mesmo passo que a primitiva brancura se alterava. Em Março de 1537, reduzida à segunda grandeza, os raios, que se lhe avermelharam, equiparavam-na a Marte. Em Julho, estava em terceira grandeza. Decaiu á quarta, em Outubro. Em Novembro, num subito obscurecimento, mal se incluia na decima primeira — uma tacha imperceptível no espaldar do trono olímpico de Cassiopéa ; — e logo depois se extinguiu (ou pareceu extinguir-se, porque o telescopio ainda não se inventara) depois de dezesseis meses de existencia misteriosa...

Taes prmenores, como observa Humboldt, delatam bem a influencia que o fenomeno exercia nos espiritos e a importancia que se dava aos problemas que elle sujere. Assim, o mesmo Tycho Brahe, nelle baseou-se para ajitar, num lance de genio, que o faz invadir a gloria futura de Herschel, a teoria da formação das estrelas com a materia cósmica incompletamente adensada nas nebulozas.

Houve, porém, outro rumo às pesquisas astronomicas exercitadas a proposito do efemero mundo de trez mezes.

De feito, para a maioria dos cientistas do tempo, elle traduzia o resurjimento da estranha «estrela dos Magos», que brilhara havia dezesseis séculos.

Nunca o misticismo e racionalismo se entrelaçaram mais estreitamente à luz de indagações tão pozitivas. O proprio Cardan alinhou-se entre os mais convictos no restaurar-se a antiga pajina do evangelho, entresachando-a com as da ciencia; e, ainda exajitado das ultimas controversias da Reforma, um rijo protestante, Teodoro Beza, sucessor de Calvin, espozou, liricamente, a causa maravilhosa, versando-a nos cantos comevidos de um poema. Por fim Goodrick — o genio mais singular da humanaidade, um surdo-mudo que morreu aos vinte e douos anos deixando um traço imperecivel nas ciencias — procurou destacar, para a evidencia infrahjivel da aritmetica, o milagre. Era o misterio a rezolver-se em numeros. Partindo dos elementos fornecidos por um astronomo da Bohemia, Cipriano Loewitz, relativos a duas estrelas que apareceram em 945 e 1260, na mesma zona do espaço, perto da Via-Lactea, onde se mostrara a *Perigrina*, de Tycho — elle encontrou-lhes, no intervalo de 315 anos, a razão de uma série simplissima; de modo que por diferenças sucessivas, a começar de 1575, data em que a estrela de Tycho-Brahe devera ter-se extinguido de todo, se pudesse ir, recuando no tempo, encontrar, matematicamente, no seu primeiro termo, o primeiro ano do cristianismo. E traçou a progressao aritmetica, evidentemente certa:

1575 : 1260 : 945 : 630 : 315 : 0

Infelizmente, infirmavam-lha varios termos du-
bios, ou falsos. Não só os astros de Loewitz eram
contestaveis, como nenhum catalogo inseriam a es-
trela fujitiva, em 630 a 1260.

Mas este malogro não desenfluiu os sonhadores
a caminharem tão aferradamente pela astronomia
em fóra; porque desde 1604 lhes tomou a dianteira,
dirijindo-se com a mesma ancioza e mistica curio-
sidade, o mais ilustre entre os maiores astronomas,
Kepler, que, ao mesmo passo que deduzia as leis
invisiveis da geometria planetaria, reanimava o
estrano problema biblico-cientifico. É que o impres-
sionara, como ao maior de seus antecessores, uma
nova aparição luminoza, por igual surpreendente.
A sua estrela, que irradia, de improviso, em 1604,
no Serpentario — com a ascenção recta de $259^{\circ}12'$
e declinação austral de $21^{\circ}15'$ era, de facto, à parte
da diferença de posições, em muitos pontos iden-
tificação de Tycho-Brahe. Suplantava, no brilho, as
demais, de primeira grandeza; refulgia num cinti-
dar ajitadíssimo, que estonteava as vistas; e foi-se
igualmente sumindo, com analogas fases na varie-
dade das cores. Em Janeiro de 1605 o seu fulgor amor-
tecia, mas a igualava a Antares. Em Março, depere-
cia que equiparada, de terceira grandeza. Um ano de-
pois desfez-se completamente no espaço: só visluz
uma Ora, simultanea com o seu aparecimento, ecor-
rera a conjunção de Jupiter e Saturno, a que se adi-
cou logo, após, em Março de 1605, a de Marte, deter-
minando conhecido fenomeno periódico dos céus, ads-

crito a intervalos regulares de vinte anos. Era, como se vê, um ponto de referência novo, que surgia entre as aparições até então de todo em todo imprevistas. Aproveitou-o Kepler. Esteando-se naquelle período inviolavel, procurou descobrir se se havia verificado a situação excepcional dos trez planetas, no ano do nascimento de Cristo, em que se observara a radioza condutora dos Magos. E os resultados de um calculo extremamente simples fôram notaveis. Admitidas embora todas as surpresas do acazo, realizara-se, pela primeira vez, uma previzão científica no complicado e misterioso assunto. De facto, à luz da profecia retrospectiva blindada de elementos tão firmes, o astronomo deduziu que a conjunção inicial de Jupiter e Saturno se efetuara, realmente, no ano de 747, de Roma, na segunda metade do signo de Aries, completando-se logo com a de Marte na primavera de 748. Então, diante de datas tão eloquentes, a ilação afigurou-se-lhe inflexível: a sua estrela, como a de Belém, associando-se a identicas manifestações planetarias regulares, periodicas, sucedendo-se, infalivelmente, mercé das proprias leis geometricas que elle desvendara — era a propria estrela que conduzia os Magos...

Não discutamos o parecer do sabio incomparável, que jámais realizou a mais rapida observação de uma altura sem dobrar-se, genuflexo, ante a majestade emocionante do Infinito.

Releva, porém, observar que, ainda mesmo de todo libertas de quaesquer intuítos religiosos — nos nossos dias asperamente utilitarios — estas estrelas variaveis e repentinhas, cujo numero sobremodo avultou com o emprego de melhores objetivas,

das placas fotográficas e da spectroscopia — são ainda um verdadeiro misterio.

Estudando-as tem-se chegado, hoje, a resultados desalentadores. Não é apenas a injerencia anarquica do sobrenatural, ou do divino, que havemos de remover da frente, para vê-las bem, galhardeando a nossa magnifica ignorancia inflada de teoremas — senão que ao mesmo tempo havemos de repelir o que até agora parecia intangivel e inabalavel: as nossas fórmulas mais bem decoradas, os sistemas mais rígidos, todos os raios vectores e elipses, e arremessadas parabolas a nos dezenharem os projetos da arquitetura maravilhosa dos mundos, riscando-se além disto do mais suntuozo dos calendarios os melhores santos da nossa impiedade, ou do nosso ultramontanismo sem Deus.

O evanjelho fecha-se com a astronomia.

Demonstra-nos-l-o um derradeiro exemplo que nos escuzamos de longamente explanar trilhando os rastros de um cientista qualquer.

O mais bem estudado desses astros indecifráveis é β de Perseo, a clásica Algo dos árabes, descoberta desde 1667 por Montanari. As suas variações de brilho, sucedendo-se em curtos períodos de uma regularidade perfeita, tornam-na mais compreensível que as demais, vista de relance. Por isto mesmo, Goodrick apresentou desde o século XVIII, acerca dos períodos de suas oscilações seculares, uma hipótese, que está hoje unanimemente aceita sob o beneplácito de recentíssimas observações spectroscópicas. Consiste, de um modo geral, em admitir-se um binário de dois astros, tão achegados que parecem unidos ás nossas vistas, e descrevendo ambos, em torno

de um centro de gravidade comum, as suas órbitas elípticas, de modo que cada revolução corresponda a dous eclipses, de um e de outro, no mutuarem as suas inevitáveis occultações intermitentes. Ora, discutindo-se, sob diversos aspectos, esta hipótese, que é a única a não se retrair diante das objeções que se lhe antepõem, e é a única a explicar, consoante pareceres unanimes, a curiosa anomalia que surpreendeu por igual os magos primitivos e os mais robustos pensadores — convém os astrónomos contemporâneos em que ella, por sua vez, acarreta outras hipóteses, e entre estas uma que os perturba: a de sistemas cósmicos construídos de uma maneira inteiramente diversa da do nosso sistema planetário. O parecer é unânime; e nem carecemos demorar-nos pormenorizando-o. (1) Recentemente Zolner e Bruns, repugnando-lhes abandonar as trilhas tradicionais da astronomia, ou por evitar a derrocada de teorias tão brilhantes, demaziararam-se em argumentos armados e enjenharem outras explicações. Baldaram-selhes as tentativas. Ficou de pé um conceito único: o caso das estrelas variáveis, até agora incompreensível, escapa inteiramente aos métodos ordinários da mecânica celeste...

Ora, voltando à β de Perseu, trata-se de uma estrela que rebrilha com intervalos de excepcional regularidade. Além disto, inclui-se entre as mais humildes do firmamento. Nada possue de mara-

(1) Veja-se, a este propósito, o ensaio notável — *Les étoiles variables à courte période*, de H. Puiseux; *Revue des Mots*, premier année, n.º 11.

vilhozo encanto da *Perigrina* de 1572. Ofuscal-a-ia o só aparecimento, à distancia, da estrela de Kepler. Perde-se nas alturas. Os astronomas do observatorio de Yale, ao determinarem-lhe a paralaxe annual, com as suas lucidas mediadas heliometricas, encontraram o angulo apertadissimo de 0'',035; e concluiram que se se transportasse o sol à distancia deduzida daquelle elemento, elle se encolheria no espaço, menor que uma estrela de segunda grandeza. Realmente, Algod, a estrela diminutissima que não distinguimos por demaziado perdida na poeirada cosmica, e que não atrafria os magos, nem deslumbraria Kepler, nem sobresaltaria Tycho Brahe — reprezenta, conforme os calculos severos de Chaze, um globo 52 vezes mais volumoso que o nosso coruscante astro-rei, soberano na exiguidade de sua minuscula província planetaria...

Quazi se admite, por esta simples circumstancia, que esta ultima se não possa erijir em modelo impecavel capaz de se ajustar a toda a arquitetura do universo... E não nos espanta que após estudarem, sob incontaveis aspetos, os astros extraordinarios, e de assistirem ao despencar escandalozo de tantas explicações, gizadas a esclarecel-os com os nossos conhecimentos atuaes, cheguem os cientistas de agora à melancolica conclusão da falencia inesperada da astronomia, ante aquellas estrelas flagrantemente rebeldes a todas as analogias oriundas do nosso sistema, e às formulas matematicas mais seguras. Seguimos, de bom grado, neste lance, a arrebatada ouzadia de um dos mais belos espiritos da ciencia contemporanea, H. Puiseux, acreditando que « a propria estabilidade das orbitas planetarias cessou de se erijir em

lei universal»; e que as ideias consagradas de Herschel, de Laplace e de Newton, assignalando como objetivo uniforme da portentoza gestação das nebulosas o nascimento de globos solidos, que se encarilham logo após em orbitas invariaveis, e rolam, perpetuamente, na imensidade, sob o imperio das leis mais vastas da mecanica — se acham quasi tão distanciadas de nós quanto a doutrina ontologica que immobilizava a Terra no centro invariavel do universo.

Como quer que seja, as nossas vistas cosmogonicas dilatam-se; e já não nos maravilha que a alma magnifica de Kepler passasse, com o mesmo entuziasmo fervorozo, do rigorismo impecavel das suas linhas geometricas para os extazis arrebatados dos crentes, consorciando, como nenhuma outra, o espirito cientifico, que nos desvenda o destino das couzas, ao espirito religioso, aviventado pela eterna e ancioza curiosidade de desvendarmos o nosso proprio destino. E pensamos — maravilhados diante do crescer e do transfigurar-se da propria realidade, que, mesmo na esfera aparentemente seca do mais estreito racionalismo, se nos faz mister um ideal, ou uma crença, ou os brilhos norteadores de uma iluzão alevantada, embora elles não se expliquem, nem se demonstrem com os recursos da nossa conciencia atual, como se não demonstraram, nem se explicam, mau grado os recursos da mais perfeita das ciencias, os astros voluveis, que pelejam por mo-

mentos e morrem indecifráveis, como resplandeceu e se apagou a estrela radioza, que norteou os Magos no deserto, e nenhum sabio ainda fixou na altura.

FIM

ESCLARECIMENTO

Quando se procedia à composição d'este livro, feita sobre o original, a morte, tragicamente, abruptamente, veio roubar-lhe o carinho desvelado, que o autor lhe prestava na sua revisão, atenta a nova grafia da Academia Brasileira. Não podendo portanto ser totalmente feita pelo malogrado escritor, julgamos que a edição nada sofrerá em relação à grafia, não só pela orientação comunicada por Euclides da Cunha, mas também pela acurada atenção prestada à obra depois do fatal acontecimento, que tanto nos contristou. O malogrado escritor reconheceu o cuidado havido, pois que na última carta que nos dirigiu, datada de 25 de Julho de 1909, diz assim:

«Recebi hontem as provas do livro e hoje as devolvo, revistas. Como verão, a nova grafia da Academia continua a perturbar-me grandemente na revisão. Devo aceitá-la por coerência; mas na realidade airado por tantos afazeres, não tive ainda tempo de exercitá-la. As minhas próprias cartas denotam esta desordem gráfica. Em geral obedeço por hábito. É feição antiga.

Felizmente o revisor de V. S.^{as} não procede mecanicamente, como quasi todos; é realmente homem inteligente, e acautelado — como o demonstram as ultimas provas que recebi...»

Os editores.

INDICE

	PAG.
Impressões geraes	5
Rios em abandono	27
Um clima caluniado	47
Os caucheros	66
Judas-Ahsverus	86
Brazileiros »	95
Transacreana	115
Viação Sul-americana	139
Martin Garcia	165
O primado do Pacifico	197
Da Independencia á Republica	213
Estrelas indecifraveis	313